

Anderson Braga Horta

SOB O SIGNO DA POESIA

Literatura em Brasília

PREÂMBULO

Este livro reúne páginas acerca de escritores e temas literários brasilienses escritas ao longo de 33 anos, de 1970 a 2002. Exceto por umas poucas correções e adaptações, transcrevo-as na forma original. São prefácios e orelhas, ensaios, discursos acadêmicos, artigos, resenhas e crônicas (algumas divulgadas pela Rádio MEC de Brasília), publicados nos seguintes jornais, revistas e boletins: de Brasília — *A Cultura das Cidades*, *Boletim da Associação Nacional de Escritores*, *Brasília Literária*, *BsB Brasil*, *BsB Diário*, *Cerrados*, *Correio Braziliense*, *Cultura de Fato*, *Cultura Jornal*, *DF Letras*, *Diário de Brasília*, *Escriba*, *Esquina*, *Fogo Cerrado*, *Folha da ANE*, *Jornal da ASCADE*, *Jornal de Brasília*, *Jornal do Alan*, *Literatura*, *Memorial JK*, *Quadro Negro*, *Revista da Academia Brasiliense de Letras*, *Revista da Academia de Letras do Brasil*, *Revista de Poesia e Crítica*, *Voz Ativa* (suplemento *Ler & Escrever*); de Belo Horizonte — *Minas Gerais*, *Suplemento Literário do Minas Gerais*; de Feira de Santana — *Feira Hoje*; de Fortaleza — *O Pão*, *Tribuna do Ceará*; de Goiânia — *Folha de Goyaz*, *O Popular*, *O TopNews*; de Itu, SP — *A Federação*; de Joinville, SC — *A Notícia*; de La Paz, Bolívia — *El Diario*; de Matão, SP — *O Boêmio*; de Piracicaba, SP — *Linguagem Viva*; de Porto Alegre — *Correio do Povo*; do Rio de Janeiro — *Jornal de Letras*; de Unaí, MG — *Jornal de Unaí*; de Varginha, MG — *Correio do Sul*.

Brasília ainda não conta com o benefício da idade. Seus escritores são, quase todos, nascidos noutros pontos do País e aqui aportados, com ânimo definitivo ou não. É essa a razão de incluir nestas páginas autores como Cyro dos Anjos, Alberto da Costa e Silva, Alphonsus de Guimaraens Filho, Afonso Felix de Sousa, Astrid Cabral, Yone Rodrigues e tantos outros que por aqui passaram e daqui se retiraram, mas estes ares viveram e nesta terra deixaram sua contribuição, não importando se maiores ou menores as marcas da Cidade em sua obra.

A origem destes trabalhos e sua diversa destinação, bem como suas circunstâncias, explicam a não-organicidade do livro e a variável extensão das apreciações individuais, não necessariamente proporcional à respectiva importância ou valor; explicam também algumas repetições que deixei passar, para permitir a legibilidade de cada comentário, de maneira autônoma, e justificam o inevitável das omissões.

Não me arvorar em *crítico profissional*, nem, muito menos, em *historiador literário*. Sou um escritor que se tem muitas vezes debruçado

sobre a obra de companheiros de ofício, por admiração, solicitação, injunções eventuais, por isto ou aquilo, enfim, mas sempre com o respeito devido a quem vê na literatura um instrumento privilegiado de dizer o mundo e de dizer-se ao mundo. Conhecendo os limites de meu trabalho, sem os escamotear ofereço minha contribuição.

Para uma visão tanto quanto possível abrangente do evoluir das letras em Brasília, imprescindível será, sempre, a consulta à obra crítica de Almeida Fischer (nomeadamente as seis séries de *O Áspero Ofício*), às antologias organizadas por ele e por Joanyr de Oliveira, além de outras, algumas das quais mencionadas no estudo panorâmico inicial, a obras como *Poesia de Brasília: Duas Tendências* (1983), de José Roberto de Almeida Pinto, *Dicionário de Escritores de Brasília* (1994), de Napoleão Valadares, *A Literatura Brasiliense* (1999), de Wilson Pereira, *O Cristal e a Chama* (2002), de Maria da Glória Lima Barbosa, assim como a pesquisa direta nas bibliotecas e nos veículos de comunicação da Cidade.

É quanto julgo necessário esclarecer, com a benevolência do leitor.

ABH

VISTA PANORÂMICA

NOTÍCIA DE POESIA EM BRASÍLIA

À guisa de introdução, amalgamo aqui uma série de artigos em que procuro resumir fatos fundamentais da literatura em Brasília. A intenção é traçar um panorama, para cuja confecção aproveito —além de uma vivência brasiliense de quatro décadas— notas que venho elaborando e reelaborando ao longo de anos.¹ Antes, porém, de entrarmos propriamente no assunto, conversemos um pouco —à luz da poesia— sobre a Cidade mesma.

RUMO À ROSA-DOS-HOMENS

A idéia de uma *cidade do futuro* atravessa os séculos encoberta pela névoa da Profecia, que se clarifica no sonho-visão de Dom Bosco. A Palavra —o Logos, o Verbo— está associada a ela, em particular a Criação, a Poesia. E Brasília surge, em verdade, como um Farol de autoconhecimento, de auto-realização, de integração nacional e supranacional, de fraternidade.

No fecho de "Altiplano", longo poema escrito em fins de fevereiro de 1964 —às vésperas, pois, de um insuspeitado corte de cena—, deixei consignada, maior do que a crítica do presente que vivíamos, uma grande fé na semente plantada no coração do Planalto Central do Brasil. Assim me dirigia, então, à Cidade recém-nascida:

Contraditória
rosa
explosiva.

De tuas impurezas,
de tuas asperezas,
rosa queremos-te
exata.
No altiplano de nossas esperanças,
rosa-dos-homens
construímos-te futura.

Uma imagem náutico-poética simbolizando a força diretriz de nossa nova capital. Nisso não fiz mais do que acompanhar o curso de uma onda provocada por poetas maiores, como Guilherme e Vinicius.

Em verdade, se poesia é criação —e, creio poder estendê-lo, autodescobrimento, comunicação entre os homens—, Brasília nasceu sob o signo da poesia. A poesia, em verdade, permeia as antecipações do

advento desta cidade: o grave em José Bonifácio de Andrada e Silva, o Patriarca, o heróico nos Inconfidentes, em suas propostas de interiorização (ainda quando não prevista a sua localização neste Planalto), imbuem-se também do poético; há um clima de poesia no sonho profético de Dom Bosco. Em lúcida poesia operaram a determinação de Juscelino, o plano de Lúcio Costa, as composições espaciais de Niemeyer, mais o empenho e a ação de Israel Pinheiro e Bernardo Sayão. Cidade construída com as mãos, o cérebro e o coração, surgida em momento de transição para o Brasil, constituiu-se num marco entre duas eras. A partir de seus inícios é que, verdadeiramente, começamos a tomar consciência de nossas potencialidades, de nossa destinação, e a edificar —nós mesmos— esse destino. Com ela e, em boa parte, por ela mergulhou o País num período de efervescência: abertura de novas estradas, incremento do processo industrial, começo de expansão e modernização das telecomunicações. A emergente Cidade, fruto de um pensamento nacional já bastante amadurecido, era um poderoso agente catalisador de progresso. Fomos submetidos, é verdade, a violentos recuos, em setores essenciais. Mas os recuos fazem parte do processo; não de ser, estão sendo transcendidos. Quanto ao destino que vislumbro para esta parte do mundo, é o de dar o exemplo, a contribuição decisiva no sentido da pacificação, da confraternização, da união, da unificação da humanidade. Frustrar-se esse destino significaria a nossa frustração como povo.

Representando uma revolução político-administrativa, envolvendo extraordinárias realizações nos planos do intelecto, da arte e do trabalho, o poema urbanístico-arquitetônico de Juscelino, Lúcio e Niemeyer colheu, em sua construção, o contributo de todos os setores da vida nacional. Chamou a atenção do mundo. E, sobre a acirrada oposição que provocou, sobre os contrapassos posteriores, teve esta significação inestimável para o brasileiro: foi-lhe índice e alimento de uma onda de otimismo e autoconfiança como jamais conhecera. Mas o sentido mais profundo de sua revolução progride, creio eu, numa seta que, disparada, ainda não atingiu o alvo: nova marcha para Oeste, voltar de olhos para dentro, Brasília propicia e reclama um mais íntimo estar com os povos irmãos da América Latina, a fim de construir, juntos, a grande fraternidade do futuro, no lugar de uma colcha de retalhos.

Desejada, profetizada desde séculos, a Cidade nasceu de um pensamento social generoso e confiante. Só os muito ingênuos poderiam acreditá-la fruto de decisões do acaso e do improvisado. E sinal de que desabrochou da maturidade dos tempos foi o otimismo, a alegria, a euforia que acompanhou o seu surgimento. As contramarchas, insisto, explica-as a dialética da História. O Homem não será eternamente mero instrumento desse processo, mas ainda o há de dominar e dirigir.

OS ANTECEDENTES

A história da literatura de Brasília deve recuar a cerca de um século e meio de sua construção, para compreender também o que sobre ela —ou, menos especificamente, sobre a interiorização da capital brasileira— se escreveu desde então.

Sabemos que Brasília não foi obra do acaso e do improvisado. Nem sua construção foi realmente determinada, em meados da década de 50, por um gesto fortuito. Juscelino Kubitschek, grande estadista, por mais de um ângulo donde o vejamos, teve o mérito de desatar o nó que a prendia no papel; Oscar Niemeyer e Lúcio Costa, o de lhe traçarem o delineamento plástico e estrutural; Israel Pinheiro e Bernardo Sayão, o de lhe darem concretude. Mas a idéia de Brasília já vinha sendo concebida desde o século XVIII.

Embora não lhe prevendo o nome, nem a localização no Planalto Central, já preconizavam a interiorização da capital do País os próceres da Conjuração Mineira de 1789, nomeadamente o Alferes Joaquim José da Silva Xavier, o Tiradentes. Outros revolucionários, no Nordeste, de 1817 a 1824 (ano da Confederação do Equador), se manifestaram de modo semelhante. Em 1809, o redator do folheto *Nova Lisboa* também o recomendava. Sucederam-se, em todo o correr do século XIX, intelectuais que defendiam a idéia, desde o Conselheiro Veloso de Oliveira, autor de uma *Memória* apresentada ao Príncipe Regente em 1810, até o ilustre historiador Francisco Adolfo de Varnhagen, que tratou do assunto em mais de uma ocasião, sendo que em escritos de 1857 já recomendava a localização afinal aprovada, na "bela região situada no triângulo formado pelas três lagoas Formosa, Feia e Mestre d'Armas". Em 15 de agosto de 1825, Bernardo Pereira de Vasconcelos, no jornal *O Universal*, por ele fundado em Ouro Preto, recomenda a interiorização, em artigo editorial. Em 1852, Holanda Cavalcanti apresentava ao Senado projeto de construção da capital "entre os rios São Francisco, Maranhão ou Tocantins e as latitudes de 10 e 15 graus sul".

Ernesto Silva refere, em sua *História de Brasília* (Centro Gráfico do Senado Federal, 1985; 2.^a ed.), diversos outros nomes, dentre os quais sobressaem o do jornalista Hipólito José da Costa e o do Patriarca da Independência, José Bonifácio de Andrada e Silva. Hipólito discorreu sobre o assunto em artigos publicados em seu *Correio Brasiliense* a partir de 1813. Sugeriu, no primeiro desses trabalhos, localização aproximada à que viria a se concretizar, "nas cabeceiras do famoso rio São Francisco", próximo às "vertentes de caudalosos rios que se dirigem ao norte, ao sul, ao nordeste e ao sueste".

Já o Patriarca "organizou e redigiu, em 20 de outubro de 1821, as *Instruções do Governo Provisório de São Paulo aos Deputados às Cortes de Lisboa* (que passaram à História com a denominação de

Lembranças e Apontamentos), apresentadas ao Príncipe Regente em 9 de novembro por Antônio Carlos Ribeiro de Andrade". Nesse documento, diz parecer-lhe "muito útil que se levante uma cidade central no interior do Brasil para assento da Corte ou da Regência, que poderá ser na latitude, pouco mais ou menos, de 15 graus". (Ernesto Silva, ob. cit., pág. 28.) Mais tarde, ofereceria à Assembléia Constituinte *Memória* defendendo "uma nova capital do Império no interior do Brasil, em uma das vertentes do rio São Francisco, que poderá chamar-se Petrópole ou *Brasília...*" (*Enciclopédia Delta Larousse*, Rio de Janeiro, 1970; verbete "Brasília").

Refira-se ainda, como antecedente dos dispositivos que inseriram a matéria nas constituições republicanas de 1891, 1934 e 1946, o folheto (anônimo) de 1822 intitulado *Aditamento ao Projeto da Constituição para Fazê-la Aplicável ao Reino do Brasil*, com treze artigos, o primeiro dos quais assim redigido: "No centro do Brasil, entre as nascentes dos rios confluentes do Paraguai e Amazonas, fundar-se-á a capital deste reino com denominação BRASÍLIA ou outra qualquer." (E. Silva, pág. 29.)

Na República, por força do mandamento constitucional, diversas comissões foram incumbidas de estudar um local para a cidade. A primeira, constituída em 1892 por Floriano Peixoto, a Comissão Exploradora do Planalto Central do Brasil, foi chefiada pelo geógrafo Luís Cruls. Na área indicada por Varnhagen, delimitou o que viria a ser conhecido como "Retângulo Cruls". Suas conclusões foram insistentemente advogadas, desde 1930 até a década de 50, no Conselho Nacional de Geografia, pelo geógrafo Mário Augusto Teixeira de Freitas; e comissão chefiada pelo engenheiro Poli Coelho reconheceu a excelência do local por ela preconizado. Outra comissão, presidida pelo general José Pessoa, delineou a área aprovada em 1955.

Não se pode deixar de lembrar, a propósito da antevisão de Brasília, o sonho de Dom Bosco (1893), relatado em suas *Memorie Biografiche*, no qual, se não se inscreve explicitamente a fundação de uma cidade, conforme a tese de L. Fernando Tamanini em *Brasília: Memória da Construção* (1994; págs. 101 e segs.), decerto se profetizam maravilhas a acontecer no continente sul-americano (nomeados os países: a Nova Granada, ou Colômbia, a Venezuela, as três Guianas e o Brasil), mas de modo particular entre os paralelos 15 e 20.

OS PIONEIROS

Vimos quanto foi demorada e acidentada, mas coerente e absolutamente séria, a gestação da idéia de interiorizar a capital, indicados o lugar e o nome com mais de um século de antecipação. Isso demonstra que Brasília, ao nascer, já desde muito estava no cérebro da pátria; na sua consciência e, mais que isso, no seu subconsciente. Brasília

é fruto genuíno e vigoroso da inteligência e da vontade nacional, longamente querido e longamente planejado, meticulosa e firmemente realizado. Natural que despertasse o interesse dos intelectuais, natural que mexesse com a imaginação dos poetas. Aos que versejaram sobre ela, principalmente no período da construção –sem questionamentos de valor literário– Ernesto Silva dedica um capítulo, o XLIII, de seu livro citado. Dentre as obras que em prosa se escreveram sobre o assunto relaciona *A Nova Capital*, de José Peixoto da Silveira, *Quando Mudam as Capitais*, de J. O. de Meira Penna, *Brasil, Capital Brasília*, de Osvaldo Orico, *Brasília*, de Moisés Gicovate, *A Nova Metrópole do Brasil*, do marechal José Pessoa, *A Mudança da Capital*, de Adirson Vasconcelos, *Minha Experiência em Brasília*, de Oscar Niemeyer, *De Aknaton a JK*, de Iara Kern, *Meu Pai, Bernardo Sayão*, de Lea Sayão, *Brasília – Diálogo com o Futuro*, de Antonio Carlos Osorio, *Pioneiros e Candangos*, de Raimundo Brito, *Invenção da Cidade*, de Clemente Luz, *Notícia Histórica sobre a Imprensa de Brasília*, de E. d'Almeida Vitor, a par de muitos outros. Podemos acrescentar: *O Homem e a Cidade* (1960) e *Mil Dias para uma Cidade* (1963), de Adirson Vasconcelos, *Bibliografias 3: Brasília*, do Centro de Documentação e Informação da Câmara dos Deputados (1972), *Distrito Federal*, de Edson Nery da Fonseca (Bloch, Rio de Janeiro, 1.^a ed. 1976), *Brasília e Sua Ideologia*, de G. I. Joffily (Thesaurus, 1987), *Três Faces de uma Cidade*, de José Aparecido de Oliveira (GDF, 1987), *Utopia Brasileira*, de Meira Penna (Itatiaia, Belo Horizonte, 1988), *História da Terra e do Homem no Planalto Central*, de Paulo Bertran (Solo, 1994), e seria difícil parar, se quiséssemos ser exaustivos.

O número de verbetes apresentados por Napoleão Valadares no seu *Dicionário de Escritores de Brasília* (André Quicé, 1994) chega a 793; e Joanyr de Oliveira, em *Poesia de Brasília* (Sette Letras, Rio, 1998), só de poetas arrola mais de mil.

Respondem por nossa literatura de ficção autores tão díspares como Alaor Barbosa, Carlos Alberto Abel, Cyl Gallindo, Fernando Batinga, Admário Luiz, J. Ribamar Oliveira, José Sarney, Lourenço Cazarré, Lustosa da Costa, Manoel José Damasceno, Mário Maia, Ruy Nedel. Assim como a Cidade é um cadinho de fisionomias, hábitos, falares de todas as regiões do País, tendendo talvez, nas novas gerações nativas, a uma síntese nacional, a literatura nela produzida retrata ou reflete essas origens, havendo, contudo, desde os primeiros momentos, contos, novelas, romances aqui ambientados. Refiro-me particularmente ao gênero narrativo por ser onde melhor se desenha a extração do escritor.

Acerca dos pioneiros, diz Napoleão (ob. cit., "Ao Leitor"):

Clemente Luz, que escreveu no período da construção de Brasília, foi o primeiro a publicar crônicas em jornais na Cidade Livre, mas essas crônicas só vieram a ser reunidas em livro muito depois: *Invenção da Cidade* em 1968 e *Minivida* em 1972. Também no início, José Marques da Silva escreveu *Diário de um Candango*, mas só publicou esse livro em 1963, no Rio de Janeiro. Garcia de Paiva foi, conforme afirma Fábio Lucas,

o primeiro ficcionista a fazer de Brasília cenário de ação romanesca, com a novela *Luana*, aqui escrita em 1960 e publicada em 1962, em São Paulo. De sorte que a primeira obra literária editada na Nova Capital foi a antologia *Poetas de Brasília*, 1962, Editora Dom Bosco, organizada por Joanyr de Oliveira.

Joanyr, com Elza Caravana e Izidoro Soler Guelman, publicaria pela Horizonte, em 1967, os contos de *O Horizonte e as Setas* (particpei no livro com três trabalhos, um dos quais, "Mulher de Santo", parcialmente ambientado em Brasília, escrevi-o no Rio, em meados de 1960, nas vésperas de conhecer a nova capital...). Elza publicaria em 1969 o didático *História da Literatura*, para o curso que mantinha com o marido, Guelman; e este, em 1971, lançaria, pela Ebrasa, o romance *A Fome dos Rebanhos*. Ézio Pires reuniria em 1978, no seu *Depoimento Literário*, matérias publicadas em jornal em meados da década anterior. Outros escritores aqui presentes na primeira hora serão nomeados no capítulo reservado à ANE – Associação Nacional de Escritores.

Romances passados em Brasília, ocorrem-me, além do de Guelman, *O Rosto Perdido*, de Almeida Fischer, cuja 1.^a edição é de 1970 (Ebrasa), *O Ventre da Baleia*, de Esdras do Nascimento (Nórdica, Rio, 1980), *O Jogo da Gata-Parida* e *Rendez-Vous no Itamaraty*, ambos de Luiz Gutemberg (Nórdica, 1987 e 1989); e a novela *Tocata e Fuga*, de Luiz Adolfo Pinheiro (Thesaurus, 1991).

ALMEIDA FISCHER

Governado, em mais de uma oportunidade, por escritores (Cristovam Buarque, José Aparecido), a escritores do porte de um Darcy Ribeiro, entre outros, deve o Distrito Federal instituições como a sua Universidade. De todos os que aportaram à Brasília dos verdes anos, alguns, pela magnitude da sua atuação, mereceriam registro à parte. Fazemo-los representar na pessoa desse grande congregador que, a vida inteira, se enxergou e se portou, essencialmente, como um homem de letras: Almeida Fischer.

Paulista de Piracicaba, quando aqui chegou, em 1960, vindo do Rio de Janeiro, Fischer era já bastante conhecido: fora secretário do prestigioso *Letras e Artes* e tinha publicados *Horizontes Noturnos*, *O Homem de Duas Cabeças*, *A Ilha e Outros Contos*; acresceria a sua obra contística de *Nova Luz ao Longe*, *10 Contos Escolhidos* e *Memorial de Inverno*, abrindo novos caminhos com o romance *O Rosto Perdido*, os seis volumes de crítica literária de *O Áspero Ofício*, a novela *De Repente a Primavera*, e diversos inéditos. Além de escritor, professor, jornalista, Fischer criou ou dirigiu suplementos literários e foi extraordinário semeador de cultura. Deve-se-lhe a organização da antologia *Contistas de Brasília*, a primeira do gênero entre nós. E em torno de sua pessoa cristalizaram-se a ANE – Associação Nacional de Escritores, a Academia Brasileira de Letras e a Academia de Letras do Brasil, tendo tido, ainda,

papel de relevo na criação da Associação Profissional dos Escritores do Distrito Federal, passo exigido para a constituição do sindicato, em que afinal se transformou.

Sobre a ANE e outras entidades falaremos em seguida.

PEQUENA HISTÓRIA DA ANE

Decana das instituições de cultura de Brasília, a Associação Nacional de Escritores tem já uma história. Nasceu no dia 21 de abril de 1963, na Livraria Dom Bosco, de Francisco Scartezini Filho (na SCRS 108). Figuravam entre os fundadores, além de Almeida Fischer, nomes de expressão nacional como Cyro dos Anjos, Mauritônio Meira, Sousa Neto, Pompeu de Sousa, Alphonsus de Guimaraens Filho, Hélcio Martins, A. Fonseca Pimentel, Nelson Omegna, Aderbal Jurema, Corsíndio Monteiro da Silva, Victor Nunes Leal, Afonso Felix de Sousa, Carlos Castello Branco, Christiano Martins, Cândido Motta Filho, Gerardo Mello Mourão e dois escritores paulistas que visitavam Brasília, Helena Silveira e Paulo Duarte. Outros cresceriam com a cidade: José Augusto Guerra, Santiago Naud, Mário Teles, Rui Mourão, José Hélder de Souza, Aluízio Valle, Pedro Luiz Masi, Jair Gramacho, Lina Del Peloso, Joanyr de Oliveira, Ézio Pires, João Emílio Falcão, Edson Nery da Fonseca, Romeu Jobim, Astrid Cabral. Posteriormente, filiar-se-iam personalidades como Eugênio Gomes, Samuel Rawet, Zila Mamede, João Alexandre Barbosa, Yone Rodrigues, Hermes Lima, Cora Coralina, Plínio Salgado, Cassiano Nunes, Adriano da Gama Kury, Sylvio Elia, Pereira Lira, Roberto Lyra Filho, José Godoy Garcia, Ernani Sátyro, Luiz Beltrão, Adalício Nogueira, Oscar Mendes, Dinah Silveira de Queiroz, Aliomar Baleeiro, Alberto da Costa e Silva, Nataniel Dantas, José Louzeiro, Yolanda Jordão, Fritz Teixeira de Salles, Antônio Girão Barroso, Waldemar Lopes, H. Dobal, Jesus Barros Boquady, Branca Bakaj, João Ferreira, José Geraldo, Antonio Carlos Osorio, Herberto Sales, Heitor Martins, Bernardo Élis, Antonio Roberval Miketen, Luiz Berto, Antônio Campos, Viriato Gaspar, Alaor Barbosa, José Aparecido de Oliveira, Cleonice Rainho, Adão Ventura, Artur da Távola, Patrícia Bins, Arnaldo Setti, Antônio Temóteo. O número de associados ascende, hoje, a cerca de 250, entre vivos e mortos. Dos escritores “brasilienses” mais conhecidos, muito poucos, arredios, restam fora de seus quadros.

As atividades da Associação têm compreendido, sobretudo: realização de concursos, seminários e conferências; representações, leituras de poesia e prosa; organização de encontros de escritores, e de edições; intervenções diversas em questões de interesse social e cultural; colaboração com outras entidades literárias. Goza, hoje, de situação ímpar entre essas, não só por sua relativa ancianidade, mas também pela excepcionalidade de uma condigna sede própria.

Merece um parêntese a história da luta pela sede, quase tão longa quanto a da própria ANE.

DOS BOTECOS À CASA PRÓPRIA

A mais antiga das entidades culturais de Brasília, tendo tido por primeiro endereço a Livraria Dom Bosco, na Rua da Igrejinha, foi mais tarde abrigada pelo Clube de Imprensa. Por alguns anos funcionou no Teatro Nacional, onde, embora precárias, contava com instalações como um pequeno auditório e com alguns móveis para o funcionamento da secretaria (além de uma geladeira, indispensável para a movimentação dos trabalhos, conforme pensava, com toda a razão, o fundador...). Depois esteve em sala alugada na 415 Sul; essa fase e a anterior valeram-lhe melhores condições para o cumprimento de finalidades como a realização de palestras, lançamentos e outras atividades culturais (que nunca deixou de realizar, com a ajuda de outras instituições, nomeadamente o Instituto de Cultura Hispânica e a Biblioteca Demonstrativa de Brasília). Tendo-se tornado inviável a permanência na 415, passou a reunir-se em casas de associados e, de modo mais precário mas afinal bastante divertido, em bares-restaurantes nas CLS 107, 106, 406 (o extinto Macambira, que assistiu a um período dos mais interessantes da vida da entidade, embora, por contraste, dos de menos recursos materiais; foi, também, o período derradeiro de Fischer entre nós). Houve também o Primo Gato (igualmente finado), na 405 Sul. Ainda hoje as reuniões *sociais*, isto é, não de trabalho, se fazem num deles, a Germana, da 314 Sul (já conhecida entre os associados como GermANE...), ou no Vercelli, nas noites de terça-feira. Falta dizer que ocupou, de 1991 a 1993, construção provisória erguida em terreno de sua propriedade (milagre de que se dá notícia adiante), e, em 1994 e 1995, duas salas do Edifício Assis Chateaubriand, cedidas pelo Grupo OK Empreendimentos Imobiliários.

Uma história, como se vê, agitada e pitoresca, marcada pelas carências que são a vala comum de nossas entidades de cultura. Na gestão do Prefeito Plínio Cantanhede (tínhamos, então, uma prefeitura, ainda não um governo com ares estaduais) e sendo presidente da ANE Almeida Fischer, aconteceu um fato auspicioso: a doação, por intermédio da Novacap (atual Terracap), de terreno nobre, em frente ao Colégio Elefante Branco e à Escola Normal, ao lado do Instituto de Cultura Hispânica. Ao fim de alguns anos de perplexidade (que fazer, sem dinheiro, do terreno?), de tentativas de retomada do lote e de uma contenda judicial galhardamente vencida pelos sócios advogados Antonio Carlos Osorio e Henriques do Cerro Azul, a ANE, afinal, ante a impossibilidade evidente de edificá-la sozinha, assinou contrato de permuta com o Grupo OK: renunciava, em favor deste, a grande parte do prédio, mas obteria a sua sede própria e definitiva. E assim é que, desde 1996, mercê dos esforços das diretorias presididas por Alan Viggiano, Napoleão Valadares e Danilo Gomes, se vê senhora do belo Edifício Escritor Almeida Fischer (SEPS 707/907, Lote F, CEP 70390-078; ou Caixa Postal 25, CEP 70359-970). A partir dessa conquista, pode-se esperar para a Associação o advento de sua idade de ouro, superados os

problemas de mera subsistência material que afligem a quase totalidade das congêneres: o aluguel das salas a isso destinadas lhe permitirá, como antes apenas sonhado, cumprir com a devida e desejada eficácia a integralidade do papel que lhe cabe em nossa vida cultural.

SERESTA, POESIA E PROSA

A plena utilização do edifício-sede da Associação Nacional de Escritores depende do aluguel de algumas salas, pois os recursos provenientes da contribuição dos sócios (é pequena, e poucos são os que “comparecem”) não dão para manter serviços de secretaria, limpeza e vigilância, computador e telefone, para só falar do mais básico. Isso tem sido empatado pela falta do habite-se — que parece tão difícil de obter quanto a construção mesma. Nada obstante, o edifício vem sendo aproveitado como possível: além de abrigar a biblioteca da entidade, nele se têm realizado todas as reuniões de diretoria e eventos como noites de autógrafos, exposições, cursos, conferências, comemorações, leituras de ficção e teatro, recitais de poesia e de canto lírico. Recordo, dentre os mais recentes desses eventos, a homenagem prestada pela Câmara Legislativa ao fundador, Almeida Fischer, e a sessão improvisada em honra de Bernardo Élis, ex-presidente.

Outra dessas reuniões foi numa terça-feira pré-carnavalesca. Dedicada a Sílvio Caldas, falecido havia pouco, constituiu-se numa espécie de exemplo-síntese das atividades-fins da ANE: sessão cultural, teve palestra do poeta e contista José Hélder sobre o inolvidável cantor; festa musical, foi abrilhantada pela participação de Josemir Barbosa, também seresteiro da velha guarda, que, secundado pelo seresteiro-escritor-e-ex-presidente Alan Viggiano, reviveu, com bela voz e comovida interpretação, um sem-número de sucessos do Caboclinho Querido; e, reunião de conagração, viu e ouviu escritores e escritoras, dos mais aos menos sisudos, pedindo bis, comentando canções, cantando também, relaxando ao eflúvio da música e ao sabor de salgadinhos e capitosas biritas, tudo bem ao gosto de nosso velho e querido amigo Almeida Fischer. (Que, de onde está, estará certamente atento aos destinos de sua menina-dos-olhos, e velará pelos frutos de sua maturidade.)

Feita essa digressão amena, reatemos o curso de nossa conversa.

O CLUBE DE POESIA

O pioneirismo na congregação dos intelectuais de Brasília cabe, sem dúvida, à Associação Nacional de Escritores. Mas não se petrificou a ANE, nem se isolou como entidade representativa. Órgão seminal das principais sociedades literárias locais, de seu seio surgiram as Academias Brasiliense e do Brasil, a Associação Profissional, depois

Sindicato dos Escritores no Distrito Federal, e o Clube de Poesia de Brasília. Foi este projetado em casa do poeta Waldemar Freire Lopes, por instigação de Domingos Carvalho da Silva, em reunião de que participamos com o poeta paulista, em visita a nossa cidade, Geraldo Pinto Rodrigues. O documento de fundação foi firmado em 21 de junho de 1973, por Diana Bernardes, Waldemar, Domingos, Manuel Frederico (Fritz) Teixeira de Salles, Cassiano Nunes Botica e este escriba, nessa ordem. Sucedeu-o, em 1978, o atual Clube de Poesia e Crítica, infelizmente, hoje, em situação antes crítica do que poética. Compunham-lhe o quadro, além dos mencionados (lembro que já não é entre nós Fritz Teixeira de Salles), os escritores Aglaêda Facó Ventura, Alan Viggiano, António Campos, Antonio Carlos Osorio, Cláudio Murilo, Elson Farias, Esmerino Magalhães Júnior (falecido), Heitor Martins, Iulo Brandão, José Geraldo Pires de Mello, Lina Del Peloso, Lourdes Fonseca Ricardo (falecida), Luís Otávio Sousa-Carmo, Luiz Piva (falecido), Maria Christina Diniz Leal e Ronaldo de Melo e Souza. José Augusto Guerra deixou-nos, tragicamente, pouco depois de sua admissão. Das atividades do Clube, nas duas fases, recordo a edição dos livros de poesia *Os Pássaros da Noite*, de Waldemar Lopes (1974); *Biografia do Edifício*, de Yolanda Jordão (1975); *Marvário*, deste depoente (1976); *Palavra Natural*, de Elson Farias (1980); *Sonetos de Portugal*, de Waldemar Lopes (1984); e dos ensaios literários *A Presença do Condor*, de Domingos Carvalho da Silva (1974); *José Régio — o Ser Conflituoso e Do Antigo e do Moderno na Épica Camoniana*, de Luiz Piva (1975 e 1978); *Ficção & Verdade*, de Ronaldo de Melo e Souza (1978); e *Papoula de Cinza*, de Lourdes Fonseca Ricardo (1985).

OUTRAS ENTIDADES E MOVIMENTOS

A Academia Brasiliense de Letras nasceu, formalmente, de proposta apresentada à Associação Nacional de Escritores em 8 de março de 1968 e imediatamente aceita, com a conseqüente eleição dos doze primeiros acadêmicos. O documento, inspirado por Fischer, foi assinado por Aluizio P. Valle, Joanyr de Oliveira e o autor desta memória. Anos mais tarde, em 25 de julho de 1987, insatisfeito com tendências majoritárias na instituição, o próprio Fischer, juntamente com o poeta José Geraldo (Pires de Mello), liderou a criação da Academia de Letras do Brasil.

Não são essas, porém, as únicas agremiações literárias de Brasília, que tem sido terra fértil para a semente acadêmica. Temos, além das mencionadas, a Academia de Letras de Brasília, a Academia Taguatinguense de Letras, a Academia de Letras do Distrito Federal e ainda mais, além de outras instituições literárias de variada especificidade.

Fora do âmbito de qualquer agremiação têm trabalhado escritores de tendências as mais díspares, podendo-se mencionar os auto-intitulados marginais e os da chamada Geração Mimeógrafo.

Creio caber menção a dois movimentos culturais de massa. O primeiro, surgido em 1973 –ainda no período ditatorial–, foi a FAC (Festa de Arte e Cultura), movimento "ecumênico, seguindo as linhas de uma democracia utópica", de acordo com o poeta Fernando Mendes Vianna, seu deflagrador. Embora não tendo prosperado, credita-se-lhe o mérito de reunir centenas de intelectuais e artistas em torno de um ambicioso projeto cultural, com tantas coordenadorias quantos os setores implicados – poesia, teatro, música, dança, artes plásticas, cinema. O projeto parece ter sido retomado pelo CUCA (Movimento Candango de Dinamização Cultural), idéia de um grupo de alunos da UnB que envolveu a comunidade, numa espécie de mutirão cultural de ampla abertura. Sobre a FAC, veja-se entrevista de Mendes Vianna a Danilo Gomes, no 1.º vol. de *Escritores Brasileiros ao Vivo* (Comunicação/INL, Belo Horizonte/Brasília, 1979); acerca de um e outro movimento, *A Educação pela Arte*, de Maria de Souza Duarte (Thesaurus, 1983; págs. 130 e 137).

AS ANTOLOGIAS

Listar os livros importantes de autores radicados em Brasília, editados aqui ou alhures, transformaria este artigo num vasto boletim bibliográfico. Em vez disso, creio preferível dar o pulso da literatura brasiliense por intermédio das antologias que aqui se têm produzido. As duas primeiras foram as de Joanyr de Oliveira (poesia) e de Almeida Fischer (conto), já citadas.

Em 1962, poetas que haviam afluído à nova Capital são reunidos por Joanyr no livro *Poetas de Brasília*, lançado pela Editora Dom Bosco, de Francisco Scartezini Filho.² Reorganização dessa obra seria publicada em 1971 pela Coordenada — Editora de Brasília Ltda., sob o título *Antologia dos Poetas de Brasília*.³ Em 1982, pela Editora Cátedra, apoiada pelo Instituto Nacional do Livro, ainda Joanyr de Oliveira apresenta em *Brasília na Poesia Brasileira*⁴ poetas não necessariamente residentes na Cidade, mas autores de composições em torno dela.

Outras antologias poéticas viriam: *Em Canto Cerrado*, organizada por Salomão Sousa para a Coordenada (1979), *Nem Madeira nem Ferro Podem Fazer Cativo Quem na Aventura Vive*, por Santiago Naud (Thesaurus, 1986), *Planalto em Poesia*, organizada por Napoleão Valadares em nome da ANE (Thesaurus, 1987), a trilingüe *Caminhos de Integração / Caminos de Integración / Paths of Integration*, por Sofia Vivo (Thesaurus, 1993), e *Caliandra: Poesia em Brasília* (André Quicé, 1995).⁵

Acrescentem-se as coletâneas *Capital Poems*, com textos em português, inglês e espanhol (Thesaurus, 1989), e, embora não limitada a Brasília, nem pela temática nem pela arregimentação dos autores, *Alma*

Gentil: Novos Sonetos de Amor, organizada por Nilto Maciel (Códice, 1994). Ao estudo da poesia em Brasília interessa, também, *Poesia Jovem — Anos 70*, de responsabilidade de Heloísa Buarque de Hollanda e Carlos Alberto Messeder Pereira (Abril Educação, São Paulo, 1983). Outras obras coletivas são *Águas Emendadas* (Thesaurus, 1977), *20 Porretas* (s/e, s/d), *Mutirão* (Brasília, 1985), *Diamante para Amantes* (Thesaurus, 1988), *Grito, Logo Existo* (Revista Literatura, 1992).⁶

Em *Contistas de Brasília* (Dom Bosco, 1965), reúne Fischer vinte e um autores, alguns já consagrados ficcionistas, outros mais conhecidos como poetas, terceiros ainda nas primícias.⁷ Outras antologias de prosa são: *Conto Candango*, de Salomão Sousa (Coordenada, 1980), *Horas Vagas*, 2 vols., de Manoel Vilela de Magalhães, João Emílio Falcão e Joanyr de Oliveira (Comitê de Imprensa do Senado Federal, 1981), *Contos Correntes*, de Napoleão Valadares (Thesaurus, 1988), *Cronistas de Brasília*, de Aglaia Souza (o 1.º vol. pela André Quicé, em 1995; o 2.º pela Thesaurus, em 1996), *O Prazer da Leitura* (de extração não exclusivamente brasiliense), de Jacinto Guerra, Nilce Coutinho, Ronaldo Cagiano e Claudia Barbosa (Thesaurus, 1997).⁸

Há, é certo, outras coletâneas, em prosa e em verso, como as promovidas pelo Sindicato dos Escritores e pelo dos Professores; mas, não podendo enumerá-las à exaustão, encerro a lista com as mais recentes, *Brasília: Vida em Poesia* (Valci Gráfica e Editora, 1996)⁹ e *Mais Uns: Coletivo de Poetas* (1997), preparadas por Ronaldo Alves Mousinho e Menezes y Moraes, respectivamente. Trabalhos de fôlego e representatividade são *Poesia de Brasília*, de Joanyr de Oliveira (Sette Letras, Rio, 1998),¹⁰ e *A Literatura Brasiliense*, de Wilson Pereira (Universa, Brasília, 1999).¹¹ E, saindo do forno, *Poetas Mineiros em Brasília*¹² (Varanda, 2002), organização e seleção de Ronaldo Cagiano, com prefácio de Affonso Romano de Sant'Anna.

IMPrensa LITERÁRIA

Minguado hoje —a bem dizer, nulo—, foi relevante o papel da imprensa para o desenvolvimento literário da cidade. Além de uma atenção maior dada ao noticiário de fatos culturais, reservavam páginas às letras, entre outros, os seguintes jornais: *Crítica e Diário do Brasil*, pelas mãos de Sousa Neto e Almeida Fischer; *Correio Braziliense* (manteve um grande suplemento literário, a cargo de Hugo Auler e José Hélder de Souza; não faz muito tempo, abriu nova página, o *Pensar*, com outras diretrizes); *Diário de Brasília*, cujo suplemento *Enfoque*, de Almeida Fischer, durou de 1972 a 1976; *Jornal de Brasília*; *BsB Brasil*, depois *BsB Diário*, cujo suplemento *Letras*, também criado por Fischer, passou a ser dirigido, após o seu falecimento, pelo poeta João Carlos Taveira.

Registro, ainda, o boletim mimeografado *Circular*, minipublicação em que acompanhei Ézio Pires e José Edson Gomes, e de

que saíram três números. Dentre as revistas extintas, recorro *Compromisso*, organizada por Almeida Fischer para a Thesaurus; o suplemento de *Destaque*, a cargo de Walter Belo Galvão; *Mbaecuaba*, de D'Almeida Vitor; *Bric-à-Brac*, de Luís Turiba; *Lavras*, de Murilo Moreira Veras; *Cultura*, do MEC, e *Brasília*, do GDF. Davam páginas à literatura *Sua Revista* (de Rezende Filho), *Miragem*, o jornal *O Comércio*, o *Diário Oficial da União*, em belo *Caderno Cultural*. Foram lançados em 1994, e já não dão sinais de vida, *Cultura Jornal* (do MINC), *Cultura DF* (do GDF) e *Memorial JK*. Coisas do passado.

De 1976 a 1996, circularam em âmbito nacional os vinte números da *Revista de Poesia e Crítica*, devida a Domingos Carvalho da Silva. Mantêm-se *DF Letras*, da Câmara Legislativa, e *Literatura*, editada por Nilto Maciel, Emanuel Medeiros Vieira, João Carlos Taveira e, mais proximamente, José Peixoto Júnior. Tentam sobreviver as da Academia Brasileira de Letras, da Academia de Letras de Brasília e de algumas outras agremiações. Saiu o número inaugural do órgão da Academia de Letras do Brasil. *Cerrados*, do Curso de Pós-Graduação em Literatura, com a colaboração simultânea ou sucessiva de Carlos Alberto Abel, Flávio Kothe, Henryk Siewierski e Ronaldo de Melo e Souza, realizou um pouco da desejada integração da UnB com a cidade. *A Cultura das Cidades*, fundada por Alan Viggiano, está no décimo primeiro número. Mais recente é *Gárgula*, lançada em 1997 por um grupo liderado por Antônio Máximo Ferraz; infelizmente, ainda não saiu do número 1.

Dentre as publicações menores, registrem-se o boletim do Sindicato dos Escritores (*Escriba*), *Poietiké*, de Diniz Félix dos Santos, o folheto *Alô*, produzido por Itabajara Catta Preta, uma *Folha da ANE*, tirada em computador, a partir de janeiro de 1991, por J. M. Leitão, além de informativos de entidades associativas ou educacionais.

Resta mencionar o *Boletim da Associação Nacional de Escritores*, que se vem mantendo com os sacrifícios habituais, e *Voz Ativa*, órgão dos aposentados da Câmara dos Deputados, cujo suplemento, *Ler & Escrever*, é coordenado por Vili Santo Andersen.

FALA DOS POETAS

Não só por sua significação urbanística e arquitetônica, mas por todo um feixe de sentidos —econômico, integrativo, fraternizante, místico...—, Brasília tem atraído os poetas. Nem todos, é verdade, se têm revelado atentos à sua força potencialmente germinativa de um futuro material e espiritualmente mais alto. Nesse sentido, a poesia de Brasília é maior que a de seus poetas.

Essa força atrativa atua desde antes da fundação, a julgar do que diz Osvaldo Orico em *Confissões do Exílio — JK* (Francisco Alves, Rio, 2.^a ed., 1977, págs. 124-125), reproduzindo versos que incluía em *Dança de Pirlampos*, de 1923:

A CIDADE DO PLANALTO

*Oh! a Cidade que irá surgir
bela, sobre o planalto, além dos horizontes.
A que não foi preciso descobrir,
a que o olhar divisou pela encosta dos montes.
Cidade sem o lenço azul das caravelas,
cidade do porvir.
Longe do mar, cidade perto das estrelas...
Tu não terás o afago de ondas, a carícia
voluptuosa da espuma contra o cais;
Mas eu te amo assim mesmo, em teu futuro,
amo o trabalho humano que há de levantar
sobre os teus montes, edifícios de ouro
e a igreja branca onde talvez eu vá rezar.
Amo a glória do teu futuro!
Ficas longe do mar, mas ficas perto
do céu, de um claro céu que há de estar sempre aberto
às nossas mágoas e aos nossos cantos, ao vento.
Que o homem futuro possa ter um sentimento,
adorar as tuas paisagens belas,
e possa, pela coragem, merecê-las.
Cidade que fugiu das ondas e das praias
para ficar vizinha das estrelas.*

A cegueira para os aspectos transcendentais da construção da nova Capital brasileira não acometeu, é claro, Guilherme de Almeida, Vinicius de Moraes e Cassiano Ricardo, três dos seus primeiros e mais ilustres cantores. Guilherme chama-a "a Encruzilhada Tempo-Espaço", na "Prece Natalícia a Brasília", escrita para a inauguração; di-la "Caminho que vem do Passado e vai para o Futuro"; e mais:

*Feita do fluxo e refluxo das forças que dão o poder,
centrípetas para tornar-se centrífuga,
BRASÍLIA, é a tua Cruz da Quarta Dimensão, e Tetragrama
do Milagre Novíssimo que és tu;
a que dirá "Presente!", impávida, ao chamado
do fasto e do nefasto; a que é o Marco Zero
das vias todas, da mais ínvia à mais viável;
o ímã para a limalha de aço do Trabalho;
a ponta do compasso autor da Equidistância;
BRASÍLIA, a tua Cruz que é Presépio também
e a cujos pés a ti, no teu Natal, rogamos:
—Barca de esperança,
Carta de marear.
Rosa-dos-ventos,
Portal do sertão,
Corda de arco,
Farpa de flecha,
Bateia de garimpo,
Diadema de esmeraldas,
Crisol de raças,
Ara de liberdade,
—Vive por nós!*

Cassiano Ricardo, em "Toada pra se Ir a Brasília", diz:

*Vou-me embora pra Brasília,
sol nascido em chão agreste.
Como quem vai para uma ilha.
A esperança mora a oeste.*

*Vou-me embora pra Brasília,
por determinação celeste.*

Acho que essa nota mística ou profética prepondera nos poemas que à Cidade dedicaram Afonso Felix de Sousa, Waldemar Lopes, Octavio Mora, Yone Rodrigues, entre outros. Nota irônica, entretanto, é desferida pelo poeta Domingos Carvalho da Silva em duas quadras de "Um Violeiro em Brasília":

*Foi num crepúsculo fosco
e bobo de sol e pinga
que —do alto de Taguatinga—
vi a Mênfis de Dom Bosco.*

*Daqui pra diante me enrosco
em trevos, siglas e táxis
que o santo de Castelnuovo
previu, mas noutras paragens.*

Clave antes humanística aciona Vinicius no poema para a "Sinfonia da Alvorada" (música de Tom Jobim), registrando em fortes palavras a sementeira do Homem neste Planalto Central:

*Sim, era o Homem,
Era finalmente, e definitivamente, o Homem.
Viera para ficar. Tinha nos olhos
A força de um propósito: permanecer, vencer as solidões
E os horizontes, desbravar e criar, fundar
E erguer. Suas mãos
Já não traziam outras armas
Que as do trabalho em paz. Sim,
Era finalmente o Homem: o Fundador. Trazia no rosto
A antiga determinação dos bandeirantes,
Mas já não eram o ouro e o diamante o objeto
De sua cobiça.
Vinha de longe, através de muitas solidões
Lenta, penosamente. Sofria ainda da penúria
Dos caminhos, da dolência dos desertos,
Do cansaço das matas enredadas
A se entredevorarem na luta subterrânea
De suas raízes gigantescas e no abraço uníssono
De seus ramos. Mas agora
Viera para ficar. Seus pés plantaram-se
Na terra vermelha do altiplano. Seu olhar
Descortinou as grandes extensões sem mágoa
No círculo infinito do horizonte. Seu peito
Encheu-se do ar puro do cerrado. Sim, ele plantaria
No deserto uma cidade muito branca e muito pura...*

Social é o tom dominante em José Godoy Garcia:

*A terra viu o crime.
Foi no acampamento da
"Pacheco Fernandes".
Os operários encurralados,
reclamavam direitos.
Eram dez horas no planalto.
Foram metralhados.*

Social é a nota desferida por Luiz Paiva de Castro na "Ode ao Candango", que tem por epígrafe a pergunta de Niemeyer, dois anos após a inauguração: "Que fizeram de nossos irmãos operários, ... que foram, na realidade, os construtores da Capital?"

Social, ainda, é a palavra de Stela Maris:

*Vindos do Brasil inteiro
inteiros não somos mais:
a cidade estraçalha
nossos corpos famintos
a cidade espicaça
nossos sonhos famintos.*

Prevalece o lírico (a extensa gama do que podemos rotular de "lírico"...) em Alphonsus de Guimaraens Filho, Cassiano Nunes, H. Dobal, Henriqueta Lisboa, Joanyr de Oliveira, José Hélder de Souza, Moacyr Félix. O elegíaco desponta em Fernando Mendes Vianna:

*Apesar dessas belas maquetes quase marcianas,
dos coloridos postais que despachamos,
o teu rosto de bugre era mais belo,
ó índia morta, de carne dura, brônzea, solitária!*

Aspectos arquitetônicos são o tema do poemário "brasiliense" de João Cabral de Melo Neto, bem como do poema "Brasília, DF", de Homero Homem.

Finalmente, lembro as lentes de humor com que observa a cidade nova Nicolas Behr, de cujo "Grande Circular" (*Restos Mortais*, Brasília, 1980) extraio este sugestivo dístico:

*SQS ou SOS?
eis a questão!*

Brasília, por tudo o que implica, mas principalmente pelo seu alto significado humanístico-espiritualista, é um empreendimento entranhadamente poético, e é natural que nesta fonte venham beber poetas de vária formação e vária filosofia, do que apenas tenho dado, aqui, breve amostragem. O panorama pode ser ampliado com a leitura de dois trabalhos aonde fui buscar muitos dos versos transcritos: *Brasília na Poesia Brasileira*, de Joanyr de Oliveira (Cátedra, Rio, 1982), e "A Literatura de Brasília" (em *O Áspero Ofício*, V — Cátedra, 1983), de Almeida Fischer.

Falei em contrapassos. Ainda não conseguimos transcender o segundo e negro momento de nossa coletiva ascensão, a partir de Brasília. Mas o fluxo não se estanca. E, nuncia de idades de poesia plena, com as

próprias asas translúcidas (parafraseio o belíssimo "Hino a Brasília" de José Santiago Naud) a Cidade, mariposa dourada, levanta dentre as sombras — e ilumina o tempo.

LETRAS OFICIAIS

Estamos concluindo este sumário panorama da literatura em Brasília. Antes do ponto final, porém, assinaladas tantas e tão variadas manifestações, não me parece justo deixar sem registro a volumosa literatura oficial, em que sempre se pode respigar alguma página de valor literário. Até porque escritores do melhor nível lhe têm emprestado a pena. Homenageio-os neste emblemático texto do Fundador, datado de 2 de outubro de 1956, escolhido tanto pela beleza formal quanto pela enérgica significação:

Deste planalto central, desta solidão que em breve se transformará em cérebro das altas decisões nacionais, lanço os olhos sobre o amanhã de meu país e antevejo esta alvorada com fé inquebrantável e uma confiança sem limites no seu grande destino.

O FUTURO

No decênio que findou com a inauguração da Cidade, a literatura brasileira fora agitada pela Poesia Concreta. A agitação continuaria, progressivamente atenuada, com a Poesia Práxis e o Poema-Processo. Brasília recolheu os ecos dessas espécies de seitas poéticas, mas aqui não vingou nenhum grupo. Não cabe agora indagar por quê; cabe augurar que a não predominância de um sistema beneficiará os que virão, com deixar-lhes a voz livre para o canto do reinício dos tempos.

Outras entidades literárias têm surgido. Dentro e fora delas, autores de vária procedência, poetas da chamada Geração Mimeógrafo, poetas e prosadores ditos marginais, escritores velhos e novíssimos estão produzindo — ensaiando, aprendendo. É cedo para dizer aonde os levará o seu vôo. Nem todos chegarão ao futuro, mas todos se empenham na batalha do presente, e isto importa. Importa, sobretudo, que, de um modo ou de outro, vão todos lançando neste cadinho sua inumerável contribuição para o pleno florir desta *rosa-dos-homens*.

O SENTIDO DE BRASÍLIA

O empreendimento gigantesco centrado e simbolizado em Brasília transcende os limites de uma cidade, amplia e aprofunda a noção de pátria. É obra coletiva, em que se empenham todos os segmentos sociais, do arquiteto ao jornalista, do engenheiro ao operário, do agricultor ao político, do industrial ao artista, do comerciante ao escritor. Compete ao homem de letras, nessa tarefa, descobrir-lhe o sentido maior e profligar os desvios, os equívocos de boa fé, os falseamentos maliciosos; cantar-lhe a saga e vaticinar-lhe os frutos.

Da farta literatura preconizadora da interiorização da Capital extraem-se argumentos de variada natureza em prol da medida. Caíram em obsolescência os de cunho estritamente estratégico-militar. Permanecem válidos, todavia, os demais argumentos, como os invocados por José Bonifácio, para quem uma capital no centro do País favoreceria a unidade nacional, o desenvolvimento do interior e a absorção de mão-de-obra desempregada (*apud* Adirson Vasconcelos, *A Mudança da Capital*, Brasília, 1978; págs. 33 e 34).

Menos objetivos, naturalmente, mas não menos nobres do que os visionários que a quiseram, profetizaram ou apregoaram, são os poetas que têm saudado a criação de Brasília. Talvez André Malraux tenha sintetizado o sentido que lhe atribuem os poetas ao cunhar para ela esta expressão: Capital da Esperança.

Brasília tem o múltiplo sentido de marcha para o Oeste — melhor dizendo: para os quatro *ventos da rosa*, ou da *cruz* de Guilherme de Almeida—, de conquista do nosso próprio território, de integração nacional e de integração latino-americana. Acima de tudo —e isto globaliza as metas— contempla por alvo final a criação de uma sociedade justa e fraterna. Cabe-nos ousar, e obstinar-nos na luta por que se concretize aqui "a terra prometida, onde correrá leite e mel".

1. O texto reescreve/incorpora, sucessivamente: "Notícia de Poesia em Brasília", *Correio Braziliense*, 20-4-75; "Brasília sob o Signo da Poesia", *DF Cultura*, supl. mensal do *Distrito Federal*, n.º 1, abr.-88; "Atualidade das Letras em Brasília", sob o título "Brasília: O Reino Anunciado", com os subtítulos "O Homem e a Palavra na Formação da Cidade" e "Letras: Símbolo de Brasília", *Cultura Jornal*, do MINC, n.º 1, jul.-94; "Literatura em Brasília", *Memorial JK*, n.º 1, 1994, sob o título restritivo "A Poética Brasileira"; "ANE — A Maioridade aos 33 Anos", *Boletim da ANE*, n.º 36, maio, e *Escreva*, n.º 89, ago.-96; "A Tumultuada e Fecunda História da ANE", *Linguagem Viva*, out.-96; "A Poesia Rege Brasília", *A Cultura das Cidades*, n.º 1, dez.-96, e *Cerrados*, n.º 5, 1996; "Brasília — Um Panorama das Letras", *DF Letras*, n.º 39/43, maio/set.-97; "Croniquinha de uma Coroa Chamada ANE", *A Cultura das Cidades*, n.º 5, jun.-98; e "A Literatura em Brasília", *Ler & Escrever*, supl. lit. de *Voz Ativa*, n.ºs 1 a 9, set.-98 a maio-99.

2. Eram os poetas: Afonso Felix de Sousa, Alphonsus de Guimaraens Filho, Anderson Braga Horta, Ézio Pires, Gaudêncio de Carvalho, Geraldo Costa Alves, Guido Mondim, José Santiago Naud, Jair Gramacho, Levy Rocha, Lina Del Peloso, Mário Limeira Alves, Miguy Noronha, Pedro Luiz Masi, Seleneh Medeiros e Wilson S. Nunes.

3. Edição de que se excluíram alguns nomes, mas em que se incluíram novos, a saber: Abgar Renault, Afonso Henriques Neto, Anderson de Araújo Horta, Antonio Carlos Scartezini, Ariel Marques, Cassiano Nunes, Clemente Luz, Eudoro Augusto, Fernando Mendes Vianna, Hermenegildo Bastos, Izidoro Soler Guelman, Jesus Barros Boquady, João Viana de Oliveira, José Godoy Garcia, José Hélder de Souza, Julio Cezar, Lenine Fiúza, Luiz Fernando Nazareth, Maria Braga Horta, Maria Ramos, Oswaldino Marques, Vera Americano, Yone Rodrigues.

4. Reconvoca alguns desses poetas, a par de outros não necessariamente residentes na Cidade, mas autores de poemas em torno dela: Affonso Romano de Sant'Anna, Aricy Curvello, Cassiano Ricardo, Domingos Carvalho da Silva, Fernando Braga, Fernando Correia Dias, Geraldo Pinto Rodrigues, Gilberto Mendonça Teles, Henriqueta Lisboa, Homero Homem, João Cabral de Melo Neto, José Maria Pereira, Luiz Paiva de Castro, Lupe Cotrim Garaude, Moacyr Félix, Octavio Mora, Stela Maris, Vinicius de Moraes, Waldemar Lopes, Yolanda Jordão.

5. Evitando citar todos os integrantes de cada uma dessas antologias, relaciono apenas os por elas acrescentados à lista constante das notas anteriores: Alexandre Rocha, Anito José Steinbach, Baltasar Gonçalves, Guilherme Alves, Heitor Humberto de Andrade, J. Edson, Jodelmira Barbosa, José Roberto de Almeida Pinto, José Soares, Manoel César Neto, Maria Coeli, Maria Madalena Prado Paranhos, Mário Edson Andrade, Míter Fonseca, Nelson Carvalho, Paulo Roberto de A. Brandão, Ronaldo Alexandre, Tito Iglesias, Victor Alegria, Wilson Pereira, Wil Prado; Alan Viggiano, Alvina Gameiro, Ângelo D'Ávila, Cyl Gallindo, Emanuel Medeiros Vieira, Flávio R. Kothe e João Ferreira, mais conhecidos como prosadores; Antônio Campos, Antonio Carlos Osorio, Antônio Girão Barroso, Antonio Roberval Miketen, Berecil Garay, Celso Moliterno, Danilo Lôbo, H. Dobal, Henriques do Cerro Azul, Hugo Mund Júnior, José Geraldo, Márcio Catunda, Mauro Castro, Olympíades Guimarães Corrêa, Romeu Jobim, Viriato Gaspar; Aglaia Souza, Antonio Miranda, Ciro José Tavares, Esmerino Magalhães Júnior, Expedito Quintas, João Carlos Taveira, José Jeronymo Rivera, Regina Fittipaldi, Ronaldo Mousinho, Ronaldo Cagiano, Teresy Godoi, Valdir de Aquino Ximenes, Ydê Afonso.

6. Dessas, aplicado o critério exposto na nota anterior, extraio os nomes de Guido Heleno, Luiz Manzollilo, Luís Martins da Silva, Luiz Martins, Sérgio Muylaert, Vera Pedrosa, Xênia Antunes, Ana Lagoa, Carlos Marchi, Carlos Saldanha, Carlos Setti, Chico Dias, Fausto Alvim Júnior, Fernando Bueno Guimarães, Flávio Roseiro, Ijalmar Nogueira, João Zicardi Navajas, Luiz Roberto Nascimento Silva, Nicolas Behr, Bianco, Camilo, Cesar Athayde, Climério Ferreira, Geraldo Moraes, Gerti Egler, Machadinho, Marcos Ottoni, Mancasz, Paulo Tovar, Tito, Teca, Tita, Gilvan Teixeira, Marcos Humberto Scotti, Ricardo F. Barreto, Elmano Maria, Riase Rissan, Nara N. Silva, Hélio Soares Pereira, Hilda Mendonça, Jorge Amâncio, Sônia Carolina.

7. Ei-los: Alphonsus de Guimaraens Filho, o próprio Almeida Fischer, Aluizio Valle, ABH, Anselmo Macieira, A. Fonseca Pimentel, Arnaldo Brandão, Astrid Cabral, Carlos Castello Branco, Cyro dos Anjos, Geraldo Lemos Bastos, Joanyr de Oliveira, João Falcão, José Augusto Guerra, José Godoy Garcia, Mário Teles, Maurítônio Meira, Pedro Luiz Masi, Romeu Jobim, Samuel Rawet e Yvonne Miranda. O ilustrador do volume foi Esmerino Magalhães Júnior.

8. Com elas, acrescentam-se aos nomes acima referidos os de outros contistas e cronistas, que relaciono evitando repetição: Adriana Silveira Jobim, Adrino Aragão de Freitas, Alan Viggiano, Ângelo D'Ávila, Anito José Steinbach, Antonio Carlos Osorio, Berecil Garay, Cristovam Buarque, Emanuel Medeiros Vieira, Efraim G, Esmerino Magalhães Júnior, Guido Heleno, Herondes César, Jair Vitória, José Geraldo, Nilto Maciel, Sérgio Tapajós, Stela Maris Rezende Paiva, Wil Prado, Valter Pedrosa, Vera Brant; Alvina Gameiro, Beatriz Alcântara, Gustavo Bandeira de Mello, Henriques do Cerro Azul, Maria Braga Horta, Mauro Castro; Aderbal Jurema, Aureo Mello, Audálio Dantas, Caio Pompeu de Toledo, Edson Vidigal, Ernani Satyro, Francisco Rollemberg, Hugo Napoleão, Israel Dias Novaes, Jarbas Passarinho, Joacil Pereira, João Cunha, J. G. de Araújo Jorge, Jorge Kalume, José Sarney, Luiz Cavalcante, Murilo Badaró, Nelson Carneiro, Nelson Omegna, Osvaldo Macedo, Raymundo Diniz, Tarcísio Delgado, Valdon Varjão; Carvalho França, Goiano Braga Horta, J. Alencar C. Aires, José Paulo Silva, Júlio César Roffé, Leda Maria Cardoso Naud, Martônio Araújo, Paes Ribeiro, Pedro Braga; Alencar Monteiro, Esaú A. de Carvalho, Frota Neto, José Hélder de Souza,

Lustosa da Costa, Rejane Formiga; Afonso Felix de Souza, Afonso Ligório, Aldo Magalhães, Augusto Estellita Lins, Branca Bakaj, Carlos Alberto Abel, Clemente Luz, Danilo Gomes, Jacinto Guerra, João Carlos Taveira, Julio Cezar, Luiz Adolfo Pinheiro, Luiz Manzolillo, Márcio Cotrim, Regina Stella, Zita de Andrade Lima; Affonso Heliodoro, Artur da Távola, Cassiano Nunes, Cléa Rezende Neves de Melo, Dayse Studart, Flávio R. Kothe, Gracia Cantanhede, Heitor Martins, Hilda Mendonça, Joilson Portocalvo, José Santiago Naud, Josélia Costandrade, Kori Bolívia, Kurt Pessek, Maria Dalva Junqueira Guimarães (Madellon), Mário Bakaj, Marlene Andrade Martins, Nara do Nascimento e Silva, Olímpio Pereira Neto, Otacilio Souza, Ruth de Souza Silveira, Teresy Godoi; Alírio Silva, Branca Maria de Guimarães, Lourdes Souza Resende, Sávvia Dumont, Tadeu de Araújo Teixeira, Vicente Sá, Wilson Pereira.

9. Capa de Mário Hermes Viggiano; prefácios de Cassiano Nunes e Joanyr de Oliveira. Apresenta: Abbas al Mansour, Amaury Fassy, André Ferreira, Benedito Pereira da Costa, Carlos Porfírio da Rocha, Divina Maria Corrêa, Elisete Soares do Nascimento, Ênio Rudi Sturzebecher, Gacy Simas, Ildfonso Sambaíba, Izemar Fernandes, João Batista Araújo Costa, João Fernandes da Conceição, José Donizete Gonçalves, J. Simões, José Peixoto Júnior, Luiz Carlos de Oliveira Cerqueira, Madellon, Manoel Cordeiro Lima, Margarida Drummond, Maria Félix Fontele, Nara do Nascimento Silva, Nazareth Tunholi, Oldina Eustórgio da Silva, Olímpio Pereira Neto, Onã Silva, Rita Teles de Lima, Stella Alexandra Rodopoulos.

10. Acrescenta: Anand Rao, Celina Lamounier d'Alessandro, Chico Pôrto, Dora Duarte, Jan Muá, Lília Portugal Magnavita, Maria da Glória Lima Barbosa, Newton Rossi, Otavio Afonso, Paulo Sousa, Rama, Reynaldo Jardim, Romário Schettino, Ronaldo Costa Fernandes.

11. Não posso esgotar, é certo, o rol dos muitos, poetas e prosadores, que por aqui passaram, deixando na cultura da Cidade maior ou menor marca, mas ainda alguns devem ser lembrados. Assim os aqui trazidos pelo magistério, como o português Agostinho da Silva; pela política, como Álvaro Pacheco, Joaquim Haickel, Menotti Del Picchia; os estrangeiros que vieram doar algumas notas de seu canto ao cerrado, como Manini Ríos (uruguaio), Rubén Vela (argentino), Rumen Stoyanov (búlgaro), Trina Quiñones (venezuelana), ou aqui se estabeleceram, como Sofía Vivo (uruguaia); Geir Campos, autor da letra do "Hino a Brasília", musicada por Neusa França; Francisco Alvim, Marly de Oliveira, Omar Brasil, Amargedom (Francisco Gustavo de Castro Dourado), Clovis Sena.

12. São eles: Alan Viggiano, Alexandre Marino, ABH, Cristina Bastos, Danilo Gomes, Dilermando Rocha, Êsio Macedo Ribeiro, Joanyr de Oliveira, João Carlos Taveira, José Carlos Pereira Peliano, Lina Tâmega Del Peloso, Marcos Bagno, Napoleão Valadares, Ronaldo Cagiano, Stela Maris Rezende e Wilson Pereira.

ENSAIOS E ORAÇÕES

POESIA-LIBERTAÇÃO

Estudo introdutório de *Marinheiro no Tempo*
– Thesaurus, 1986.

A poesia de Fernando Mendes Vianna nasceu sob o signo da liberdade e sob esse mesmo signo floriu e frutificou. Explosão libertária que é, junte-se ao império do sangue; mas nem por isso deixa de ser uma poesia altamente intelectualizada, em sua expressão, e uma poesia de pensamento, em seu conteúdo. Essa mente e esse coração libertários agem pelos braços de uma rebeldia radical e de uma constante autoprocuro, que implicam o paradoxo de uma disciplina dentro da indisciplina. Poesia de instrumentação forte e voz veementemente humana, transfunde-se no corpo verbal adequado a seu profundamente atual —porque eterno— pensar-e-sentir os problemas do homem, enquanto ser único e enquanto célula social, mas recusa-se a quaisquer semostrações pseudovanguardistas.

A consciência, ou, melhor dizendo, a assunção dessa complexa máscara, que é ele mesmo, leva Mendes Vianna, desde o primeiro livro, a discernir no poeta um ser prometéico, luciferino: um demiurgo, sim, mas um rebelado, orgulhoso em sua titânica solidão (ver, a propósito, "Lúcifer, a Grande Lua", e "Auto-Epitáfio do Senhor da Noite").

Poesia de contrastes, sou tentado a aplicar a ela mesma a sua metáfora mais constante. E diria, então, que o que varia na obra de Mendes Vianna é a magnitude da onda — o mar é o mesmo, único na síntese das próprias contradições.

É objetivo deste breve ensaio discriminar algumas dessas contradições e isolar algumas das correntes que agitam esse oceano, a fim de melhor lhe entendermos os búzios e as tempestades.

PERFIL BIBLIOGRÁFICO

No dúplice livrinho *Marinheiro no Tempo e Construção no Caos* (1958), exhibe o Poeta um lirismo de acento metafísico na exploração de temas como o mar e o tempo (muitas vezes entrelaçados, ou confundidos, qual no título); a poesia, o poeta; o destino, a vida, a morte; o amor, a solidão. Aliado a isso, o verso livre, sem preocupações de contenção, sensivelmente mais voltado ao que-dizer do que ao como-

dizer, parece reforçar a sugestão de afinidade da dedicatória — a Augusto Frederico Schmidt, e a Murilo Mendes.

Nota-se-lhe melhor domínio do verso sem medida. Não obstante, o poema ritmado —ainda que polimétrico— como tantos dos que contribuirão para a fortuna do livro seguinte tem já exemplos, de que é paradigma "O Rubro", característico.

Se não se pode restringir o valor do livro de estréia ao de mera promessa, generosa embora; se estão nele presentes os germens de uma das mais fortes poesias de nossa época, a verdade é que só a partir de *A Chave e a Pedra*, surgido em 1960, vem a mostrar-se o Poeta no pleno domínio instrumental. Adquirem maior contenção e poder de contágio os poemas breves, as impressões. Apura-se o ritmo, sem que tal signifique submissão ao isometrismo. O conjunto ganha homogeneidade em mais alto nível de realização formal. Acentua-se a busca de si mesmo —o núcleo submarino de "O Poeta"— e do mais alto — *o sol entressonhado* de "Navio Cego".

Em *A Chave e a Pedra*, prolonga-se, e depura-se, a poesia anterior. Estrelas lapidadas, cresce em fulgor, e inscreve-se em mais alto firmamento.

Poeta-pensador, Fernando Mendes Vianna transita, em *Proclamação do Barro* (1964; 2.^a ed., revista e reduzida, em 1983), do pensamento metafísico para o social, consoante as palavras introdutórias de José Guilherme Merquior. Aqui, "sua linha mestra é uma poética do corpo"; uma "poesia de enobrecimento da matéria e de denúncia da falsa dicotomia corpo-alma", que "se reúne à corrente incompreendida e obstinada dos poetas libertinos, de todos aqueles que, desde Villon a Bocage e a Henry Miller, imprimiram ao tema do corpo e do sexo uma significação de indisfarçável protesto, irredutivelmente libertário".

O "Nó Górdio", primeira parte do livro, continua os anteriores; nele se exaspera a autoprocuro, procura em corpo e alma, insista-se. Nessa diretriz, enfileiram-se poemas de altíssima expressão, como a generalidade dos que integram "Razão Elegíaca", destacadamente a "Ode do Liberto"; poemas de quem leu Pessoa e Whitman, para poder ser mais entranhadamente original.

Já em "Nó Górdio" instaura-se, franca, a rebelião ("O Retrato ou Libertas Quæ Sera Tamen"):

E como não permitem que eu me invente
touro pastando brisa e grama,

vento com a fúria da vingança
e o fôlego de um boi que nunca investe.

Quero a minha verdade!

Da rebelião individual, individualista, marcha para a revolta solidária em "O Homem Urbano", segunda parte da *Proclamação*:

Chegou meu tempo de imprecação e de vômito,
porque a náusea do mundo me devora.

("A Náusea".)

Proclamação do Barro —seja-me lícito reeditar o que dizia em artigo de 1979 ("Um Barroco Moderno", in *Revista de Poesia e Crítica*, n.º 6)—, incorporando composições de fôlego mais largo e artesanato às vezes menos policiado, mas cujo conjunto lhe acrescenta a já significativa importância, é obra mais ampla e menos homogênea que *A Chave e a Pedra*. Parece-me a que melhor caracteriza o Poeta, evidenciando-lhe quase todo o espectro, com suas inegáveis altitudes e os desequilíbrios inevitáveis numa poesia de permanente oscilação entre as rigorosas construções estéticas e o livre fluxo da angústia de ser no mundo.

Livro importante, para a carreira do Poeta e para as nossas letras, *Proclamação do Barro* foi como uma irrupção de sangue num tecido que se esclerosava, comprometido por modismos tão preocupados com equívocas e rebarbativas inovações formais que se esqueciam de *dizer* o Homem a se lhes esconder por detrás. Ou o soletravam numa desaprendida língua.

O Silfo-Hipogrifo, de 1972, culmina a terceira fase do Poeta, cujo início Tristão de Athayde ("Apresentação", pp. xv e xvii) assinala em 1969, com a publicação do "Salmo para Órgão e Orquestra" na revista *Vozes*. Adquire então, diz o crítico ilustre, a poesia de Fernando Mendes Vianna "uma dimensão transcendental e mística, que a eleva ao nível de seus grandes predecessores" (nomeadamente, Murilo Mendes e Jorge de Lima). Um misticismo —sublinhe-se— que não repele a realidade do corpo e suas exigências (a propósito da relação corpo-alma, leia-se e releia-se a belíssima "Canção do Coração").

Em contraponto à *Proclamação*, este livro compõe-se de poemas em geral metrificados, entre eles muitos sonetos.

Refere-se Tristão de Athayde ao "formidável poder verbal do poeta", manifestado "em todo seu esplendor" naquele "Salmo". Em *O Silfo-Hipogrifo* esse poder ressurge armado de impressionante parafernália. O primeiro poema, "A Crise", sozinho, quase esgota o arsenal de recursos: a aliteração, a rima interna; o jogo de cognatos; a criação vocabular (por justaposição, neste passo: "luztreva"); sinéreses e diéreses, inclusive translineares (do verso 14 para o 15); sínopes; a pausa métrica (verso 11); o verso prolongado, isto é, o terminado em proparoxítone, contadas as sílabas métricas até a última postônica, que passa a ter, assim (à inglesa), valor de quase-tônica, ou subtônica (verso 24); ligações ou pontes métricas, vale dizer, sílabas finais de um verso computadas cumulativamente no seguinte — fenômeno respiratório, dependente do modo de ler e encadear os versos, peculiar a uma poesia

oral (versos 28 e 29). E mais a anáfora, a homofonia, a ironia, o sarcasmo em outros poemas, o exercício medieval de "Treno", etc.

É de 1979 *Embarcado em Seco*. Onipresente, o Mar. Mar que é o tempo e a eternidade, vida-morte, Pai-Mãe, o Cosmo, abismo, mistério, a integralidade do ser — em comunhão com o Universo visível e invisível. Tônicas: a autoprocura, o desentendimento com o mundo.

Registra Moacyr Félix, nas abas, os "versos quase que barrocammente lapidados, com suas explosões epicamente a se rebelarem dentro do encolhimento de espaços temáticos, com sua saudade de mar e de profundidade"; "a habilidosa manipulação de palavras em meio a uma turbilhonante riqueza imagística".

Tem o Poeta, na "Primeira Ode Talassocrática", para o mar as seguintes palavras: "catedral inexcelsivelmente gótica e inexcelsivelmente barroca", com propriedade aplicáveis a esse veio de sua poesia.

No ano seguinte ao de *Embarcado em Seco*, Fernando Mendes Vianna publicaria, em *Poesia Viva 2*, sob o título *O Órfão Explosivo*, poemas dos livros anteriores de mistura com inéditos, dentre os quais nomeio "Oratório do Corpo".

TEMAS E IMAGENS RECORRENTES

Freqüentam toda a obra deste poeta os temas explorados ou anunciados no livro de estréia: o mar e o tempo, a vida e a morte, o corpo e a alma, o eu e o amor.

O primado do corpo, uma das dominantes de seu terceiro livro, prefigura-se em "Tema e Variações":

"O único mar é o sangue, o único céu.
O corpo traça uma áspera fronteira."

Em "Sê Apenas", também de *Marinheiro no Tempo*, o corpo já reclama seus direitos, em termos tais que chegam a insinuar uma visão reificada da mulher:

Sê apenas um carinhoso bicho doméstico,
mudo, roçando-se na minha tristeza.

.....

Estou sedento de ternura muda,
ternura animal, pura,
íntegra.

.....

Dá-me o teu corpo
e não devolvas minha carícia com palavras.

A impressão dissipa-se com a leitura de outros poemas, que nos mostram a mulher e o homem complementarmente unidos na jornada comum.

Parecerá, às vezes, que a ênfase dada ao corpóreo reflete um modo de pôr-se em comunhão com o Universo. É o que me sugere "Momento na Praia", de *A Chave e a Pedra*:

Cansado de egoísmo, ergotismo e erotismo,
abandono-me, estendo-me na praia e olho o mar.
Vem o sol e acende minhas luzes,
vem a aragem e espalha-me no ar.

Esta linha tem passagem eloqüente no belo "Poema" de páginas adiante, preparação para a *Proclamação do Barro*, na verdade já essa proclamação:

Estremecem do núcleo os fundamentos.
Nasce o júbilo, enlouquece um pássaro.
Desaba minha falsa arquitetura,
no jorro total dos elementos.

Carne, somos carne, urdidura
do barro sem angústia de impureza.
Rui agora meu destino de incerteza,
alumbra-se num instante o meu futuro,

e sinto que sou: animal sem alarme.

Poderíamos arrolar, nos cinco volumes que enfeixam esta poesia, um número talvez grande de temas aparentes. Analisando-os, porém, vemo-los reduzir-se a umas poucas constantes: as amarras urbanas/sociais, a saudade/anseio de um mundo mais alto, a fremente busca de si mesmo... Penso, afinal, que a poesia de Fernando Mendes Vianna é a cordilheira visível de uma íntima luta de libertação. Um sustentado grito de liberdade.

É natural, pois, percorram essas páginas, à maneira de *leitmotive*, uns tantos vocábulos com cargas metafóricas aproximadas. São metáforas de liberdade: o mar e o vento, o cavalo, o touro, o tigre, as aves. (Metáfora de prisão/conformismo: o boi.)

Não são imagens de total equivalência; matizam-se, ao contrário, de aspectos distintivos. Assim, o mar e o vento são símbolos mais próximos da espiritualidade; o cavalo e o touro, da corporeidade, da força animal.

ROMANTISMO/BARROQUISMO

Replena de vida, na sua ambivalência corpóreo-anímica, ainda de outro ponto de vista é possível registrar duas vertentes na poesia de

Mendes Vianna, a primeira compreendendo a prospecção subjetiva e as manifestações amorosas, e a segunda a preocupação místico-religiosa.

Àquele corresponde um comportamento romântico; a esta, um comportamento barroco.

Romantismo e barroquismo são, também, notas correspondentes a fases do Poeta. O primeiro dá o tom a *Proclamação do Barro*; o segundo a *O Silfo-Hipogrifo*.

O Alto, o Barro. Entre eles, o pêndulo. A tentativa de uni-los, numa síntese. Então, os poemas de conteúdo espiritual, mas forma altamente sensual.

Daí, conforme dizia no artigo citado, "um barroquismo temperado no vinho romântico-simbolista". Com sobrelevação, digo-o agora, da face romântica desse temperamento.

A interação desses dois pólos —dois comportamentos que refletem um modo peculiar de ser— e a síntese lograda em intensidade e modernidade estão entre os elementos que singularizam o perfil de Fernando Mendes Vianna em nossas letras.

*

Eis aí registrados, e superficialmente comentados, os aspectos que desejei sublinhar na obra deste "grande e difícil poeta", como o qualifica Tristão de Athayde. Mero depoimento de quem habituado ao mergulho nesse mar, ao impacto sempre novo dessa importante, densa, humaníssima e bela poesia.

UMA VIDA EM POESIA

Discurso de recepção na Academia Brasileira de Letras,
em 29 de outubro de 1987.

Em 1958, um dos nossos maiores descortinadores de vocações literárias, também ele notável escritor, o poeta Augusto Frederico Schmidt, na época associado ao editor Simões, apadrinhava o lançamento nas correntes da publicidade de uma poesia destinada a formar entre as cumeadas de sua geração. O livro era *Marinheiro no Tempo e Construção no Caos*. O acadêmico Domingos Carvalho da Silva saudaria o estreante como um esbanjador de "qualidades que faltam a muita gente veterana", vaticinando "mais altos vôos" ao seu "espírito inquieto e insatisfeito". Sobre o autor, o poeta Fernando Mendes Vianna, diriam palavras igualmente encomiásticas críticos do porte de Antônio Olinto, Eduardo Portella, Oswaldino Marques, Sérgio Milliet e tantos outros que o colocarão, no início da década de setenta —lembra-o Tristão de Athayde— "como representante máximo da geração dos novíssimos". José Guilherme Merquior lhe dará por mais notável característica o "ser, dos realmente dotados, quem melhor preenchia a condição de poeta-pensador", com uma poesia filosófica, cujo verso, ao contrário do formalismo oco imperante, "sempre dizia do Ser". Tristão de Athayde o chamará de "mestre", "grande e difícil poeta", "típico do que a nossa poesia neomodernista tem de mais alto".

Entre o batismo do primeiro livro e as alegrias desta noite, quando o poeta, já desde muito confirmado, vem-se reunir aos confrades e amigos desta casa de cultura, medeiam quase trinta anos. Durante esse tempo, Fernando Mendes Vianna só tem feito crescer e diversificar seus passos de poeta. É com prazer que recorremos —ainda que em câmara rápida— os caminhos criados por sua poesia, à guisa de homenagem ao vate cuja poderosa voz, a partir de agora, amplifica e enriquece de novos registros o somatório das vozes de nossa Academia.

Em *Marinheiro no Tempo e Construção no Caos*, vaga o poeta ainda meio perdido no vasto mar da própria poesia, poesia-mar que ele vai construindo no ou do próprio caos. Já um grande talento revelado, se bem à obra faltando ainda a maturação formal que apresentará o segundo livro. Perdido, sim, de certo modo, porém não desorientado. A bússola, ele a empunha no poema "O Destino", e o norte, ele mesmo o estipula:

fazer da vida um longo invento.

Está iniciada a viagem. E o poeta vai no rumo certo, porque sem rumo prefixado, instituindo as próprias rotas e soprando os próprios ventos, com os instrumentos da mente e as forças do coração.

Nessas águas primordiais nascem as grandes correntes e os grandes ventos que levarão a todas as longitudes e a todas as altitudes de sua poesia. Já aí se vêem os seus principais temas, metáforas, obsessões: o tempo, o mar, a solidão, o amor; a rebelião contra o quotidiano prosaico; as imagens do touro, do cavalo, de mitológicos seres alados. Já aí o germe da *Proclamação do Barro*:

O único mar é o sangue, o único céu.
O corpo traça uma áspera fronteira.

(De "Tema e Variações".)

Já então, conseqüentemente, o sentimento de comunhão cósmica:

NO CAMPO

Vendo um grande campo e um grande céu
sinto-me animal tranqüilo,
imóvel na pastagem verde,
imóvel sob o azul imenso.
Sinto-me animal tranqüilo,
cariciado por sol e brisa,
rodeado de flores e árvores,
olhos vastos de horizontes,
narinas plenas do cheiro da terra.

A *Chave e a Pedra* foi saudado por Oswaldino Marques como um dos maiores acontecimentos da safra poética brasileira do lustro, ao lado de *A Viagem Humana*, de Manoel Caetano Bandeira de Mello, e de *O Poder da Palavra*, de Foed Castro Chamma. Com este volume — continuo a explorar, *concessa venia*, as imagens dos títulos, que se prestam à definição das fases que representam— o Poeta abre de par em par uma porta importante, para dentro, seja como personalidade poética, seja como pessoa, tão-só. Misticismo mais apurado, mais madura forma. O Poeta, como tal, dá acabamento ao seu projeto estético, sobretudo nos poemas mais curtos.

É a fase metafísica do Poeta, ou sua culminação, quando ele "se coloca" —diz Tristão de Athayde— "em face do mundo como *pedra* à procura de uma *chave*, isto é, de uma solução para o mistério". É a fase dos poemas curtíssimos, incisivos, perfeitos: "O Magma", "O Hipogrifo", "O Abutre", "Névoa", "Anoitecer Urbano", "Navio Cego", "Antes da Tempestade", "O Homem", "Zodíaco", "O Galo", "Momento na Praia", "Canção Urbana", "A Pedrada Inútil", "Crepúsculo", "Cançoneta", "Urbe", "Fim do Dia", "Aerólito", "O Boi", este emblemático "Rio":

O Tempo, esse rumor de água corrente.
Um instante em nós; depois, eternamente.

Mas, ao mesmo tempo, pratica o Poeta composições mais longas, algumas excelentes, prenunciadoras da próxima fase, como este "Poema", de que leio os versos finais:

Carne, somos carne, urdidura
de barro sem angústia de impureza.
Rui agora meu destino de incerteza,
alumbra-se num instante o meu futuro,
e sinto que sou: animal sem alarme.

Ao esteticismo/misticismo de *A Chave e a Pedra* sucede o corporalismo, o vivencialismo de *Proclamação do Barro*. Revolta, libertarismo, romantismo. Estes dois livros constituem os pólos da poesia de Mendes Vianna, menos, talvez, pelo que toca à forma, antes pelo conteúdo poemático. Formalmente, a grande linha divisória será traçada pelo seguinte.

Apresentando a *Proclamação*, diz Merquior que, se o pensamento que informava a obra anterior era sobretudo metafísico, o desta é abertamente social. "Sua linha mestra" —palavras do crítico— "é uma poética do corpo; um canto em louvor do nosso ser corporal, e em favor da libertação do corpo", cujas implicações sociais lhe parecem solarmente claras: "Tanto em suas origens quanto em sua finalidade, a poética do corporal fere motivos sociais" e visa, em última análise, "à liberdade humana, em todos os campos e em todas as dimensões". Nem se esquece o ensaísta de frisar que Fernando "não cai na facilidade de 'trocar' seus cuidados metafísicos pelo interesse estreitamente político: antes os transforma, antes os amplia, erguendo-os à altura de problemas plenamente antropológicos — problemas do homem total".

Para Tristão de Athayde, a poesia de Mendes Vianna passa, com a *Proclamação*, a uma segunda etapa, em que "deixa de ser *esotérica* para ser *exotérica*". "O poeta" —diz— "se abre e empunha a palavra, não como uma *chave* mas como uma *cunha*"... Entende ele que "a 'proclamação do barro', longe de ser uma apologia da natureza e da matéria-prima do universo, reveladora da unidade de sua criação, era a verificação patética do *multiverso*, do caos como essência da vida". Diz mais que, se é ela uma apologia do instinto, é também a passagem do poeta para a utopia da paz e do amor, "como sentido da *chave* para decifrar a *pedra* e para redimir o *barro*", anunciando-lhe a terceira fase, iniciada com o "Salmo para Órgão e Orquestra", publicado em 1969 na revista *Vozes*. E comenta-o com palavras admiráveis pela vigorosa e precisa apreensão desta particular verdade poética: "O formidável poder verbal do poeta se manifesta, nesse poema, em todo seu esplendor. Confirma a técnica apurada com que soube dedilhar *toute la lyre*, sendo ao mesmo tempo manso e rebelde, descritivo e desabusado, elegíaco e prometéico, apolíneo e dionisíaco, na sua ansiedade de tudo tocar, de tudo sentir, de participar em tudo, de perder-se no universo, em suas paixões, em seus estrumes, em seus horrores".

À dicção romântica predominante na *Proclamação* sucede o barroquismo de *O Silfo-Hipogrifo*, em cujas asas ascende o Poeta "a momentos da maior grandeza" (Tristão de Athayde), a um espiritualismo renovado, vivido, vivenciado, sofrido. Prossegue essa linha *Embarcado em Seco*. Em ambos estes livros, vê outro ilustre bardo, Moacyr Félix, ressaltar "o coração de um poeta aprisionado: prisioneiro que sabe agora só dentro de si os uivos da liberdade", e assinala um "artesanato endurecido em versos quase que barrocamente lapidados, com suas explosões epicamente a se rebelarem dentro do encolhimento de espaços temáticos, com sua saudade de mar e de profundidade".

Também o acadêmico Almeida Fischer, na grande obra crítica que é a série *O Áspero Ofício*, destacando os poemas longos de *Embarcado em Seco*, nomeadamente as "Odes Talassocráticas", registra-lhes, além da "fluência extraordinária", do "ritmo ... largo e correto", a "linguagem bastante trabalhada ... viril, poderosa como o mar", esse mar a que seria "um cântico nostálgico" o livro quase todo. Em artigo no *Suplemento Literário do Minas Gerais* e na revista *Colóquio Letras*, acerca de *Marinheiro no Tempo*, dirá Almeida Fischer que aí se enfeixam "alguns dos mais belos e ousados poemas da literatura brasileira contemporânea", frisando que "a ousadia do poeta se manifesta de muitas maneiras, não apenas por seus arranjos vocabulares inusitados, mas por sua própria visão de mundo sem qualquer censura estética". É esta, para o consagrado crítico, uma poesia que "surpreende sempre o estudioso de arte poética e o prende, talvez por seu anseio de apreender o caos do mundo de nossos dias, em todas as suas manifestações, por mais delirantes e insólitas", através de poemas "muito bem realizados dentro de uma linguagem poética de alta qualificação, sem dúvida das mais ricas e expressivas da poesia de nosso tempo".

A propósito dos poemas reunidos em *O Órfão Explosivo* caberá, melhor talvez que de referência aos livros anteriores, dizer da coexistência de dois aspectos em certo modo opostos do Poeta: a direiteza romântico-realista, que pode bem ilustrar a leitura de "Pastoral" e de "Oratório do Corpo", e a barroca luxúria, sinuosa e pletórica, patente em "Epitalâmio" — para ficarmos na temática amorosa. Outros momentos dessa coexistência de contrários em Fernando Mendes Vianna foram, aliás, objeto de trabalho intitulado "Um Barroco Moderno", que publiquei na *Revista de Poesia e Crítica* e adaptei para leitura em programa criado pelo escritor Aluizio Valle, na Rádio MEC de Brasília. Citados, com a devida precedência, alguns dos críticos maiores deste poeta, creio que posso reproduzir também algo dos meus comentários de então, conseqüência da leitura deles:

Se a estréia de Fernando Mendes Vianna, em 1958, com *Marinheiro no Tempo e Construção no Caos*, já patenteava uma vocação, seu segundo livro, *A Chave e a Pedra*, dois anos posterior, mostrava-nos um poeta extraordinário: correto, sem ranços formalistas; intenso, sem desbordamentos; e profundamente humano, em sua emocionada perquirição

dos mistérios do eu e do destino. Data desses inícios a preocupação, que se revelará constante, com a psicologia do poeta e a natureza da poesia.

Conquistada, com as produções reunidas nesse denso volume, a plena mestria no poema curto, reaparece o Autor, em 1964, com *Proclamação do Barro*, que inclui composições de fôlego mais largo, de artesanato às vezes menos policiado, mas cujo conjunto lhe acrescenta a já significativa importância. Obra mais ampla e menos homogênea que *A Chave e a Pedra*, parece-nos a que melhor caracteriza o Poeta, exibindo-lhe quase todo o espectro, com suas inegáveis altitudes e os desequilíbrios inevitáveis numa poesia de permanente oscilação entre as rigorosas construções estéticas e o livre fluxo da angústia de ser no mundo.

Definamos mais amplamente o sentido desse pêndulo —entre os pólos do profano e do sagrado— e veremos configurar-se o barroquismo de Mendes Vianna, um barroquismo temperado no vinho romântico-simbolista e que se acentua em *O Silfo-Hipogrifo*, de 1972.

A síntese desses contrários é a modernidade do seu barroquismo.

Para completar essas observações de 1979, recordo ainda umas poucas palavras com que, no prefácio que tive a honra de fazer à antologia que levou o título *Marinheiro no Tempo*, me referia a uma das correntes de sentido mais impressionantes dessa poesia:

Penso, afinal, que a poesia de Fernando Mendes Vianna é a cordilheira visível de uma íntima luta de libertação. Um sustentado grito de liberdade.

Poesia, acrescento agora, em cujas ressonâncias adivinha-se a luta do homem por atingir a pureza que pressupõe o mandamento do *Livro da Sabedoria do Vizir Ptahhotep*, por ele traduzido nos *Poemas do Antigo Egito*:

Obedece a teu coração enquanto vivas.

Liberdade, acrescento ainda, que se vai construindo, na sua plenitude estelar, através de uma ferrenha ascese poética e de uma constante guerra consigo mesmo pelo autoconhecimento, associadas com rara propriedade.

Realçado o que há de conquista pessoal nas vitórias do homem e do poeta, não obscureçamos o fato de que a vocação literária e o idealismo romântico são, em Fernando, herança de sangue, filho que é, nascido em chão carioca, de ilustres famílias maranhenses tradicionalmente ligadas às letras. É primo, por parte de mãe, do poeta amazonense Luís Bacelar. São seus parentes, também pelo lado materno, os poetas Franco de Sá, contemporâneo de Varela, falecido aos vinte anos, e Joaquim Serra, patrono da Cadeira n.º 21 da Academia Brasileira de Letras.

Deste singular Joaquim Maria Serra Sobrinho disse André Rebouças, como que resumindo palavras também dedicadas ao poeta por Nabuco: "Serra foi o publicista que mais escreveu contra os escravocratas." E dele dizia Machado de Assis: "Creio que Joaquim Serra era principalmente um artista. Amava a justiça e a liberdade, pela razão

de amar também a arquitrave e a coluna, por uma necessidade de estética social. Onde outros podiam ver artigos de programa, intuítos partidários, revolução econômica, Joaquim Serra via uma retificação e um complemento; e porque era bom e punha em tudo a sua alma inteira, pugnou pela correção da ordem pública, cheio daquela tenacidade silenciosa, se assim se pode dizer de um escritor de todos os dias, intrépido e generoso, sem pavor e sem reproche." Comenta-o Olegário Mariano, em cujo discurso de posse na Cadeira n.º 21 colho as referências: "Quem haverá merecido encômio tão alto de pena tão avara? No entanto, isso ainda era pouco. O pelejador indomável era ao mesmo tempo e com o mesmo vigor o folhetinista, o comediógrafo, o historiador, o humorista e o poeta."

Em Antônio Joaquim Franco de Sá via Sílvio Romero "um bom e mavioso poeta". De seu caráter deixou este lapidar testemunho: "Bendito seja o nome de Franco de Sá, o nome de um patriota."

Dos parentes paternos destaquemos dois nomes. Paulo Gustavo, pseudônimo de Euclides Mendes Vianna, seu primo em segundo grau, foi o poeta de *Por Amor ao Meu Amor*, além de autor de literatura infantil, de que lembramos o título *Histórias de um Palhacinho*. Chegou a desfrutar de boa nomeada.

Godofredo Vianna, avô de nosso poeta, foi governador do Maranhão, senador e deputado constituinte em 1946. Há uma cidade maranhense com o seu nome. Jurista, redigiu os Códigos de Processo Civil e Comercial e de Processo Criminal de seu Estado. Poeta, contista, romancista, deixou ponderável obra, de que se destaca *Por Onde Deus não Andou*, romance regionalista passado no Maranhão. Fernando tem dele um livro inédito de poesia, que tenciona publicar.

Vimos que não tem sido mesquinho, seja em afirmação, seja em freqüência, o pronunciamento da crítica sobre o poeta que estamos recebendo. Também sob a forma de prêmios tem-se manifestado sobre ele o pensamento crítico nacional. Das láureas que vem conquistando destacamos a Menção Honrosa do Prêmio Quixote, do Rio Grande do Sul, pelo primeiro livro; a Menção Honrosa do Prêmio Olavo Bilac, da Prefeitura do antigo Distrito Federal; a escolha de *Proclamação do Barro*, por um grupo de críticos, como um dos dez melhores livros de poesia de 1964; o Troféu Casimiro de Abreu, no I e no II Torneio Nacional da Poesia Falada, de Niterói, em 1969 e 1970; o Prêmio do INL, em 1972, por *O Silfo-Hipogrifo*; e nova premiação do Instituto Nacional do Livro, este ano, por *Marinheiro no Tempo*.

Os poetas são seres solitários, porque é na solidão que se cristaliza o poema; mas são, também, seres solidários, porque em sua solidão se cristaliza a canção dolorosa dos sofrimentos da tribo; a narração comovida de suas pugnas, ainda quando encarnadas na singularidade do narrador e sintetizadas nos seus íntimos conflitos; o hino

glorioso de suas conquistas, o lamento sofrido de suas quedas e o canto obstinado de seus soerguimentos; são os poetas, enfim, os atalaias dos campos e das matas —sobretudo os interiores— em que pasce tranqüilo o touro selvagem e as potrancas ligeiras, que não conhecem o jugo—, e, assim, de sua solidão nutrida espiritualmente do contributo de todos, nasce a canção da liberdade, que algum dia há de ser por todos cantada. Neste sentido romântico e simbólico, tomado de empréstimo à inspiração privilegiada de Afonso Arinos, pode o poeta ser comparado ao buriti perdido de sua inimitável criação.

Não se extraia dessa comparação, particularmente no caso de Fernando Mendes Vianna, nenhuma conotação de isolamento. Membro da Associação Nacional de Escritores, ex-presidente do Sindicato dos Escritores do Distrito Federal, que ajudou a fundar, grande divulgador de poesia alheia, como declamador singularmente bem-dotado, o autor de *Proclamação do Barro* assume integralmente a condição humana e engaja-se na luta superior pela emancipação e ascensão da espécie, em todos os planos. Em 1968, em plena ditadura, foi dos primeiros signatários de manifesto dos intelectuais do Distrito Federal em "repúdio aos atos de brutalidade praticados contra a mocidade estudantil", motivado por violenta invasão do *campus* da Universidade de Brasília. Em 1970, liderou movimento de adesão ao protesto iniciado por Alceu Amoroso Lima contra o estabelecimento da censura prévia a livros e periódicos. Ao lado de Vladimir Diniz, atuou em processo de inspiração autoritária movido contra Nicolas Behr, emitindo parecer em que se fundamentou a sentença absolutória do jovem poeta brasileiro. Em 1973, nucleou-se em torno dele a "quixotesca" FAC — Festa de Cultura e Arte, movimento "ecumênico, seguindo as linhas de uma democracia utópica", adjetivo aquele e expressões estas do próprio Poeta, que rememorou seu nascimento e prematura morte em testemunhos a Danilo Gomes — *Escritores Brasileiros ao Vivo*— e a Maria de Souza Duarte — *A Educação pela Arte (o Caso Brasília)*. O movimento, abortado embora (talvez por culpa de seu gigantismo), teve sobretudo o mérito de, ainda no período da repressão, reunir publicamente centenas de intelectuais e artistas, aglutinados em volta de coordenadorias autônomas, tantas quantos os setores culturais envolvidos — poesia, teatro, música, dança, artes plásticas, cinema...

Para falar do relacionamento do Poeta com a cidade, passo a palavra a Joanyr de Oliveira, que lhe incluiu a "Crônica Elegíaca de Brasília" na antologia *Brasília na Poesia Brasileira*. Como ninguém — diz o autor de *O Grito Submerso*— soube Mendes Vianna

retratar a metamorfose por que passou a bugra adolescente, quase menina, que ele conheceu, a construir-se na aridez do cerrado, isto é, a comuna que veio a ser una, indivisível, dos candangos sobretudo e, súbito, se aburguesou, aderiu à sociedade de consumo, ao consumismo sem freios e passou a viver à cata das novidades, pelas butiques. O poeta está saudoso dos dias empoeirados dos pioneiros. Do luar, dos bichos, das sujas botas,

dos tratores em guerra sem tréguas com o mundo desértico e esquivo que o homem veio domar para todo o sempre.

Quem assistiu à derrubada dos bandeirantes que plantaram os alicerces da prometida metrópole, à remoção por vezes violenta dos barracos, à implacabilidade do concreto a expulsar os tapumes, à perda da "carícia tosca e áspera" da índia que morreu para dar lugar à senhora (a Brasília concluída), quem aqui viveu nos primórdios da cidade, pode captar com vívida emoção o perdido espírito de tudo isto. Fernando Mendes Vianna fotografou, assim, não a cidade translúcida e definitiva, mas o seu delinear abrupto e incontido e em voz plangente eternizou em versos belíssimos a inocência e a humildade que jamais voltarão.

Tal é, em síntese, o perfil humano e poético do novo responsável pela Cadeira n.º 40, que tem por patrono Afonso Arinos, o grande e brasileiríssimo ficcionista de *Os Jagunços* e de *Pelo Sertão*, e teve por primeiro ocupante esse outro correto e elegante prosador, o nosso saudoso João Guilherme de Aragão; o corte vertical de uma poesia voltada para a libertação integral.

Por tudo isso, é sumamente honrado e com a mais pura alegria que recebemos, hoje, nesta Casa o poeta, o ser humano de qualidades ímpares, o amigo.

Seja bem-vindo, poeta Fernando Mendes Vianna.

SAUDAÇÃO A ALAN VIGGIANO

Lida no Macambira da 406 Sul, em 17-12-91.

Meus amigos

Nesta reunião de fim de ano, em que confraternizamos de modo mais plenário —pois de confraternização é o clima em todas as nossas reuniões, mesmo as temperadas por alguma discussão mais ao molho de pimenta—, homenageamos o companheiro Alan Viggiano. O pretexto imediato é a sua ida —não definitiva, ainda bem— para plagas do Sul; mas podíamos prescindir de pretexto: escritor de grande talento, operoso presidente de nossa ANE, Alan, esse “trapista leigo”, como o chamava, lapidarmente (furto a lembrança e o advérbio a Esmerino Magalhães Júnior), o nosso saudoso Luiz Beltrão, Alan é, acima de tudo, amigo querido de todos nós.

Antes de recordar os consabidos méritos do escritor, desejo trazer à baila uma particularidade que tem, desde o início, marcado o nosso relacionamento, e que me é razão de vaidade: pessoas as mais diversas, independentemente umas das outras, cometem —algumas com insistência— o singular equívoco de me chamar de Alan... E me envaideço por ficar imaginando que a confusão se deve, com certeza, ao fato evidentiíssimo de nossa notável semelhança física, em traços, altura, compleição e galanteria...

Mas, fora de brincadeira, continuo tendo razões para me envaidecer: é que, no mínimo, essas pessoas amigas vislumbram em mim alguma qualidade alânica; e, sendo-lhe as qualidades todas positivas... *mille grazie!*

Meus primeiros contactos com Alan Viggiano têm por referência literária a sua obra de estréia, o romance *Amanhece*. (A primeira edição é de 1966. Um brinde a estas bodas de prata.) Além das afinidades pessoais que nos aproximaram e nos tornaram amigos constantes, admirei desde o primeiro momento o romancista, pelas virtudes de pensamento e estilo que brilham intensamente nas maduras primícias daquelas páginas.

Do romance, Alan passaria em 1974 ao ensaio, com outro livro memorável, o *Itinerário de Riobaldo Tatarana*, que se tornou, de pronto, importante peça de referência para os estudiosos do *Grande Sertão*. O

enfoque da obra-prima rosiana seria retomado, treze anos depois, com *Diadorim-Deodorina: Hermes versus Afrodite em Grande Sertão: Veredas*.

A terceira obra de Alan seria de humorismo: o *Manual do Lobo*, de 1976, mesmo ano de publicação dos contos de *O Exilado*.

Dos nove trabalhos que integram *O Exilado* diz Amoroso Lima, em parecer que lhe atribuiu o Prêmio Afonso Arinos, da Academia Brasileira de Letras, em 1973, serem portadores de “algo de realmente novo, nos temas e no estilo, sempre muito pessoal e que revela um escritor de marca”. Retomando o que disse acerca desses contos — mineiros, universais, de ficção científica—, repito que vejo em Alan Viggiano um dos traços mais significativos do caráter mineiro: “essa capacidade de transitar livremente entre o velho e o novo, de conciliar, sem trauma, o passado e o futuro”; consequência de “estar Minas entre o Norte e o Sul, entre o litoral e o Planalto, reunindo características de várias regiões, enraizada num passado rigorosamente *colonial* e, contudo, assentada entre os elementos básicos desta futura potência agroindustrial”.

Permitam que, a propósito desse livro, eu me transcreva um pouco mais:

“‘Beco do Corta Pau’ mostra o porquê da identificação entre o Autor e Guimarães Rosa. Não se trata de mera simpatia literária, porém mais: afinidade resultante da vinculação deste e daquele a áreas de populações muito semelhantes, ambas isoladas então dos grandes focos civilizatórios, atreladas a costumes idênticos e mergulhadas no mesmo processo de estilização — dialetização, se quiserem— da língua comum (síntese destas outras contradições — a estratificação do arcaico e a deturpação sistemática).”

“Alan Viggiano, nos contos de *O Exilado*, funde crônica e poesia, romance e memória, sem todavia desfigurar o gênero; antes enriquecendo-o.”

Em 1979, publicaria os *Estudos de Comunicação Moderna*, artigos; dois anos depois, o segundo romance, *O Século do Sonho*, já com o selo de André Quicé Editor, por ele criado; com a mesma chancela, no ano seguinte, os ensaios de *Mitavaí Arandu, Herói de Muito Caráter*.

Quando pensávamos ter ele exposto a lume todas as veredas de seu múltiplo talento literário, ressurge a nossos olhos aquele menino de Inhapim, pouco mais de treze anos, que, de alma lavada e pura, levava para a cidade maior, como bagagem, sonhos “e um livrinho de poemas de dezesseis páginas, que ele mesmo imprimira na tipografia onde tivera seu primeiro emprego”, conforme auto-retrato em *Atualidade de Eduardo Prado*, discurso de posse na Academia Brasiliense de Letras, em 1979. E dá-nos os poemas de *Uma Canção das Estradas*, para os quais lhe fez um amigo de infância, Zivaldo, tão bela apresentação, evocando aquele

menino e seu primeiro livrinho, que não pude deixar de reproduzir-lhe algumas palavras, em comentário que escrevi sobre a re-estréia poética de 1984. Nem quero deixar, agora, de novamente evocá-las. Diz-nos Ziraldo de como, em sua cidadezinha natal, escreveu o meninote “seus primeiros poemas, compôs em tipos móveis cada uma de suas palavras, armou a chapa, apertou-a na bolandeira, levou-a à impressora, puxou repetidas vezes sua alavanca e imprimiu seu primeiro livro: um livro toscamente dobrado e tortamente grampeado”; e confessa: “Um pequeno livro que encheu minha infância de luz”, para em seguida acrescentar estas palavras que tão bem traçam o perfil do homem como o do poeta: “Outro dia ele chega em minha casa e, silenciosamente —como sempre—, coloca na minha frente um caderno de espiral. Eu o abro e reencontro sua poesia, sua silenciosa e meditada poesia, seu poema exato.”

Não lhe mencionarei, por demasiado, todos os prêmios recebidos, nem as conferências e colaborações diversas em jornais e revistas; quero apenas referir-me, ainda, à recente publicação de *Uma Aventura Lingüística*, Prêmio Francisco Alves, da Academia Brasileira de Letras, bem como ao romance inédito *O Estigma de Cam*¹ (também laureado por aquela Casa, com o Prêmio Coelho Neto), cujos originais, em pelo menos duas versões, tive o privilégio de ler, e para o qual vaticino excelente repercussão.

Sobre a literatura de Alan Viggiano têm-se manifestado —e nomeio-os para lembrar a extensão de sua fortuna crítica— inúmeros escritores, além dos mencionados, entre eles o nosso inesquecível Almeida Fischer, mais Annelise Cabral, Dercir Pedro de Oliveira, Fernando Correia Dias, Fritz Teixeira de Salles, Ivana Versiani, José Hildebrando Dacanal, Maria Cristina Bahia, Paulo Rónai, Cristina Tsernotopulos, Edisio Gomes de Matos, José Hélder de Souza, Vivian Willer, Wladimir Carvalho, Danilo Gomes, José Jézer de Oliveira, Luiz Felipe Ribeiro, Artur José Poerner, Eliane Cotrim, Ézio Pires, Guimarães Lima, José César Borba, Dirceu Cardoso.

Falei do amigo, falei do escritor; não posso deixar de falar, ainda que brevemente, do homem de ação, a cujo trabalho devemos, em grande parte, a criação do sindicato de escritores local, a cujos esforços e dedicação devemos, sobretudo, a concretização de antigo sonho, a sede própria de nossa ANE – Associação Nacional de Escritores.

Peroro (se me permitem...), com ajuda de Luiz Beltrão:

“Introspectivo, sério, parco em palavras”, diz, no discurso com que o recebe na Academia Brasiliense de Letras, “o próprio Alan se proclama cidadão de um mundo calado, quem sabe se não resultante das muitas vozes que o formam e o cercam no dia-a-dia.”

Dir-se-ia um *silenzio cantatore*, recordando canção italiana (de Lama e Bovio)...

“Essa cidadania do silêncio ele próprio a tipifica na figura do homem da Mata de Minas”, acrescenta Beltrão, reproduzindo trecho de *Amanhece*: “caladão, meandroso, sensível e traiçoeiro” (esta qualidade negativa —o parêntese é meu— ficou faltando em Alan...); “porém generoso e hospitaleiro. É, a um tempo, intimamente arrogante e ingênuo de aparência. Mas um analista por atavismo. Em vez de discutir, ouve. E só age quando provocado. Se você deseja fazer um elogio ao homem da Mata, não o faça, considere-o feito. E não durma no assunto.”

Assim advertido, não me derramarei. E cedo o ponto final ao autor, também ele romancista, de *A Serpente no Atalho*, que, citando ainda *Amanhece*, diz, com grande felicidade:

“O mundo e a vida reais em que, silente, Alan se encontra imerso fornecem-lhe as matérias-primas para as mutações de sua pena. Esta se faz então o nobre instrumento de trabalho — é Kon-i-noor, a pedra-mãe, o infinito diamante, estrela e menino, que viaja nas asas da imaginação para preparar a humanidade para a boda com o futuro.”

1. Publicado pela André Quicé, em 2000, sob o título *Lisábria de Jesus*.

UM POETA EM TEMPO INTEGRAL

Discurso de recepção na Academia de Letras do Brasil,
em 11 de maio de 1993.

No crepúsculo da primeira década de Brasília, um jovem poeta mineiro, nascido em Caratinga a 17 de setembro de 1947, recém-vindo da antiga Capital no verdor dos seus 22 anos, inédito, inexperiente, com o meio crédito de um curso de Letras iniciado em Belo Horizonte e não concluído, mas tendo já na bagagem espiritual (em cujas etiquetas —ai de nós!— costumam preponderar os nomes gravados com o estilete da Dor) o pacote de algumas perdas significativas, entre elas a de amigos tragados pelas trevas que então nos submetiam, passou por uma experiência que é pertinente recordar nesta hora. Sucedeu-lhe travar conhecimento, numa banca de jornais, com um professor da Universidade, poeta e crítico literário de nomeada. Cassiano Nunes era como se chamava esse escritor. O jovem, que escrevia versos desde os 13 anos, e os guardava de cor, resolveu apresentar-se como tal ao ilustre colega, e disse-lhe, com bela e empostada voz, alguns de seus poemas. Para seu espanto e decepção —é ele mesmo quem escolhe as palavras, recordando o episódio—, o Professor Cassiano, longe de se render ao encanto de seu estro e à força de sua retórica, simplesmente o aconselhou a deitar fora a versalhada, argila não redimida pelo bafejo divino da Poesia...

Reconheço algum traço de caricatura nas últimas palavras, estas escolhidas por mim. Afinal, também eu preciso cuidar de minha retórica... Mas fato é que o veredicto cassiânico foi condenatório. Uma palavra amena talvez tivesse posto a perder o incipiente poeta. A palavra exata, ainda que dura, de Mestre Cassiano o expôs ao choque do auto-reconhecimento e funcionou como um repto, como um desafio que João Carlos Taveira aceitou — e que venceu, bem o demonstra a solenidade desta noite.

Arrostando o risco de chover no molhado, explícito o conseqüência primeiro do que acabo de relatar: Mais vale um reparo honesto do que um fingido louvor. O que, no fundo, equivale a este outro corolário: Necessária que seja a inspiração, é indispensável a transpiração.

(Neste ponto, peço licença aos que me ouvem para uma digressão de caráter pessoal. Eu também tive o meu contestador leal e oportuno. Em 1954 —já lá se vão trinta e oito anos, *hélas!*— mandei para

o concurso permanente de contos da revista *A Cigarra* um poema assim mesmo:

Hei de morrer cantando um verso, Porque a vida
não é mais que uma grande e eterna sinfonia,
trágica às vezes, cômica, dorida...
em que às vezes desponta um laivo de alegria.

Poema que terminava deste jeito:

Vivo a cantar, mesmo em silêncio! E quando
chegar o fim, cantando, na surdina
trêmula e transitória de meu verso,
hei de morrer. Hei de morrer cantando,
numa interior orquestração divina
da Sinfonia Eterna do Universo!

Com exclamações e tudo...

A crítica foi implacável: "Sinfonia" —verberava— "é um poema fraco, fraquíssimo mesmo com lugares-comuns e expressões de mau gosto Evite a ênfase."

Só muitos anos mais tarde, em Brasília, vim a saber quem era o *corregedor*, já então meu amigo: o poeta Alberto da Costa e Silva. Não sei se consegui evitar, mas pelo menos maneirei a ênfase oratória...

Mas vejam que, meandricamente, consegui me meter no discurso de que deveria ser só sujeito, nunca objeto... Voltemos à conveniência acadêmica.)

Espicaçado pela reprovação do mestre, nosso aedo compreendeu que precisava canalizar a intuição em formas tecnicamente corretas, e decidiu estudar sua arte, não em livros de teoria, mas através da leitura aplicada de poetas como Castro Alves, Cecília, Bandeira, Drummond, Pessoa, Eliot, que passaram a disputar espaço com suas paixões mais antigas, os prosadores Kafka e Sartre. Sua dedicação foi frutuosa: progrediu, e sua renovada poesia mereceu o aval de Hugo Áuler e José Hélder de Souza, responsáveis pelo Caderno Cultural do *Correio Braziliense*, onde alguns de seus poemas foram divulgados; para coroamento de sua vitória, já com a entusiástica aprovação de Mestre Cassiano.

Por essa época, a vida profissional e a vida sentimental de Taveira também se definiam. Ele, que viera para Brasília a conselho de Edson Motta, então presidente da Escola de Belas Artes do Rio de Janeiro, aqui recebeu apoio de Oton Motta, irmão daquele professor, e amigo de sua família desde Caratinga. Em 1970 ingressou nos Correios e Telégrafos, e dois anos mais tarde, na VASP, como operador de telecomunicações. Nesses empregos ficou até 1984, quando resolveu "dedicar-se à literatura e trabalhar com livros". Sem graduação superior, afirma que seus conhecimentos literários e sua vivência poética são o fruto de constante e fiel amor aos livros. Considera-se "autodidata e um

eterno aprendiz da poesia", à qual — não hesita em proclamá-lo, sabendo que nos mata de inveja— dedica tempo integral.

Assim como para a generalidade dos homens, casar deve ser bom também para os poetas, apesar de certas opiniões e de alguns exemplos em contrário. João Carlos fez a primeira experiência em 1973. Não se desiluiu da instituição, tanto que se casou cinco vezes — e sua poesia não tem feito senão superar-se. O primeiro matrimônio deu-lhe três filhas: Carla, Luciana e Mariana; o terceiro, Daniel; e o quarto, Carlos Eduardo. É sua esposa, desde 1986, a poetisa, contista e musicista Aglaia Souza, que representa para ele, conforme gosta de apregoar, um presente dos céus e uma razão de viver.

Voltemos, entretanto, à poesia dos poemas, que é a que está na raiz da cerimônia festiva desta noite. Doze ou treze anos depois do resgate poético há pouco referido, João Carlos Taveira publica o primeiro livro, e quem o apresenta é o poeta de *Jornada Lírica*.

Cassiano Nunes aponta em *O Prisioneiro* o caráter subjetivo, a tendência para a reflexão ("lírico pensativo" é como classifica o poeta), a transparência, em contraste com a exuberância de cores da poesia nordestina do modernismo. É uma poesia, comenta ainda, bastante representativa da mineiridade, se bem que pouco dada "à ironia ou malícia". E vaticina:

Em suma, eis a expressão do poeta jovem que Taveira quis que precedesse a futura publicação dos seus versos de maturidade, isto é, de homem, que se acha ente os trinta e os quarenta anos. Esse próximo volume deve dar o testemunho de uma evolução segura de um jovem que se deu conta das dificuldades do ofício poético. Já dizia Shakespeare: "Ripeness is all..." A maturidade é tudo, sim, velho bardo. A alvorada tem os seus arrebatadores êxtases de luz e cor, mas a beleza serena — que é fruto da vivência plena, que é pura sabedoria— pertence só à maturidade. Aí o poeta não é mais um prisioneiro. Descobriu, como os pássaros, os roteiros da Liberdade.

Taveira, com certeza, meditou longamente essas palavras. Parece, mesmo, ter-se inspirado nelas para abraçar os três primeiros livros na denominação geral de "Trilogia da Libertação".

Nota-lhe o "aprimoramento da dicção poética" Milton de Godoy Campos, em comentário a seus três últimos livros, exatamente intitulado "Trajetória em Ascensão", publicado no n.º 16 da *Revista de Poesia e Crítica*. E, com efeito, sua ascensão poética tem sido constante, cada obra um progresso em relação à anterior. *Na Concha das Palavras Azuis* é um salto para a frente, comparativamente a *O Prisioneiro*. Sobrelevam-se, em seu contexto, algumas composições: "Elemental", um sonetinho de tom neo-simbolista, musical e hermético, que antecipa, já em excelente nível de realização, uma das melhores sendas trilhadas pelo poeta; "Nova República", boa crítica de nosso comportamento político; "Poema de Aniversário n.º 3"; "Poema do Amor Sensato", bom uso do

coloquial e do humor à Carlos Drummond de Andrade; "À Maneira de Vinicius"; "Rosário"; "Poema do Amor Proibido".

Outro poeta, Salomão Sousa, prefaciando esse livro editado pela Thesaurus em 1987, acha que ele testemunha "o instante mágico em que as palavras levantam vôo". E adiante, comentando-lhe "o sentido de maturidade", frisa que, "numa época em que tantos confundem densidade e lucidez com ausência de significado, Taveira comete a façanha de conseguir transparência sem deixar de ser denso".

Canto Só, que encerra a "Trilogia da Libertação", assinala de modo inequívoco a maturidade do autor, de sorte que o também poeta Ronald Figueiredo, de saudosa memória, pode, no prefácio, sem exagero, declará-lo "poeta exponencial da geração dos anos 80". E não só pelo domínio instrumental alcançado, mas igualmente pelo paralelo crescimento humano. Diz Ronald Figueiredo que Taveira "chega, em *Canto Só*, ao ponto máximo de sua solidão *solitária*", e prevê "o advento de uma nova etapa para o Poeta e sua Poesia, a da solidão *solidária*". (Termos quase coincidentes usei no comentário "Entre o Só e o Solidário", para as abas, com a diferença que, para mim, o *solidário* já era vislumbrável em alguns poemas do livro.)

Aceitação do Branco é a culminação dessa "escalada sem recuos", em alto patamar enquanto ritmo e enquanto imagem, conjugando uma certa música neo-romântico-simbolista à contenção preconizada pelos modernos, declinando o tríplice mistério do cosmo, do íntimo e da linguagem, afirmando-se, enfim (permitam-me repetir palavras de meu prefácio), como "uma poesia que não hesita em fitar nos olhos a morte, porque é plenamente repassada de vida".

A música e o ritmo dessa poesia são assim apreciados no posfácio ("O Condenado ao Sonho") de Esmerino Magalhães Jr.:

.... quanto à musicalidade dos versos de Taveira, que é também um dos melhores declamadores da cidade, nosso amigo comum Carlos Alberto Abel (que acaba de publicar o romance *O Homem do Estado-Maior*), com a autoridade que lhe conferem os muitos anos de docência literária e os invejáveis títulos, já publicou artigo específico sobre o ritmo do poeta. E eu, compositor bissexto e torturado, que jamais fui de fazer música instantânea, registro o seguinte fato: Em memorável noite no Macambira da 406 Sul, onde, além das cordas do pessoal do Clube do Choro e do colóquio intelectual e amigo dos companheiros da ANE, acontecem às vezes coisas extraordinárias, como ouvirmos Baden Powell, de graça, improvisando até o amanhecer (à noite, tocaria sonolento no Teatro Nacional), numa dessas noites Taveira passou-me o texto do seu "Soneto de Arrependimento", burilado em sonoridades e perfeitos versos de nove sílabas. Imergi no poema e o li, em ritmado silêncio. Em seguida, reli-o, em tom audível, já com a música escoando dos lábios, espontânea, como se já a tivesse pronta na cabeça, enquanto Aglaia Souza, providencialmente, transformava um guardanapo de papel em pentagrama e registrava a melodia, protegendo-a de minha traiçoeira memória.

Ainda a propósito de musicalidade, cabe lembrar o título do próximo livro de Taveira: *A Flauta em Construção*; e vale consignar que Heitor Martins escreveu importante artigo, até agora inédito, sobre a recitabilidade da sua poesia, no qual, com todo o cabimento, faz incisivas reflexões acerca de uma certa retórica e de uma certa ênfase que não podem, sem perda, ser banidas do território do poema.

Antonio Carlos Osorio, concluindo as judiciosas observações estampadas, sob o título "O Exercício da Catarse", nas orelhas de *Na Concha das Palavras Azuis*, coloca em realce a "rica sensibilidade" e a "meditação séria sobre o fenômeno poético" que o fazem prever ainda mais venha Taveira a "oferecer à nossa poesia". Essa "meditação séria" a que se refere o poeta de *Arsenal da Vigília*, *Rebanho de Ventos* e *O Desafio do Branco* é, na verdade, um dos tópicos mais visíveis da temática taveiriana. O primeiro poema de seu livro de estréia é "Poética", em cuja esteira seguem vários outros, ocorrendo-me "Pedido", "Canção", "Profissão" e "Comutação". O segundo livro começa com uma "Poética n.º 2", secundada por "O Apelo de um Poeta" e "Milagre n.º 2". O terceiro abre com "Poética n.º 3"; "Transparência", "Vaidade n.º 2", "Improviso", "Retrato de Corpo Inteiro", "Questão de Princípios", "Canção da Praia", "Frustração", entre outros, também aludem à poesia, ao verso, à arte poética. Quanto a *Aceitação do Branco*, registro no prefácio que encontramos "a especulação sobre a linguagem do poema, ... difusa ou concentradamente, em todo este livro, desde o título e a estrutura até composições específicas como 'Nova Poética'."

A fascinação pelo branco do papel, que se desdobrará nesse quarto livro, e lhe dará o título, prenuncia-se já no poema "Pedido", de *O Prisioneiro* —

Não risque
a folha,
nem suje o branco.

— e em "Transparência", de *Canto Só*:

Estranho, meu verso
se descabela, uiva
bate, se debate
feito cão raivoso
pelas ruas (rugas)
do papel sem face
que se submete inteiramente
branco
a tanto desenlace.

O poeta Omar Brasil, responsável pelas abas de *Aceitação do Branco*, aplicando a Taveira um pensamento de Juan Ramón Jiménez, diz que ele está, nesse livro, "aprendendo a 'chegar' a não escrever poesia". Para aclarar o paradoxo, retranscrevemos de Omar as palavras do criador de *Platero*, que deveriam figurar num livro a intitular-se *Poesía no Escrita*:

Escrever poesia é aprender a "chegar" a não escrevê-la, a ser, após a escritura, poeta antes da escritura, poema no poeta, poeta verdadeiro em imanência consciente. Que beleza harmoniosa e pacífica esse livro em branco, em branco voluntário, respeitado branco final, com silêncio e morte e transfiguração.

As observações harmônicas de Antonio Carlos Osorio e de Omar Brasil fortalecem uma convicção minha, a de que João Carlos Taveira é daqueles para quem a Poesia, longe de se esgotar ou concluir no poema enquanto produto feito e acabado, exteriorizável, descartável da personalidade, deve ser entendida como um verdadeiro e permanente exercício espagírico, por meio do qual e através do qual o poeta se construa a si mesmo, o poeta se torne o poema.

Além dos autores até aqui mencionados, outros têm-se manifestado, em letra de imprensa, a respeito da poesia de João Carlos Taveira. Assim se expressa Maria de Jesus Evangelista ("A Poética Hoje", *Travessia — Revista de Literatura Brasileira*, da Universidade Federal de Santa Catarina, 1.º semestre de 1986):

Há entre os "novíssimos poetas" aqueles que se jubilam com a liberdade acima de qualquer *poietiké techné*, como o "pássaro" João Carlos Taveira, reelaborando a tradição, que se presta aos seus vôos mais altos em forma de uma arte poética em que a beleza é o objetivo maior, mesmo quando a serviço de uma ideologia.

Da Argentina, no jornal *Pregón*, a "Revista de Libros Brasileños", coluna assinada por Perpétua Flôres:

Lo primero que sorprende es la suave sencillez de un estilo que no busca hermetismos ni complicadas elaboraciones metafísicas: la filosofía del poeta se desprende de la vida misma con toda la emoción de quien, al sentir en profundidad cada instante, cada circunstancia vivida, le bastan, para expresarla líricamente, las palabras corrientes y las estrofas breves, sintéticas, como respondiendo a la sabia opinión de su prologuista Cassiano Nunes al decir en el Prefacio del bello y sustancioso volumen: *Libros de poesía debían ser antologías de antologías. Delgados. Tenues. Minúsculos frascos del más embriagador perfume...*

Branca Bakaj dedica-lhe dois artigos no *BsB Letras* (fundado por Almeida Fischer e, após a morte desse querido amigo, editado por Taveira). Em "Um Solitário Solidário" (28-10-90), assinala que o *Canto Só* "mantém o tom confessional e o de questionamento poético já notados no primeiro livro, mas denunciando agora maior amadurecimento, na busca de um mergulho mais profundo no fazer literário", e em "Aceitação do Branco" (19-4-92) analisa o leque temático do Autor, salientando o mais acabado sazonal da obra em relação às anteriores.

O poeta Solimar de Oliveira, há pouco falecido, também lhe dedica dois comentários, no mesmo suplemento: "João Carlos Taveira Poeta Modernista", em 3-2-90, e "No Reino das Palavras", em 3-2-91. Do primeiro extraímos o seguinte trecho:

O livro reúne nada menos que cinquenta e oito poemas, de simplicidade encantadora e ternura lírica, que fluem até mesmo da solidão e

angústia do autor quando analisa sua imagem interior não raro refletida com sensibilidade a que não está muito afeita a nova geração neste quartel de século conflitante, até de desesperanças. E é um introspectivo. Sua tônica é mesmo a introspecção. Revelando, na maioria de suas produções, em *O Prisioneiro*, a mais forte tendência para o subjetivismo, Taveira não deixa também de demonstrar o sentido nostálgico, como bom mineiro que é, quando recorda a paisagem da terra natal, em plena fase do pós-modernismo, através de linguagem leve, mansa, comunicativa, lírica acima de tudo e despida de supérfluos atavios.

Rui Gonçalves Doca, em "Na Confluência dos Meus Braços" (*BsB Letras*, 24-2-91), sublinha "o mergulho na busca de si mesmo, a dicotomia do carnal e do espiritual, debatendo-se na 'confluência' destes extremos: o sentimental, o passional, o místico ou intuitivo em oposição ao humanamente lógico, racional, dedutivo".

De Carlos Alberto dos Santos Abel é o "Flashback", um Poema de João Carlos Taveira" (*BsB Letras*, 10-3-91), já citado por intermédio de Esmerino Magalhães Jr.

Maurício Melo Júnior, em nota no *Correio Braziliense* de 10-12-91, ajuíza que o autor de *Aceitação do Branco*, "agora, domando melhor seu estilo, dá originalidade e até personalidade própria aos seus trabalhos".

Jacinto Guerra ("Um Poeta a Construir Navios", *BsB Letras*, 23-2-92) não se limita à poesia (de que, entretanto, faz o elogio), registrando também qualidades pessoais do Poeta, "um provinciano que tem a coragem e a ousadia de se dedicar inteiramente à literatura — um D. Quixote cheio de idealismo, de presença e de participação".

O poeta, ensaísta e narrador Antonio Roberval Miketen, no artigo inédito "Um Pássaro em Pânico", lindeiramente, formula que "o belo *Aceitação do Branco* ... encerra um ciclo de procura, de vivências, lirismo vivencial de exercícios e de dor, de uma alma que encontrou o empoço poético do próprio tom"; e vislumbra no anunciado *A Flauta em Construção* "um poeta apolíneo, contido, capaz de estabelecer o equilíbrio entre a estrutura de superfície e a estrutura profunda da linguagem poética".

Não quero terminar este discurso, em que tanto se fala da poesia de João Carlos Taveira, sem trazer a estas páginas e ao espaço deste recinto a presença vibrante dela mesma. Escolho, para tanto, uma composição marcada pelas origens do poeta e com cuja leitura homenagem também a sua querida genitora, D. Emília, vinda de Minas especialmente para completar a alegria deste momento:

EXILADO

A Fábio Lucas

I

*Vim dos caminhos
de Minas
para o mundo.
Vim, do susto
e da vertigem,
desfazer abismos.*

*Vim, e aqui estou,
com meus arreios,
buscando halo
e cavalo
para o itinerário.*

*Trago, nas mãos,
calos e fuligens,
e, no peito,
um mapa
inconcluso.*

II

*Deixei os vales,
as colinas
de Minas
pelo asfalto
destas ruas,
pelo acrílico
destas janelas.*

*Deixei-me, menino,
perdido nos rubis
dos cafezais.
Deixei-me no homem
que me divide
e me acompanha.*

III

*Lembro da infância,
das cabras,
improvisadas
montarias.*

*Meu norte
se divisa
na tessitura
de uma nuvem.*

*Lembro. Lembro
das estâncias,
rútilas paragens
de bois e vento.*

*Na tarde sempiterna,
entre automóveis,
ainda de lembrança
me argamasso.*

Concluo, dirigindo-me ao confrade e amigo João Carlos Taveira, que toma posse, na Academia de Letras do Brasil, como seu primeiro ocupante, da Cadeira de Mauro Mota, grande poeta de sua e minha afeição:

—Bem-vindo, Poeta, a esta Casa fundada pelo espírito irrequieto e generoso de Almeida Fischer.

ELOGIO ACADÊMICO DE FLÁVIO RENÉ KOTHE

Discurso de recepção na Academia de Letras do Brasil,
em 20 de novembro de 1997.

Conheço Flávio Kothe há mais de vinte anos, desde sua primeira estada em Brasília. Só há pouco, entretanto, fui visitá-lo em sua residência. Um breve relato dessa visita me parece útil à compreensão da figura do homem e do intelectual que ora recebemos nesta Casa de Almeida Fischer, a Academia de Letras do Brasil.

Era uma tarde não tão quente quanto as deste escaldante novembro. Mal toquei a campainha, veio receber-me uma linda e sorridente jovem, Mila. Mergulhando o olhar pela porta, aberta no canto do apartamento à minha direita, divisei, em frente, os móveis convencionais de salas de visita, dominados por uma estante colocada junto à parede próxima. Imediatamente à esquerda, bem junto à entrada, um belo Fritz Dobler, que soube ser exemplar fora de série e destinar-se ao estudo de Mila e seu irmão, o também jovem e simpático Iúri, que não tardaria a vir cumprimentar-me. Perto do piano, outra estante de livros. Ocupando estrategicamente os espaços disponíveis, quadros em profusão. Estante e quadros que, a bem da verdade, só vi depois: meu primeiro olhar em profundidade à esquerda foi magneticamente atraído por outro piano, grande, negro e caudado, um imponente Steinway. Guardo a impressão de que ocupava pelo menos um terço do aposento, que, em todo caso, dominava com seu porte e um certo quê de misterioso e solene. Sobre ele, atestando-lhe o uso e afastando qualquer eventual idéia de ostentação, partituras de Beethoven, Schubert, Schumann, Chopin. A essa altura, já estava comigo o dono da casa, que, trocados os cumprimentos amistosos, não apenas me dava explicações sobre essa majestosa presença como ainda, ilustrando-as, lhe extraía uns acordes para mostrar-me a sua qualidade sonora, em termos de brilho, intensidade e duração, relativamente ao instrumento menor. Eu, que sinto no mais íntimo de mim o cósmico apelo da música, todavia carregando nos ombros a frustração de não saber música, escutei respeitosamente a voz de um e de outro instrumento, dando graças aos artífices que os fabricam, aos artistas que os tocam e aos semideuses que para eles compõem...

Kothe levou-me a ver toda a casa. No átrio (será que me expressei bem? o hábito de empregar palavras inglesas, como *hall*, nos

conduz inexoravelmente ao esquecimento e, pois —ao contrário do que pensam alguns—, ao empobrecimento do vernáculo), no átrio e nos quartos, aproveitando os espaços aproveitáveis, mais estantes; e, nas paredes, quadros e mais quadros.

Depois, refestelados na sala, ao som de boa música e acompanhamento de pão de queijo e refrescos, conversamos longamente, já entre nós Mercedes (professora, como Flávio). E então, tendo-o adrede acicatado, ouvi, do amigo, longo e animado relato de suas vicissitudes de teuto-brasileiro, de intelectual e professor neste país que ainda não acabamos de construir, mas em cuja vitalidade e em cuja viabilidade acreditamos como acreditamos em nossas próprias potencialidades.

O porquê desta memória? Fico feliz em dizê-lo: esboçar o retrato de uma família brasileira de classe média, de raízes europeias menos remotas que as da maioria, em cujo lar se observa uma concentração da melhor parte dos recursos no que chamamos de cultura, sem afetação, com naturalidade, exemplo do tipo de mentalidade que há de fazer desta pátria a nação capaz de crescer, com um passo adiante (um passo, no meu entender, de significado antes ético-social do que de outra natureza), o legado do Velho Mundo.

Mas não devo enveredar, agora, pelos meandros de meu próprio pensamento utópico... Voltemos à pessoa de meu amigo Flávio Kothe. A lembrança mais remota que tenho dele vem dos começos de 1975, do IX Encontro Nacional de Escritores (ah! encontros de saudosíssimas recordações!), quando integrei a comissão julgadora do concurso de poesia e ele a de ensaio e memória. O Prêmio Brasília de Literatura, conferido pelo voto de todas as comissões (as nossas mais as de ficção e de literatura infanto-juvenil), foi atribuído a Carlos Drummond de Andrade, depois de muita discussão, já que o Poeta, por seus conhecidos antecedentes, possivelmente não o aceitaria. Venceu o argumento de que nos cabia tão-só indicar o premiável, sem considerações de natureza extraliterária. Assim se homenageou, devidamente, o grande itabirano. Que, afinal, declinou mesmo da honraria, alegando razões de foro íntimo.

Creio que, neste passo, alguns dados biobibliográficos têm perfeito cabimento. Flávio René Kothe, literariamente Flávio R. Kothe, descendente de imigrantes alemães, nasceu na cidade gaúcha de Santa Cruz do Sul, no dia 20 de novembro de 1946. (Há precisamente 51 anos.) Escorpião do penúltimo dia do último decanato, deveria ter abrandadas as características do signo (ele, materialista dialético, intelectual orgulhoso de racionalista e lúcido, que me perdoe o desvio pelas veredas da superstição astrológica...). Tal não acontece. (Paradoxal que pareça, eu, que sou de 17, é que talvez o aparente...) Flávio René Kothe é um autêntico escorpião: temperamento forte, aguerrido, ele decerto compreende o verso de autodefinição de Drummond, esse escorpiano-mor — “o poeta é um ressentido, e o mais são nuvens”. Mas deixemos de lado

as brabezas atribuídas ao signo. Kothe, homem superior que é, sabe canalizar sua tremenda energia para o mundo superior das idéias.

Idéias lhe valeram percalços na época da ditadura militar. Em compensação, idéias levaram-no a formar-se em Letras (Português e Inglês: Língua e Literaturas), a estudar Direito, Ciências Políticas, a pós-graduar-se e pós-doutorar-se em Teoria Literária e Literatura Comparada, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, na Universidade de São Paulo, na Yale University, nas Universidades de Constança, Bonn, Berlim, Heidelberg e Frankfurt; idéias o levaram a lecionar em São Paulo, Piracicaba, Campinas, Belo Horizonte, Goiânia, Rostock, Porto Alegre, Brasília; idéias —resumindo, para não gastar o tempo que me resta com a só leitura de seu currículo— o fizeram publicar, até agora, vinte e cinco livros e centenas de artigos, divididos entre o ensaio, a poesia e traduções de obras desses gêneros e de ficção.

Em 1969, toda a equipe de Teoria Literária, em Porto Alegre, foi cassada pelo AI-5. Kothe, que tinha a expectativa de integrá-la, sofreu, pois, duplamente com o golpe. Pouco mais tarde, em Berlim, entre 1972 e 1974, por razões que também se podem dizer políticas, de política acadêmica, foi desfeito o grupo de Teoria Literária (que gente mais subversiva!...), com prejuízo para sua bolsa. Se, contudo, perturbaram a sua caminhada problemas como esses, decorrentes da dificuldade que sente o ser humano em conviver com o semelhante, tem Flávio Kothe a alegria de recordar pessoas que, no Brasil e no exterior, contribuíram generosamente para o seu aperfeiçoamento. São nomes como, entre tantos outros: em Porto Alegre, Angelo Ricci, Celso Pedro Luft, Gerd Bornheim, Guilhermino César, Leônidas Xausa; em São Paulo, Antonio Candido, Paulo Emílio Salles Gomes; em Yale, Fredric Jameson, Paul de Man, Peter Demetz; em Berlim, Lämmert, Mattenklott, Peter Szondi, Samuel Weber; em Constança, Hans Robert Jauss, Wolfgang Iser; em Heidelberg, Hans Georg Gadamer; em Bonn, Beda Allemann.

Em seu acervo avultam os livros de ensaio: *Para Ler Benjamin* (Francisco Alves, Rio de Janeiro, 1976), *Benjamin e Adorno: Confrontos* (Ática, São Paulo, 1978), *Literatura e Sistemas Intersemióticos* (Cortez, S. Paulo, 1981), *O Herói e A Alegoria* (Ática, 1985), *Hermetismo e Hermenêutica* (seleção, prefácio, tradução e interpretação de poemas de Paul Celan; Tempo Brasileiro, Rio, 1985), *O Concretismo Brasileiro* (Apuntes, Rostock, 1991), *A Narrativa Trivial* (UnB, 1994), *O Cânone Colonial* (UnB, 1997). Exerceu ele, por essa atividade como pela de tradutor, papel de proa na divulgação e na análise, em nosso país, da chamada Escola de Frankfurt, com ênfase na obra de Walter Benjamin.

Ainda que não me falecesse competência para tanto, não seria este o momento para o exame aprofundado, qual o merece o Autor, de sua obra ensaística. Assim, para uma sumária demonstração de seu virtuosismo ensaístico (se é lícito aplicar ao gênero essa expressão da terminologia musical), elejo o ensaio “Percurso do Herói”, publicado no

vol. 1, n.º 1, da revista *Letras*, do Instituto de Letras da Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Mostra-se o ensaísta capaz de profundidade sem sacrifício da elegância, capaz de versar assuntos técnicos sem fugir a vertente poética —pelo contrário, seu texto revela-se impregnado de poesia, se o é o belo literário— e de ser sério sem perder o humor. Selecciono um trecho:

O herói trágico aparece com o desenvolvimento da tragédia, que, por sua vez, se origina de uma cerimônia religiosa na qual um bode era sacrificado em favor da comunidade. O herói trágico é, originariamente, um bode expiatório, mas, ao contrário do que dizem que seja o bom cabrito, ele é um bode que berra ao ser sacrificado, ele expõe publicamente o que lhe acontece, enquanto o destino, com mãos de ferro, pendura-o de cabeça para baixo e se prepara para cortar-lhe o pescoço. Todo grande personagem é uma união de contrários (e sem grandes personagens não há grandes narrativas ou peças teatrais): ele é o alto que se mostra baixo e adquire grandeza na queda; ou ele é o baixo que se eleva e se mostra grandioso na desgraça. Não há grande obra de arte que não una os contrários. O herói trágico é um carvalho em que caem os grandes raios do destino; o herói épico é o grande pinheiro indicador dos caminhos da História; nenhum deles tem a sabedoria dos caniços. O pícaro é o caniço que se dobra aos ventos para conseguir sobreviver: nele o que pensa é o estômago, ele tem a pouca dignidade dos que nem sempre têm o que comer, mas em sua dignidade sem indignação ele procura mostrar a pouca dignidade do que pretende ser superior na sociedade.

Todo o ensaio é muito bom e de leitura agradável como uma obra de (boa) ficção. Sou tentado a transcrever também o parágrafo seguinte. Vamos lá:

A epopéia é um sistema em que o épico é dominante, mas não exclusivo nem onipresente. Nela (por exemplo, na *Ilíada*, a epopéia por excelência) podem aparecer personagens antiépicas (Térsites, as mulheres troianas derrotadas), deuses podem ser atingidos por lanças no traseiro e voltar ao Olimpo dando saltos de sete léguas, heróis podem, em corridas comemorativas, resvalar e cair em bostas de vaca, saindo a cuspir ridiculamente. São momentos em que o cômico baixo e até o grosseiro se instaura na epopéia, para desaparecer em seguida. Importante é o momento de queda ou baixa do herói: Heitor covarde, Heitor fugindo, Heitor vencido e tripudiado. Mas enquanto o herói épico cai em sua "epicidade", ele tende a crescer em sua "humanidade", nas simpatias do leitor. Em suas andanças de puro guerreiro, ele tende a se aproximar do pseudo-herói das narrativas triviais "épicas", mas ele não se esgota no enfrentar dificuldades e vencer no fim. Aquiles adquire nova dimensão quando visto a partir de sua morte prematura e de sua queixa no Hades. O que ajuda a engrandecer o herói épico é a sua dimensão trágica. O herói épico é o sonho de o homem fazer a sua própria História; o herói trágico é a verdade do destino humano; o pícaro é a filosofia da sobrevivência feita gente.

Admitindo que, em certos casos, é melhor mostrar do que dizer, destaco mais um fragmento:

Os literatos tendem a partir do pressuposto de que o livro seja bom por natureza e que um país precisa ter mais de quatrocentas livrarias para ser um país. Esse pressuposto precisa ser discutido. O livro pode servir, como a televisão, de refúgio ante a solidão decorrente da falta de

comunicação entre as pessoas. Talvez os brasileiros leiam menos também porque falam mais: e isso não é necessariamente ruim.

Pensando na perplexidade do intelectual diante do que oferece à humanidade o avanço tecnológico deste fim de século, subscrevo prazerosamente o que diz o Autor:

Quando estiver ultrapassado o puro fascínio pela tecnologia (especialmente quando mais homens puderem beneficiar-se dela), talvez haja novamente um reflorescimento da poesia.

E o fecho do excelente trabalho:

Talvez a tecnologia possa deixar de ser um fim e venha a ser um mero instrumento. Talvez possa então soar a hora para aquilo que agora não tem vez. Talvez possa aparecer como grande o que agora é diminuto, escorraçado, repellido, desapoiado. Talvez o que hoje precisa ser obscuro possa então ser claro. Talvez sonhos possam ser realidade, mas já não mais para aqueles que os sonharam. Talvez, talvez.

Mostram os trechos reproduzidos a percuciência e o ver-claro do Autor, o seu humanismo, num tempo de exaltação da máquina. Felizmente, como se percebe, não incompatíveis com a esperança.

Sendo ele mesmo brilhante ensaísta, poeta e ficcionista (três romances na gaveta; mas o público tem pelo menos uma forte amostra de sua garra de narrador em “Do Exílio Brasiliense”, incluído por Aglaia Souza no 2.º volume de *Cronistas Brasilienses*), Flávio Kothe traduz ficção, ensaio e poesia com o desembaraço de quem conhece por dentro o fazer literário, em cada gênero. Para patentear a consciência do seu trabalho de tradutor, convoco novamente o ensaísta. Em “O *Best-Seller* e o Hermético”, texto que encerra *A Narrativa Trivial*, Kothe, que traduziu *O Perfume*, de Patrick Süskind (grande êxito de livraria), e poemas de Paul Celan (Prêmio do Instituto Nacional do Livro, em 1986), examina com grande argúcia de crítico o primeiro e debruça um olhar profundo sobre o hermetismo do poeta. (O poema para isso escolhido, “Fiapossóis”, é objeto de outro importante enfoque analítico do tradutor em seu ensaio “A Práxis da Literatura”, publicado no número de dezembro de 1984 da revista *Letras*. Além disso, todos os poemas traduzidos em *Hermetismo e Hermenêutica*, subtítulo *Paul Celan – Poemas II*, são acompanhados de comentários.)

O *best-seller*, confessa Kothe tê-lo traduzido para sobreviver, em época de exclusão do ensino acadêmico. Recebeu pelo trabalho 210 dólares... Fique o registro, sem comentário.

Os outros livros por ele traduzidos são nada menos que *O Capital*, de Karl Marx (Abril Cultural, S. Paulo, 1983-85), *História*, de Marx e Engels (organizado por Florestan Fernandes; Ática, 1983), *Mudança Estrutural da Esfera Pública*, de Jürgen Habermas (Tempo Brasileiro, Rio, 1984), uma *Antologia* de Walter Benjamin e outra de Theodor W. Adorno (Ática, 1985), *O Anjo Azul*, de Heinrich Mann (Paz e Terra, S. Paulo, 1985), e *Nas Galerias*, de Franz Kafka (Liberdade, S.

Paulo, 1989). A edição de *O Perfume* é da Record (Rio, 1986) e a dos *Poemas* de Paul Celan, da Tempo Brasileiro (1977).

Além do magistério e da literatura, mas vinculados a esta e àquele, exerceu Flávio Kothe outras funções, como a de administrador-geral do Instituto Hans Staden (Arquivo da Imigração Alemã) e editor do Staden Jarbuch, de 1983 a 1985. Não teríamos como arrolar aqui todos os lances significativos de uma vida tão rica; mas não quero passar à conclusão deste discurso sem deixar registrada a importância de seu trabalho no grupo responsável pela revista *Cerrados*, do Curso de Pós-Graduação em Literatura da UnB, publicação que tem promovido a integração da cultura da Universidade com a cultura da Cidade.

Reservei para a parte final as palavras destinadas ao poeta Flávio René Kothe. “Como quem puxa a brasa para a sua sardinha” — sorrirão alguns amigos mais maliciosos. Nem tanto, penso. É que a poesia, sendo embora a irmã e prima pobre das letras e das artes, em termos editoriais, em termos econômicos, em termos práticos (ou talvez por isso mesmo), acaba sendo o mais sincero (se bem que às vezes o mais hermético) retrato do homem. E poesia — num sentido mais lato da palavra — é afinal o que motiva profundamente, subterraneamente, as atividades profissionais, a qualidade que as irriga do sangue do espírito.

Kothe publicou, no gênero: *Pássaro de Papel* (ed. do Autor, S. Paulo, 1983), *O Palhaço Empalhado* (Scortecci e Kempf, S. Paulo, 1987), *João da Ladeira e Memorial do Medo* (Rostock, 1990), *O Retorno de Hans Staden* (Rostock, 1991), *Clave Minguante* (Rostock, 1992) e a seleta *Quarteto de Rostock* (Scortecci, 1994). Assinalo também sua participação em *Caliandra: Poesia em Brasília*, editada pela André Quicé, nesta cidade, em 1995.

Em obra coletiva recente, *Nós, os Teuto-Gaúchos* (Editora da Universidade, Porto Alegre, 1996), num artigo contrapontisticamente constituído de prosa e versos, Flávio comenta a nossa falência “midial” (e editorial, ampliaria eu) quanto à literatura, particularmente quanto à poesia:

Somente os escritores que repetem aquilo que convém ao sistema é que podem dizer alguma coisa; embora somente eles apareçam como escritores, eles não têm nada a dizer que já não tenha sido aceito pelo sistema. Isto é, eles não podem dizer publicamente algo porque não têm nada a dizer. A perversão chegou ao ponto de sugerir-se que os grandes escritores são aqueles que não conseguem publicar nada. O silêncio tornou-se a lei maior da poesia: não por opção, mas por imposição. Ao invés de se ter nisso uma nova imitação da Europa, tem-se no Brasil uma imposição da ditadura militar e da sua sucessora, a ditadura midial. Questão de sobrevivência para a cultura "brasileira" própria tornou-se descobrir espaços alternativos: ela tem como um todo o destino que guardou para as suas minorias.

O texto não esgota, é claro, as razões dessa imposição de silêncio ao poeta. Nem é esse o seu objetivo último, insinuado no título

—“Teuto-Gaúchos: a Irredutível Diferença”— e retomado após o trecho citado: a exposição sentida da tragédia “dos descendentes de imigrações que sofreram a destruição sistemática de sua língua e cultura”, de que “o caso mais marcante em termos de preconceito e perseguição no Brasil é o dos alemães”, consoante o Autor; “dupla tragédia”, diz: “a da saída e a da chegada”, pois, “para os brasileiros, os teuto-brasileiros são alemães; para os alemães, eles são brasileiros”.

Essa tensão entre, de um lado, ser teuto pelo *jus sanguinis* e já de fato não o ser, e do outro ser brasileiro pelo *jus solis* (mas creio que o sangue já de há muito se temperou, se tropicalizou...) e de todo não se sentir visto como tal, vai-se desenvolvendo dialeticamente, se assim me posso expressar, na prosa de ontem e nos poemas de anteontem (extraídos de *O Retorno de Hans Staden* e *Clave Minguante*, livros “publicados na Alemanha e inéditos no Brasil”), até o *finale* que aponta para a síntese de hoje, na sua auto-afirmação gaúcha — e, digo eu, por extensão, brasílica. Transcrevo esse final (a prosa e os versos):

Uma certa pobreza gaúcha — que não é reconhecida na imagem do campeador, que carrega o mínimo em seu pingo — é idealizada como liberdade, retorno ao torrão natal, reconciliação que guarda em si a vivência e, no entanto, reafirma e firma uma certa gauchidade, diferenciada, excluída, antitética, e mesmo assim idêntica:

SONETO GAÚCHO

Deito-me no chão do pampa gaúcho
deixo o minuano soprar pelo poncho
fico olhando as nuvens da Argentina
sinto as raízes me fincando na terra.

Vejo que sangram meus dedos e peles
sangram saudades do pampa perdido
não sei mais para onde vou ou volto
vivo sem destino, perdido nas gerais.

Retiro as minhas botas e bombachas
mas minh’alma se põe toda pilchada
revoando verdes pagos da saudade.

Companheiros perdidos da querência
no meio do brejo ou no meio do mato
gaúcho nasci, gaúcho hei de morrer.

Como não podia deixar de ser, a poesia de Flávio Kothe é, porque o é o homem, altamente intelectualizada, com laivos de ironia — mas também, sem dúvida, repassada de lirismo. O que quero sublinhar, na citação que lhe faço antes de pôr ponto final nestas linhas, é exatamente esse lirismo. Citarei apenas um verso, que me lembro de ter destacado em brevíssimo registro no *Boletim da Associação Nacional de Escritores*,

porque me causou singular impressão. O verso faz parte do poema “Alba Catléia”, incluído no *Quarteto de Rostock*, e é o seguinte:

Ontem eras luar, hoje és ausência.

Afortunadamente, o Autor, que assume na Academia de Letras do Brasil a Cadeira n.º XXXVI, sob a égide prestigiosa de Vinicius de Moraes, é cada vez mais uma presença entre nós.

É-me sumamente grato e honroso trazer as boas-vindas ao professor, ao ensaísta, ao ficcionista, ao tradutor, ao poeta, ao caro amigo Flávio René Kothe, em meu nome e no dos companheiros desta Casa.

A MADURA PALAVRA DE JOANYR DE OLIVEIRA

Discurso de recepção na Academia de Letras do Brasil,
em 6 de setembro de 1999.

Falar da trajetória poética de Joanyr de Oliveira é, em boa medida, falar de meus próprios caminhos. Apresentando um conto seu em *Horas Vagas*, disse-o com as seguintes palavras:

Meu conhecimento de Joanyr de Oliveira data dos primórdios dos anos 60. Embora devêssemos ter estado bem próximos, muito antes, no ensolarado Vale do Rio Doce, em Brasília é que nos viríamos encontrar, mercê de um ponto de convergência de interesses: a Poesia. Por essa época, tinha já ele um livro publicado; quanto a mim, só em 1962 veria trabalho meu incluído em livro, participando então em três antologias, uma delas — *Poetas de Brasília*— organizada por Joanyr. Cinco anos depois, publicaríamos, com outros dois amigos, Elza Caravana e Izidoro Soler Guelman, um livro de contos sob o título *O Horizonte e as Setas*. Foi ele, ademais, um dos primeiros a comentarem minha poesia, em letra de fôrma. Assim, com o cimento da amizade e da literatura, nos une a luta comum pela afirmação no escorregadio terreno desta, bem como a experiência vital dos primeiros anos de Brasília.

Além disso, fizemos parte do grupo que fundou, com Almeida Fischer à frente, a Associação Nacional de Escritores, de que foi secretário, nas três primeiras diretorias, e mais tarde conselheiro e diretor de divulgação; por instigação do mesmo Fischer, e juntamente com Aluizio Valle, assinamos a carta que provocou a criação da Academia Brasiliense de Letras; e de então para cá temo-nos mantido, literariamente, em marcha paralela, e cultivado fraternal amizade, que se estreita ainda mais no feliz encontro que marca esta solenidade.

Repousa, pois, na força das afinidades, antes que nas meras coincidências —a de sermos ambos mineiros, a de nos conhecermos, aqui, ao fim de um périplo que se estendeu por diversas cidades do País, a de nos fazermos colegas no serviço público, na Câmara dos Deputados— a força dos laços que nos unem, e que fazem, para mim, o poder recebê-lo nesta Casa um privilégio de ordem tanto intelectual quanto afetiva.

Joanir Ferreira de Oliveira, filho de José Ferreira de Oliveira e Idalina Soares de Oliveira, nasceu em Aimorés, no dia 6 de dezembro de 1933. (Seja como poeta, seja como contista, diga-se num parêntese, timbra em retratar na sua obra o universo da infância, qual nos poemas do

livro *Raízes do Ser, Poemas de Aimorés*, inédito.) Uniu sua vida à de Nelcy Ferreira Guimarães, esposa e companheira, que lhe deu quatro filhos. Deles (hoje multiplicados na alegria dos netos), estão presentes a esta cerimônia Joanir Júnior (com a esposa, Julieta), o Reverendo Joacir Judson (casado com Ester) e Joamir Jansen (com a esposa, Mônica), não tendo podido comparecer o Joadir Carlos e a esposa, Valéria.

Morou em Vitória, onde se iniciou no jornalismo, no Rio de Janeiro, onde fundou e dirigiu periódicos de cunho teológico, em São Paulo, em Goiânia e outras cidades de Goiás. (Outro parêntese, para um registro de sua experiência no mundo da política: Joanyr foi suplente de deputado estadual em Goiás e, candidato a deputado constituinte, foi o mais votado na coligação PDT–PJ, não tendo sido eleito por problemas de legenda; foi subchefe do gabinete civil do governo daquele Estado.) Do Rio veio para Brasília, no ano da inauguração, como Revisor recém-concursado do Departamento de Imprensa Nacional. Concluiu aqui as suas humanidades, no curso clássico do Elefante Branco. Ingressou na Universidade de Brasília. Nela iniciou Filosofia Pura e participou da primeira turma do curso de Letras Brasileiras, mas afinal se diplomou em Direito, em 1975, pela Universidade do Distrito Federal. À semelhança do que fizera na revista carioca *A Seara*, manteve coluna literária no *DC–Brasília* e no *Correio Braziliense*, e redigiu crônicas para as Rádios Ministério da Educação e Alvorada. Embora sem a pretensão de completar o quadro de suas atividades culturais em nossa cidade, tais e tão intensas foram, quero lembrar ainda algumas: é sócio fundador da Academia de Letras de Brasília e da Taguatinguense; premiado no primeiro concurso promovido no Distrito Federal (poemas selecionados por Manuel Bandeira, Sílvio Castro e Waldir Ribeiro do Val); obteve o terceiro lugar em concurso promovido pela Fundação Cultural, com ensaio sobre o poema “Altiplano”, de minha autoria, e, em 1975, o Prêmio Secretaria de Educação e Cultura, com poemas inéditos; mais proximamente, em 1991, ganhou o Pablo Neruda, promoção conjunta da Embaixada do Chile e das Academias Brasileira e Brasiliense de Letras, e o Prêmio Oficina do Autor, Funart, 1996 (sem mencionar as dezenas de destaques em certames poéticos do Rio —como o Prêmio Nacional de Poesia Moacyr Félix, promovido pelo Sindicato dos Escritores, em 1992—, de Niterói, de São Paulo, de Belo Horizonte e de Florianópolis).

Um dos maiores, talvez o mais alto título desse pioneirismo intelectual de Joanyr de Oliveira, é o de organizador do primeiro livro editado nesta capital: a antologia *Poetas de Brasília*, dada a lume pela Editora Dom Bosco, de Francisco Scartezini Filho. Essa obra seria reorganizada sob o rótulo *Antologia dos Poetas de Brasília* e publicada, em 1971, pela Coordenada. Em 1982, Joanyr organizaria uma antologia mais ampla, *Brasília na Poesia Brasileira*, editada pela Cátedra, em convênio com o Instituto Nacional do Livro. Palavras suas a propósito: “Coletâneas, a cada década tenho organizado uma – e começo a pensar na relativa aos anos 90, que pode ser a última, dependendo de como chegarei

ao próximo milênio...” É de 1998 a *Poesia de Brasília*, elogiosamente comentada por A. B. Mendes Cadaxa, Alcides Buss, Aníbal Albuquerque, Caio Porfírio Carneiro, Cláudio Feldman, Cyro Pimentel, Geraldo Peres Generoso, Guido Bilharinho, Herculano Lopes, Hugo Pontes, Iaponan Soares, José Mendonça Teles, José E. Mindlin, Lêdo Ivo, Luiz Fernandes da Silva, Manoel Hygino dos Santos, Maria de Lourdes Hortas, Massaud Moisés, Mauro Sampaio, Nelly Novaes Coelho, Soares Tubino, Wilson Martins, Zanoto, entre outros. Vaticino que não será a última.

Quase me escapava, mas é tempo de lembrá-lo, ter cabido a Joanyr a organização de *Horas Vagas: Coletânea 2* (contos), editada pelo Comitê de Imprensa do Senado Federal em 1981.

Além dos prêmios e do louvor da crítica, são índices do reconhecimento de seu intenso e profícuo labor intelectual títulos como o de Cidadão do Estado do Rio de Janeiro, que lhe outorgou a respectiva Assembléia Legislativa em 1978, e o de Personalidade Cultural, que lhe concedeu, por “sua contribuição à literatura no Brasil”, a União Brasileira de Escritores – Rio de Janeiro, em 1983, bem como a acolhida que lhe têm dado diversas agremiações — e às já mencionadas acrescento a Academia Evangélica de Letras do Brasil, com sede no Rio, o Instituto Histórico e Geográfico do Distrito Federal e a International Writers Association, de Bluffton, Ohio, Estados Unidos da América. É membro, ainda, da Northeastern Association of Brazilianists e da International Federation of Journalists. (Aposentado do serviço público, Joanyr transferiu-se para aquele país, fixando-se no início em Somerville, na Grande Boston, depois na região de Orange County, próxima de Los Angeles, em seguida em Hartford, Connecticut, e novamente em Somerville, dedicando-se, em tempo integral, à sua grande vocação: a Literatura. Regressou a Brasília em 1994.)

Entre os primeiro versos do menino matriculado na Escola Teixeira Soares e no Grupo Escolar Machado de Assis, em sua cidade natal, escritos sob o influxo intelectual da professora itabirana Maria Martins de Carvalho, e a estréia em livro, com os poemas de *Minha Lira* (Rio, 1957), houve, sem dúvida, uma grande caminhada; maior distância, entretanto, percorreria o poeta, desde essa obra ainda por amadurecer, até chegar à “poesia alta, clara, simples”, como a qualifiquei então, das “composições religiosas, de evocação bíblica” dos *Cantares* (Rio, 1976) e, sobretudo, ao laureado *O Grito Submerso* (Brasília, 1980). (No intervalo, fiel ao seu sentimento religioso, até certo ponto em comistão com o poético, publicaria a *Antologia da Nova Poesia Evangélica*, incluindo autores do Brasil e de Portugal.)

Comentando essa já então apuradíssima poesia, distinguia eu, “ao longo de suas fases, como elemento unificador, um sopro místico, luminoso, sobranceiro à sua contraface, o barro de ‘soturnas âncoras’ ... ‘o peso imemorial do mundo’, o peso das Hiroximas e Biafras que o poeta incorpora ao poema, numa confissão que é, também, um exercício de

purificação”. Transcrevo, afinal, quase todo o breve comentário, saído na *Revista de Poesia e Crítica* (n.º 7, maio de 1981), porque o considero bem expressivo da altitude que reconhecia e reconheço à navegação poética de Joanyr:

Não se trata, esclareço, de duas poéticas nessa poesia, mas de dois aspectos dela; que são, por sinal, dois aspectos do mundo, dois aspectos do homem, aspectos contraditórios, de uma contradição que se acentua na gravidez destas vésperas e que desejamos se resolva a favor das velas que impulsionam o barco, não do lastro que o detém e ameaça arrastá-lo ao fundo. Naquele [*Cantares*] como neste último livro, não se inclina Joanyr, exclusivamente, para um lirismo que fingisse ignorar as amarras, nem para uma poesia social cingida pelo materialismo de reivindicações político-econômicas; realiza a difícil síntese, profere "A Madura Palavra" [poema inserido em *O Grito Submerso*, livro constituído de versos compostos durante o regime militar, o que explica o título e a temática]:

*A madura palavra
pende e sangra
nos dias opacos a palavra
bica em sua vigília
a crosta do grave silêncio.*

*Nas sirenas da angústia
nos murmúrios e fugas
a madura palavra
abre as mãos perplexas
no dorso dos dias.*

*Contra o vale da morte
a madura palavra.
Na madura palavra
o epitáfio das sombras
e a canção dos homens.*

Assim concluía o texto:

É uma poesia ... densa de humanidade e vigor, leve e diáfana em seu lirismo natural, uma poesia positiva mas isenta de otimismo açucarados, como convém a este tempo liminar.

Mais tarde, o Poeta reunirá dois livros inéditos, os dois anteriores e uma seleção “Da Imatura Colheita” na antologia intitulada *Casulos do Silêncio* (Rio, 1988), em que “reafirma o seu poder e novamente nos conquista com a magia de um verbo encantatório, de uma sintaxe nitidamente diferenciada da sintaxe da prosa (‘Joanyr de Oliveira pensa imagetivamente’, adverte, no prefácio, Oswaldino Marques), de um lirismo telúrico e cósmico, de suave misticismo e, contudo, de violenta denúncia das misérias do homem — o abandono da infância, o racismo, o perigo da destruição nuclear” (repito palavras que lhe dediquei no n.º IX da *Revista da Academia Brasileira de Letras* — setembro de 1989).

Já nos Estados Unidos, o Poeta oferece a surpresa sonetística da primeira parte de *Soberanas Mitologias e A Cidade do Medo* (Anaheim,

Califórnia, 1991). Perdoem-me repetir, mais uma vez, comentários que tenho feito sobre a poesia de Joanyr. É que a hora não é de descobrimento nem de revelação, realizados, de resto, por esse poeta e essa poesia, de si mesmos, sem necessidade de interposta pena. O momento é, isto sim, de confirmação e regozijo. Reitero, pois, da apresentação, “Mistério e Claridade da Poesia”:

Tenho afirmado que Joanyr de Oliveira não é poeta dos que possam negar quanto mereça o vago nome de inspiração, dos que se jactam de edificar sua poesia tão-só com o labor disciplinado da mente; mas, afastada, em seu caso, a possibilidade desse unilateralismo talvez um tanto estrábico, talvez um tanto pretensioso, tenho reconhecido nele, sim, o "trabalhador pertinaz, que vem, anos a fio, lavrando a linguagem e construindo um estilo". Enfim, o poeta inspirado, mas armado contra as armadilhas da improvisação; dominador das técnicas do verso, que o aparelham para captar a dádiva informe da inspiração (emergência faiscante do inconsciente? visão angélica? acesso fugaz a esferas indizíveis? — quem puder que se atreva a tentar-lhe a definição) e cristalizá-la — dinamicamente— no artefato luminoso do poema.

Não obstante o nosso prévio conhecimento de tão invejável bagagem, este livro, no aspecto formal, constitui uma surpresa. Joanyr de Oliveira, em sua obra madura, ao menos, é poeta afeito ao verso livre, excepcionalmente praticando algum metro menor, nunca o soneto. E, de repente, um livro de sonetos — metrificados, rimados, de construção impecável e desenvolta dicção, como se o autor os tivesse praticado toda a vida.

Em resumo:

O seu verso é elegante e dúctil, a sua linguagem é pura e sóbria; e —o que mais importa— o cerne é concentrada poesia, das mais dignas e elevadas que se escrevem hoje entre nós.

Para encerrar estas citações, uma observação suscitada por outro livro impresso em Anaheim (em 1992):

Joanyr de Oliveira é sobretudo um poeta que deve ser situado entre os melhores de sua geração. Um puro poeta, ainda quando não pratique uma poesia "pura" —e não é este, decerto, um adjetivo casável com seu último trabalho, os poemas recém-publicados de *Luta A(r)mada*—, ainda mesmo quando escreve a prosa de seus contos.

Publicou ainda o escritor e amigo que com tanta alegria incorporamos hoje a esta Casa (na Cadeira Mário de Andrade, para a qual foi eleito no ano do centenário de nascimento do grande poeta, ficcionista e polígrafo) o romance *Entre os Vivos e os Mortos*, os contos “devocionais” de *Caminhos do Amor* (Rio, 1985) e os poemas de *Canção ao Filho do Homem*, livro que se insere na linha do engajamento religioso de *Minha Lira* e *Cantares*, em harmonioso contraponto com a inflexão política e social de *O Grito Submerso* e *Luta A(r)mada*; e tem histórias e poemas em antologias nossas e da Argentina, Estados Unidos, Canadá, Espanha, Itália e Índia. Dentre essas quero citar algumas: de ficção — *Contistas de Brasília*, de Almeida Fischer (1965), *Conto Candango*, de Salomão Sousa (1980), *Contos Correntes*, de Napoleão Valadares (1988);

de poesia — *Nem Madeira nem Ferro Podem Fazer Cativo Quem na Aventura Vive*, de Santiago Naud (1986), e *Planalto em Poesia*, de Napoleão Valadares (1987), todas editadas nesta cidade. Mais recentes são *A Poesia Mineira no Século XX*, de Assis Brasil, e *As Árvores e seus Cantores*, de Sergio Faraco. Penso que a mais importante para a sua escalada literária (como, aliás, para a minha) foi a organizada por Walmir Ayala para o Instituto Nacional do Livro, *Poetas Novos do Brasil* (Rio de Janeiro, 1969), com apresentação do Poeta por Marcos Konder Reis, que o aproxima do próprio Ayala e de Mário Faustino, e lhe traça este preciso perfil:

Trata-se, a meu ver, de um poeta e de um autêntico poeta; de alguém convocado a dizer com palavras reunidas por uma liberdade mais pura o que de outra maneira não pode ser dito e permanece encarcerado no indizível. sua sensibilidade verbal aliada a uma ausência de concessões ao vício prosaico de pensar o tornam digno de atenção.

Joanyr tem verbete no *Dicionário Literário Brasileiro*, de Raimundo de Menezes, na *Grande Enciclopédia Delta Larousse*, no *Dicionário de Poetas Contemporâneos*, de Francisco Igreja, na *Enciclopédia de Literatura Brasileira*, dirigida por Afrânio Coutinho e J. Galante de Sousa, no *International Who's Who in Poetry*, editado em Cambridge, Inglaterra, e no *Dicionário de Música Evangélica*, de Rolando de Nassau (Roberto Torres Hollanda); além dos escritores já citados, comentaram sua obra, em correspondência, na imprensa ou em livro, figuras expressivas desta Casa, como Alan Viggiano, Almeida Fischer (*O Áspero Ofício*), Branca Bakaj, Danilo Gomes (*Escritores Brasileiros ao Vivo*), João Carlos Taveira, Nilto Maciel; outros “brasilienses”, como Alphonsus de Guimaraens Filho, Altimar Pimentel, Antonio Roberval Miketen, Cassiano Nunes, Cora Rónai, Emanuel Medeiros Vieira, Ézio Pires (em *Depoimento Literário* e em *Literatura na Criação de Brasília*), Fritz Teixeira de Salles (na revista *Encontros com a Civilização Brasileira*), Guido Heleno, Izidoro Soler Guelman, Joilson Portocalvo, José Augusto Guerra (em seus *Testemunhos de Crítica*), José Santiago Naud, Márcio Catunda, Ronaldo Cagiano (em *Prismas, Literatura e Outros Temas*), Xênia Antunes, Yone Rodrigues; autores como Abgar Renault, Adércio Simões Franco (no *Suplemento Literário do Minas Gerais*), Affonso Romano de Sant’Anna, Alcebíades Pereira Vasconcelos, Antônio Soares Amora, André Carneiro, Artur Eduardo Benevides, Bella Josef, Benjamim Moraes, Carlos Damião, Carlos Fernando Mathias de Souza, Carlos Nejar, Di Carrara (artista plástico), Domingos Paoliello, Elias José, Emil de Castro, Euclides Marques Andrade, Floriano Martins, Francisco de Moura Pinheiro, Haroldo Bruno, Jaime Hipólito Dantas, Jefferson Magno Costa, João Manuel Simões, João Pereira de Andrade e Silva, Jorge Amado, Jorge Medauar, José Alcides Pinto, José Louzeiro, Lago Burnett, Luís Otávio Sousa-Carmo, Luiz Paiva de Castro, Jesilda Augusta da Silva, Manoel Lobato, Manuel Eduardo Pinheiro Campos, Maria José de Queiroz, Maria Julieta Drummond de Andrade, Moacir C. Lopes, Murilo Rubião, Murilo

Teixeira, Ney Teles de Paula, Noel Delamare, Ondina Ferreira, Onestaldo de Pennafort, Paschoal Motta, Renata Pallottini, Rita Moutinho, Salim Miguel, Stella Leonardos (relatando um prêmio), Syed Ameeruddin, Telmo Padilha, Temístocles Linhares (nos *Diálogos sobre a Poesia Brasileira*); de Portugal, João Rui de Sousa e João Tomaz Parreira; da Espanha, José Jurado Morales; da Argentina, Eduardo Dalter e Francisco R. Bello; do Canadá, Manuel Betanzos Santos; do Uruguai, Artigas Milans Martinez; da França, Jean Jonassaint e Jean-Paul Mestas; dos Estados Unidos, Malcolm Silverman e Terezinha Pereira; tantos que é difícil arrolar, quanto mais transcrever.

A mais três ou quatro citações, entretanto, não me furtarei.

Ênio Silveira diz, com toda a propriedade, que “sua poesia tem fogo e substância”.

Antônio Houaiss assim se manifesta sobre *O Grito Submerso*:

Sua riquíssima temática e seu senhorio da língua em geral e da poética em particular devem deixá-lo seguro de que, quando sua poesia não é captada por alguém, está nesse alguém a culpa (o ouvido dele é que entortou...).

A propósito de *Soberanas Mitologias e A Cidade do Medo*, regozija-se com “a oportunidade de ler o sonetista sem preconceitos quanto à forma fixa, tão magistralmente assenhoreada”. Acerca de *Luta A(r)mada*, diz: “é poesia poesia (o redobro é meu) viva, que aceita e busca a vida, a vida participante, com um lastro de assepsia e contenção sensíveis, mas de imenso surto emocional e —por que não?— sentimental e, arredondando, racional”. E a respeito de *Casulos do Silêncio e Pluricanto*:

É uma alegria especialíssima a de poder sentir e dizer que se está feliz com seus versos lidos e relidos. Suas “Elegias” são pungentes, seus poemas a Brasília são intrinsecamente belos paradoxos, pois ressaltam o criticável socialmente para, apesar disso, louvar a sensível beleza da obra feita e *in fieri*. E o *Pluricanto* é uma feliz antologia ou florilégio —coleção de flores do seu poetar— pois seria difícil que não o fosse.

Drummond, agradecendo a oferta de *Brasília na Poesia Brasileira*, ressalta:

Brasília foi um acontecimento de tal maneira relevante na vida brasileira, que devia suscitar, como suscitou, o interesse e a emoção dos poetas. O livro reúne em boa hora esses versos, e, além do interesse literário, assume caráter histórico. Muito louvável a sua iniciativa de recolher esse material e organizá-lo devidamente.

De Francisco Carvalho:

Li e reli o conjunto de poemas que me enviou Em todos eles, o rigor da linguagem, a densidade do conteúdo e da forma, a riqueza expressiva: "Mas todas pulsam com a terra/ e de suas veias e vísceras/ a vida brota como potros/ e águas soberanas". No excelente "O eu centauro", o lirismo marcante destes versos: "sou as crinas tremulantes/ e o retinir mais agudo/ dos cascos enluarados". Enfim, um conjunto de poemas nota dez.

Com exceção apenas de "Epitáfio", que merece nota maior. Já li muitos epitáfios ao longo da vida, mas o seu e o do poeta Dante Milano me parecem insuperáveis. No que se refere ao seu poema, bastaria dizer o seguinte: concisão, densidade, transcendência, beleza!

De *Poesia de Brasília* fala Ivan Junqueira:

Poucas vezes em minha vida tive a oportunidade de folhear uma antologia poética tão completa, oportuna e criteriosa. Qualifico-a, sem reboços, de obra hercúlea e beneditina, e cuja utilidade é inestimável. Não sei como J. encontrou tanta paciência, humildade e rigorosa metodologia para organizá-la.

Finalmente, a par das láureas registradas, é preciso lembrar as obtidas no exterior: o Prêmio Varal de Poesia, de Newark, New Jersey, Estados Unidos, e o Premio Di Poesia Simon Bolivar, El Libertador, do Club Europa Book, Itália.

É hora de concluir; e para fecho de ouro a esta oração reconvoço *a madura palavra* do Poeta, lendo uma das composições por ele dedicadas a esta cidade desejada dos deuses:

BRASÍLIA

A Lúcio Costa

*Amorosa e clara,
a cidade
voa
com as próprias asas*

*Alegorias em pluma,
estátuas no rosto das águas.
Arcos, trevos, o verde.
Eixos geram esperanças
na frente do homem.
O lago ama com os braços
abarcando o equilíbrio.*

*A torre afina os tímpanos
e as perfeitas retinas:
canta nas noites a fonte.
Artérias humanas e urbanas
em suas vigílias: áureas
dádivas: o branco, as superquadras.*

*(O pretérito nos mausoléus,
longe de nossos cânticos.)*

*Amorosa e clara,
a cidade*

voa

com as próprias asas.

Apenas uma palavra ainda, que dirijo, na segunda pessoa, ao nosso novo acadêmico:

—Poeta, amigo Joanyr de Oliveira: integra-te conosco nesta Casa de Almeida Fischer.

BOAS-VINDAS A KORI BOLIVIA

Discurso de recepção na Academia de Letras do Brasil,
em 20 de junho de 2000.

Nem mesmo aos homens de gênio se pode dar concordância sempre. O grande Eça de Queirós, honra e glória da literatura em língua portuguesa, dizia que só se deve falar com perfeição a língua pátria; as outras —recomendava— falemo-las “orgulhosamente mal, com aquele acento chato e falso que denuncia logo o estrangeiro”... Que me perdoe o Eça, não pode ser. Terá ele valorizado, imagino, uma dificuldade própria. Quem tem o dom deve desenvolvê-lo. Quanto a mim, se soubesse falar perfeitamente outras línguas, não hesitaria em ser nisso melhor que os falantes naturais. Assim os homenagearia, sem desdouro nenhum para mim mesmo, ou para meu país, ou para meu idioma. Pelo contrário.

Kori Bolivia é uma das raras pessoas que o podem.

Sabe-se que a configuração fonadora dos povos de língua castelhana, apesar da profunda semelhança entre uma e outra, é grandemente diversa da dos falantes da portuguesa, especialmente os destes trópicos: o fechamento das vogais, a menor nasalização, a inexistência de certas consoantes sonoras dão ao *hispanohablante*, relativamente ao brasileiro, aquele indisfarçável sotaque reclamado pelo notável narrador luso. Pois Kori, sem ser por isso menos boliviana, fala o português como qualquer de nós.

Valorizo essa qualidade, não como coisa pitoresca, nem só para realçar uma habilidade pessoal, mais como significativa de algo maior: uma vocação para a convivência fraterna, para a tão desejada e talvez nem sempre bem compreendida integração dos povos latino-americanos (não abro mão do adjetivo, cuja imprecisão antro-po-sócio-lingüística não nos oculta o que há de comum entre nós).

Kori vive naturalmente esse ideal. Ideal que não nos propomos como uma forma ainda de separatismo, porém como primeiro e grande passo para a integração maior, a planetarização da humanidade (evito a palavra *globalização*, de tão constrangedoras conotações). (Eu disse primeiro? Devia dizer segundo. Antes há o de nos tratarmos com equanimidade em nosso próprio país.) Ponho em perspectiva um conagraçamento dos povos, de modo que, sem perderem as singularidades

que os enriquecem, dêem recíprocos contributos para a unificação do Planeta. Não, é claro, nos moldes de uma *pax* à romana, da velha Roma dos cézares; mas em moldes que, nesta era em que a tecnologia acena com a possibilidade de se acabar com a fome, impeçam haja ainda quem por interesse a fomenta; que proíbam seja o frio de muitos o agasalho de uns poucos; que não tolerem se mantenha a ignorância em favor dos sabidos; que inviabilizem fazer-se das doenças dos homens, ou da guerra entre povos, a saúde financeira de instituições.

Essa característica de Kori Bolivia harmoniza-se com outras notórias qualidades que lhe compõem o perfil: a serenidade da postura, a probidade no trato dos assuntos de sua profissão (mestra da língua materna e respectivas literaturas), assim como em tudo o mais.

Em tempo, friso que nossa mais nova acadêmica não apenas fala, também escreve com correção e fluência o português, que, aliás, lecionou na Universidade de Brasília. E acrescento um dado talvez singular —não me ocorre outro exemplo— de seu fazer literário: compondo poesia diretamente nesta língua, está agora fazendo o oposto do que imaginaríamos: traduz da língua segunda para a língua mãe, isto é, para o espanhol, os poemas que escreveu em português...

A leitura de seu currículo profissional tomaria quase o tempo desta oração. Baste dizer, a respeito, serem inúmeros os cursos que fez, os concursos em que foi aprovada, os congressos de que participou, as organizações culturais, brasileiras ou não, a que pertence, os artigos publicados, as atividades que a têm ocupado como secretária de nível superior, professora e conferencista. Menção especial, contudo, se faça à licenciatura e ao mestrado em Letras, pela Universidade de Brasília (a que voltaria como professora); à pós-graduação em Língua e Cultura Espanholas, pela Universidade Antonio de Nebrija, de Madri, e pela Universidade de Salamanca (tese em fase de redação); ao exercício do magistério, ainda, no Instituto de Cultura Hispânica de Brasília, no Instituto Rio Branco e na Casa Militar da Presidência da República; e às conferências: *Poetisas Bolivianas*, *La Literatura en Español*, *O Indianismo de Raul Bopp em Cobra Norato*, *Um pouco da Bolívia nas Letras e Lembrando Neruda*.

Da tradutora dou testemunho privilegiado, visto que lhe mereci a honra de “Cinco Poemas Traducidos”, publicados na revista *El Pabellón del Vacío*, de Cochabamba, na Bolívia, em 9 de março de 1994, e, acompanhados de simpático artigo, em nossa revista *Literatura*, n.º 13, de 1998.

De destacar, também, a intensa atividade teatral desenvolvida por Kori, ainda na Bolívia, nos anos setenta, no palco e nos bastidores.

Naturalmente, todas as qualidades pessoais, profissionais e literárias, compondo a sua personalidade, pesaram na eleição da escritora para esta Academia, em que passa a responder, como primeira ocupante,

pela Cadeira número 37, cujo patrono é o ensaísta e ficcionista Leonardo Arroyo. Mas igualmente natural é que, sendo esta uma casa dedicada às letras, o aspecto fundamental para a admissão seja o dom literário. Esse dom, Kori melhor o revela na poesia, gênero a que pertencem seus livros até agora publicados. Os dois primeiros, *Un Grito Callado* e *Espuma de los Días*, foram editados em La Paz, em 1981 e 1982; os outros, *Poemas en Cuatro Tiempos* e *Despeinando Sueños*, são edições brasilienses, da Thesaurus, datadas de 1994 e 1997.

Tem inéditos: *A Poesia Indianista de Jesús Lara e Raul Bopp*, ensaio; *Espiral de Sentimientos*, poemas; e *Cuentos*.

Além desses livros individuais, tem participação nas seguintes obras coletivas: *Parnassus of World Poets* (organização de Ramasamy Devaraj, Madras, Índia, 1995), *Caliandra: Poesia em Brasília* (André Quicé – Editor, 1995); *Cronistas de Brasília* (organização de Aglaia Souza, Thesaurus, 1996); *Poesia de Brasília* (organização de Joanyr de Oliveira, Sette Letras, Rio, 1998). Figura no *Dicionário de Escritores de Brasília*, de Napoleão Valadares (André Quicé, 1994).

Os periódicos de La Paz, nomeadamente *Hoy*, *Última Hora*, *El Diario* e *Presencia*, têm sido fartos em noticiar, comentar e transcrever a poesia de Kori.

Sobre essa poesia manifesta-se positivamente, em carta de 29 de julho de 1979, Elena Catena, ensaísta, professora de Literatura Espanhola da Universidade Complutense de Madri.

Já em 16 de abril de 1975, no jornal *Última Hora*, Emma Alina Ballon publicava artigo (transcrito numa das abas do livro de estréia) elogiando na jovem poetisa a “calidad literaria muy pulcra” e a “concepción estética armoniosa y tierna”. Mais tarde, no prólogo a *Espuma de los Días*, haveria de destacar o “sentimiento femenino” que lhe vibra em cada verso, e a serena visão do mundo que “se conjuga con la del amor divinizado en la palabra”.

Tristán Marof, naquele primeiro livro, *Un Grito Callado*, fala de “una expresión lírica y de un optimismo juvenil plenamente realizado” e diz que a poetisa anda “con los pies en la tierra y con la imaginación en el cielo”.

Julio de la Vega, responsável pelo prólogo (datado de 1975), comenta:

Su poesía es intimista y nos habla casi al oído como haciéndonos partícipes y confidentes de sus sentimientos. La suave melancolía es el tono predominante en ella. La duda, el pesimismo, que brotan de sus versos, no tienen la pretensión de la trascendencia filosófica, surgen apenas esbozados, dentro de una sencillez formal no exenta de equilibrio, pero en ningún momento apegada a cánones ya obsoletos, pero que tampoco descuidan el contenido y la esencia metafórica patrimonio de toda poesía.

Casi em murmullos, sin violencia en las frases, nos presenta en forma límpida su pequeño mundo constituido de una sensibilidad afinada

que se hiere de las torpezas de su época y se duele de las injusticias y, sobre todo, de las situaciones que crea una sociedad cada vez más "apoética".

De Joaquim-Francisco Coelho, hoje professor de Literatura Brasileira e Hispânica nos Estados Unidos, abre as dobras da capa de *Poemas en Cuatro Tiempos* esta análise, datada de 1979:

A *persona* lírica extasia-se constantemente com o espetáculo da vida, registrando as reações do Eu profundo num verso cuidadoso e quase tímido, em geral estruturado à base da comparação singela ou da metáfora um pouco mais elaborada. O vento, as flores, a noite, e também o mar e o corpo humano — eis alguns dos tópicos-temas que atravessam, sutilmente ou declaradamente, a poesia minuciosa de Kori. Mas o seu assunto-chave talvez seja mesmo o amor, entrevisto quase sempre como adoração expectante, e só muito raramente como frustração irremediável. Por fim, a termos de classificar esta poesia para fins explicativos, talvez não ficasse mal dizer que predominantemente ela possui caráter *visual*, a que o intelectualismo da autora procura, de quando em quando, emprestar alguma coisa de abstrato.

Seguem-se-lhe, ainda nas orelhas do livro, palavras do crítico Luis Raúl Durán, da revista *Semana*, de *Última Hora*, e do poeta e crítico Oscar Rivera-Rodas. Para este, na poesia de Kori “los temas universales e inmediatos al ser humano se manifiestan con diferente proyección e intensidad y la actitud emotiva que los impulsa es también varia: clara comprobación de que esta efusión lírica ha sido modelada por los signos múltiples de la realidad cotidiana sobre un espíritu expectante”.

A poetisa Alcira Cardona Torrico diz dela: “Poetisa joven, llena de aspiraciones, con inmensa poesía en el alma y profundo amor por su patria.”

O prólogo, do escritor Humberto Guzmán Arze, dá realce ao seu cantar o amor “con los símbolos de la intuición poética que transitan desde el jubiloso ensueño hasta el repentino toque de la melancolía que se atreve a mencionar la muerte, no con intención de penetrar en su enigma tenebroso, sino para referirse al naufragio de su angustia en el fondo de la nada”, sem esquecer os “temas de rebeldía y de protesta que conmueven las zonas más generosas de su espíritu, para compartir el dolor de los desamparados, del niño que no tuvo Navidad, o la trágica ausencia del hombre que ‘se fue con cuatro pedazos de plomo que le quitaron el sol’ según denuncia el verso lacónico y sombrío que enronquece la voz de la autora, habituada al tono de sus suaves confidencias”.

João Carlos Taveira, nas abas do quarto livro de Kori, afirma que “*Despeinando Sueños* é a metáfora da lucidez: um estado de espírito sintonizado com a inquietude do ser, do sentir e do estar no mundo”, e que a autora atinge, com ele, “um alto nível estético e um perfeito equilíbrio entre a forma e o conteúdo de sua poesia”.

Na quarta capa, Danilo Gomes refere-se à sua alta sensibilidade e intenso lirismo, marcados por uma doce melancolia e servidos pela competência de quem entende do seu ofício.

O poeta Jaime Choque Mata, em artigo para *Última Hora* (La Paz, 22 de fevereiro de 1998), diz ser esse “un libro de auténtica poesía”, cujo conteúdo “enriquecerá la bibliografía latinoamericana”.

Por ocasião do lançamento da obra na capital boliviana, o escritor Manuel Vargas, a atriz Maritza Wilde e o poeta Jaime Martínez Salguero, “Oficial Mayor de Cultura”, homenagearam a poetisa em cerimônia pública verdadeiramente consagrada.

Além dessas homenagens “em prosa”, registro que diversos poemas lhe foram dedicados por personalidades como Severo, Javier e René Zavaleta e a citada Maritza Wilde.

Recordo, aqui, do prefácio que tive a satisfação de escrever para *Despeinando Sueños*, o valor atribuído ao seu lirismo difuso, um puro e suave lirismo, o lirismo onipresente nos livros que nos tem dado a autora; à associação, por vezes, do lirismo amoroso com símbolos cósmicos, enriquecidos por conotações místicas; à nota social, de solidariedade para com os deserdados desta nossa ainda tão sofrida *Latinoamérica*; e, finalmente, à magia, ao jogo de espelhos e à atmosfera de sonho que envolve sua poesia.

Leio alguns poemas de sua pena.

“Quisiera”, de *Un Grito Callado*:

*Quisiera desatar la noche de tus cabellos,
contemplar en tu mirada
la estrella de la vida.
Reposar en tus manos
mi fatigada sombra.
Quisiera sentir el galopar de la aurora
escuchando el sollozo de campanas desconocidas.
Presenciar el último suspiro de una rosa roja.*

“Ser el Mundo”, extraído de *Espuma de los Días*:

*Ser estrella coronada a medio día,
ser viento
que cruce violento
tu piel y tus labios,
ser campana
que cante a la mañana
una oración bendita.
Ser el mundo extraño de tus sueños
y anochecer entre tus manos.
Ser esperanza sin desmayos
y que mi tristeza*

*inmóvil agonice
en medio del camino.
Entonces, retornar con la alegría
de un vaso de cristales
esparcidos en la brisa.*

Do mesmo livro, o final de “Luna Cansada”:

*... a nadie pregunto
ni nadie responde:*

*Cuál es mi rumbo
y cual tu morada,
ni por qué el silencio
que mi alegría apaga.*

*Sola, cual hoja caída,
pienso en mi luna cansada.*

De *Poemas en Cuatro Tiempos*, este “Suspiro”:

*El deseo preso al silencio,
un golpe en la llaga
y la muerte que llega
sin palabras.*

De *Despeinando Sueños*, “Duele el Mundo” —“Dói o Mundo”,
em tradução minha:

*Bolívia me dói na garganta
como me dói o mundo
nesta hora ingrata.
São vozes estridentes,
são fogos que retumbam,
são prantos de mãe e filhos,
são rios rubros de fantasmas.
E me dói Bolívia nos olhos
como dói o mundo
cativo de espanto...*

Para encerrar a mostra, um de seus poemas em português:

*Sopro de melancolia,
segue teu caminho.
Não me escolhas como leito
para fazer teu ninho.
Verás que tenho horizonte
e, ainda que uma ausência
me entardeça o coração,
há um sentimento infinito
que me alimenta os sonhos.
Serenidade está em mim
com a força do dragão.*

Um dos intelectuais que escreveram sobre a poetisa, o Dr. Cristóbal Suárez Arnez, nos diz que, “en quíchua, Kori significa Oro, y los versos de Kori Yaane Bolivia se hacen apreciables y apetecidos, como el oro de Tipuani o Teoponte”.

Com o duplo ouro do nome, Kori Yaane Bolivia Carrasco Dorado traz do berço a vocação para o mundo da arte e da cultura, e no sangue a refinada sensibilidade poética. O pai, Jorge Carrasco Nuñez del Prado, em Paris desde 1967, é pintor e escultor. A mãe, Julia Dorado Llosa, é jornalista e psicopedagoga, tendo dirigido um colégio-modelo em La Paz. Está em Brasília, com a filha e os netos, Pâmela e Renato Carrasco Costa. São presenças marcantes nesta festa solene.

Encerrando esta oração, dirijo-me à professora, à poetisa, à acadêmica, para dizer-lhe:

Kori Bolivia, pela minha voz, a Academia de Letras do Brasil a declara bem-vinda. Que o ouro de seu nome e de sua poesia enriqueça esta Casa.

LEGADO POÉTICO

Introdução e dobras da capa de *Caminho de Estrelas*
— Massao Ohno, São Paulo, 1996.

Maria Braga começou menina ainda a fazer versos. Datam dos seus doze anos as primeiras tentativas de poema, e dos quinze os primeiros sonetos. Entre os dezessete e os dezenove saboreou a dúplice alegria de ver publicadas e elogiadas essas primícias.

Pouco antes de completar vinte anos, indo, a passeio, de Manhumirim, onde morava, à vizinha Carangola, conheceu o acadêmico de Direito Anderson de Araújo Horta, sete anos mais velho... e também poeta. Iniciou-se logo o namoro e, com ele, naturalmente, um diálogo poético. A primeira palavra ficou, ao que parece, com o namorado, que não deixou por menos: três retumbantes sonetos de parabéns pelo 17 de fevereiro de 1933, um deles acróstico (formando a frase "Meu sincero amor"). As falas femininas desse diálogo estão longamente documentadas no presente volume, a partir de "Um Ponto... de Interrogação", datado de 22 de março do mesmo ano. O poema, um questionamento aparentemente prematuro de um amor apenas alvorecido, mereceu do apaixonado interlocutor esta patética resposta, cujo título é um ponto de interrogação:

*"O fim... como será?" — disse Você
Naquela estrofe de quatorze versos...
E essa incerteza... e esse terrível quê
Me traz a alma e o coração dispersos!*

*E aquele ponto curvo? e aquele "se"...
Num mar atroz de dúvidas imersos?
Você não crê no nosso amor? Não crê?
Acha que temos corações diversos?*

*Você chamou — "Fatal impressionismo",
A soluçar num verdadeiro abismo,
O despontar do nosso grande Amor...*

*Você, porém, nunca sentiu decerto
O grande mal que produziu — aberto
E escancarado para a minha Dor!*

De então por diante o diálogo intensificou-se —atestam-no as datas dos poemas de Maria, e a notícia do casamento, em fevereiro do ano seguinte.

De tão promissor consórcio esperar-se-ia uma torrente de poemas... Mas a vida não seria fácil para o jovem casal. O problema de manter uma família que frutificou ao fim desse primeiro ano e passou a crescer-se, regularmente, de biênio em biênio levou a dupla de poetas a uma verdadeira peregrinação por uma dúzia de cidades — de Minas, de Goiás, novamente de Minas, antes da fixação no Rio de Janeiro e, afinal, em Brasília. E a poesia foi escasseando. No caso de Mamãe, houve quinze anos de absoluto mutismo, entre 1931 e 1971, que são os extremos de sua produção documentada, se não contarmos os três ou quatro poemas infantis datados de 1978. Os primeiros anos de silêncio foram exatamente os dois primeiros de casada. Houve uma retomada tímida em 1936 e 1937, seguindo-se uma produção irregular. Em 1947, 1948, 1950 e 1951, nada. Em 1952, um único poema: o soneto-resposta a uma carta em versos do filho mais velho, que nos dois últimos anos vinha pondo as manguinhas de fora, na trilha poética dos pais. Transcrevo a gaiata carta —um pedido de dinheiro endereçado ao "velho"— porque ela explica o soneto de minha Mãe:

CARTA EXPRESSA

Anderson Braga Horta

*Papai: Estou nos píncaros da "pinda"
(ou nos báratros?)! Trágico me agarro
em minha rua, cujo horrível barro
não produziu nenhum Adão ainda.*

*Estou "quebrado"... e o meu sofrer não finda.
Já nem posso comprar o meu cigarro!
Só me resta a riqueza do catarro
em duras moles, em jazida infinda.*

*De meu acre viver boiando à tona,
diz meu bolso, no alento derradeiro:
"Estou nos últimos degraus da 'lona!'"*

*E ao ver-me assim, devendo os próprios ossos,
certo compreenderás que o financeiro
mal não se cura só com padre-nossos.*

Leopoldina, 7-11-1952.

A produção continua nula ou mínima nos anos seguintes, até novo pique em 1956, sem comparação o seu ano de maior produtividade. Então —a família já completa— o primogênito atinge a maioridade, a menina é uma linda adolescente, os dois intermediários, a exemplo do mais velho, estudam fora, e o caçula perfaz os treze.

É um período de vacas gordas (em Lajinha, Minas Gerais), e o chefe da tribo tem podido também fazer as suas pausas poéticas... Data desse ano de 1956 (14 de novembro, véspera da mudança para o Rio) o seguinte soneto seu, ilustrativo do clima familiar:

EM BUSCA DA PANELA DE OURO

Anderson de Araújo Horta

*—Meu amigo, onde vais com tanta pressa,
correndo, trabalhando como um mouro?
—O que é que você tem com isso? Homessa!
Eu vou em busca da panela de ouro...*

*—Eu peço-te perdão. Não interessa
tanto esforço à procura de um tesouro.
Na tua idade a vida mal começa...
Tu não passas, menino, de um calouro!*

*E agora, transcorridos tantos anos,
inda estamos correndo, — eu e ela, —
tendo nas mãos um turbilhão de planos!*

*Mas eu tenho pensado, minha bela,
que nós sete, — uma turma de ciganos, —
sempre vivemos dentro da panela!*

No Rio, onde se demoraram por oito anos, e depois em Brasília a vida lhes foi mais calma. Passou então a Poetisa (que detestava essa designação!) a praticar também o conto e a crônica, e a se interessar por concursos literários, tendo sido bem sucedida em alguns, tanto em prosa quanto em verso. Começou, ainda, a redigir um romance, que se chamaria *As Montanhas Azuis* (no decorrer de sua composição, Geraldo França de Lima estrearia com um título quase coincidente — *Serras Azuis*). Lembro-me bem do manuscrito, claro e limpo, com sua letra bonita, regular, em papel almaço pautado — não sei que fim levou.

Desde que me iniciei, para valer, nos mistérios poéticos, nos idos de 1950, reacendeu-se-me o interesse pelos poemas de meus Pais, que procurei preservar, copiando-lhes antigos cadernos. Perdas há de ter

havido, ao longo de tantos anos; mas acredito que se limitem aos anos anteriores.

Neste volume reúno praticamente toda a poesia de minha Mãe que pude ter em mão. Apenas deixo de incluir, além dos rascunhos inconclusos (que se multiplicam nos últimos anos), dos fragmentos, anotações esparsas e variantes, os seguintes títulos: "O Nosso Amor", "Gritos da Minha Angústia", "O Meu Sol", "Eu...", "Máscaras", "A Árvore e a Bandeira", "Figuras do C.C.L.", "Carangola", "Mamãezinha", "O Preço do Sonho", "Jacó", "Simplismo", "Tempo", "Azul de Goiás", uma "Louvação" para a escritora Maria Bernardo e outra para a pintora Goiandira. Julgo, quanto a uns, faltar-lhes o acabamento característico da Aurora; quanto a outros, não transcenderem a circunstância que os motivou.

Disse que omito as variantes. Mas algumas considero interessante reproduzir aqui, fora do *corpus* poemático, como curiosidades do fazer poético de Maria Braga Horta. Estão entre elas as adaptações dos sonetos "In Extremis", "Obrigada, Amor!" e "Inexistência" (este correspondendo a "Anjo, Serpente, Nave", cujo título primitivo era "Súplica") a chave de ouro de Guilherme de Almeida. (Duas outras chaves encerram os sonetos "Desencanto" e "Remorso", para elas escritos originalmente e incluídos por mim entre as "Celebrações" — rubrica sob a qual abriguei também as traduções e paráfrases; as seis chaves restantes foram objeto de outras tantas composições, que não chegaram a termo.) Eis os sonetos adaptados:

IN EXTREMIS

(Chave de Guilherme de Almeida)

*Quero morrer assim, como quem adormece,
sem que um ríctus de dor me transforme a expressão,
sentindo que o calor do teu corpo me aquece
e o meu pulso se agita ao calor de tua mão.*

*E saber que, morrendo, ouvirei como prece
as palavras de amor que teus lábios dirão,
e enquanto o coração docemente emudece
sentir, dentro de mim, vibrar teu coração.*

*Morrer como se fosse, afinal, atingir
na apoteose do amor o supremo desejo
e em êxtase transpor as regiões encantadas,*

*feliz por ter vivido e feliz por sentir
que no ardor com que colho o teu último beijo
cai o pano final das pálpebras fechadas.*

OBRIGADA, AMOR!

(Chave de Guilherme de Almeida)

*Obrigada por tudo, amor! Por teu amor,
pelo céu, pelo mar, pela terra! Obrigada
por me fazeres rir e chorar, pela dor
de te esperar, em vão, noite inteira acordada.*

*E por vires, depois com um sorriso e uma flor,
me afirmar que, de longe, eu fui sempre lembrada;
pela breve carícia, entre anseio e temor,
pelo beijo roubado e por tudo, obrigada!*

*Pelo sonho, o ciúme, a saudade, a ilusão,
a inquietude, o desejo, a incontida emoção
no sublime prazer de amar e ser amada.*

*E obrigada porque, com teus beijos, puseste
como um sopro de vida entre humana e celeste
tua essência que é tudo em meu todo que é nada.*

INEXISTÊNCIA

(Chave de Guilherme de Almeida)

*Em que outros sonhos teu amor se esconde
do meu sonho? E onde fica o incerto cais
da nave que o conduz? Ninguém responde
e os deuses já não falam aos mortais...*

*Talvez em mim, talvez em ti, mas onde
e quando achar recíprocos sinais?
Entre nós dois talvez a nave ronde
e teu amor lá não se encontre mais*

*pois em teus olhos, se meus olhos ponho,
vejo meu sonho se perder no sonho
que jamais foi sonhado para mim*

*e esse amor que em teus olhos não nasceu,
que eu sonhava ser nosso e foi só meu,
sem nunca ter começo teve fim.*

Transcrevo também os versos que, sob o título "Legado" e com a data "Rio, 4-2-62", constituíram a primeira versão de "Despedida":

LEGADO

*Levarei, quando for, tudo o que tenho
só meu,
tão pouco, ou nada
(o nome?)
que chegarei despida e invisível
diante de meu espelho
inscrito
no além.
Do que era teu, em mim,
separados os lados,
sepultarás o morto.
O vivo ficará perdido
nos teus olhos
procurando o infinito.*

Uma alternativa para o terceto final de "Crepúsculo":

*Eu voltarei sozinha e irás sozinho
que as nossas vidas já não têm caminho
para andarmos a sós de braços dados.*

Para o de "Perfeição", esta, mais lógica:

*Não quero nada que me pese ou sobre!
Nenhum sultão é mais feliz do que eu...
Nenhum mendigo pode ser mais pobre...*

Finalmente, esta outra versão da "Chanson d'Automne", de Verlaine:

*Tristes lamentos
Longos do vento
Outonal
Ferem-me a alma
Com uma calma
Sempre igual.*

*Pálido e trêmulo
Ao soar o pêndulo
Nesta hora
Sinto saudade
Da mocidade.
A alma chora.*

*Sigo ao relento
E o rude vento
Me transporta.
Neste vaivém
Eu sou também
Folha morta.*

O enfeixamento dos poemas em *livros* é de minha responsabilidade. Os títulos, à exceção de "Cantos e Elegias" e "Celebrações", foram deixados por minha Mãe, mas a sua atribuição final — menos quanto a "Antiflor" — foi feita por mim. Meu também é o título "Autobiografia", bem como a complementação dos dados respectivos, devidamente indicada.

A poesia de Maria Braga Horta é simples, direta e despretensiosa — no sentido de que não busca experimentações formais nem elege assuntos "de alto horizonte". É ela mesma quem o diz, não sem uma ponta de exagero, ou modéstia, no soneto "Lirismo". Mas a sua linguagem é elevada, ainda no coloquial e nos temas domésticos, e equilibrada e harmoniosa a sua arte poética — uma arte a serviço do dizer poético, nunca um instrumento de exibição virtuosística.

Não vou tentar, nem creio que me coubesse, a análise minuciosa e judicativa dessa poética; aponto, contudo, em sua dicção a prática freqüente, se bem que não sistemática, da anaptixe, como nos versos 6, 8 e 11 de "Sísifo" (exemplo, ao revés, de não-desfazimento do grupo consonantal é o 4.º verso de "Retorno dos Retirantes"); e a ocorrência do hiato, qual em "Os Domingos", verso 5.º, a conviver sem preconceito com a sinalefa (v. o 4.º verso de "Incerteza"). A pontuação é precisa, sem ser obsessivamente sintática; e o uso do hífen apresenta particularidades, que respeitei. Nos versos 20-24 de "Para Você, Anderson, o Meu Presente de Ano-Bom", um caso singular de concordância distributiva. Seus decassílabos são, invariavelmente, acentuados como heróicos ou como sáficos; e seu alexandrino obedece à lei da cesura medial, com a só exceção do verso 10 de "Diversidade". A linguagem antiga é discreta e funcionalmente utilizada em "Conselho" e, especialmente, "Velho Tema, em Velho Estilo"; mas o veículo normal de seus poemas é a língua culta atual, sem exageros ou preciosismos. A temática divide-se entre a vida e a morte, o tempo e a glória (sinônimo de ascensão espiritual, em sentido lato), motes literários e histórico-sociais;

mas é quase onipresente o amor, em suas várias manifestações — amor de noiva, de esposa, de filha e de mãe, de membro da família humana e de átomo pensante do Universo.

Fora estas breves notas, em rigor dispensáveis, nada me permitirei antecipar à perspicácia do leitor; peço permissão, apenas, para expressar que me animou a editar esta poesia, além do sentimento filial, o reconhecer-lhe um sentido profundamente humano, em harmoniosas núpcias com sua literariedade.

Do ser humano que foi minha Mãe recordo: a postura discreta, a voz e o olhar serenos, o gesto fidalgo, os gostos aristocráticos (não obstante, a simplicidade); recuando à infância, minha e de meus irmãos — o jeito incomparável de contar histórias, na hora de dormir, ao sabor do improvisado; e sempre e sempre — o desvelo amoroso, o maternal cuidado, o vigilante carinho. O vulto querido.

Mamãe faleceu em 6 de abril de 1980. Seu corpo está enterrado no Campo da Esperança, junto com o de meu Pai, que a seguiu em 16 de junho de 1985. Na lápide comum inscrevem-se dois sonetos do casal de poetas:

DEUS

*Meu filho, então não sabes quem é Deus?!
Não conheces o Verbo Poderoso,
Que, ao lado do oceano tenebroso,
Faz bonança e faz luz aos olhos teus?!*

*(Mesmo que surjam pálidos ateus
Achincalhando o Teu Pefil Glorioso,
Eu Te verei, ó Deus, ó Deus Bondoso,
Na luz do sol, no mar, nos olhos meus!)*

*Não vês que o Sangue do Seu Filho Amado
É como a seiva vigorosa e forte,
Que reverdece o tronco desgraçado?*

*Eu vejo Deus no berço, Deus na Morte,
Atravessando o Cosmos, lado a lado,
Com resplendor de majestoso porte!*

Anderson de Araújo Horta
1906–1985

EXORTAÇÃO

*Alma inquieta e sem rumo, sem morada
dentro do próprio ser, que te acontece?
Para onde vais? Que buscarás na estrada
onde o esplendor do sol desaparece?*

*Que desejas colher nessa encantada
terra de sonhos? Que dourada messe
supões haver na senda extraviada
onde nem mesmo o sonho permanece?*

*Olha em torno de ti. Volta e procura
em ti mesma o caminho da ventura
que andas buscando sem saber se existe...*

*Encontrando-te, enfim, terás a glória
de tornar a existência transitória
mais serena, mais terna e menos triste.*

Maria Braga Horta
1913–1980

Lado a lado, com suas semelhanças e diferenças.

Cumpriram suas vidas, em que a Espiritualidade e a Poesia foram duas constantes.

Neste volume consolidado tão-só o testemunho poético de minha Mãe (espero um dia fazê-lo acompanhar do de meu Pai). Seu testemunho espiritual o compreende e o transcende, e continua vibrando, legado invisível, em nossa memória.

Laus Deo.

MARIA BRAGA HORTA começou a fazer versos em 1925, aos 12 anos de idade. Três anos depois compunha os primeiros sonetos, apaixonando-se por essa forma-fixa. Em 1930, o jornal *O Manhumirim* divulga algumas de suas composições. Nos dois anos seguintes publica intensamente, em jornais e revistas do Espírito Santo, de Minas Gerais, do Rio de Janeiro, da Paraíba... Tinha já uma década o movimento modernista; mas ainda predominavam, em boa parte do País, o tom parnasiano (desse *parnasianismo brasileiro*, bem temperado de subjetivismo romântico) e o simbolista. A Poetisa (que não gostava dessa palavra...) não ficou infensa, nem indiferente, aos ventos de renovação,

como o demonstram alguns versos do início da década de 30; mas não abandonou a dicção aprendida em seus primórdios, e manteve sempre fidelidade ao soneto, que foi, sem dúvida, a sua forma de eleição.

As atribuições de dona-de-casa, professora, mãe de cinco filhos, a acompanhar o marido na longa peregrinação por uma dezena de cidades de Minas e de Goiás, a que se somariam o Rio e Brasília, tolheram-lhe parcialmente o estro e as condições para o diálogo intelectual; somente em Brasília, onde a família, reunida, afinal deitou raízes, pôde permitir-se mais amplo relacionamento com o mundo literário. Na cidade mineira de Lajinha —até então, a mais longa pausa (sete anos!) entre suas mudanças— reintensificou a produção poética; é desse período o soneto "Legado", com o qual homenageou Drummond, que o incluiria em *Uma Pedra no Meio do Caminho*. Já no Rio, passou a interessar-se por concursos literários, conquistando prêmios de poesia e de prosa. Escreveu até 1978 (faleceria em 1980), entremeando fases de fecundo poetar com longos intervalos de silêncio.

Tirante os muitos que devem ter-se perdido, em suas andanças por esses Brasis, e uns poucos que deixou inconclusos, este volume — prestigiado e enriquecido pelas ilustrações de **Ivanir Geraldo Vianna**— enfeixa todos os seus poemas.

Caminho de Estrelas é o testemunho poético de uma mulher enérgica e serena, lúcida e sensível. Um testemunho de luta, de fé, de vida, e de amor.

TESTEMUNHO DE VIDA E POESIA

Introdução de *Em Busca da Panela de Ouro* (no prelo).

“Legado de Vida e Poesia”, o texto com que apresento *Caminho de Estrelas*, de Maria Braga Horta, poderia servir de abertura também ao livro de Anderson de Araújo Horta. A trajetória de Anderson e a de Maria, a partir do início de 1933, fundem-se numa. A poesia de um é, de algum modo, contraponto da poesia do outro. Configuram poéticas —e temperamentos— diferentes, é certo, mas complementares. Não sei se forço a realidade, ao dizê-lo, por ter em mente um homem diante de uma mulher, esposo e esposa, meu Pai e minha Mãe. Mas acho que não. Anderson é romantismo, é liberdade, é às vezes arrojo, ocasionalmente com uma pitada de irresponsabilidade — qualidades *masculinas*, consoante as vejo. Maria é mais força centrípeta, é mais apego a uma forma e, assim, mais prudência — e eu diria que tais características são antes *femininas*. Daí a simpatia, o diálogo, a atração, o convívio, a união, sem que se subsuma um no outro.

Assim, repito, cortando algumas transcrições e os comentários restritos aos poemas, adaptando uma que outra passagem, teríamos o legado poético (e vital) de Anderson de Araújo Horta. Poderia também ao fim deste volume reproduzir a dupla entrevista concedida a Danilo Gomes (*Escritores Brasileiros ao Vivo*, vol. 2 — Belo Horizonte, 1980) e transcrita ao final de *Caminho de Estrelas*. Nada disso, contudo, precisarei fazer. Afinal, o destino desta edição é o mesmo do livro de Maria, com o qual formará como que *uma só obra em duas* (veja-se o poema “Se Nós Dois...”): a família, os amigos, escritores de nossa estima...

A apresentação do Poeta é feita por ele mesmo, em texto de 1967. Completo-a com uma cronologia, para a qual, além de dados ali colhidos, me valho de anotações minhas e, principalmente, da “Autobiobibliografia” de Maria Braga Horta. (Já que cito esse texto, recordo aqui a passagem em que a Autora expressa antipatia pela palavra “poetisa”. Mais de um leitor o interpretou como adesão ao vazo “moderno” de aplicar às mulheres que escrevem poesia o nome de *poeta*. Engano. Se bem me lembro, também não lhe agradava este vocábulo.)

O volume dos versos deixados por Anderson é maior que o dos de sua esposa. São eles, porém, de qualidade mais desigual, o que me impôs a difícil e penosa tarefa de cortar, a bem de uma certa homogeneidade. Eliminei composições do namoro e noivado, poemas dedicados à família, os versos de motivação cívica (remanesce “Exaltação”) e outras peças (quase todas da última fase) em que o circunstancial me pareceu menos capaz de despertar o interesse do leitor desvinculado.

O título geral, tirei-o de um soneto integrante de “Lírica”. São ainda de minha responsabilidade os títulos seccionais. Em cada seção, obedeci à ordem cronológica, de acordo com a data lançada pelo Autor ou presumível da ordem dos poemas mais antigos nos cadernos manuscritos por ele deixados. A primeira seção, todavia, preferi iniciá-la com alguns dos sonetos de minha predileção, dentre os pertinentes.

A produção do Poeta se distribui por fases de intensa atividade, separadas por longos períodos de silêncio. Dentre os metros da tradição, o decassílabo é o de sua preferência. Alternou, desde cedo, o verso medido com o verso livre.

Anderson foi sempre advogado e professor. Era homem de inteligência vívida e muita leitura, com pendor para a oratória e bom conversador. Bem-humorado, brincalhão, relacionava-se bem com o gênero humano e revelava simpatia (correspondida) pelos animais. Durante uma vida de atribuladas peregrinações, deu sempre exemplo de trabalho, serenidade, alegria de viver, devoção às coisas do espírito antes que às materiais. Foi bom pai e bom amigo — dou o meu testemunho.

O que disse de minha Mãe, na introdução de seu *Caminho de Estrelas*, digo-o agora de meu Pai, com a mesma comovida unção: seu testemunho poético, seu testemunho espiritual, é legado intangível, mas precioso, que permanece vibrando na memória dos filhos.

Laus Deo.

ARTIGOS E RESENHAS

O ROMANCEIRO DE BOQUADY

Jesus Barros Boquady – *Romanceiro Goiano*
Dep. Est. de Cultura, Goiânia, 1971

Jesus Barros Boquady nasceu em Crateús, Ceará, em 22 de julho de 1929. Por formação —transferiu-se para Goiás em 1934— e temática, é hoje, entretanto, poeta goiano, dos de maior substância e maturidade que nos tem dado esta terra. Com quatro livros publicados e uma dúzia de prêmios literários (teatro, conto e poesia), vem cumprindo uma trajetória poética ascendente: de *O Cego*, *Goiânia: Sonho & Argamassa*, *gagárin e shepard combateremos o sol* e *Canções do Adivinho*, sobe agora à altura máxima (enquanto não a ultrapassa) com este *Romanceiro*. Advogado, jornalista, funcionário público, professor diplomado em Letras Modernas, mas acima de tudo homem-no-mundo-entre-os homens, dessa vivência de pessoas & coisas elabora o sumo de uma poesia forte, plena de humanidade, comunicativa e atual.

Romanceiro Goiano apresenta-se na roupagem da redondilha maior (metro o mais adequado), com as exceções dos fragmentos 4 a 11 e 17 d"O Romance do Romãozinho", em que se emprega a redondilha menor com o tetrassílabo, e de "No Palácio do Conde dos Arcos, em Goiás", polimétrico. Há uniformidade, mas não rigidez métrica, registrando-se, nos extremos do pêndulo: *a*) versos "espessos", ou "de medida cheia", como disse alhures, tão ao gosto de Augusto dos Anjos: "a/me/lan/cia/na/va/zan/te" (p. 17), "a/çú/car/se/com/põe em/prato" (p. 22), "des/troem-/lhes/a/cas/ca/du/ra" (p. 23), "suas/de/li/cio/sas/ri/que/zas" (p. 24) ou "ris/ca/do/no/meio/do/chão" (p. 29), onde há uma apócope não assinalada em *meio* (mei); e *b*) versos "ralos", a exemplo de: "que/es/sa/fru/ta em/pres/ta/do" (p. 17), "e/in/va/diu/a/ci/da/de" (p. 33), "quan/do/a/ca/no/a/pas/sa" (p. 56), não sendo raro o aproveitamento do suarabácti, como em: "das/ár/vo/res/o/b(i)s/cu/ras" (p. 97). Tais oscilações, por outro lado, conforme a leitura, podem-se resolver numa alternância da redondilha com o hexassílabo e/ou o octossílabo. A linguagem é cuidada, às vezes mesmo sofisticada, e não hesita o Poeta em recriar palavras com os recursos da justaposição ("berropranto"), e aglutinação ("Argentáureo"), à maneira dos *concretos*. Qualidades como contenção, gosto da análise, construção discursiva, além de características de sua versificação, dão-nos testemunho da boa lição cabralina, sem que se desfigure a personalidade poética de Boquady.

Estamos diante de uma poesia telúrica, assistindo a um desfile de paisagem, seres, história e estórias de Goiás. Poesia em que se dissimula o artifício, para que transpareça o natural. Poesia de gentes simples, de coisas simples. Solidária, sem arroubos demagógicos.

Jesus Barros Boquady, com a publicação deste *Romanceiro* — onde há poemas da significação e grandeza de "Jogos Frutais", "No Mundo, só uma Estrada", "Da Manga à Paisagem", "Boichapéu", "No Palácio do Conde dos Arcos, em Goiás", para citar apenas uns poucos—, há de consolidar o relevo que merece entre as vozes mais poderosas da jovem poesia brasileira.

A FOME DOS REBANHOS

Izidoro Soler Guelman – *A Fome dos Rebanhos*
EBRASA, Brasília, 1971

Este é um romance em que a vida comparece integral, Astúcias e misérias, poesia e chatice, o vazio e a vocação da plenitude — eis a sua matéria-prima.

Passado em tempos ainda *heróicos* de Brasília, mostra-nos as vicissitudes dos funcionários transferidos, dos candangos, as "futricas dos ministérios", o dia-a-dia na cidade nascente. Aqui se desnuda o vazio dos homens — arrancados às comodidades, aos relacionamentos, à palpitação de suas velhas cidades, especialmente o Rio de Janeiro, e lançados à luta desesperada pelo preenchimento. Tirados do litoral para o planalto seco e árido, debatem-se como peixes deitados à areia. Ao lado do vazio dos burocratas, entretanto, o vazio diferente da vida áspera dos candangos, formando-se um contraste significativo.

Assim se nos revela, neste livro, o drama da convivência forçada, da quase-amizade consentida entre pessoas que não se afinam, mas que se buscam inelutavelmente, na solidão apavoradora da cidade nova. Solidão não mitigada pelas viagens ao Rio, onde murcharam as raízes: o "pioneiro" sente-se entre dois desertos, e afinal o cerrado lhe parece mais populoso e ameno, pois tem ali os seus oásis no relacionamento humano, raso que seja. A sós consigo mesmo o homem não se suporta.

Mais do que a solidão de Brasília, portanto, devolve-nos o livro, reelaborada, a solidão essencial, a solidão universal do homem. E, corolário, sua fome de amor, insatisfeita. A fome do rebanho humano, para o qual só o amor —ou, pelo menos, um arremedo de amor— é solução. E é esta a solução do livro.

Izidoro Soler Guelman é um espírito machadiano, vemo-lo no tom de suas meditações, no *humour*, na ironia suave, no ritmo lento, nos títulos, nos capítulos curtos. O de n.º XLV —"Honra ao Negus"—, em quatro linhas apenas, é um bom exemplo:

A bem de nossa amizade, Octacílio, te pouparei a descrição dos encantos de tua mulher. Só te digo uma coisa: estavas redondamente enganado, aquela noite, na churrascaria. Tu é que deves ser mau anfitrião. Tânia honraria a mesa do próprio negus.

A dimensão poética de Guelman transluz na densidade de seu estilo, que se ajusta magnificamente à profundidade do tema, e disto são belos testemunhos as duas epígrafes extraídas do texto — a tomada de consciência de Adalberto e a reflexão do Padre Filipe.

Seu livro, por isso mesmo, passa a fazer parte de nós. Sendo um dos depoimentos mais verdadeiros, em termos de arte e de transposição da realidade, da infância de Brasília e da psicologia do "desenraizado", é simultaneamente universal, isto é, capaz de transcender limitações de tempo e espaço. Não o esqueceremos.

Izidoro Soler Guelman nasceu no Rio de Janeiro, em 12 de setembro de 1936. Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais, veio em 1963 para Brasília, onde exerce o cargo de Procurador do INCRA. Aqui, fundou e presidiu o Instituto Guelman de Cultura, tendo ainda lecionado no Colégio La Salle. É um dos autores da coletânea de contos *O Horizonte e as Setas*, editado pela Gráfica Horizonte em 1967. Tem inédita a novela *Barco e Terra Firme*, laureada com menção honrosa no Prêmio Orlando Dantas, promovido pelo *Diário de Notícias* do Rio.

A Fome dos Rebanhos obteve classificação no Prêmio Manuel Antônio de Almeida – 1967, do Governo da Guanabara, e no Prêmio de Ficção Governo do Distrito Federal – 1970.

POESIA DE LIBERDADE

Julio Cezar – *Poemas*
Coordenada, Brasília, 1975

A poesia de Julio Cezar é uma poesia de liberdade. Rebelde, irreverente, às vezes carregada de *non-sens*. Ler este livro é folhear o espanto. Páginas de luminosa exceção fazem a regra: "À guisa de prefácio", "franca e atonal", "na dócil perfeição", "o poeta é o contra-regra da vida", "o poeta sofre calado mas torce pelo vasco", "saudações", entre tantas. Humor — particularmente notável quando irrompe inesperado, como aquele "peçam aos padres que ponham uma pitada de sal em cada hóstia", no poema "de mim, vítima de minha vida", tão solene, de resto, em sua grave beleza. Um surrealismo surpreendente, tanto mais eficaz quanto menos de sistema. Imagens como "a lágrima no olho estilhaçada". Invenções da força de "a direção do vento é maio". Um sopro de romantismo vivificador: "veio contigo, suspenso em tua messe de alforrias, / um cheiro de antigas primaveras".

A composição é —de certo modo— caótica: um caos para expressar o caos. Mas o Poeta não parece querer retratar o caos do mundo, nem caotizar o universo para reordená-lo segundo um esquema privado. O Poeta se compraz em *seu* caos, onde aguarda —nostálgico, tranqüilo, torrencial, lírico— o regresso de Deus.

Não é esta uma poesia de sombras, mas tem, como tudo, o seu quinhão de treva. Entretanto, quando a noite pareceria triunfante —noite que o Poeta procura disfarçar com a geração de vocábulos teimosamente ramificados do mesmo núcleo: *noturno*—, relâmpagos de rútila beleza despertam o cristal do poema.

Assim como, no caos, a saudade de Deus, também na torrente a saudade do verso, de súbito cristalizada num decassílabo (ou num alexandrino), que surge às vezes incisivo, clássico: "na vã alvenaria da poesia", "poente / que não tarda e por dentro / se anuncia", "e volta a conceber-se eterno frio", "que infiltra de velhice as superfícies / e pole com seu zelo as madrugadas / até o vidro limpo das auroras".

A poesia de Julio Cezar tem grandeza. Não se fecha em mesquinhez, não se bitola numa falsa ordem, não se engaja em sectarismos, estéticos ou não. O Poeta empreende lucidamente a libertação *do nome e da personalidade* inúteis, para realizar uma poesia

liberta da palavra, não *um simples adorno da vida*, porém *ela mesma, em chama e pavio, a vida*.

POEMAS COM FORÇA DE VIDA

Julio Cezar – *Águas Emendadas / Joined Souls*
Thesaurus, Brasília, 1993 e 1997

Dizia eu, na apresentação do livro de estréia de Julio Cezar, que sua poesia tinha grandeza; que o poeta realizava uma poesia que era mais do que "*um simples adorno da vida*", porque "*ela mesma, em chama e pavio, a vida*".

Já na página de abertura deste seu terceiro livro, deparamos, em confirmação que peço licença para registrar, com uma composição que certifica o valor do Poeta, com aquelas qualidades mestras de talento e vitalidade condensadas num poema de rara força expressiva. "Natureza Morta no Hospital" quase que se resume a uma imagem, mas uma imagem que é um choque. Um choque poético. Bastaria esta pequena obra-prima para justificar um destino de poeta.

Os outros poemas ratificam também, cada um a seu modo, aquela opinião inaugural. O segundo, após aquele *arte-facto* de admirável contenção, é longo e, comparativamente, derramado. Uma fala ao Senhor, uma prece, em verdade, cuja leitura pressiona em minha memória uma tecla que me recupera o vislumbre de uma "saudade de Deus" em seu primeiro livro, conforme assinalo na singela apresentação que lhe fiz.

Consiste o terceiro, outro poema curto, na captura de um flagrante psicológico, que uma imagem —novamente— de concreta presença transfaz em relâmpago poético.

"Natureza Morta no Natal" e o soneto que se lhe segue ferem outra tecla, e lembra-me agora a observação de que o Poeta, apesar de praticante, quase sempre, de um verso libérrimo, tem como referência o padrão métrico do decassílabo, em torno do qual apascenta as suas transgressões... Nestes dois poemas o padrão é quase rigorosamente observado. No seguinte, o "Poema do Eleitor Derrotado", em contrapartida, o Poeta se afasta desse padrão — que não suponho conscientemente escolhido, antes intuitivo, ritmo inscrito na vaga de seu mar interior. A propósito, ele mesmo se confessa incapaz de roteiro, no seu viver (e escrever) *de improviso* (nos *Poemas*, em "À Guisa de Prefácio").

Nas peças eróticas é que melhor se percebe essa disponibilidade, esse misto de negligência e irreverência, que o faz

discorrer sobre a mulher e o amor com uma aparente *nonchalance*, que logo cede o lugar a uma contundente objetividade. Contundência que se materializa no uso de vocábulos e imagens menos nobres, e no tratar o ato de amor como um repasto. (Ou como um ponto de desencontro amoroso.)

Dos ingredientes que mistura em seus versos —flagrantes do cotidiano real ou psicológico, crítica social, erotismo, misticismo, lucubrações filosofantes—, condimentados com o molho picante de uma irreverência largada e jovial (ainda que recubra às vezes uma superfície de amargura) e que me parece tipicamente carioca, tudo isso num "tom confessional, tendente à autognose, ao desafogo, à purificação" (Danilo Gomes, apresentando *Prosoema*), resulta uma poesia um tanto anárquica, mas original, verídica, vital, em cujos mastros e panejamentos colhe e processa o Poeta as brisas e os tufões de sua humana derrota.

Por estas razões, em síntese, continuo a ver na poesia de Julio Cezar a mesma grandeza que lhe apontava em suas primícias. E ancorado nelas auguro para este livro um vitorioso velejar.

UMA JANELA PARA A POESIA BÚLGARA

Liubomir Levchev, trad. Rumen Stoyanov – *Observatório*
Montanha, São Paulo, 1975

Pode-se dizer que a literatura búlgara é rigorosamente desconhecida dos brasileiros. Não me lembra outro livro de poeta da Bulgária publicado entre nós, a não ser o de Nicola Vaptzárov (*Leitura*, Rio, 1965) traduzido por Wânia Filizola. Este *Observatório* é, sem dúvida, o primeiro transposto diretamente do búlgaro para o português. Tanto bastaria para ressaltar o mérito desta edição, no sentido de aproximar culturalmente as duas nações.

Liubomir Levchev, ademais disso, vale por sua presença. Poeta do povo, pela temática, pela linguagem, pelo espírito, confessadamente influenciado por Maiacóvski, é, dentre os contemporâneos, um dos mais lidos em seu país e fora dele.

Não é, porém, uma poesia passiva a sua, nem das que podem ser passivamente aceitas. Homem polêmico, e fulcro de polêmica, assim é, pois de outro modo não poderia ser, esse poeta de tom romântico — pela paixão, pela ênfase, pela superabundância às vezes, e até pela pontuação crivada de reticências, exclamações, travessões, combinados ou não. O espírito de liberdade que percorre sua poesia — inclusive a liberdade de expressão, de que é significativo o seu poema sobre o verso livre — assinala também romantismo.

Não obstante, é poeta do cotidiano, ainda que um cotidiano freqüentemente heroicizado — a saudade do heroísmo, outro traço romântico. Isso o faz vestir, às vezes, a máscara de poeta-soldado, como nos versos em que invoca a taça feita de um crânio humano, do poema de Byron — traduzido entre nós por Castro Alves, outro poeta do povo.

Contudo, um poeta capaz de ironia, capaz de expressão direta e sem adornos, capaz de pura sutileza e suavidade.

Mais do que estas linhas, fale o conhecimento de seus versos.

O tradutor, diplomata servindo no Brasil, tem divulgado aqui a literatura búlgara, e também a literatura brasileira na Bulgária. Honra-me, aliás, poder alegar uma certa participação nessa tarefa: colaborei em sua versão brasileira do conto "Tenetz", de Yordan Radítchkov, eu que não sabia uma letra do búlgaro...

A língua coloquial e a língua literária, no país de Levtchev, não se distanciam tanto como no nosso, onde o idioma, transplantado, evolui, e com alguma diversidade de região para região, não se tendo ainda fixado. Por isso, atento às características da poesia de Liubomir Levtchev, Rumen Stoyanov preferiu ficar mais perto do coloquial, do português falado pelo povo no Brasil. Temos, como resultado, uma poesia búlgara que, traduzida, acresce as fileiras dos que lutam pela fixação de nossa língua literária em moldes mais próximos da realidade lingüística nacional.

A tradução de Rumen Stoyanov ateu-se quanto possível ao original, com pequenos e raros desvios apenas para contornar obstáculos intransponíveis, cuja razão de ser se explica pela extrema diferença das duas línguas. (Esses desvios inevitáveis mesmo numa tradução direta, e feita por quem maneja destramente ambos os idiomas, mostram a que distância do original pode levar a tradução "por tabela", principalmente quando acrescidas as dificuldades de metro e rima...)

Finalmente, para recomendá-lo como tradutor de poesia, resta lembrar uma qualidade de Rumen Stoyanov decerto já percebida pelos leitores de nossos suplementos literários ainda vivos: é excelente poeta em português. E, singularmente, foi em nossa terra e em nossa língua que nasceu para a poesia esse búlgaro tranqüilo e pertinaz, cujos poemas brasileiros é absolutamente imprescindível sejam aqui publicados.

Vamos, pois, ao *Observatório* de Liubomir Levtchev, certos de que estes poemas, pelo mérito intrínseco e pela qualidade da transposição, representam a abertura de uma janela para a poesia da Bulgária.

A BRASILEIRA POESIA DE UM POETA BÚLGARO

Rumen Stoyanov – *Poemas no Brasil*
Civilização Brasileira/INL, Rio de Janeiro, 1981

Rumen Stoyanov não esteve mais que um lustro entre nós. Mas foram cinco anos da mais esplêndida atuação que se pudesse esperar de um adido cultural: aprendeu com proficiência o português, adaptou-se às paisagens e climas de nosso país, tão diversos dos de sua Bulgária, fez amigos, integrou-se; e realizou intenso e extenso programa de efetivo intercâmbio, cujos principais empreendimentos desenvolveram-se no âmbito literário — a apresentação de escritores búlgaros em vernáculo e a tradução de brasileiros em sua língua natal. Acima desse trabalho de tradutor, entretanto, coloco a façanha, realizada por Stoyanov, de tornar-se poeta em língua portuguesa, e meritório poeta.

Escritos diretamente em nosso idioma, os versos reunidos em *Poemas no Brasil* e editados com o selo da Civilização Brasileira, em convênio com o Instituto Nacional do Livro, constituem a estréia poética do Autor.

Sem muita *literatura*, isto é, sem afetações retóricas, mas com muita meditação sobre o fenômeno poético, dá-nos ele, em versos libérrimos, uma excelente poesia metalingüística, telúrica, social, humana (assinalo seus largos fulcros), cuja autenticidade a erige em "mais um caminho em direção ao ser humano criador, fonte da sua própria humanidade através do amor e da liberdade", e "cuja humaníssima universalidade se configurou e cresceu num tempo e num espaço que são brasileiros" — expressões do poeta Moacyr Félix, nas abas do volume. Essa autenticidade é também comentada por Antonio Hohlfeldt, que, em compreensivo prefácio, registra aliar Stoyanov "ao metro longo, ao poema que se constrói com lentidão" (entre parênteses, lembro que o título primeiro pensado para o livro foi *Poemas Lentos*) "e certa introspecção, uma capacidade imensa de síntese, na composição de um verso que surpreende pela mais absoluta identificação que expressa entre o poeta e o material que o inspira".

O telúrico e o humano são pólos comunicantes da personalidade de Rumen. A sua relação direta e simples com a terra, o seu amor à natureza determinam-lhe o desataviado do estilo. E o seu jeito manso de dizer é, afinal, o seu jeito de ser.

O Poeta é simples, mas está longe de ser simplório. Conhece bem o mecanismo do poema e move-se à vontade pelos caminhos da literatura ocidental, a brasileira e a portuguesa incluídas. Para ilustrar o seu conhecimento desta, e à guisa de curiosidade, pinço uma reminiscência de Pessoa em "Garota para uma Noite" (p. 46, verso final): "e eu surpreendido descobrirei que outrora deveras tens estado comigo". Quanto ao mais, basta um pouco de atenção para os seus bem sucedidos exercícios de metalinguagem, de metapoesia: "Palavra que Espero nesta Língua Alheia", "Conselhos do Pedreiro", "Mas Tu, Escreve", "Poesia", "Búzio Lingüístico"... Transcrevo o primeiro:

*Não te procuro no dicionário: prefiro o encontro por acaso.
Caminho entre conversas e leituras,
sem saber como és, mas seguro da tua existência.
Caminho atento à tua aparição e assim percebo nitidamente
o que os homens fazem, dizem e escrevem.
Quando precisar de ti, tento imaginar-te:
salina verde, pômulos, colina suave, gruta submarina, brilho,
pedra angulosa, estampido, queda lenta, moringa morna.
Tu virás duma página de canto dobrado, duma carta atrasada,
da garganta do violonista, duma blasfêmia na esquina:
tu virás dos homens como a batata, da terra.*

Têm lugar de realce na poesia de Rumen Stoyanov as impressões brasileiras. E decerto o Poeta as retém consigo, lá na sua

Bulgária, onde continua traduzindo literatura do Brasil, secundado pela esposa, Nelly.

Ficamos devendo a esse búlgaro, além do seu inestimável trabalho de divulgador literário, um livro que enriquece a nossa poesia.

CANTARES

Joanyr de Oliveira – *Cantares*
Casa Public. das Ass. de Deus, Rio de Janeiro, 1976

Tenho tido a fortuna de observar a evolução da poesia de Joanyr de Oliveira —quase toda ainda inédita—, tendo sempre notado ao longo de suas fases, como elemento unificador, um sopro místico, luminoso, sobranceiro à sua contraface, o barro de *soturnas âncoras*. Agora, nestes *Cantares*, o Poeta reúne algumas composições de inspiração religiosa, de evocação bíblica. E em todas elas encontramos a feliz conjugação da poesia do Livro Sagrado com a poética moderna.

Acrescenta o Autor o seu passo a uma tradição que, se bem não alimentada por grande número de poetas, entre nós, tem devido momentos de grandeza a espíritos tão diversos quanto Fagundes Varela, Alphonsus de Guimaraens e —menos direta mas não menos significativamente— Cruz e Sousa, e esse tantas vezes malcompreendido Augusto dos Anjos.

Conheço a luta do Poeta contra o passadismo dos que entendem a religião e, conseqüentemente, a poesia de fundo religioso como alguma coisa que se estratificou irrevogavelmente, e adotam em relação a ambas uma atitude que as desconcilia com o espírito moderno. Para esses, infelizmente ainda numerosos, talvez o mal-entendido provenha, em última análise, de verem na poesia algo "profano", "mundano", sem perceberem que religião e poesia se abeberam na mesma fonte. Decerto desconhecem os poetas que, depois da revolução modernista, e em derivação dela, se dedicaram à poesia religiosa: um Jorge de Lima, um Murilo Mendes, um Augusto Frederico Schmidt.

Joanyr vence essa luta com uma poesia alta, clara, simples, da simplicidade de certos textos bíblicos que, talvez por essa mesma virtude, soam obscuros aos nossos ouvidos desacostumados de pureza. Assim, por exemplo:

*No dorso intangível da solidão
Deus espraia o mel de sua voz.*

E não se limita aos seus poemas; realiza também um trabalho de reeducação literária na coluna "Contato Poético", por ele assinada na revista carioca *Seara*.

As "âncoras soturnas" do barro comparecem nesta poesia religiosa:

*Hiroxima e Biafra cospem fogo nas flores:
flecham a inocência das manhãs.
O peso imemorial do mundo
esmaga os sorrisos.
Os anjos soterraram nas nuvens
a claridade que emigrou de meu rosto.*

E é natural que assim seja; pois a religião existe para religar estes habitantes da argila ao Espírito original. Por isto, não há desespero:

No entanto, Senhor, ainda cantamos.

Agradecemos a Joanyr de Oliveira a dádiva de sua poesia.

VELAS E ÂNCORAS

Joanyr de Oliveira – *O Grito Submerso*
Coleção Machado de Assis, Senado Federal, 1980

Meu conhecimento de Joanyr de Oliveira data dos primórdios dos anos 60. Embora devêssemos ter estado bem próximos, muito antes, em sua cidade natal —Aimorés, no ensolarado vale do Rio Doce—, só em Brasília é que nos viríamos encontrar, mercê de um ponto de convergência de interesses: a Poesia. Por essa época, tinha já ele um livro publicado; quanto a mim, apenas em 1962 veria trabalho meu incluído em livro, participando então em três antologias, uma delas —*Poetas de Brasília*— organizada por Joanyr. Cinco anos depois, publicaríamos, com outros dois amigos, Elza Caravana e Izidoro Soler Guelman, um livro de contos, sob o título *O Horizonte e as Setas*. Foi ele, ademais, um dos primeiros a comentarem minha poesia, em letra de fôrma. Assim, com o cimento da amizade e da literatura, nos une a luta comum pela afirmação no escorregadio terreno desta, bem como a experiência vital dos primeiros anos de Brasília.

A serenidade do gesto em Joanyr não dá idéia de seu temperamento dinâmico. Não é ele, decerto, poeta dos que negam quanto possamos chamar de inspiração, para se jactarem de construir sua poesia tão-só com o labor disciplinado da mente; mas é um trabalhador pertinaz, que vem, anos a fio, lavrando a linguagem e construindo um estilo — luminosamente cristalizado em seu mais recente livro, *O Grito Submerso*.

A par dessa atividade propriamente criadora, são notórias ainda em Joanyr de Oliveira as de divulgação das letras e estimulação de

valores, exercidas por meio da secretaria ou direção de periódicos (e até mesmo de uma casa editora), da manutenção de colunas literárias, da publicação de antologias como a referida, ampliada em 1971 com a *Antologia dos Poetas de Brasília*, e outras anunciadas e já em preparo.

Entretanto, de todas as inúmeras qualidades visíveis na personalidade de Joanyr de Oliveira, emerge e destaca-se a de poeta. É a poesia que definitivamente o distingue, ainda quando escreve em prosa, e dizendo-o não desmereço —antes realço— a sua valiosa obra de contista.

Nas abas de outro livro seu, *Cantares*, assinalava eu ter tido a fortuna de observar a evolução de sua poesia, e de haver sempre distinguido, "ao longo de suas fases, como elemento unificador, um sopro místico, luminoso, sobranceiro à sua contraface, o barro de 'soturnas âncoras". Seriam estas "o peso imemorial do mundo", o eso das Hiroximas e Biafras que o Poeta incorpora ao poema, numa confissão que é, também, um exercício de purificação.

Não se trata, esclareço, de duas poéticas nessa poesia, mas de dois aspectos dela; que são, por sinal, dois aspectos do mundo, dois aspectos do homem, aspectos contraditórios, de uma contradição que se acentua na gravidez destas vésperas e que desejamos se resolva a favor das velas que impulsionam o barco, não do lastro que o detém e ameaça arrastá-lo ao fundo. Naquele como neste último livro, não se entrega Joanyr a um lirismo que fingisse ignorar as amarras, nem a uma poesia social cingida pelo materialismo de reivindicações político-econômicas; realiza a difícil síntese; profere "A Madura Palavra":

*A madura palavra
pende e sangra
nos dias opacos a palavra
bica em sua vigília
a crosta do grave silêncio.*

*Nas sirenas da angústia
nos murmúrios e fugas
a madura palavra
abre as mãos perplexas
no dorso dos dias.*

*Contra o vale da morte
a madura palavra.
Na madura palavra
o epitáfio das sombras
e a canção dos homens.*

Quanto à linguagem, qualifica-se como poética não por meras exterioridades, porém —medularmente— por uma sintaxe característica, sublinada com agudeza por Marcos Konder Reis na apresentação que faz deste autor em *Poetas Novos do Brasil*, antologia organizada por Walmir Ayala para o Instituto Nacional do Livro e publicada em 1969.

É, em suma, densa de humanidade e vigor, leve e diáfana em seu lirismo natural a poesia de Joanyr de Oliveira; uma poesia positiva mas isenta de otimismo açucarados, como convém a este tempo liminar.

UMA ANTOLOGIA

Joanyr de Oliveira – *Casulos do Silêncio*
Cátedra, Rio de Janeiro, 1988

Nesta antologia, o poeta de *O Grito Submerso* reafirma o seu poder e novamente nos conquista com a magia de um verbo encantatório, de uma sintaxe nitidamente diferenciada da sintaxe da prosa ("Joanyr de Oliveira pensa imageticamente", adverte, no prefácio, Oswaldino Marques), de um lirismo telúrico e cósmico, de suave misticismo e, contudo, de violenta denúncia das misérias do homem — o abandono da infância, o racismo, o perigo da destruição nuclear.

Envolve-nos o lírico no refrão amoroso ("Careço de um amor / que me enlouqueça") da "Elegia n.º 6", na insônia metapoética de "Elegia Noturna (II)", no mergulho interior de "Este Rio que me Escoa", embalado pela quadra redondilha que o abre e o termina, no elegíaco de "O Morto do Retrato", no hino de esperança de "A Madura Palavra", no aéreo de "Ária", no hermetismo luminoso de "Tapete", "Funções do Mito", "Do Ígneo Corcel", no imaginário abstrato de "Lunar" e no incisivo de "Atlas", de "Eclesiastes", de "A Hora Exata". Profeta, adverte-nos contra "o suicídio do mundo", nos versos fortes de "Elegia à Bomba". Cantor de cidades —Aimorés, Rio de Janeiro, Brasília—, engendra uma das mais belas imagens da nova capital:

*Amorosa e clara,
a cidade
voa
com as próprias asas.*

Enfim, reconfirma-se o Poeta como um dos melhores de sua geração.

MISTÉRIO E CLARIDADE DA POESIA

Joanyr de Oliveira – *Soberanas Mitologias e A Cidade do Medo*
S.S. Printing Graphic Design, Anaheim, USA, 1991

Tenho afirmado que Joanyr de Oliveira não é poeta dos que possam negar quanto mereça o vago nome de inspiração, dos que se jactam de edificar sua poesia tão-só com o labor disciplinado da mente; mas, afastada, em seu caso, a possibilidade desse unilateralismo talvez um tanto estrábico, talvez um tanto pretensioso, tenho reconhecido nele, sim, o "trabalhador pertinaz, que vem, anos a fio, lavrando a linguagem e construindo um estilo". Enfim, o poeta inspirado, mas armado contra as armadilhas da improvisação; dominador das técnicas do verso, que o aparelham para captar a dádiva informe da inspiração (emergência faiscante do inconsciente? visitação angélica? acesso fugaz a esferas indizíveis? — quem puder que se atreva a tentar-lhe a definição) e cristalizá-la —dinamicamente— no artefato luminoso do poema.

De outra feita, comentando sua antologia intitulada *Casulos do Silêncio*, registrava-lhe a magia do verbo encantatório, uma sintaxe não-prosaica, medularmente poética, a serviço de um lirismo telúrico e cósmico, a par de suave misticismo e, contudo, de violenta denúncia de nossas misérias, como o abandono da infância, o racismo, a marcha meio cega para a autodestruição.

Não obstante o nosso prévio conhecimento de tão invejável bagagem, este livro, no aspecto formal, constitui uma surpresa. Joanyr de Oliveira, em sua obra madura, ao menos, é poeta afeito ao verso livre, excepcionalmente praticando algum metro menor, nunca o soneto. E, de repente, um livro de sonetos — metrificados, rimados, de construção impecável e desenvolta dicção, como se o Autor os tivesse praticado toda a vida. (Há uma segunda parte, constituída de um único e longo poema em redondilha maior, "A Cidade do Medo", em que o Poeta retoma o tom de denúncia, para lamentar e profligar a vertiginosa degradação da qualidade de vida da —não obstante— ainda maravilhosa cidade do Rio de Janeiro.)

O metro escolhido para os sonetos é o decassílabo heróico. Aqui e ali, entretanto, para evitar a monotonia, é admitido um sáfico, talvez um verso de acentuação na quinta sílaba, ou —estes menos raros— decassílabos dos ditos de gaita galega, isto é, com ictos na quarta e na sétima.

Para obter uma equilibrada diversidade rítmica, joga o Poeta, dialeticamente, com recursos opostos, quais o hiato (como no desfazimento do ditongo crescente) e a sinérese, o suarabácti e a eclipse.

O *enjambement* é utilizado com sabedoria.

Uma aliteração agressiva surge de inopino, e absolutamente funcional, no verso "repercuta o rugir de um rubro rio", do soneto "Da Mão de Deus, na Babilônia".

Quanto a jogos verbais outros, recolho, do poema que encerra o volume, os versos

*O puro nome do Rio
corria em ventos e mares.*

para pôr em evidência (é meu o destaque, naturalmente) a naturalidade e lev eza do procedimento em Joanyr.

Em suma, seja na fôrma aparentemente férrea do soneto decassilábico, seja na fluida combinação das redondilhas, temos aqui o mesmo sereno domador da forma a que nos acostumara o verso livre da tríade extraordinária de *Cantares*, *O Grito Submerso* e *Casulos do Silêncio*. O seu verso é elegante e dúctil, a sua linguagem é pura e sóbria; e —o que mais importa— o cerne é concentrada poesia, das mais dignas e elevadas que se escrevem hoje entre nós.

Para me reportar à essência dessa poesia, outros adjetivos me procuram: solene (sem eloquência), hierática, mística, onírica... Às vezes, é preferível uma palavra solta, capaz de repercutir na mente (e na sensibilidade) em várias direções, a uma oração completa, por isso mesmo sem tanta elasticidade, sem tanta disponibilidade. Mas é isto apenas um comentário em prosa, e prosa chã, mero contraste para a síntese poética encasulada nas próximas páginas. Assim, não se tema o discurso, que seu antídoto vem aí...

É a poesia de *Soberanas Mitologias* e *A Cidade do Medo*, como o é o conjunto poético de Joanyr de Oliveira, uma poesia de acentos bíblicos, apocalípticos. Aliás, o Profeta, com os véus de sua palavra, é, nomeadamente, o núcleo do soneto "Dos Dons, em Patmos":

*Nas cãs de João, flutuo e bebo a Ilha.
Inebria o sabor de seus mistérios!*

.....

*as sete estrelas límpidas me ditam
esotéricas pautas*

Esse tom apocalíptico se casa à maravilha com o ar surrealista respirado pelo Poeta. Apocalipse e surrealismo, porém, não de molde a velar comprometedoramente estes versos, que —posso repetir, referindo-me a eles, palavras que destinei aos versos de *Cantares*— veiculam "uma poesia alta, clara, simples, da simplicidade de certos textos bíblicos que, talvez por essa mesma virtude, soam obscuros aos nossos ouvidos desacostumados de pureza".

É hora de passarmos aos poemas. Mas não quero calar-me sem antes destinar moldura especial a três sonetos para mim sobranceiros. Assinalo, assim, com redobrada ênfase:

— o metapoético em "Da Função do Poema":

*O casulo dos versos
desintegra num grito a própria fonte.*

— o mergulho na memória, no soneto "Das Soberanas Mitologias", o mergulho nas águas da infância, digo eu, das quais volta o Poeta retemperado no sal das zombarias e sob cujo influxo, com a liberdade e a pureza de uma criança, só presta ao vento contas de seus atos.

— o labirinto de "Do Minotauro Revisitado" (com variações no soneto seguinte, "Do Múltiplo Rosto"), em que vislumbro o mistério da simultânea unidade e fragmentariedade do eu que

*... nos meus olhos cravo a seta
que me faz singular e me faz vários.*

UM PURO POETA

Joanyr de Oliveira – *Luta A(r)mada*
S.S. Printing Graphic Design, Anaheim, USA, 1992

Com uma obra, em prosa e em verso, que se impõe de livro para livro, Joanyr de Oliveira é sobretudo um poeta que deve ser situado entre os melhores de sua geração. Um puro poeta, ainda quando não pratique uma poesia "pura" —e não é este um adjetivo casável com seu último trabalho, os poemas recém-publicados de *Luta A(r)mada*—, ainda mesmo quando escreve a prosa de seus contos.

Colhemos, dentre os versos fortes desta *Luta*, as estrofes do poema "Nelson Mandela", escrito em Boston, em 1988:

*Estas ruas, negro prisioneiro,
não me fazem livre. As gaivotas
buscam a paz do azul, pombos flutuam,
mas cadeias em meus pulsos
sangram o rosto da manhã inútil.*

*As velhas mordanças em tua voz
afogam minhas melhores palavras.
Faz frio em mim, negro prisioneiro:
estou a beijar tua história
em brancas mãos sufocantes.*

*Não estou hoje para a Primavera
nem para as luzes e os anjos.
Sou um poeta de sangue e nervos
e a liberdade é minha sede.*

*Não estou para a antiga brisa,
estou sim para as ventanias.
Estou para os abismos à espreita
de punhos liberticidas.*

*Nelson Mandela, converso contigo
do coração de um pássaro em chamas.
Chego ao fundo de teu silêncio
no âmago desta noite indignada.*

Com outro livro, o inédito *Egonauta*, o Poeta acrescentou, há pouco, ao seu acervo de prêmios literários o promovido pela Academia Brasileira de Letras e pela Embaixada do Chile, em homenagem a Pablo Neruda.

O EXILADO

Alan Viggiano – *O Exilado*
Comunicação/INL, Belo Horizonte, 1976

Alan Viggiano estreou há dez anos com um belo romance — *Amanhece*—, publicado pela Imprensa Oficial de Minas Gerais. Após longa pausa editorial, surge novamente em livro, em 1974, com o *Itinerário de Riobaldo Tatarana*, trabalho crítico sobre as personagens e a geografia da obra capital de Guimarães Rosa, o qual vem tendo excelente acolhida dentro e fora do País. Sua atividade literária, durante todos estes anos, tem sido múltipla e intensa, seja na diretoria de entidades culturais fundadas em Brasília, seja como colaborador assíduo de jornais e revistas locais, de Belo Horizonte e de Porto Alegre. Por meio dessas publicações temos tido contacto com sua obra de contista, que, reunida sob o título *O Exilado*, recebeu em 1973 a consagração do Prêmio Afonso Arinos, da Academia Brasileira de Letras, com caloroso parecer assinado por Alceu Amoroso Lima. Finalmente, edita-se agora o livro, sob a égide do INL e da Editora Comunicação.

São oitenta páginas, com ilustrações de Ângela Lago, abrigando nove contos, quase todos curtos, todos numa linguagem bastante pessoal e impregnada de poesia; todos, no dizer de Alceu Amoroso Lima, carreadores de "algo de realmente novo, nos temas e no estilo, sempre muito pessoal e que revela um escritor de marca". Penso que podemos dividi-los, quanto a temática e tratamento, em três grupos.

No primeiro grupo incluo "As Coisas da Vida", que abre o volume, e o conto-título, que o fecha. São, pelo assunto e pelo desenvolvimento, histórias de tendência universalista.

O segundo, revelador da mesma tendência, separa-se daquele por enquadrar-se no que se convencionou chamar ficção-científica. Engloba "Estrânis" e "Os Quatro Seres Azuis".

No terceiro coloco os contos mineiros: "Beco do Corta Pau", "Mula Eléquita", "O Menino e o Baio", "Chora, Morena, Chora!" e "A Mata". É o mais extenso e, a meu ver, o mais denso do livro, embora concorde com o crítico em que Alan Viggiano "oscila dentro de uma grande variedade de temas, e com toda facilidade, desde o quadro rústico e popular do sertão até às elucubrações apocalípticas de um fim do mundo em que a humanidade volta à condição de arborícola". Essa capacidade de

transitar livremente entre o velho e o novo, de conciliar, sem trauma, o passado e o futuro, parece-me uma das notas mais significativas do caráter mineiro; nem ficaria sem conseqüências estar Minas entre o Norte e o Sul, entre o litoral e o Planalto, reunindo características de várias regiões, enraizada num passado vigorosamente *colonial* e, contudo, assentada entre os elementos básicos desta futura potência agroindustrial

"Beco do Corta Pau" mostra o porquê da identificação entre o Autor e Guimarães Rosa. Não se trata de mera simpatia literária, porém mais: afinidade resultante da vinculação deste e daquele a áreas de populações muito semelhantes, ambas isoladas, até não muito tempo, dos grandes focos civilizatórios, atreladas a costumes idênticos e mergulhadas no mesmo processo de estilização —dialetização, se quiserem— da língua comum (síntese destas outras contradições — a estratificação do arcaico e a deturpação sistemática).

"Mula Eléquita" e, especialmente, "Chora, Morena, Chora!" são histórias de forte sabor, dessas que a memória retém e nos devolve à consciência, quando menos esperamos.

"A Mata" é uma pitoresca dissertação, página talvez salvada de algum romance truncado.

Por último, "O Menino e o Baio": poesia memorialística das mais puras, em que infância e natureza —no lombo de um cavalo quase humano— de novo nos levam ao país esquecido, que trazemos conosco mas envolvemos de bruma.

Alan Viggiano, nos contos de *O Exilado*, funde crônica e poesia, romance e memória, sem todavia desfigurar o gênero; antes enriquecendo-o.

A DENSIDADE DO VÔO

Alan Viggiano – *Uma Canção das Estrelas*
Comunicação, Belo Horizonte, 1983

Alan Viggiano tem feito, como escritor, uma carreira múltipla. Depois da estréia com o belo romance *Amanhece*, enveredou pelo ensaio rosiano, no *Itinerário de Riobaldo Tatarana*; voltou à ficção com as histórias curtas de *O Exilado* e, mais recentemente, a novela *O Século do Sonho*; passou, com igual êxito, pela prosa humorística (*Manual do Lobo*) e deu-nos, por último, os estudos de literatura de *Mitavaí Arandu*, *Herói de muito Caráter*, — para não falar nos ensaios de comunicação e na conferência literária.

Quando da publicação de *O Exilado*, dizia eu, a propósito de um dos contos que o integram —"O Menino e o Baio"—, tratar-se de "poesia memorialística das mais puras, em que a infância e a natureza — no lombo de um cavalo quase humano— de novo nos levam ao país esquecido, que trazemos conosco mas envolvemos de bruma"; e, a propósito do conjunto do volume, que "Alan Viggiano ... funde crônica e poesia, romance e memória, sem todavia desfigurar o gênero; antes, enriquecendo-o".

Não faltava, pois, *poesia* à prosa de Alan; faltava apenas a assunção do gênero. O desvelamento dessa face do escritor começou, creio, com a publicação de alguns poemas no n.º 1 desta Revista (da Academia Brasileira de Letras), e completa-se agora com o lançamento de *Uma Canção das Estrelas*. Ziraldo, autor da capa e da apresentação, dá testemunho das primícias literárias do menino de Inhapim, que na cidadezinha mineira "escreveu seus primeiros poemas, compôs em tipos móveis cada uma de suas palavras, armou a chapa, apertou-a na bolandeira, levou-a à impressora, puxou repetidas vezes sua alavanca e imprimiu seu primeiro livro: um livro toscamente dobrado e tortamente grampeado". E acrescenta: "Um pequeno livro que encheu minha infância de luz", para em seguida dizer do reencontro com essa vertente primária: "Outro dia ele chega em minha casa e, silenciosamente —como sempre— coloca na minha frente um caderno de espiral. Eu o abro e reencontro sua poesia, sua silenciosa e meditada poesia, sua econômica e precisa poesia, seu poema exato. Foi uma nova descoberta!"

O livrinho, nas suas breves 57 páginas, contém poemas de um lirismo bem-humorado ("Impotência", "Requerimento"), lúdicos ("O Trem", "Bruma Seca"), de olhar voltado para a corrente do tempo ("Tributo", "Mystère pour Antoine"), introspectivos ("Diabruras"). O verso é livre, salvo poucas exceções, entre as quais um soneto alexandrino e outro decassilábico.

Releiamos "O Trem":

*Sai o trem
e a terra
treme.
Treme a terra
e se atreve
o trem.
Deus suave!
Treme
o trem.*

Neste ou noutro tom, com este ou aquele instrumento, o Poeta vai dando o seu recado:

*Denso
como um pássaro que voa.*

AS ORELHAS DE LISÁBRIA

Alan Viggiano – *Lisábria de Jesus*
André Quicé, Brasília, 2000

Desabusado, desbocado, inconveniente. Desses e de muitos outros nomes poderíamos xingar este livro. Xingá-lo, porém, de nada nos vale, se não o podemos largar... O remédio, então, é tentar compreendê-lo. Tomemos, pois, de empréstimo as orelhas e os olhos de Lisábria, que tanto viu e ouviu neste mundo, e tratemos de decifrá-lo.

O prefácio (?) atribui ao suposto autor qualidades e condições compatíveis com as de escritores vários, de diversas nacionalidades e de diferentes épocas. Parece querer sintetizar nele as vicissitudes da vida do escritor em qualquer tempo e lugar — mas particularmente neste país e em nossos dias.

É um romance fragmentário. Com seu ar de deboche, dando umas estocadas de discurso político. Contraditório em certos pontos, talvez. Meio macunaímico; talvez mais do que meio. (Aliás, de modo claramente intencional, o anti-herói andradino é invocado, a folhas tantas, de embolada com o caboclo Mitavaí Arandu, criação de Cavalcanti Proença. Ambos —o pronome tanto vale para os dois autores como para as suas miraculosas criaturas— detentores da mais profunda estima de nosso narrador.) Uma tragédia (“em muitos atos”) narrada com muito amor. E com muita raiva, passada pela alquimia da sátira. E por aí já se vê que não são gratuitos, mas funcionais, os aspectos a que me referi no início destas linhas.

É certo que Lisábria é anagrama de Brasília. Mas a personagem não é, restritamente, esta cidade. Lembre-se que *Brasília*, em latim (e latim é coisa que não falta nesta *mélange*), é o nome deste país. Enganosa, por igual, me soaria qualquer sugestão etnicamente restritiva decorrente do subtítulo (*O Estigma de Cam*). Lisábria é o Brasil. É a nação brasileira. É o zé-povinho brasileiro, negro, mulato, crioulo e sarará, mas também índio, caboclo, cafuzo, carcamano e turco, mourisco e judeu, gringo e nissei (“Esta receita tem que dar certo!”...), etc., etc., etc. E a história de Lisábria é a saga do sofrimento, da miséria, dos esbulhos, da interminável paixão deste país e deste povo.

Há muito humor no trato dessa paixão. Há piadas muito boas. Também algumas bem-achadas irreverências, como este nome de cidade: Governador Lavadólares...

Outro bom trunfo é o contra-senso, como na frase: “Por acaso, não ocorreu ao nosso anfitrião escrever para a China pedindo que lhe mandassem sementes de seda?”

Mas há também poesia, a emergir, volta e meia, do contexto trágico-satírico. E a onipresença da música. Os capítulos têm títulos de andamento musical. Letras de música são lembradas a três por dois no correr do texto.

Alguma caricatura? Pois não! *Ridendo...* Fatos e pessoas de nossa vida pública saltitam por aí, por essas páginas, com máscaras, meias máscaras, terças máscaras, desmascaradas... Com infinita zombaria são tratados os energumentos com que nos *convencem* os poderes internacionais a nos deixarmos tosquiar. (Oh! as patentes! Não, não me refiro às militares, tampouco às camas... mas às de indústria!)

A história não tem um *happy end*. Nem poderia. Mas eu, por mim, possuidor —ou possuído— de fés (não confundir) incorrigíveis, forço talvez a barra para entender que ela, de fato, não termina. Porque nesse não-terminar-de-todo é que mora a nossa esperança.

Mas voltemos ao texto lisabriano. O que este livro é, poder-se-ia dizer, nem sempre o será *urbi et orbi*, ou *erga omnes*, ou *et cetera...* Isto é, as coisas não se passam, nele, conforme o espírito dito cartesiano gostaria. Tem o seu quê de sugestão, seu tanto de imprecisão. Não é uma construção matemática. Os fragmentos não se encaixam milimetricamente, como as pedras das pirâmides, e às vezes não se encaixam, pura e simplesmente. Há, se bem vejo, fragmentos gratuitos, de pura gozação ou de puro ludismo. O importante, nele, não é um rigor de lógica arquitetônica, pretensão que não está entre as suas (e que, em certas obras, casos extremos, pode chegar ao *rigor mortis...*). O importante, sim, é que é um livro catártico. (Em que julgo ver, em dose não excessiva, algo do que se convencionou chamar de realismo mágico.) Um livro de denúncia. Um livro de reação contra o *status quo*. Um livro polissêmico. E, afinal de contas, um livro gostoso de ler.

Brasília, pouco depois do fim do mundo: 13 de setembro de 1999.
ABH, A.N.E., Cd, alb, etc.

OFÍCIO DO MEDO

Fernando Braga – *Ofício do Medo*
Sioge, São Luís, 1977

Dá-nos Fernando Braga, neste *Ofício do Medo*, uma poesia arisca, de difícil entrega, porque seca e áspera. No entanto, à medida que nos familiarizamos com ela, vamos descobrindo-lhe o sumo de humanidade, e o encanto de uma linguagem às vezes surpreendente.

Tecnicamente, trata-se de uma poesia quase-metrificada, em que o *enjambement* é explorado até o paroxismo, e em que o efeito de uma sintaxe nem sempre ortodoxa é realçado pela frequência extraordinária de versos terminados em vocábulos átonos.

Tematicamente, caracterizam-na o mergulho no eu e a presença constante da insônia e da morte, da solidão. É aqui onde mais forte nos parece o Poeta, embora possamos destacar no livro a nota solidária de certos poemas, bem como a revolta contra um cotidiano apoético, antipoético, insubstancial, marcado pela perseguição frenética do supérfluo, do absurdo, do que nos afasta da essência, e que é por sua vez a marca negra de nosso tempo.

Como para sublinhar este absurdo, o do homem solitário e desesperado, perdido em seus próprios caminhos, sopra, de raro em raro, nesta poesia um vento supra-real.

Muito de tudo isso está magnificamente representado no excelente soneto que abre o livro e lhe dá título. Gostaria de mencionar, a seu lado, alguns dos poemas de Fernando Braga que mais me impressionaram: "Prenúncio à Morte", "Canção de sobre a Ponte", "Indiferentismo", "Teopoema", "Aleluia", "Dia de Aniversário", "Revelação", "Banco".

A lista não é exaustiva, e nestas linhas apenas afloram algumas das riquezas do livro. Estou certo de que toda releitura será um novo Descobrimento. E não é este o menor encanto da Poesia.

DE UM ÁSPERO OFÍCIO E SUAS COMPENSAÇÕES

Almeida Fischer – *O Áspero Ofício*, Terceira Série
Cátedra/INL, Rio de Janeiro, 1977

Almeida Fischer tem sido, a vida toda, um trabalhador literário plurifacetado. No campo da criação propriamente dita, granjeou nomeada como ficcionista, com os contos de *Horizontes Noturnos*, *O Homem de Duas Cabeças*, *A Ilha e Outros Contos*, *Nova Luz ao Longe*, e com o romance *O Rosto Perdido* (ora em reedição), que se constrói em torno de um transplante de cérebro. A antologia *Contistas de Brasília* é um dos primeiros resultados de seus esforços pela congregação dos escritores transplantados para a nova Capital, ainda no espanto e no alheamento dos difíceis anos iniciais. Sua obstinação em viver, quanto possível, vinculado à literatura tem-no feito dedicar-se a atividades de associação e de difusão cultural com o mesmo vigor que dá às consubstanciadas em textos, atividades que prolonga e enriquece no magistério superior. Jornalista, é notória a sua vocação de fundador, nascida no ginásio de Piracicaba. Essa vocação produziria os frutos mais assinaláveis em 1946, quando participou na fundação do *Letras e Artes*, de Jorge Lacerda (publicação de que foi Secretário e, depois, Diretor, até seu desaparecimento em 1954), e, anos mais tarde, em Brasília, com o lançamento de *Enfoque*. Deve-se, ainda, a sua iniciativa a criação, também no Planalto, da Associação Nacional de Escritores e da Academia Brasiliense de Letras.

Agora, entretanto, ocupamo-nos de ainda outro aspecto da criatividade desse escritor. Almeida Fischer é crítico literário — dos raros que, em nossos dias, perseguem a militância jornalística e, periodicamente, enfeixam em volume os escritos assim publicados. Nesse terreno, parece que andam predominando os extremos: ou a mera resenha ou o ensaio de mais largo fôlego. Da insuficiência no campo intermediário se ressentem, principalmente, os escritores jovens ou estreatantes, que esperam — muitas vezes em vão — por uma palavra da crítica: de reconhecimento, de estímulo, até mesmo de reparo.

A obra crítica de Fischer vem sendo editada em livro desde 1970, sob o título geral *O Áspero Ofício*, de que saiu este ano o terceiro volume. Esta Terceira Série, de muito boa feição gráfica, abre-se com uma apresentação em que o próprio autor assinala a sua posição em face do fenômeno literário: "uma *visão* crítica não desinformada sobre métodos e processos de análise e julgamento da obra literária

experimentados a partir das teorizações e especulações de correntes lingüísticas já um tanto antigas —ainda consideradas de vanguarda em nosso País—, mas sem qualquer passionalismo ou condicionamento em relação a essas experimentações". Nas seis partes em que se divide o volume —"Romances Brasileiros", "A Nova Literatura Fantástica", "Alguns Contistas de Hoje", "Ensaísmo Daqui e de Fora" e "Espaço Geral"— cabem autores de diversos gêneros e tendências, veteranos e estreantes em livro. É, com os volumes anteriores, obra de informação e crítica, repositório cuja presente utilidade decerto aumentará com o tempo. Além disso, é obra que se lê com prazer, mercê da fluência estilística, nem sempre encontrável em congêneres.

Se este —somado às atividades que ao início sumariamos— é o *áspero ofício* do escritor Almeida Fischer, termina em suas mãos o esforço, de que o leitor, afortunadamente, saberá tão-só pelos frutos. Nem será, tal ofício, de uma aspereza sem contraste. Porque o trabalho feito com amor, por mais árduo que seja, traz em si mesmo a melhor das compensações.

ROSTOS E ESPELHOS

Almeida Fischer – *10 Contos Escolhidos*
Horizonte/INL, Brasília, 1980

10 Contos Escolhidos, de Almeida Fischer, reúne, na primeira metade, trabalhos originalmente publicados em *Horizontes Noturnos*, *O Homem de Duas Cabeças*, *A Ilha e Outros Contos* e *Nova Luz ao Longe*, livros que balizam o caminho do Autor, de 1947 a 1965; na segunda, cinco inéditos, testemunhos da persistência de uma vocação para a história curta, acrescida, mas não substituída, por uma experiência no romance (*O Rosto Perdido*) e pela feliz incursão na crítica literária (*O Áspero Ofício*, já na 4.^a série). O volume oferece, além de nota biográfica e bibliografia, estudo introdutório de Heitor Martins, sob o título "Almeida Fischer, em Brasília, entre o Real e o Fantástico"; acompanha-o folheto de trabalho elaborado pelo Prof. Sérgio Waldeck de Carvalho, da Universidade de Brasília.

Condensação e dramatização do cotidiano, o realismo desses contos às vezes se extrema, apresentando-se eles, quase, como pura transcrição, puro relato, a exemplo de "As Mãos Crispadas do Ódio". O que, nesses casos, os afasta da mera reportagem é o detalhe estratégico, é a ordem escolhida para exposição dos acontecimentos, é, enfim, a montagem. Tipicamente dessa linha é "O Herói", história de um pequeno furto (três nozes caídas no chão) num supermercado, em véspera de Natal, por um operário, e de sua delação por pessoa igualmente humilde.

Emerge da narrativa o contraste entre o ostensivo esbanjamento de uns e a miséria de outros. Exercem, nela, papel conclusivo a "faixa caída em que se podia ler: 'Natal, a festa do amor e da fraternidade'" e o "pato Donald enorme, de plástico inflado", que "ainda cumprimentava as pessoas balançando a cabeça ao lado das 'borboletas' da entrada" (pp. 110-111).

Esse realismo —que se alterna ou se combina com o fantástico, na observação de Heitor Martins (p. 31)— está longe de ser incompatível com o clima da poesia, a que não se furta a pena de nosso contista, como neste trecho de "O Rosto" (pp. 66-67):

Joceli tinha uns olhos superlativamente verdes como uma esperança, os seios duros e empinados, de um moreno claro, os longos braços nus sempre prontos a abrigar-lhe o corpo, os cabelos molhados de mar, escorridos sobre os ombros. E havia barcos de pesca sobre o mar tranqüilo, movediços pontos brancos que se apagavam na distância, que se afastavam para além do horizonte.

A propósito dos trabalhos mais recentes, cabe assinalar a presença, clara ou velada, de Brasília "como pano de fundo", ainda na expressão de Heitor Martins, que não hesita em declarar Almeida Fischer o "mais apto cantor" da cidade (p. 34).

Os contos são invariavelmente curtos. Nenhum truque de estilo. O ritmo da narrativa é lento e regular. Lembra a figura mesma do Autor, com sua fala medida, dificilmente alterada, palavras completamente (talvez meticulosamente) pronunciadas. O tom geral é triste. Uma constante de amargura, mesmo nas discretas manifestações de humor — tendente ao negro. Solidão.

O seguinte fragmento ilustrativo é extraído de "O Mastro" (pp. 74-75), que reputo um dos mais bem realizados contos de Almeida Fischer:

Com pouco mais de doze anos e sem nenhuma preparação para a vida, Joaquim saiu em busca de emprego, o jornal debaixo do braço e um grande temor pesando-lhe na alma. Não conhecia nenhuma espécie de trabalho e nem sabia a que emprego aspirar. A muito custo, depois de percorre numerosos andares de diversos edifícios, de escritório em escritório, de loja em loja, conseguiu um lugar em uma equipe de propagandistas de rua, como distribuidor de impressos de casas comerciais anunciadas, através de imenso alto-falante, por um homem que se equilibrava sobre longuíssimas pernas de pau.

Joaquim cresceu e ficou homem sempre andando sobre longas pernas de pau, o rosto borrado de vermelho e branco, olhando do alto as pessoas e as coisas, a jovem cabeça envolvida pelo ar puro das alturas, o olhar abrangendo a agitada multidão das ruas centrais, acima das pequenas tragédias do asfalto, das lamúrias dos mendigos e da impertinência dos camelôs.

Aos poucos, um estranho desejo de crescer mais se foi apoderando de Joaquim. E o comprimento das pernas de pau foi sendo gradativamente aumentado, a ponto de ele ser obrigado a se curvar para não bater com a cabeça nos fios elétricos. Cada vez mais distante das criaturas e coisas de

dimensões normais, Joaquim começou paulatinamente a sentir um certo desprezo pelas multidões que lhe roçavam as pernas

Fischer tem o sentido do conto, e o sentido do dramático. Não estaciona jamais no patamar do anedótico, de que faz emergir —e tanto melhor se nem sempre ostensiva— uma verdade geral, ou uma verdade íntima. E, mercê de uma técnica de captação da realidade temperada por uma ótica intencionalmente deformadora, corretiva, parece, não raramente, que o contista brinca com essa realidade, ou dela se vinga. Quase como se se divertisse antepondo aos seus rostos (palavra de notória incidência em sua ficção), ou aos seus personagens, uma série de espelhos deformadores.

UM AMPLO MOSAICO CRÍTICO DA LITERATURA BRASILEIRA ATUAL

Almeida Fischer – *O Áspero Ofício*, Quinta Série
Cátedra/INL, Rio de Janeiro, 1983

Com o volume editado em 1983 pela Cátedra, do Rio de Janeiro, associada ao Instituto Nacional do Livro, atinge a quinta série a obra crítica de Almeida Fischer, subordinada ao título geral *O Áspero Ofício*. São artigos de jornal, escritos por mão segura, no estilo direto, simples, desataviado, expressivo que consagrou o contista de *Horizontes Noturnos*, *O Homem de Duas Cabeças*, *A Ilha e Outros Contos*, *Nova Luz ao Longe* e o romancista de *O Rosto Perdido*. Artigos de jornal, não comportam a parafernália —às vezes excessiva— de modernas linhagens ensaísticas; por outro lado, não se limitam à resenha, não omitem juízos de valor, nem se esquivam de referir e comentar correntes teóricas em confronto, definida sempre, com desassombro, a posição do Autor (por exemplo, na página inicial, "A Força da Linguagem num Romance Pastoril", ou nas pp. 125 e 126, "Depoimentos de Escritores também Ensinam Literatura"). Como diz o Autor mesmo, em nota preliminar, refletem esses trabalhos, invariavelmente, ainda quando "simples registros do aparecimento de um livro", "um peculiar sentimento do mundo e uma posição crítica pessoal em relação ao fenômeno literário, marcada por admirações e idiosincrasias".

Dividido em quatro partes —"O Romance Brasileiro", "Contos e Novelas", "Poesia em Questão" e "Espaço Geral"—, dá-nos o volume uma panorâmica da literatura brasileira de hoje, tão completa quanto o permitem as circunstâncias que envolvem a destinação e a publicação original dos trabalhos reunidos. Estão presentes nele tendências díspares, regiões diversas, autores consagrados e autores novos. Merecem especial menção, pelo vigor, as páginas dedicadas aos ficcionistas Cyro de Mattos

e Adonias Filho (61-64 e 65-72); as considerações acerca de *Tartufo 81*, de Guilherme Figueiredo, particularmente a distinção entre poesia e teatro em verso, entendida aquela como "significante e significado inseparavelmente entrelaçados movendo-se na direção da sensibilidade do leitor com sua monolítica força unívoca" (129-131); a homenagem consubstanciada em "O Humano e o Literário em Dinah Silveira de Queiroz", reconhecimento do alto nível de uma e outra qualidade nessa mulher que —transcrevo as felizes palavras do fecho— "somente parou de escrever e realizar quando se fez o silêncio do corpo" (141-145).

Desta quinta série agrada-me poder dizer o que disse a respeito da terceira (mesma editora, 1977): "É, com os volumes anteriores, obra de informação e crítica, repositório cuja presente utilidade decerto aumentará com o tempo. Além disso, é obra que se lê com prazer, mercê da fluência estilística, nem sempre encontrável em congêneres." Infelizmente, não posso repetir o elogio à "muito boa feição gráfica" da anterior: esta edição veio lamentavelmente eivada de gralhas.

Fica-se, desde já, na esperança de que não tarde a sexta série, com igual amplitude e qualidade intrínseca, e em mais bem cuidada apresentação gráfica, qual o merece o trabalho de Almeida Fischer.

TRÊS LUSTROS DE BOA CRÍTICA

Almeida Fischer – *O Áspero Ofício, Sexta Série*
Horizonte/INL, Brasília, 1985

Coroando a esperança que manifestávamos ao saudar a publicação do quinto volume da crítica de Almeida Fischer, vem à luz a sexta série de *O Áspero Ofício*, cuidadosamente editada pela Horizonte, em convênio com o Instituto Nacional do Livro. Enfeixam-se nestas seis séries, como no-lo informa o Autor em nota prévia, reflexões críticas publicadas, em geral, na imprensa do País. O volume inicial data de 1970; há mais de três lustros, pois, que Almeida Fischer vem exercitando, com a desejável continuidade —e profissionalidade—, esse gênero tão necessário à boa saúde editorial, à informação literária do leitor, à avaliação e auto-avaliação do autor.

Divide-se o presente volume, como o anterior, nas seguintes partes: "O Romance Brasileiro", "O Conto Brasileiro", "Poesia em Questão" e "Espaço Geral". Refere-se a produções recentes de Herberto Sales, Adonias Filho, Lêdo Ivo, Luiz Beltrão, Paulo Amador, José Maria Leitão e Ronaldo Fernandes. A segunda, seja no largo panorama d'"O Moderno Conto Brasileiro", seja em apreciações isoladas, abrange desde os autores de *Brás, Bexiga e Barra Funda, Oscarina, João*

Urso e Sagarana até a obra contística mais recente de Dalton Trevisan, Lêdo Ivo, Julieta de Godoy Ladeira, Sergio Faraco, passando por um Moreira Campos; desde a narrativa mágica ou fantástica de Murilo Rubião, José J. Veiga, Fausto Cunha, Dinah Silveira de Queiroz, Lygia Fagundes Telles —cada qual com seus tons e entretons—, até os contos folclóricos e satíricos de Herberto Sales; desde o regionalismo e o telurismo de Bernardo Élis e Jorge Medauar até o universo marginal de João Antônio e a violência urbana ou rural em Rubem Fonseca, Hélio Pólvora e Caio Porfírio Carneiro. Na terceira parte, analisa-se a poesia já consagrada de Domingos Carvalho da Silva, Abgar Renault, Waldemar Lopes, Marly de Oliveira, Francisco Carvalho, Artur Eduardo Benevides, Cassiano Nunes, Manoel Caetano Bandeira de Mello, bem como a de poetas emergentes ou de obra ainda em processo, quais Lina Tâmega Del Peloso, Samuel Penido, Julio Cezar, Linhares Filho, José Geraldo, Fernando Sales, Regine Limaverde, Regina Célia Colônia, Omar Brasil, Maria Esther Maciel, Ernani Satyro, Cyro de Mattos e o autor deste registro. Na quarta e última, abordam-se obras diversas de escritores portugueses e brasileiros: Mécia e Jorge de Sena, João Gaspar Simões, Eça de Queirós, Rui Knopfli, Cassiano Nunes, Antônio Roberval Miketen, Massaud Moisés e Lúcia Helena, além do romance *O Misterioso Desaparecimento da Marquesinha de Loria*, do chileno José Donoso.

Que se prolongue por outros tantos lustros, e mais, a obra crítica —de valor inestimável— do escritor Almeida Fischer.

EROS E A SOLIDÃO

Almeida Fischer – *Memorial de Inverno*
Thesaurus, Brasília, 1988

Almeida Fischer é largamente conhecido nos meios literários, seja como contista e romancista, seja como crítico, seja como criador e incentivador de entidades culturais. Mas é no conto, sem dúvida, que tem o autor paulista-brasiliense a sua mais antiga e melhor tradição. Dizendo-o, não fazemos reparo ao romance e à crítica saídos de sua pena, aos quais também reconhecemos altos méritos; o que desejamos é, tão-somente, saudar a volta do Escritor ao seu gênero maior, nas páginas deste *Memorial de Inverno*, cujas treze peças compõem como que uma ciranda às avessas — do outro lado do tempo.

O primeiro conto tem por protagonista um empresário rico e velho que a família manietta e que se apaixona pela secretária — "nenhum cinturão de segurança pode impedir o sonho e a vida"—, escolhendo assim a própria servidão. E estamos apresentados às constantes do livro:

homem idoso, mulher jovem, relação proibida. Um tema e muitas variações.

Ora a história é presentificada, a exemplo do curioso e frustrado relacionamento do artista com a grande dama, bela e rica, portadora talvez de uma neurose sexual, ora é recordada, como a do casal que ansiava por um filho — o marido infértil, a mulher oferece-se ao amigo, sem reboços, aparentemente interessada antes nos fins, mesmo, do que nos meios.

"Cidade em Cio" é um alucinado-alucinante retrato de Brasília, estranha fantasia genesiaca, a única história (epistolar) em que a idade do narrador não é sequer insinuada. Em "O Velho e a Praça", ressurge a constante etária aliada à erótica: o professor aposentado e a ex-aluna com talento poético sentem, aos poucos, a amizade serena transformar-se em amor.

"No Fundo dos Olhos" é —primeira vez no livro— um conto sem erotismo: um velho se recorda de sua cidade, Pirápolis, num tempo em que a vida era mais simples, as pessoas mais próximas, a cultura menos sofisticada, é certo, mas em compensação mais respeitada. Logo retoma "O Muro" a combinação temática principal: incomunicação entre o marido e a mulher desinteressada de tudo, aos dez anos de casados — e o perigoso equilíbrio construído pelo homem entre o excitar-se com a babá e o aliviar-se com a empregada.

Em "Saída de Emergência", o desajuste sexual num casamento gasto pelo tempo é compensado fora de casa, por ambas as partes e sem traumas.

"O Tempo Inconsútil": "o amor morreu, como as flores nos vasos da varanda".

"As Botas do Tempo" é uma anedota, aliás três, todas de sexo.

"Um Jovem Demônio": pela segunda vez, uma história sem sexo. Solidão, muita. De construção diferente, atmosfera mágico-onírica, é para nós o conto mais bem urdido e mais bem logrado do volume.

Segue-se-lhe "Uma Luz na Noite": duas carências, duas solidões que se encontram e se mitigam; de novo o tempo e o sexo, marcas, como vimos, quase onipresentes. E também assim no conto-título, o último. O amor, presente ou lembrado, a resgatar a solidão e os desconfortos da vida.

Em última análise, podíamos assim resumir o tema destes contos: a solidão, que Eros espanca. Tema cujas variações não deixam nunca no leitor a impressão de monotonia.

Um livro excelente, como era justo esperar do Autor.

ESOTERISMO E POESIA

José Santiago Naud – *Noção do Dia*
Coordenada, Brasília, 1977

Já nos *Poemas sem Domingo*, de 1952, Drummond encontrava *indícios de ouro*. De então para cá, através de outros dez volumes (*Cartas a Juanila, Noite Elementar, Hinos Quotidianos, A Geometria das Águas, O Centauro e a Lua, Ofício Humano, Verbo Intranquilo, Conhecimento a Oeste, Dos Nomes* e o que é objeto deste comentário), Santiago Naud vem ampliando as galerias de sua exploração e enriquecendo o nosso acervo poético.

Neste seu novo livro, não há muito a notar quanto ao aspecto formal. Poesia pouco apoiada em artifícios — o verso é sempre livre, a rima é quase sempre acidental. Incidentalmente, entretanto, não recusa o aproveitamento significativo do espaço ("Fruto", p. 19), ou o equívoco ("arcos-íris arc-osíris", de "Ensaio de Romã", VIII, p. 23), por exemplo. Coerente com o geral despojamento da forma é a tendência, verificável ao correr das páginas, à despronominalização de certos verbos. Observa-se, ainda, nestes poemas, a presença de vocábulos e construções lusitanas de uso contemporâneo, como a marcar o berço de mais da metade do livro, "originalmente escrita em Portugal" (nota n.º 2, p. 113). O Autor, aliás, lecionou Língua e Literatura Portuguesa na Universidade de Brasília, onde foi também diretor-executivo do Centro Brasileiro de Estudos Portugueses.

A poesia de Santiago Naud, especialmente em *Noção do Dia*, é por inteiro voltada para o conhecimento essencial. Se é verdade que a poesia é por si mesma esotérica — fonte de que o não-iniciado apenas vislumbra o brilho superficial; ou fonte que se não comunica sem perda, qual o ilustra o Poeta em seu esplêndido "Peixe Dormindo"—, então a de Naud o é em dobro. Não nos pergunta pela chave, mas pelas chaves. O seu despojamento lingüístico e técnico não lhe desnuda os mistérios de território encoberto.

Nesse território penetrará mais ou menos profundamente cada leitor, conforme as próprias chaves. Mas todos, com certeza, se iluminarão intensamente dos raios que alguma vez lhe escapam ao denso véu. Um desses raios é o poema "A Flor", de que transcrevemos a iluminação final:

*Puro escândalo de seiva, a flor
podia abrir
as linhas do desejo,
corpo do mundo ou tímido
esto de sexo
para quem atento andasse na vida
olhando com vagar as coisas todas.*

BOM GOSTO E BOA POESIA

José Santiago Naud – *O Olho Reverso*
Thesaurus, Brasília, 1993

O bom gosto do Autor presidiu o planejamento gráfico de *Olho Reverso*, de José Santiago Naud: na capa branca, não plastificada, o título cinza-claro, em relevo, dá ao volume uma beleza sóbria, digna da obra desse poeta, numerosa —nos dois sentidos do adjetivo—, densa e grave. Os versos, não muitos neste livro, não mais do que "7 poemas mexicanos e um falso haikai", como se esclarece, liminarmente, em subtítulo, condensam uma poesia próxima da abstração e, contudo, fremente de contida sensualidade, como neste fragmento de "La Diana":

*O ventre
tenso
finge as curvas do arco,
e a lira dos quadris
arredondada
toca as harmonias do apetite
em jejum.*

A segunda parte do livro, "comemorativa de 41 anos de poesia", no trigésimo terceiro de Brasília, transcreve textos da fortuna crítica de Santiago Naud.

O prefácio, que situa o Poeta, com elegante argúcia, "entre a claridade de Apolo e a tenebrosidade dionisíaca", é uma das últimas páginas de Antonio Roberval Miketen, poeta, ficcionista e crítico desaparecido prematuramente em 1993.

UM POETA QUE SE CUMPRE

Esmerino Magalhães Jr. – *Ir entre os Vivos*
Alterosa, Brasília, 1978

Com a publicação deste volume, começa, finalmente, a poesia de Esmerino Magalhães Jr. a completar o necessário *ciclo caeiriano*, isto é, o forçoso afloramento de tudo que é belo e —porque o é— não pode permanecer indefinidamente oculto. Está nos *Poemas Inconjuntos*:

Mesmo que os meus versos nunca sejam impressos,
Eles lá terão a sua beleza, se forem belos.
Mas eles não podem ser belos e ficar por imprimir,
Porque as raízes podem estar debaixo da terra
Mas as flores florescem ao ar livre e à vista.
Tem que ser assim por força. Nada o pode impedir

Vêm-nos os versos à lembrança, não para acudir a um inexistente desejo de forçar comparações descabidas, mas porque os poemas deste livro nos parecem confirmar-lhes a lição. Esmerino Magalhães Jr. é poeta exigente e paciente. Não é dos que vertem a cornucópia, mas dos que preferem limitar o dizer, para dizer melhor. Não o tentou a estréia prematura; não é freqüentador de antologias e suplementos (embora o pudesse e talvez devesse); e este livro mesmo, praticamente concluído em 1973, apenas agora, vencidas mil relutâncias, completado o amoroso percurso das múltiplas revisões, o considera pronto para a vida exterior.

Seus poemas refletem o homem enquanto ser individual e enquanto ser social, sem dissociar-lhe um e outro aspecto, sem pose e sem modismo. Prevalece no Autor a visão do homem como ser-no-mundo (o transcendente, se comparece, é escassamente visível), o que se patenteia desde o título geral. Por este lado, acreditamo-lo mais próximo de Drummond, dentre os poetas invocados no início (mas que não são, decerto, os únicos a terem nele influído). Não obstante, só Fernando Pessoa é nomeado no contexto poemático ("Arquiteto"), além de ser quem mais notória marca lhe deixa, em termos de citações ou reminiscências. E, a julgar por estas, a face do poeta genial que particularmente o impressiona é a do heterônimo Álvaro de Campos, especialmente o da "Tabacaria" e do "Poema em Linha Reta".

Praticando sistematicamente o verso livre, às vezes Esmerino Magalhães Jr. se aproxima do poema polimétrico —predominante o

decassílabo—, do que extrai excelentes efeitos. A linguagem é correta e clara, sem inovações léxico-sintáticas. Nenhuma tendência ao virtuosismo. O que não significa pobreza: a simplicidade patente da flor (glosamos os versos de Alberto Caeiro) nutre-se da pujança oculta das raízes. Nem importa à poesia a maior ou menor riqueza e variedade dos recursos postos no poema, senão na medida em que a deixam ou fazem transluzir. Aliás, o Poeta satiriza (em "Laboratório") os excessos virtuosísticos de correntes contemporâneas, que pouco lhe dizem, a ele

*.... que só queria saber cantar
as dores do mundo
as tristezas do povo,
o cheiro da terra,
o vento nas árvores
a chuva nas telhas,
a terra,
a chuva
e o vento.*

Apontar-lhe a relativa simplicidade de expressão, todavia, não implica atribuir ao Poeta um tom angelical, que ele não tem. Sua poesia, ao contrário, é agressiva até os extremos de "Fantasia de Prometeu", realista nos moldes de "Lurdinéia Vai à Vida", agudamente consciente como em "Nada Disto É Notícia dos Jornais", e sempre repassada de humanismo.

Por tudo isto, saudamos em Esmerino Magalhães Jr. todo um grupo de novos poetas que, publicados ou aguardando vez, vão resgatando a poesia brasileira dos últimos anos de algumas mistificações e muitos equívocos.

UMA ESTRÉIA MADURA

Lourdes Teodoro – *Água-Marinha ou Tempo sem Palavra*
Ed. da A., Brasília, 1978

Lourdes Teodoro, que já conhecíamos de antologia e jornal, dá-nos agora seu primeiro livro: *Água-Marinha ou Tempo sem Palavra*. Não nos iludam o nome e o sexo do poeta Maria de Lourdes; nem nos iluda a cabeça do título: água-marinha é uma pedra. Não estamos diante de uma poesia *feminina*, se neste adjetivo implicamos o romântico, o sentimental; nem ela nos banha com as virtudes do mar, das águas — o vago, o difuso, a melodia, o mistério. Quem quiser vislumbrar algumas dessas qualidades nestes poemas deve ir logo aos finais, que, baseado em indícios como algumas datas esparsas, supomos sejam dos primeiros na cronologia do volume. O que, se verdadeiro, nos revela um processo de mineralização em que poderíamos ver não apenas um amadurecimento estilístico, isoladamente considerado (se isso é possível), mas também um reflexo (consciente) de uma das fases mais duras do processo nacional. A alternativa do título —*Tempo sem Palavra*— diz bem de um e outro.

Poesia, portanto, sem metafísica (se bem que o possa contradizer "A Transparência da Espera"), mesmo antimetafísica e talvez anti-religiosa em poemas como "A Derradeira Utopia" e "Paisagem ante o Mandacaru". Poesia despida de recursos métricos e rítmicos, sem rebuscamentos de linguagem, infensa à retórica, praticamente alheia ao vasto arsenal de truques de que estamos habituados a nos servir. Da nudez da realidade vai forjando a Autora a própria linguagem poética:

*não sou senão a estupefação das horas
que escorrem nodosamente sanguinolentas.*

*senão a vontade desarmada
de uma linguagem poética
para dizer a nudez do meu tempo.*

(De "Linguagem Desarmada".)

Contida ("em meu verso dorme / um amazonas violento"), impregnada da "tristeza justa" dos deserdados, harmonizada pela "esperança de um outro brasil" que "luta para sobreviver" ("Elegia Moderna"), a poesia de Lourdes Teodoro se realiza através de uma dicção brasileira e atual, jamais incorrendo nos pecados da moda: a anti-retórica sem elegância, o "brasileirismo" lingüístico como simples máscara da

ignorância, a contestação sem grandeza (literária ou humana). Em mais de um momento, o dizer novo, sem ostentação:

*nas caatingas
ventres sombrios
levam à morte
na beira pródiga
de um vago rio.*

*a terra
canta em língua nova
uma miséria antiga.*

(De "Vera Cruz".)

O livro de Lourdes Teodoro, desde o magnífico poema inicial, "A Geração do Medo", até os últimos, enriquece de aticismo e gravidade exemplares uma das mais prestigiosas vertentes da poesia brasileira hodierna. Madura estréia, que esperamos confirmada em novas safras.

A CIDADE E A SERRA

H. Dobal – *A Cidade Substituída*, Sioge, São Luís
A Serra das Confusões, Corisco/Univ. Fed. do Piauí, Teresina
1978

Desde a esplêndida estréia, em 1966, com *O Tempo Conseqüente* (que o excluiu da categoria dos bissextos), H. Dobal tem-se mantido numa linha própria que podemos qualificar de realista. Mestre do retrato, quando focaliza certa paisagem nordestina, e nessa paisagem o homem, não se fossiliza, porém, no imobilismo fotográfico. Emergências da memória, da infância, fusões de aspectos da realidade e de uma singular apreensão deles, os seus retratos têm duração. Têm um movimento, um ritmo, os do lento fluir do tempo — exterior e interior; tempo que se pode sentir, que nos transmite sua pátina, mas que não é passível de medição.

A Cidade Substituída reúne poemas que têm por objeto a velha São Luís do Maranhão, com seus balcões, com seus azulejos, com sua história, seus encantos. Também aqui, é o tempo a matéria do Poeta, o tempo com suas duas mãos: uma, física, fatora de ruínas; a outra, talvez mais terrível, posto que imponderável, semeadora de esquecimento. São elegias à cidade-memória, à cidade-testemunho, que os homens deixam perder-se e destruir-se; à cidade gloriosa, fadada ao desaparecimento, "substituída por outra / estranha ao seu passado" (do poema que dá o título ao volume, p. 30). Ou apóstrofes (exemplificadas pelo mesmo poema). Ou momentos de puro lirismo, como em "A Tarde" (p. 25):

*O bem-te-vi divide a tarde para sempre.
E a mangueira, a amendoeira, o flamboyant
são testemunhas imóveis.
Baixa na cidade
um momento perfeito
e a breve ausência de palpitações
demarca os hemisférios da tarde.*

Em *A Serra das Confusões*, H. Dobal nos oferece uma seqüência de instantâneos, em que há muito de anedótico e de epigramático. Tal nos parece a tônica do livro, cuja circunstancialidade, entretanto, é transcendida. Veja-se "O Padre" (p. 30):

*O padre Pereira,
povoador dos sertões,
jogador de gamão,
fumante inveterado,
escandalizava o bispo distante.
Mas quantas vezes,
na paz da paróquia,
restava absorto, calado,
como se ouvisse no silêncio da noite
o vôo dos anjos sobre as torres da igreja.*

Numa e noutra obra, conserva o Autor a sobriedade e a dignidade de linguagem que o têm caracterizado e que, dando forma a um verdadeiro sentir poético, lhe têm assegurado lugar de realce em nossas letras.

UM BARROCO MODERNO

Fernando Mendes Vianna – *Embarcado em Seco*, 1978
O Órfão Explosivo, in *Poesia Viva* 2, 1979
Civilização Brasileira, Rio de Janeiro

Se a estréia de Fernando Mendes Vianna, em 1958, com *Marinheiro no Tempo e Construção no Caos*, patenteava uma vocação, seu segundo livro, *A Chave e a Pedra*, dois anos posterior, mostrava-nos um poeta extraordinário: correto, sem raços formalistas; intenso, sem desbordamentos; e profundamente humano, em sua emocionada perquirição dos mistérios do eu e do destino. Data desses inícios a preocupação, que se revelará constante, com a psicologia do poeta e a natureza da poesia.

Conquistada, com as produções reunidas nesse denso volume, a plena mestria no poema curto, reaparece o Autor, em 1964, com *Proclamação do Barro*, que inclui composições de fôlego mais largo, de artesanato às vezes menos policiado, mas cujo conjunto lhe acrescenta a já significativa importância. Obra mais ampla e menos homogênea que *A Chave e a Pedra*, parece-nos a que melhor caracteriza o Poeta, exibindo-lhe quase todo o espectro, com suas inegáveis altitudes e os desequilíbrios inevitáveis numa poesia de permanente oscilação entre as rigorosas construções estéticas e o livre fluxo da angústia de ser no mundo.

Definamos mais amplamente o sentido desse pêndulo —entre os pólos do profano e do sagrado —e veremos configurar-se o barroquismo de Mendes Vianna, um barroquismo temperado no vinho romântico-simbolista e que se acentua em *O Silfo-Hipogrifo*, de 1972.

Não existe arte sem disciplina. Os desregramentos que às vezes se permite ou se impõe o artista pressupõem o conhecimento da norma. O contrário é a indisciplina da ignorância, ou da impaciência, cômodo e fatal equívoco a que se têm rendido, entre nós, alguns talentos. Parafraseando Antero de Quental: é preciso ser disciplinado até na (ou para a) indisciplina.

O autor de *Embarcado em Seco* é um temperamento indisciplinado, mas longa e amorosamente retemperado na disciplina de sua arte. A síntese desses contrários é a modernidade do seu barroquismo.

Detentor de notável poder verbal, arrisca-se por vezes a fazer dessa força a sua fraqueza. Mesmo, porém, quando se entrega ao excessivo, como que desejando comprimir num poema toda a extensão desse poder, salva-o da queda a asa de seu Pégaso.

Em *O Órfão Explosivo* —um tanto deslocado na coletânea *Poesia Viva 2*— colhemos amostra da vertente menos *culteranista* de sua grande poesia:

*Como soldados regressados de uma batalha magnânima,
ou lavradores de volta da colheita,
ou crianças depois de grande correria,
assim, nos amantes, a paz depois da posse.*

*Recompõem-se, ainda arfantes, os dois corpos,
ao som dos últimos arquejos, como trovões ao longe,
e o silêncio refaz sua unidade como o espelho de um rio,
cessada a tempestade.*

*Cansados, quase em sono, ouvimos, agora, no ar, um rumor de
folhagem, sob uma chuva mansa e longa
nas margens da carne. Parece um murmúrio de cálida brisa
percorrendo nossos corpos estirados como dois animais à
sombra de uma árvore no campo de estio.*

*Somos, agora, como as pedras do alvéolo,
duas longas pedras brancas no fundo da água clara,
cada vez mais clara
no leito de novo acamado.*

Fernando Mendes Vianna é um dos mais legítimos temperamentos poéticos, e uma das mais refinadas vozes de nossa geração. Forma, com destaque, entre os que, neste tempo chão, testemunham a altitude e a permanência da Poesia.

TEMA E VARIAÇÕES

Fernando Mendes Vianna – *Solo* (1995). Inédito.

Esta breve coleção de poemas é, do ponto de vista formal, como que uma síntese dos caminhos percorridos pela arte de Fernando Mendes Vianna, reunindo as aparentes contradições de seus três livros mais marcantes. Viajando através dela revemos, numa paisagem harmônica, traços característicos das fases representadas por esses livros: a brevidade emblemática de *A Chave e a Pedra* e a torrencialidade da *Proclamação do Barro*; a linguagem de tom, se não erro,

predominantemente simbolista até a *Proclamação* e o barroquismo às vezes exasperado de *O Silfo-Hipogrifo*. Passamos, sem sobressalto, do verso despojado da maioria dos poemas curtos (alguns deles, como "Solilóquio" e "Ânsia", são ricos em jogos vocabulares) para a requintada arquitetura verbal de "Suíte da Garça Real".

Tanto as composições menores quanto a "Suíte" são (com o parêntese de "Solidão") variações em torno de um mesmo tema, dado pela peça inicial, "A Queda de Ícaro": o vôo, ou a tentativa de vôo, e o *Solo* (palavra de feliz ambigüidade, no caso, por sua conotação musical).

O Poeta é Ícaro e, na "Suíte", a garça (que, sem sombra de imitação, é, pela carga metafórica, aparentada com o albatroz de Baudelaire).

Grande no espaço e no *Solo*; belo no vôo, belo na tentativa de conquista do Alto e ainda —tragicamente— belo na frustração de pertencer à terra.

DOIS MESTRES-POETAS

Ángel Crespo, trad. Domingos Carvalho da Silva – *Poemas Necessários*
Clube de Poesia e Crítica, Brasília, 1979

É a de Ángel Crespo uma poesia do homem no seu espaço — a terra com suas plantas e animais, a rua, a casa e seus objetos. Uma poesia *gregária* — mas com o adjetivo não desejaria obscurecer a íntima solidão (o íntimo silêncio) que é fulcro necessário ao trânsito do mistério, presente nela. Pois não é poesia das que se gastam no descritivo, senão das que se propõem o difícil —porém, no caso, profícuo— perquirir de essencialidades. O que melhor a caracteriza, porque onde mais amorosamente mergulha, é, em nosso entender, algo que nos não expõe diretamente, mas dela transparece: a comunhão profunda entre o homem e a natureza — e sua nostalgia, numa civilização que a oculta e dissipa. Formalmente, salienta-se por uma linguagem forte, não raro veemente, para usar expressão ouvida a seu tradutor brasileiro. Ritmicamente, diríamos que o decassílabo é seu nível, seu tônus, em torno dele construindo-se e oscilando os outros metros, especialmente seu companheiro natural, o heróico quebrado. Se acrescentarmos que a obscuridade é uma de suas frequências, teremos esboçado o quadro das dificuldades que antepõe à tradução.

Haverá quem pense que a grande semelhança entre o português e o espanhol reduz os obstáculos normais com que se defronta o tradutor de poemas. Engano —algumas vezes, multiplica-os. A tentativa de transpor poesia para idioma tão próximo redundante, se não a empreendem mãos de mestre, em grotesco arremedo, e tem-se a penosa impressão de que a língua segunda não passa de tosco dialeto da primeira. A semelhança leva à *facilidade*, e esta à contrafação. Mais do que nunca, é então preciso *recriar*.

Domingos Carvalho da Silva é o mestre que se poderia cometer, sem riscos, essa empresa. Poeta notável, tanto pela criação original —nos dez volumes que tem publicado, desde *Bem-Amada Ifigênia* (1943) até *Vida Prática* (1976)— quanto pela recriação de obras alheias —nomeadamente a dos *20 Poemas de Amor e uma Canção Desesperada*, de Neruda—, ademais de notável estudioso de poesia, as traduções-recriações que ora nos oferece são límpidas e frescas como se originalmente compostas em português.

Temos, assim, com a publicação destes *Poemas Necessários*, a felicidade de poder conhecer, ou reconhecer, uma excelente poesia, pela voz não de um, mas de dois dos mais destacados mestres-poetas contemporâneos.

MÚTIPLA ESCOLHA

Domingos Carvalho da Silva – *Múltipla Escolha*
José Olympio, Rio de Janeiro, 1980

Domingos Carvalho da Silva é nome de todos conhecido. Contista de mérito, crítico e ensaísta notável, excelente tradutor de poesia (é *best-seller* a sua versão em língua portuguesa dos *Vinte Poemas de Amor e uma Canção Desesperada*, de Neruda), é todavia na criação poética original que melhor se cristaliza o seu excepcional talento. Todos o conhecemos, dizia; faltava, porém, ao público uma edição que reunisse os seus poemas, dispersos por uma dezena de livros. Não saiu a edição da poesia completa, mas, para uma visão de conjunto do Poeta, é talvez melhor ainda a bela antologia que, subordinada ao título *Múltipla Escolha* e com introdução de Diana Bernardes, nos oferece a Livraria José Olympio Editora, em convênio com o Instituto Nacional do Livro.

É obra de importância, esta, tanto para o simples amador de poemas quanto para o jovem estudioso de nossa poesia. À sua leitura, caem por terra equívocos veiculados por generalizações acerca da chamada Geração de 45, de que o Autor é um dos mais eminentes líderes. Entre essas "idéias-feitas" a respeito daquele grande e heteróclito grupo de escritores (e algumas correm anônimas, perdida a memória da origem) estão as que induzem o leitor a aplicar-lhes, indiscriminadamente, o rótulo de "neoparnasianos", quando não o anátema de "poetas de gabinete" ou "torre de marfim"

Uma das causas da aplicação genérica dessa etiqueta — "neoparnasianismo"— terá sido a luta contra o afrouxamento formal e, especialmente, a reabilitação do soneto. No livro *Girassol de Outono*, de Domingos Carvalho da Silva, assinala a reconquista dessa forma a série "Papoulas e Estenógrafas", cujo primeiro soneto apresenta este final:

*Em feiras e oficinas terei lavras
do poético metal, pois tudo é apenas
mineração e liga de palavras.*

Isso, entre outras coisas, terá contribuído para o nascimento ou a difusão daquela "idéia-feita". Para apagá-la, basta um sumário exame da metrificação de Carvalho da Silva, na série citada e ao longo da obra

poética; metrificacão que, referta de eclipses, hiatos, dodecassílabos atípicos e sínopes violentas, está longe de obedecer à mais pura tradiçãõ do parnasianismo brasileiro. Isso quanto ao exterior; quanto ao essencial, podem e devem ser chamadas à colaçãõ peças como este "Poema Terciário", cuja estrofe inicial vamos reler:

*Cavalos já foram pombos
de asas de nuvem. Um rio
banhava o rosto da aurora.
Cavalos já foram pombos
na madrugada do outrora.*

Grande sonetista embora, não é sob a forma soneto que vamos encontrar as suas mais altas realizações. Seu verso nervoso, sarcástico, participante —medido ou não— parece mais à vontade em formas menos fixas. Lúcido, em geral sem grandes arroubos de paixão, mas nunca impassível, é este um poeta oscilante entre o espírito clássico e o romântico, não me parecendo compreensivo imobilizá-lo numa ou noutra tendência.

Seu primeiro livro, *Bem-Amada Ifigênia*, exibia já um modernismo de tonalidades românticas e simbolistas, temperadas de ironia. O segundo, *Rosa Extinta*, canta a poesia como essência e como demiúrgica purificadora e recriadora do mundo (por exemplo, em "Canto de Louvor da Poesia" e "Com a Poesia no Cais"), e reúne elegias a um filho prematuramente desaparecido. D'O *Livro de Lourdes* destaca-se o puro e exato "Lirismo", seguindo-se-lhe *Espada e Flâmula*, cuja tônica é social. Em *Praia Oculta*, ganha corpo uma imagística algo surrealista, de que se pode tomar como paradigma a primeira estrofe de "Antecipação":

*As patas da noite esmagam
os lírios débeis da aurora.
Por invisíveis estradas
negros cavalos galopam.
Ao longe brilham dois lagos
da cor triste de teus olhos.
Dunas de angústia se formam
nas praias frias da morte.*

Nessa linhagem, aliás, virá inserir-se o citado "Poema Terciário", de *Girassol de Outono*.

"A Fênix Refratária", poema que dá título ao livro seguinte, exemplifica o domínio sobre o verso tradicional e o verso moderno, o medido e o livre, e os estilos de época desde as *cantigas de amor* até as vanguardas do século XX, de que se serve o Poeta, sem aderir a nenhuma. Seguem-se *À Margem do Tempo*, *A Viagem de Osíris* e as inéditas *Circunstâncias*, antes da recente *Vida Prática*, em que, por ora, culmina a produção poética de Domingos Carvalho da Silva.

Temos, assim, em *Múltipla Escolha* a seleção de onze livros, através da qual podemos acompanhar a trajetória de um importante poeta, fruindo, na variedade de seus recursos e na unidade da sua inspiração, sempre um alto prazer literário.

LINHAGEM POÉTICA

Alberto da Costa e Silva – *As Linhas da Mão*
Difel/INL, Rio de Janeiro, 1979

*A mão de meu pai sobre o papel desenha,
quase num só traço, o menino a cavalo.*

*Sai de sua mão a mão com que lhe aceno,
e vai sobre o papel o menino a cavalo.*

*Choro sobre o colo do triste, e órfão, e cego,
para tudo o que atado estava à vida, vivo,*

*mas sem sonho e sem carne, a falar-me sem nexo
sobre um céu e um sol de que foi desterrado,*

mas que punha ao redor do menino a cavalo.

*O rosto longo e só, rasgado pelas rugas,
o olhar a rever o que perpétuo tinha,*

*e que nunca me disse, em seu pensar cortado
do dia em que vivia (no seu convívio raro*

*com a cadeira de braços, o pijama, os seus pássaros,
a cinza e a rotina de estar morto, acordado),*

*no papel ele unia a mão que desenhava
à mão com que acenava ao menino a cavalo,*

*neste adeus em que estou, desde então, ao seu lado,
o menino que volta, a chorar, a cavalo.*

Nestes versos finais de "O Menino a Cavalo" se patenteia e resume, quase como fatalidade, como cumprida profecia, a jornada poética até agora vencida por Alberto da Costa e Silva e consolidada em *As Linhas da Mão* — dos poemas inaugurais de *O Parque* aos do livro que dá o título geral do volume, estes em primeira edição.

Cavalos, potros (e jumentos e bois, e ovelhas e pássaros, toda uma fauna, e toda uma flora rural) saltam dos profundos campos da memória para as fescas relvas e córregos do poema — onde convivem naturalmente com o adulto supercivilizado, requintado, com sua serena tristeza, sua metafísica, de que são eventual montaria, por exemplo no admirável soneto "Um e Nenhum".

É esta uma poesia de densa e alta humanidade, conjugação feliz de sutil pensamento e contida emoção, lavrada em forma elaboradíssima, de complexa sintaxe, cuja magia nos deixa uma impressão de simplicidade; e uma poesia ancorada na terra, alimentada de terra e do humo da infância.

Tudo, aliás, creio que deixou dito, em melhores palavras, no excelente prefácio, Antonio Carlos Villaça ("A infância, o amor, a morte, o silêncio, não será o roteiro da sua poesia? A infância com a figura do Pai. E a morte do Pai, em 1950, no limiar da juventude de Alberto." "Sua poesia parte da infância e volta à infância." "... a infância é a sua pátria e através da infância se opera o encontro do poeta com a palavra."), que numa simples expressão —*sobria ebrietas*— com tanta justeza evoca o clima deste poeta.

A versificação de Alberto da Costa e Silva é centrada no decassílabo, metro seminal mesmo nos poemas polimétricos ou livres, com poucas exceções. Raras composições nas redondilhas ou em hexassílabos, manejados, todavia, sempre com perícia e elasticidade. Registrem-se, ainda, versos alexandrinos (como na epígrafe escolhida para estas linhas), em que se misturam o tipo clássico, o espanhol e o dodecassílabo sem cesura.

Pela forma e pela essência, a poesia de Alberto da Costa e Silva, em boa hora reunida neste volume, honra, sem a repetir, a obra paterna, confirmando-o como um de nossos mais finos poetas.

VÍCIO DE BEM ESCREVER

Alberto da Costa e Silva – *O Vício da África e Outros Vícios*
Edições João Sá da Costa, Lisboa, 1989

Vive o Brasil deste último quartel de século (e não emprego or inadvertência aquele ambíguo substantivo...) um longo momento de geral permissividade: nos costumes, nos meios de comunicação, na linguagem. A Constituição de 1988, ao inscrever a total abolição da censura, consagrou um anseio e uma prática em expansão. Em verdade, no meio urbano —e numa sociedade que se urbaniza a galope e sem cautelas...—, o ato liberal equivaleu a entregar os freios a um cavalo que já os tomava. A indisciplina lingüística é um capítulo dessa história. A sociedade reprimida se vingava ignorando os códigos, a começar dos que oferecem menos resistência; isto é *lei*. E essa vingança, afinal, acaba tomando corpo de rebelião em todos os domínios: todos querem gozar dos benefícios da era industrial, de consumo, e o querem já; também na sociedade das letras

vê-se essa urgência, que evita o lento o difícil caminho da disciplina e, coerentemente, zomba dos padrões de ontem — não digo dos antigos, mas dos de *ontem* mesmo. Nesse quadro, que eu espero estar exagerando, se coloca a indisciplina substancial e formal de muitos dos que procuram realização ou afirmação na literatura. Assim, com certa freqüência, se falamos em escrever *corretamente*, em escrever *bem*, somos tachados de *passadistas*, *maneiristas* — por aí...

Não ignoro que o novo escritor, quer se dedique ao teatro, ao cinema, à televisão, quer a gêneros mais livrescos, sofre uma pressão *para baixo*, graças à presente impossibilidade social de distribuir boa e ampla educação. Por isto ou por aquilo, fato é que estamos dando novos contornos ao português falado e escrito no Brasil; falta-nos perspectiva para dizer como será o resultado; assalta-me, contudo, o receio de que, em vez de o afiar, estejamos embotando o nosso instrumento de pensar e de comunicar.

Estas divagações melancólicas me vêm, por contraste, da leitura de alguns livros recentes que não acompanham essa linha descensional, e cujos autores nem por isso deixam de ser modernos e vincadamente brasileiros.

Entre esses escritores está Alberto da Costa e Silva, conhecido antes como poeta, mas praticante de uma prosa que reúne luminosidade e rigor. Dele se pode dizer que escreve com correção, sem preciosismo e sem ranço; com elegância, sem perda de objetividade.

O Vício da África e Outros Vícios compõe-se de textos publicados em jornais e revistas do Rio de Janeiro, de São Paulo, de Brasília, de Teresina, de Lisboa e de Madri, reunidos em volume de muito bom gosto pelas Edições João Sá da Costa, da capital portuguesa. Os textos apresentam-se em três subconjuntos, seguidos de uma "Coda" que homenageia Portugal. No primeiro, que estende o título ao livro, prendemos logo o ensaio de abertura, em que o Autor transmite impressões de "Uma Visita ao Museu de Lagos". Transcrevo-lhe os últimos parágrafos, capazes de dar o pulso do estilista:

Detenho-me diante dos postes esculpido e das estátuas de madeira iorubanas. Raríssimas vezes a arte aproximou-se tanto do espírito como nesta escultura religiosa densa e provocante. É a *noche oscura* este cerrado esplendor das forças do mundo, comprimidas todas nestes homens de complicados ornatos, montados em sonhos de cavalos, nestas mães com crianças pendendo de alongados seios, nestas mulheres com potes nas mãos e filhos às costas, nestes povoadores dos altares de orixás. Há uma fúria de vida nestas imagens de móvel inércia, que sintetizam uma cultura em que o sagrado e o profano não se distinguem e na qual todos os minutos e todos os atos parecem ter o caráter de prece.

Nas imagens iorubanas existe permanente e intensa concentração mística. Nelas não se percebe qualquer toque de dor ou de alegria. Estão à espera de ser grávidas de um deus. *Muero porque no muero*.

Ainda se fazem imagens como estas entre os iorubas. Esculpir, para eles, não é tentar vencer a eternidade para um nome ou uma obra. Isso é um jogo inútil e pobre. Fazer imagens é superar a falácia da eternidade e construir uma parte da vida, um ser presente.

Está aqui a escultura, pronta para ser pintada nos dias de festa, para receber um turbante de pano colorido e colares de contas. No festival das imagens, será colocada no meio das outras, e as crianças brincarão entre elas. São esculturas úteis, amigas e sagradas. Mas, se os cupins as consomem ou se alguém as parte, os nagôs as substituem por outras, com naturalidade e sem lástima. Foram feitas, como os homens, para morrer.

Nessas estátuas, o verdadeiro destino da arte se cumpriu. Libertaram-se inteiramente do criador e são de todos. Por isso, ao ver os olhos ardentes desses paus humanizados, com que se responde ao mundo de forma ativa e participante, recordo o diagnóstico de Erich Fromm, em *The Sane Society*, sobre o orgulhoso mundo europeu e sua supersticiosa erudição. Das conclusões desse ensaio faz parte a afirmativa de que, sem dúvida, uma aldeia onde ainda existam festas de verdade e expressões artísticas exercidas e fruídas por todos, em comum, lado a lado com o analfabetismo absoluto, é mais avançada, culturalmente, do que as nossas cidades de leitores de jornal e ouvintes de rádio.

Os outros ensaios dessa parte falam de influências culturais brasileiras, levadas por nativos de volta de nossas terras, nas danças e festas, na culinária, na religião e, de modo particular, na arquitetura da Nigéria, do Togo, do Daomé, encerrando-a um estudo mais longo sobre "As Relações entre o Brasil e a África Negra, de 1822 à Primeira Guerra Mundial".

Na segunda parte, "Formas de Olhar", Alberto da Costa e Silva fala dos pintores Lula Cadoso Ayres e Waldemar da Costa, do colecionador Abelardo Rodrigues; há um interessante artigo "Sobre os Retratos"; e de novo a África, em "Os Saôs, Construtores de Muralhas" e no breve texto final, através do qual acompanhamos, com o escritor, seu repentino encontro com a origem do frevo na Costa do Marfim.

A terceira parte do livro contém escritos sobre prosadores e poetas. Deles destaco, além do dedicado ao pai do ensaísta, o ilustre Da Costa e Silva ("O Aprendizado de Orfeu"), o ensaio sobre esse dantesco poeta que foi José Severiano de Resende (só não concordando com o severo julgamento de nossa poesia pelo Autor) e o "Pequeno Texto sobre um Grande Poeta" (William Blake). Os outros brasileiros contemplados são Jorge de Lima e Manuel Bandeira ("Um Menino e Dois Poetas"), José Geraldo Vieira, Murilo Mendes, Guimarães Rosa, Oswaldino Marques ("Usina do Sonho"), Ferreira Gullar ("Um Sonho como Pretexto"), Antônio Carlos Villaça ("O Nariz do Morto") e Marly de Oliveira, sem contar as referências cruzadas.

Um livro, quero afinal dizer, de múltiplo interesse: pelo temário, pela sensibilidade, pela agudeza intelectual e pelo estilo.

NOITE ILUMINADA

Alberto da Costa e Silva – *Consoada*
Bogotá, 1993

Sob o bandeiriano título *Consoada*, e com epígrafe extraída do poema homônimo de Manuel Bandeira, reúne Alberto da Costa e Silva dezesseis poemas escritos entre 1982 e 1993, e os faz imprimir em Santafé de Bogotá (o Poeta é o nosso embaixador na Colômbia), em edição fora de comércio, para distribuição entre amigos, como lembrança de Natal. O pequeno volume, reduzido na altura e de muito bom gosto gráfico, é de encher os olhos e o coração do *amador de poemas* (recordo o título feliz de Péricles Eugênio da Silva Ramos).

Em seu estilo sereno, contemplativo, de quem lembra, vazado numa linguagem sóbria, num verso livre harmonioso ou num verso medido sem fanatismos métricos, Alberto privilegia os temas recorrentes (e entrelaçados) da fuga do tempo, da infância ida, da decadência física, sugerindo —desde o título— uma preparação (decerto prematura) para a morte. O que há de sombrio nesse quadro é redimido pela eternidade da beleza e do amor: só nos veriam os deuses "o escuro das vísceras" e o recôndito fel "se, amantes, / não suasse a beleza em nossa pele"; e, embora "frágeis e mortais", "amamos, / para resgatar o que no deus / foi sonho" (cito "A Adolescência de Hölderlin" e "5 de Setembro", dois dos poemas culminantes).

Além dessas duas peças, e acima delas, considero obra-prima o primeiro soneto inscrito nessa *Consoada* — uma longa frase, densa de pensamento e poesia, iluminada pela flor suja que "sobre a cerca podre / se constela em jardim" e, paradoxalmente, pela trevosa imagem da "noite ... / pendurado morcego", que cede à luz da comovida inspiração do Poeta.

DA PROSA AO VERSO: POESIA

Astrid Cabral – *Ponto de Cruz*
Cátedra, Rio de Janeiro, 1979

Dos contos de *Alameda* aos poemas de *Ponto de Cruz*, deixou transcorrer a Autora dezesseis anos de silêncio. Silêncio, entretanto, apenas editorial, como o demonstra o denso e o elaborado deste último livro, fruto evidente de subterrâneo e pertinaz trabalho no campo da linguagem.

Da festejada estréia a esta segunda obra, alguma modificação se nota, além da passagem de um gênero a outro: maior concentração, sobriedade acentuada. O que não mudou: o sopro da Poesia, que a ambas perlustra.

Em *Alameda* (GRD, Rio, 1963), uma das melhores surpresas foi a exploração da sensibilidade vegetal, em termos de *realismo poético*, num momento em que o fato dessa sensibilidade ainda não se firmara como tal ou, pelo menos, não tinha a divulgação que anos depois alcançaria.

Em *Ponto de Cruz*, há momentos de puro e simples lirismo:

À DERIVA

*Desmancham-se longos romances
e o vento que carrega as estações
é o mesmo arrastando-me os cabelos.*

Mais freqüente, contudo, é o lirismo carregado de reflexão e velado indagar que percorre (e nos leva em seu vôo) com gravidade mas em asas de leveza, as regiões antípodas do cotidiano e do eterno. Sempre com segura perícia.

De sua múltipla e vigorosa invenção vocabular colho por amostra bastante um único verso: "finosfios de águas mágoas" ("Assombração", p. 51), em que os compostos, aparentando reduplicações com síncope e prótese, revelam-se belamente expressivos, dos pontos de vista semântico e poético.

Outros poemas de comparável altura, como "Ponto de Cruz", "A Palavra na Berlinda", "Palavras Abstratas", "Navio-Esquife", "Aquém do Hoje", "Eternos Metais", "Círculo", "Filhos", "A Sagrada Garra", entre muitos, dão, finalmente, testemunho inquévoco de que em Astrid Cabral a poesia brasileira ganha uma nova e belíssima voz.

A POESIA CRÍSTICA DE IVANIR GERALDO VIANNA

Ivanir Geraldo Vianna – *Vertente Humana*
Tao, Brasília, 1980

Aquele que se interessa pelas correntes de pensamento voltadas para a perspectiva da próxima inauguração de uma idade áurea sujeita-se ao mergulho num contexto complexo e contraditório, fervilhante de especulações, procuras, crenças e dúvidas em torno do destino maior do homem e de uma redefinição desse destino.

Nos momentos de crise, nos momentos de transição, nas vésperas de mudanças profundas como as que se prenunciam neste fim de século, é natural que a poesia —que se quer as antenas do homem— embeba o olhar no mistério do destino deste bicho da Terra, tão pequeno, tão ignorante de si, mas tão ansioso de ascensão e transcendência. E é natural, também, dada a diversidade dos homens, encarem os poetas a questão à luz de óticas diferentes, ou mesmo contraditórias. De um modo geral, entretanto, estão esses poetas ligados por um fio invisível, um ponto de vista comum, isso a que poderíamos chamar mirada metafísica.

Essa mirada metafísica reúne hoje em uma só família um grande grupo de poetas de diferente dicção e incontáveis matizes; e é por ela que posso aproximar, por exemplo, um sonetista como Montenegro Cavalcante; um Geraldino Brasil, cujo verso livre condena este tempo e saúda os "meninos inventores do Terceiro Milênio"; um Santiago Naud, poeta acentuadamente esotérico, na fase mais recente; um Fernando Mendes Vianna, oscilante entre o sagrado e o profano; um Joanyr de Oliveira, cujo verso é animado por um sopro místico e uma preocupação social. Dentre os poetas da geração anterior que podemos incluir nesta linha, dois se destacam por poemas sobre Brasília, nos quais parecem ecoar a profecia de D. Bosco e outras antevisões da importância desta cidade para o futuro da espécie: Guilherme de Almeida e Cassiano Ricardo.

Ivanir Geraldo Vianna, poeta de que nos ocupamos hoje, tem de comum com essas correntes a afirmação espiritual. "Navego sem destino mas não estou perdido", diz ele. "Sou um conquistador de novos mundos!... Incomunicáveis espaços de outra vida..."

A poesia de Ivanir, consubstanciada no livro *Vertente Humana*, singulariza-se pela ausência de especulação. Ele não nos propõe problemas filosóficos, não nos enreda em labirintos mentais, não tenta seduzir-nos com artefatos verbais espetaculares. Com a serenidade de quem se sabe no Caminho, dá-nos o fruto de sua íntimas vivências, oferta-nos as certezas e as esperanças colhidas na jornada, incute-nos a lição do trabalho e do amor, numa poesia-sabedoria de sabor oriental (que, por isso mesmo, prefere envasar-se no versículo). Sua palavra é clara, sua mensagem é simples:

*Por que insistes em bifocalizar espaço incolor se é azul
o universo?*

*Para quem sabe amar como tu, a vida é uma gloriosa
ventura!*

Por sua essência de espiritualidade, de amor, pelo que tem de oração, pelo que encerra de sacrifício, é que chamo crística essa poesia, apoderando-me de adjetivo inscrito no poema cuja leitura arremata este comentário:

*Quando o repouso crístico estender meus olhos e
antigas mensagens não mais precisarem movimentar meus
lábios...*

*Quando inundado daquele torpor no qual o sol é
apenas uma pequena centelha.*

*Não sei de que céu desconhecido tirarei uma estrela —
mas minha alma se fundirá no meu canto solitário.*

*E toda a prece será um perfume de milenar cantiga
quando ainda não estava eu, à beira do caminho.*

SONETOS DE SÃO LUÍS

José Hélder de Souza – *Sonetos de São Luiz*
Coleção Machado de Assis, Senado Federal, 1981

Sonetos de São Luiz é o título do mais recente livro de José Helder de Souza. Trata-se de um poeta que, confessadamente, —diz Almeida Fischer— "sempre repeliu e abominou qualquer formalismo na feitura do poema". Daí estranhar-se a promessa, na capa, de um livro de sonetos. Mas a promessa não se cumpre. Somam apenas três as composições na fôrma petrarquiana, depois das quais retorna José Hélder à liberdade estrófica e métrica, em que o sentimos mais à vontade, e em que mais fluentes "sopram as velhas angústias, os desesperos e os tormentos que afligem o homem sensível", na frase de Milton Dias, um dos prefaciadores.

Uma das características deste autor, assinalada com acuidade, embora *en passant*, por Antônio Girão Barroso, é o seu onipresente telurismo: chuvas, relvas, matas, rios, praias, a obsessão do mar. Sem nenhum derramamento: paisagem discreta, linguagem sóbria. Aqui e ali, a presença do social:

*No emaranhado dos teus sonhos, Pedro,
tiveste algum para a redenção do teu povo?*

"Homem de muitas cidades", observa Tarcísio Holanda na primeira contracapa, em Brasília se radicou há mais de vinte anos o cearense José Hélder. Tem publicado ensaios e crônicas, muitas destas reunidas nos volumes intitulados *Os Homens do Pedregal* e *Coisas & Bichos*. Como poeta, lançou, antes, *A Musa e o Homem* (1959) e *A Grandeza das Coisas* (1978).

Boa amostra de sua poética são os versos de "À Imitação de Vinicius de Moraes":

*Senhor, tende piedade dos homens
que se embriagam em noites vãs.*

*E tende piedade das mulheres
enclausuradas nos bordéis
posto que são muito tristes.*

*Mas tende muito mais piedade
de mim, Senhor
que me embriago e me apaixono
pelas mulheres enclausuradas.*

INSTINTO E TÉCNICA

José Hélder de Souza – *Rio dos Ventos*
Alhambra, Brasília, 1992

José Hélder de Souza estreou-se nas letras como poeta, em 1959, com *A Musa e o Homem*. Publicaria mais três coleções de poemas, *A Grandeza das Coisas*, *Sonetos de São Luiz* e *Relvas do Planalto*. Além da poesia, tem cultivado, com merecimento, a crônica, a novela e o ensaio.

Assim reconhecido, embora, o valor revelado em todos os gêneros e formas literárias que pratica, tenho para mim que a prosa de ficção é onde o encontramos mais à vontade, mais comunicativo, onde melhor se expande a musculatura de sua expressão.

Da força do prosador disse muito bem o esplêndido contista que foi Samuel Rawet, para quem merecia Hélder o qualificativo "admirável", sendo capaz de dar "a imagem global da língua *nordestina*, talvez o equilíbrio perfeito entre o português arcaico, castiço e o brasileiro gostosamente errado". Arrematava o autor de *Contos do Imigrante*: "um prosador capaz de dar um pontapé na gramática quando o recurso expressivo tem exigência maior".

Quanto à preeminência do ficcionista, é também a opinião do crítico Sânzio de Azevedo: "para nós, o autor se realiza no poema, no ensaio e na ficção, mas nesta última (pelo menos para nossa visão do fenômeno estético) ele atinge o ponto mais alto de sua obra de escritor".

Os contos de *Rio dos Ventos*, com que encerra Hélder o ano de 1992, comprovam a habilidade, o senso, o instinto —além da técnica— do narrador: boa construção, boa condução do fio narrativo, de sorte que o interesse do leitor se mantém até o fim do curso.

Rio dos Ventos foi editado, em Brasília, pela Alhambra, e tem prefácio de Clovis Sena.

POESIA VERDADEIRA

José Hélder de Souza – *Viagem: Caminhos*
Verano, Brasília, 1998

José Hélder de Souza, cearense de Massapê, “criado em Sobral e adolecido em Fortaleza”, como se lê na quarta capa de *Rio dos Ventos*, é essencialmente poeta. Não o desmente esse livro de contos, como não o contestam as ficções e crônicas de *Coisas & Bichos* ou a novela intitulada *Crônica Sangrenta de um Amor Baldado*. Excelente narrador, tanto quanto poeta, parece-me, contudo, que as qualidades deste prepararam o caminho daquele, não tanto pela anterioridade (sua estréia se deu com os versos de *A Musa e o Homem*), antes pela natureza de sua linguagem, culta mas fundamente embebida em suas vertentes populares, nordestinas (desse Nordeste que tão bem sabe casar o narrativo com o poético). Percebeu-o Clovis Sena, que lhe assinala, na apresentação de *Rio dos Ventos*, “um poder narrativo ora lírico, ora dramático, por vezes humorado” (grifei). Também Milton Dias, em comentário a *Coisas & Bichos*, lhe sublinha a “linguagem poética”. Por outro lado, creio também verdade que o talento de narrador de Hélder participa na estruturação de muitos de seus poemas, afirmativa cuja aferição delego ao critério do leitor.

De poesia, especificamente, aqui se deve tratar, já que de poesia é este livro. Não omita, porém, o prefácio menção a outras importantes facetas deste múltiplo e criativo homem de letras: a do ensaísta, a do orador acadêmico, a do jornalista — e, quanto a esta, quero referir-me, de modo particular, ao papel fundamental de José Hélder na criação e manutenção, em tempos que vão se tornando remotos, de um grande suplemento literário no *Correio Braziliense*.

Voltemos, entretanto, ao poeta, que, depois do livro de estréia, nos deu *A Grandeza das Coisas*, *Sonetos de São Luiz* e *Relvas do Planalto*. E, agora, este *Caminhos: Viagem*.

Sobre ele, muito já disseram figuras de grande prestígio literário e jornalístico. Aos nomes há pouco citados acrescentem-se os de Artur Eduardo Benevides, Cláudio Martins, Domingos Carvalho da Silva, Joanyr de Oliveira, José Santiago Naud, Samuel Rawet, Sânzio de Azevedo, Tarcísio Holanda, no Brasil; em Portugal, Carmen de Figueiredo e Jorge Ramos. Modestamente, mas com orgulho, somo o meu depoimento a esse ilustrado rol.

Almeida Fischer, um de seus mais notáveis críticos, registra que Hélder “sempre repeliu e abominou qualquer formalismo na feitura do poema”. Glosando-o, em nota sobre *Sonetos de São Luiz*, acrescento que na liberdade estrófica e métrica o sentimos mais à vontade, deixando fluir “as velhas angústias, os desesperos e os tormentos que afligem o

homem sensível” (frase de Milton Dias). Outra característica do Autor, vista com acuidade por Antônio Girão Barroso, embora apontada de passagem, é um onipresente telurismo: chuvas, relvas, matas, rios, praias, a obsessão do mar. Sem nenhum derramamento, contraponteava eu: paisagem discreta, linguagem sóbria. Julgo prudente, todavia, esclarecer: o Poeta é sóbrio porque não se rende à sedução dos jogos de palavras, dos malabarismos de linguagem, de arrevesamentos cultistas... mas a sua sobriedade não se confunde com a supereconômica secura que acaba por fazer do texto um esqueleto nu, sem carnes e sem vestes. Sem carnes, principalmente, não... Pelo contrário: sua linguagem sabe ser barrocammente pluviosa, tem uma envolvência de onda, fato mais que alhures notório nos poemas de invocação ou evocação amorosa. Aliás, o amor e o mar ou, se não o mar, alguma outra formação aquática andam freqüentemente juntos na poesia helderiana. Eis alguns exemplos, todos do presente livro:

—*Que te dizia o vento sibilante
ao cavalgares pela praia para o Leste
ao triste som das ondas ululantes?*

—*Assuntos de amores, saudades!...*

(“Viagem”)

*Olinda,
o mar cheira e sabe a interfemínio.*

(“Odor de Fêmea”)

*Vivo, morto de amores,
sê, Maria, meu sudário,
sepulta-me em teu doce ventre,
cripta sem traves, abóbada complacente,
úmida, a maciez da linfa.*

(“Morrer de Amores”)

*Na exatidão de tuas coxas ... vejo,
por entre a crespa relva, andar
uns hipocampos, como se a relva
fosse mar*

(“Erótica”)

Os poemas de amor compõem sua temática majoritária, desde o primeiro livro, em que o Poeta solfeja, como de improviso, a sua *Pasárgada*, na bela “Canção da Rua dos Pombos”, de que transcrevo a parte final:

*Vou morar na Rua dos Pombos
a rua da meninada
de dia não passa carro
de noite tem serenada.*

*Vou morar na Rua dos Pombos
lá é que mora minha amada.*

Em segundo lugar, creio, vem o tema do rio heraclítico do tempo... Mesmo nos versos dele embebidos, porém, o que se canta, às vezes, é a saudade dos momentos de amor que não voltam:

*Partiram. Não as vi partir
Partiram levando tudo que eu tinha*

(“Elegia das Coisas Fugidias”)

Outra saudade, a da província natal, marcadamente a de sua querida Fortaleza, visita a poesia de Hélder. Com ela, significativamente, fazendo *pendant* os poemas a Brasília. (Extrapolo novamente os limites deste livro, guiado pela reminiscência de umas páginas de *A Grandeza das Coisas*.)

Homem de pensamento social avançado, a poesia de Hélder, se não se permite limitar a veículo de suas idéias políticas, tampouco deixa intocada essa corda. A nota social aflora, aqui e ali, desde o livro inaugural, de 1959:

*O grande medo é sempre a bomba,
enormemente forte sobre o mundo.*

(“Cotidiano” – *A Musa e o Homem*)

Insinua-se, mesmo, numa peça amorosa:

*Morto serei na hora em que já houver
nascido a rosa clara da alvorada.*

(“Soneto de Despedida” – *ibidem*)

No livro de 1981, dá o tom a mais de uma composição. Escolho, para exemplificar, alguns dos belos e solenes versos de “Exortatório”:

*No emaranhado de teus sonhos, Pedro,
Tiveste algum para a redenção de teu povo?*

.....

*Quando caminhares, à noite ou mesmo à luz do dia,
Leva teu próprio facho e não te negues nunca
A iluminar a trilha dos aflitos e degredados.*

(*Sonetos de São Luiz*)

Nesta *Viagem*, nucleia o “Soneto da Intemporalidade e da Esperança”, dirigido ao neto: esperança numa

*ordem nova de solidários e libertos
homens*

A esta altura, penso que o essencial já foi dito —se algo fosse necessário dizer—, e, melhor do que dito, mostrado, a propósito da poesia de José Hélder de Souza. Abreviemos, pois, os passos deste vestibulo e entremos na plena leitura dos poemas. Apenas me permitam, antes, afixar na porta uma inscrição, à guisa de síntese: É uma poesia substantiva, esta; uma poesia visceralmente humana, verdadeira como poucas, dessas destinadas a calar fundo no coração dos homens.

PERTO DA TERRA E DO POVO

José Godoy Garcia – *Aqui É a Terra*
Civilização Brasileira/Oriente, Rio/Goiânia, 1980

Aqui É a Terra é o título que reúne a obra poética de José Godoy Garcia, integrada pelos livros *Rio do Sono*, de 1948, *Araguaia Mansidão*, de 1972, e *A Casa do Viramundo*, inédito até a publicação deste volume. O título revela de antemão uma constante na poesia desse goiano radicado em Brasília: um telurismo raro, puro, diria mesmo primitivo, pelo sentimento profundo de comunhão com a natureza que é a outra maneira de denominá-lo. Assim é que, num poema característico qual "Zé Garcia Arco-Íris", nosso poeta, não sei se aludindo a Maiacóvski, se diz uma nuvem, para em seguida, como que dedutivamente, se declarar "chuva", "a água dos rios", "o rio mesmo", até a síntese final:

Zé Garcia enrodilhado de auroras e peixes e estrelas.
Zé Garcia peixe.
Zé Garcia seixos rolados.
Zé Garcia remorsos de mortos afogados.
Zé Garcia saúde da terra.

Bem se vê que o adjetivo "primitivo", há pouco pronunciado, se prende à qualidade de um sentimento, que tem por objeto a natureza — de um modo imediato, a natureza nua e pura que o Poeta ainda logrou encontrar, em seu Estado natal. Mas poderia também, e sem desdouro, aplicar-se à simplicidade de elaboração e de dicção dessa poesia, cujo autor deliberadamente se afasta de tudo o que cheire a erudição e modismos, para mais perto ficar de sua terra e seu povo.

Gostaria de citar outros poemas, como "Obrigado, Sol", "A Poesia É Tudo o que o Pássaro Pensa da Chuva", "A Folha Sabe Viver", "O Chapéu do Bêbado". Como não posso, digo que o Poeta escreve suas páginas talvez mais significativas meio desencontradamente, numa como embriaguez, a embriaguez de quem vai pelos caminhos às soltas, despreocupado, bebendo a manhã:

Terra azul.
Viagem de barco.
O chapéu estava furado
e o velho

*o acariciava com a cabeça
e a chuva
o acariciava com o corpo.
Corpo de chuva
é um corpo
de fêmea.

Terra azul.
Vermelha.
Coisas vermelhas do mundo.*

Falei da comunhão com a natureza. Mas é importante ressaltar que Godoy Garcia vê a natureza com o homem dentro. E tem uma grande ternura pelas mulheres perdidas, pelos negros, pelos bêbedos; uma grande e obsessiva ternura pelos meninos, em cuja inocência e abandono parece concentrar sua ternura pelos pobres, pelos humilhados, pelos ofendidos. Lembro alguns títulos: "Os Negros", "Espécie de Balada da Moça de Goiatuba", "Mulher do Povo", "Compreensão", "Meninos Brincando", "Gente Velha"... A fusão de telurismo e humanismo pode exemplificar-se em "Eu Sou Tudo", que diz: "eu sou eu e sou todos", "sou tudo e amo-me".

Para terminar, presenteio o leitor com a íntegra de "Tudo É Belo", um dos mais felizes poemas de José Godoy Garcia:

*Tudo é belo.
Mulher e por exemplo uma água quando a gente bebe
ou uma água que a gente joga na cara
e fica deixando a frieza vir penetrando na pele;
a água que escorre da bica e cai no monjolo e o monjolo toca;
a água de um poço na mata.
A água quando a gente bebe é por exemplo como um beijo.

Mulher e por exemplo café, ou estrada quando o trem-de-ferro
atravessa um rio;
um rio que banha terras verdes, longe.*

*Tudo é belo.
Árvore de cedro e por exemplo um homem que está
preso injustamente,
um homem que tem esperança
e que é mais forte que os rios
ou mais forte que os ventos.*

*Tudo é belo.
A cabeça fatigada de um homem.
As pernas solitárias. As mãos solidárias.
O peito largo como um tronco de árvore secular.*

Tudo é belo.

Mulher e por exemplo riso.

*O caminho do nascimento à morte de
um homem.*

A CANÇÃO DE TODOS

Altino Caixeta de Castro – *Cidadela da Rosa: Com Fissão da Flor*
Horizonte, Brasília, 1980

Altino Caixeta de Castro é poeta de palavra fácil ("meu lábio fácil fende / o fulcro das palavras" — diz ele), e seus versos pululam de aliterações e jogos de palavras. Sua poesia, ainda quando apoiada em recursos de elite, tem feição popular, e de certo modo ele mesmo o afirma, nas primeiras linhas da "Canção de Todos", dedicada a Chico Buarque:

*Minha canção é de todos.
Sei que ela nasceu do Coração.
Trago-a na mente há muito tempo, pois,
Canção simplesmente que se compõe*

Não obstante a preeminência deste tom, Altino é poeta culto, de ampla e, às vezes, sofisticada temática, cuja arte apresenta uma gama que abrange desde o clássico até as invenções das vanguardas brasileiras, nomeadamente algumas rápidas incursões pela experiência concretista (anunciadas, aliás, pela segunda parte do título do livro).

É, assim, este que ostenta com orgulho o cognome Leão de Formosa, ao mesmo tempo, um habitante do país das letras, como se confessa em "Diário da Rosa Errância", em "Querências do sem Querer", em "À Margem" ("À margem de minhas / estradas de papel / é que planto os meus lírios"), e um mineiro cantador de trovas.

O afeiçoamento popular da poesia de Altino é dado, principalmente, pela singularidade —dentro da literatura dita culta— de sua dicção, que o ambienta no *sermo* pátrio; singularidade revelada, por exemplo, no emprego habitual da eclipse ("Pois só florescem agora em nossos ramos" — verso decassílabo), na freqüente supressão do *s* final ("já não são minhas estas canções antigas" — outro decassílabo), na haplologia fonética (veja-se a supressão, a que induz o decassilabismo do soneto em que se insere o verso, do artigo em "Todos os limites puros de tais coisas"), na adoção de formas de uso corrente ("magérrimo"), nos vocalismos gráficos ("impinas", por "empinas" — mas como saber se não temos aqui uma das inúmeras gralhas que revoam por todo o volume?). Noutros lugares, compensa a haplologia referida com o enxerto de palavras que fazem transbordar o verso ("E no roteiro sem fim das

caravelas"). Registro o vezo da síncope na postônica das esdrúxulas ("Ele é um salmo didático e imperativo").

Essa feição popular está impressa, também, no versejar desconexo, puro ludismo, qual nas "Anticantigas de não Dizer, Vãs", ou na interessante "Canção de Siruiz", ou nas quadras redondilhas da composição seguinte, a apreciável "Canção Vivosa" — cuja terceira estrofe é outro exemplo de ludismo *maluco* (para aproveitar a rima...):

*boca amora como um suco,
a beleza não se enfara,
quebra um ovo de macuco
pelo céu de lua clara.*

Na mesma linha, a rima pela rima, forçando o sentido:

*Seu esplendor toda a floresta insulta,
Excele-se em primor e mostra a oblata
No labelo de púrpura escarlata
Que até a Vitória-Régia empana e indulta.*

Na acepção em que tenho tomado a palavra, o tom, acima de tudo, assinala o poeta *popular*. E este o é, creio eu, por temperamento. Repentista? Nunca o vi improvisar, nem sei de notícia a respeito, mas a sua poesia tem o jeito e o sabor do improvisado.

Tal temperamento, que sói suspender-lhe a mão antes do acabamento do poema, não favorece o cultivo das formas fixas; disto se ressentem os seus sonetos (contudo, sua mais conhecida composição é um soneto, o belo "Galo de Pirapora" — que, diga-se *en passant*, reúne as duas feições do Poeta). Para ilustrá-lo, remeteria o leitor a um dos de minha preferência, "Becassinias" (do fr. *bécassine*), levemente trincado no décimo verso, em que há imprecisão no emprego do verbo. Pela mesma razão deixam de realizar todo o seu potencial de beleza algumas excelentes imagens, versos perfeitos como o final do "Anti-Soneto da Não-Matéria".

Um dos corolários positivos dessa veia é o humor, que bem podem ilustrar a "Ode à Rua Angustura" e "Repuxos Diversos"; conseqüente negativo é o excesso, no livro, de poemas e, no poema, de recursos retóricos, jogos de palavras gratuitos ou forçados, que deixam sua jaça mesmo numa seção como "Dos Descantos Absurdos" (título anunciado no índice mas omitido no corpo do volume), na qual se contêm algumas das composições mais bem realizadas do Poeta. Uma seleção rigorosa, que desse à coletânea aspecto mais homogêneo, evitaria a diluição destas no conjunto.

O lado *culto* do Poeta —a que dou menos espaço porque corresponde ao esperável, em poesia que se pretenda literária— é o dos temas e citações livrescas, dos metros maiores, da fôrma petrarquiana, do

todo de metapoemas como "Discurso" e "Diário da Rosa Errância", integrantes de "Cinzas do Canto", outra das melhores divisões do livro.

Além dos poemas destacados, mencionaria: "Ainda", "Soneto do Belo", "Lição Chardiniana", "A Antimemória", "Rostir", "Kacidas de um Castro", "A Certeza Imortal", "Maria Marina Porto", "Morada", "Versos de Circunstância", "Solumbrata" (apesar de alguma demasia), "Por Quê?", "À Beira da Moça", "Centro do Verme", "Pastorela", "Criação", "Fleurydias dos Poetas para Rezar", "Aspiração na Fé", "Metafísica", "Jeremias sem Chorar", "Manhã dos Mortos", "Ofício de Tecelão", "Mão", "Lamúrias Leves de Lã", "Carreiro de Cantigas", "Relembrações", "Vigília da Escritura", "Fonte Primitiva", "Construção do Sonho", "Tédio de Jagunço", "Ovos de Ferro", "Essas Veredas", "Biombos de Ser", "Canção das Águas", "Lembranças", "Estrelas Tombadas", "Edótica". Mas isto reflete apenas o meu gosto pessoal; e a canção é de todos...

DOIS POETAS COMUNICATIVOS

José Geraldo – *A Mensagem do Arco-Íris*
Brasília, 1981

Altino Caixeta de Castro – *Cidadela da Rosa: Com Fissão da Flor*
Horizonte, Brasília, 1980

Tenho ouvido muita gente queixar-se de que a poesia se tornou, nos últimos decênios, algo extremamente sofisticado, hermético mesmo, a ponto de escapar por inteiro ao alcance de quem não se haja especializado em literatura. Há uma parcela de verdade nisso, embora não se possa esquecer que outros fatores contribuem, talvez com maior peso, para um certo desprestígio da poesia em nossa época. Entre esses fatores, inclua-se tudo o que tem impedido um melhor dimensionamento e orientação do ensino da língua em nossas escolas. Mas estou convencido de que os havemos de superar, e muito breve.

De qualquer maneira, o que pretendo agora, antes que discutir a questão, é trazer aos leitores a palavra altamente comunicativa de dois poetas contra quem não se poderia dirigir aquela queixa. O mundo do poema é vasto bastante para abrigar simples e complexos, rosas e caramujos. Simples apresentam-se os nossos visitantes de hoje: Altino Caixeta de Castro e José Geraldo.

Quanto a este, o amor à simplicidade levou-o até à mudança do nome literário, que de J. G. Pires de Mello passou a José Geraldo, *tout court*. Pois acontece que José Geraldo é dono de um verso cantante e fácil, sem pretensões e sem atavios, tão à vontade na forma fixa do soneto quanto no poema polimétrico à Mário Pederneiras ou à Olegário Mariano. Sua veia humorística, servida desse dúctil veículo, faz dele um mestre do poema brejeiro, do poema jocoso, do poema burlesco. Seu lirismo flui como as canções cantadas pelo povo, como água de córrego. Pena que não possamos reproduzir na íntegra versos como estes de "Fazendo Nada", verdadeira cantiga de aposentado, capaz de matar de inveja a nós outros, escravos adâmicos ainda não alforriados:

*De estar à toa não me atrapalho;
Que coisa boa não ter trabalho...*

.....
*Recorro aos livros, escolho um deles,
Faço a leitura do meu agrado,*

*Leio o que quero, nem mais nem menos,
E deixo o livro se estou cansado...*

*Eu ando ausente de ver as horas,
O meu relógio pouco interessa,
Que o Sol me indica quanto me basta
E a vida mansa não me dá pressa...*

*Fazendo apenas o que dá gosto,
Eu sinto o vôo do beija-flor
E esqueço as penas que há neste mundo,
Nos braços quentes do meu amor*

Altino Caixeta de Castro é outro poeta de palavra fácil, abundante; de feição popular, qual se vê da "Canção de Todos", dedicada a Chico Buarque. Mas, não obstante a preeminência desse tom, é também um poeta culto, de ampla e, às vezes, sofisticada temática, cuja arte poética apresenta uma gama que abrange desde o clássico até as recentes invenções do poema concreto. É, assim, este que ostenta com orgulho o cognome de Leão de Formosa, ao mesmo tempo, um habitante do país das letras, como se confessa em "À Margem" ("À margem de minhas / estradas de papel / é que planto os meus lírios"), e um mineiro contador de causos e cantor de trovas.

Vai ficando conhecido o seu "Galo de Pirapora":

*Com sete estelas dalva na garganta
Aquele galo preto ao ver a aurora
Tatala as asas, rufla-as, bate a espora,
Tenor da noite e das estrelas, canta.*

*A rubra crista relampeja agora
Na noite de si mesmo que o suplanta.
Aquele galo preto quando canta
Bate o bico no céu de Pirapora.*

*Seu canto cai nas águas rio abaixo,
É um galo conhecido, é um galo macho,
Madrugador e marcador das horas.*

*Ele é o relógio ali das madrugadas,
Rufa o tambor das asas assustadas,
Bate o bico de bronze nas auroras.*

José Geraldo e Altino Caixeta de Castro: dois poetas que podem devolver a uma boa gama de leitores o gosto da poesia.

A POESIA FLUENTE E SUAVE DE JOSÉ GERALDO

José Geraldo – *Azul no Céu e no Mar*
André Quicé, Brasília, 1983

José Geraldo é poeta de metro e rima, e de linguagem correta e simples, como convém à simplicidade das coisas que canta. São seus temas prediletos o amor, a vida em família, a natureza, a amizade. (Nada de extraordinário ou de exótico; apenas o quotidiano — mas o quotidiano essencial, eterno.) Para envasá-los, prefere o verso mais nobre em língua portuguesa —o decassílabo— ou o mais doce —o alexandrino—, freqüentemente pontuados com o hexassílabo; ou então o mais popular —o de sete sílabas. E a todos domina com discreta mestria de quem longamente afeito ao versificar, mas de todo alheio aos jogos espetaculares. Raríssimos exercícios virtuosísticos se permite —o acróstico, a paródia, a glosa—, e, ainda assim, não como tais, porém como veículos necessários a determinado *recado* poético. Explica-se por tudo isso a naturalidade com que soam ao ouvido do leitor os seus poemas.

Das características temáticas e formais enunciadas pode-se deduzir um certo grau de parentesco deste poeta com neoparnasianos e neo-simbolistas a exemplo de um Olegário Mariano, de um Mário Pederneras. A têmpera, contudo, em que afinal se cristalizou a sua dicção há de ter sido a leitura de Bilac. A presença do grande poeta se entremostra, difusa, —digo-o sem *animus restringendi*— na obra de José Geraldo; e, neste livro, dois poemas assinalo que lhe fazem clara alusão: "A Maçã", que retoma, bem-humoradamente, o tema de "A Alvorada do Amor" (*Alma Inquieta*), e "Ouvir Estrilos", paródia do famoso soneto XIII de *Via-Láctea*. E eis agora tocada outra nota constante na lira de José Geraldo: a humorística; nota que dá a tônica de mais de um dos seus livros, e que se desfere em várias páginas deste volume.

Ainda três poetas, pelo menos, vemos homenageados em *Azul no Céu e no Mar*: Antero de Quental e Castro Alves, de quem se tomam versos por motes; e Da Costa e Silva, cujo célebre soneto "Saudade" se parafraseia.

Situa-se, pois, o Autor na trincheira do tradicionalismo poético. Não que rejeite quanto se tem feito, em poesia, na esteira das revoluções do século. Apenas, optou pelo código que melhor se afeiçoava ao seu temperamento. Código esse ainda em curso, não como língua morta: como língua viva a coexistir com outras no turbulento universo literário de nossa época, parcialmente caracterizado, aliás, por uma permanente tensão entre tradições e vanguardas.

É, já se vê, a de José Geraldo uma poesia despreziosa, no sentido de não preocupada com o afã de inovação; mas, dentro da linhagem a que deliberadamente se filia, realizada com apurado manejo

das formas; o que a credencia à popularidade, sem renúncia à condição de poesia culta.

Seus mais bem acabados poemas soem ser os construídos na forma soneto: "Dentro da Mata", "Nuvens de Maio", voltados para a contemplação da natureza; "Divagação", "Quem pode definir que seja o belo?", filosóficos; "Na Noite Alta", no veio do lirismo amoroso. Leitores haverá, todavia, que sentirão mais vividamente as brejeiras redondilhas de "Na minha vida eu registro" e "Vem Aí a Primavera"; ou o romantismo e a polimetria de "Céu do Meu Sonho", "Pensando em Ti", "O Carrilhão", "Noite"...

E a cada um de nós assistirá razão, que a poesia de José Geraldo é fluente e suave, tendo o condão de serenar as ânsias e crispações a que nos submete este nosso mundo cada vez mais escabroso e tenso.

ENTRE O BURLESCO E O LÍRICO

José Geraldo – *A Moita da Perereca e O Itinerário do Vento*
Ed. do Autor, Brasília, 1992

O poeta José Geraldo tem sido, nos onze livros até agora editados, um mestre do poema burlesco, por ele praticado com a graça e a leveza curiais, e um fervoroso cultor da forma soneto. Acaba de publicar dois volumes: um com poemas da primeira feição, o outro enfeixando composições líricas (com alguns poemas de circunstância que talvez coubessem melhor naquele). Embora mais conhecido pela nota burlesca, preferirei ilustrar-lhe o estro com um soneto lírico (ressalvo, em tempo, que as duas notas às vezes soam juntas) — este "Numa Noite Fantástica", de fecho verdadeiramente áureo:

*Numa noite fantástica de Lenda,
De Mistério, de Sonho, de Ventura,
Eu me perdi pela celeste Altura,
Sem presumir meus passos nessa senda!*

*Vi a razão vencida na contenda
Que travou co'o delírio... Na aventura,
Passei por mil galáxias, na ternura
De um mundo mago que se me desvenda...*

*Minha fascinação pelo Infinito
Dita meus rumos... Entre louco e aflito,
Sinto uma ânsia brutal! Como contê-la?*

*Pela amplidão desfilam nebulosas
E ante as divagações mais fabulosas,
Eu beijo a mão de Deus em cada estrela!*

FECUNDO MAGISTÉRIO

José Geraldo – *Teoria do Ritmo Poético e Figuras de Estilo*
São Paulo, 2001¹

Em boa hora lançados, em boa hora se relançam estes dois livros — *Teoria do Ritmo Poético e Figuras de Estilo*. Não se trata de obsoletas exigências curriculares, como poderiam pensar espíritos apressados. O conhecimento que os infunde e que deles irradia é útil a todo aquele que pretenda escrever literariamente, e não apenas ao aluno e ao professor, numa relação circular e viciosa — o que, se verdadeiro, significaria a sua inutilidade. Já Bandeira, grande poeta e mestre de poesia, ensinava que o poeta, ainda o que se atenha, em sua práxis, ao versilibrismo, há de conhecer o verso tradicional e sua mecânica. E o insuperável Drummond advertia que já não se concebe o poeta desarmado, isto é, desassistido — não só de lentes de ver o mundo, mas também de conhecimentos específicos da arte que pratica. Palavra de dois dos maiores criadores de nosso libertário Modernismo, sabedores de que o pleno exercício da liberdade supõe pleno conhecimento. Além disso, as noções que os dois volumes veiculam interessam a todos os que querem fazer da leitura, além de passatempo, além mesmo de um ato de fruição estética, uma atividade crítica.

Se a teoria não basta para formar um escritor, também não é suficiente a vocação desamparada de estudo e de exercício. O Autor, aliás, o diz muito bem, ao tratar da denominação e classificação das figuras de estilo.

Se a necessidade desses estudos não pode ser contestada, resta a exigência de que sejam conduzidos por mão experiente e espírito esclarecido. Quanto a isso, ninguém melhor que José Geraldo para assumir o comando. Poeta consumado, nos gêneros lírico e burlesco, ficcionista e ensaísta de largos méritos, professor das matérias aqui versadas, com títulos e tirocínio invejáveis, a tudo ele acrescenta o pensamento claro, o rigor da pesquisa e o estilo direto e simples. Sabe ele, pois, de um saber de leitura e de experiência feito, a teoria e a prática da ciência que nos ministra, nestes dois volumes. Eu, tendo-os lido e relido, quero ser dos que mais alto proclamem quanto devo ao poeta e ensaísta José Geraldo, em termos de recordar, de reformular antigas noções ou,

simplesmente, de aprender coisas novas, atento ao seu competente, honesto e ameno magistério.

1. Os livros foram retirados de circulação pelo A., inconformado com os defeitos de apresentação ou estruturação neles introduzidos.

RECADO POÉTICO

Alphonsus de Guimaraens Filho – *Discurso no Deserto*
Cátedra/INL, Rio de Janeiro, 1982

De Alphonsus de Guimaraens Filho, poeta de *Lume de Estrelas, A Cidade do Sul, O Irmão, O Mito e o Criador, Poemas da Ante-Hora, Absurda Fábula*, lança a Editora Cátedra, em convênio com o Instituto Nacional do Livro, mais uma obra de apurada qualidade: *Discurso no Deserto*.

Têm, estes novos poemas de Mestre Alphonsus, por temática o escuro, o silêncio, a noite, a queda — a morte. Mas também a vida. Morte e vida, vida e morte. Não antagônicas, porém complementares.

Como exemplo do primeiro termo desse binômio morte-vida, cito uma das composições iniciais, intitulada "Queda", em que tudo — desde "as aves, as pobres aves de impossível ninho", até os sonhos, os "vãos pavores", as almas e, afinal, o mundo—, tudo cai, evocando-nos o soneto famoso de Sá de Miranda e, de maneira mais ampla, o "Outono" de Rainer Maria Rilke.

Não estamos, diga-se logo, perante um cantor pessimista da morte em sentido estrito, do que há de morte na vida, do peso da morte sobre a vida. O poeta não esconde o lado escuro da vida e da morte, mas é sobretudo o celebrador da morte como vida, talvez "uma vida que mais que vida seja", expressão do poema "Desde Quando". Canta, sim, a vida que é caminho "em que, cegos, procuramos o dia que há no dia" ("Canto a Afonso Arinos de Melo Franco"); e a esperança, e a escalada, e a ascensão "das vísceras ao arco-íris e do estrume à estrela" ("Limites"); "a vida que clama por outra vida" (no poema intitulado "É"); enfim, "a luz da tarde" que "anuncia a da manhã, manhã e tarde fundidas" (em "Silêncio de Murilo Mendes"). E, a corporificar esta síntese, vem tudo isso transvasado num verso que é moderno e é antigo.

A arte poética de Alphonsus de Guimaraens Filho é amiúde áspera, pulsando sem preconceitos entre hiatos e síncopes, versos medidos e versos inumeráveis, frases nuas, aliterações fortes, repetições. O que lhe dá a tantos poemas um acre sabor inolvidável. Menciono, à guisa de exemplificação: "Já", "Não", "Fala do Defenestrado", "Deus", "Multipartiram-me", "Fez", "Louvação". Leiamos, desta, o primeiro soneto:

*Nem sei se blasfemei. Se blasfemei,
Deus passe um pano sobre tanto sujo.
Sinto-me exausto numa torre cujo
vértice tento atingir e não verei.*

*Nem sei se blasfemei. Apenas sei
que muita vez suponho que em vão rujo,
que me rebelo eu, um caramujo
que nem minha própria casa salvarei.*

*Nem sei, nem sei se blasfemei. Apenas,
olhando agora para trás, concluo
que eu devia cantar ou ter cantado
não os meus males só, não minhas penas,
mas a Beleza em que já me diluo,
em que me integro, Deus seja louvado.*

Áspero ou suave, Alphonsus de Guimaraens Filho é sempre um alto poeta, seja indagando, em "O que me Habita", o mistério da própria identidade, seja sentindo "Deus no seu longo perpassar de milênios em minutos de assombro", seja reunindo cristal e luz na fôrma do soneto, como no de título "Beleza", dedicado a Odylo Costa, filho. (Beleza que é um dos pólos —ou um dos nomes— do seu ideal de integração...)

Otimismo e pessimismo, altos e baixos, cumes e abismos, tudo ilumina-se das obsessivas estrelas do Poeta. Estrelas em cujos raios desce à alma, docemente, como que um roçar de asa etérea, um recado indefinido,

*pairando em mim, vago e transfigurado
pássaro ausente num jardim caído.*

DOIS ALPHONSUS

Alphonsus de Guimaraens Filho – *Todos os Sonetos*
Galo Branco, Rio de Janeiro, 1996
– *Alphonsus de Guimaraens no Seu Ambiente*
Fund. Biblioteca Nacional, Rio, 1995

Para inaugurar sua nova editora —Edições Galo Branco— o poeta e ensaísta Waldir Ribeiro do Val teve o bom gosto de reunir num volume os sonetos de Alphonsus de Guimaraens Filho. O sonetista é, com efeito, um dos notáveis deste meio século (estreou-se em 1940), conforme os testemunhos de Mário de Andrade, Drummond, Massaud Moisés, José Guilherme Merquior (citados na primeira dobra e na quarta da capa) e o constante do soneto de Manuel Bandeira a ele dedicado e transcrito como epígrafe nos *Sonetos da Ausência*. Sua temática pode ser resumida numa frase: a perplexidade do ser considerando a existência. Mas não há

desespero. Se "a treva em nós subitamente cai" ("Cegas Luzes"), à invocação de Cristo sabe o Poeta que terá em si mesmo "o sol cruento / que tudo um dia transfigurará" ("Cristo Jesus"); e, no esplêndido soneto primeiro do díptico "Louvação", bem sabe ver a beleza em que já se dilui, em que já se integra, consoante suas palavras.

Tirante meia dúzia de sonetos em redondilha menor e um alexandrino, aliás dos mais belos ("Uma Noite só Tua"), são decassílabos todos os sonetos; mas não há monotonia, já por ser esse, em nossa língua, o metro mais maleável, já pela técnica requintada de Alphonsus Filho: pratica-o ele, embora predominantes o heróico e o sáfico, com as mais diversas acentuações, abundante (com anacrusa, com síncope), "reduzido" (com sinafia); vale-se muito do encavalgamento, da repartição de palavra entre versos, da eclipse, da contagem de uma sílaba em palavras como *uma* (?a) e *minha* (m/a), do hiato e da sinalefa; e alguma vez admite entre os de dez pés um verso dodecassílabo.

Enfeixam-se no volume a íntegra de *Sonetos da Ausência*, *Sonetos com Dedicatória* e *Uma Rosa sobre o Mármore*, e peças de quase todos os livros do Autor, além de quinze inéditos (computados os oito "Sonetos da Inominada"). Não se incluiu "Hospital", de *Lume de Estrelas*, talvez por quíndecassílabos os versos. De *Cemitério de Pescadores* figura apenas o número XVII, a que se atribuiu o título "Pescadores Mortos"; há nessa obra três composições de quatorze versos, com divisão estrófica e disposição rímica próprias de soneto (as de números I, III e XVI), não aproveitadas, decerto, pelo caráter *inumerável* dos versos. Parece, porém, terem sido esquecidos o soneto de verso inicial "Que contornos os teus! que instável giro", pertencente ao poema "O Mito e o Criador", e o intitulado "Urge Cantar...", de *Só a Noite É que Amanhece* (in *Água do Tempo*, seleção poética de 1976 — Nova Aguilar/INL).

Se em *Todos os Sonetos* de Alphonsus Filho há várias homenagens ao pai (*Uma Rosa sobre o Mármore*, o terceiro dos *Sonetos com Dedicatória*, "A Meu Pai, em Ouro Preto", de *Nó...*), é-lhe dedicado o livro que publicou sob o selo da Fundação Biblioteca Nacional, em 1995: *Alphonsus de Guimaraens no seu Ambiente*. Em suas páginas, o Autor se dirige ao *Pobre Alphonsus* —ilustre Alphonsus—, a quem trata por tu; como diz, nas orelhas, Afonso Henriques Neto —cujas palavras assinalam a presença, no livro, da terceira geração dessa família de escritores—, é "uma biografia escrita pelo filho poeta em forma de emocionado diálogo com o antitético ritmo da ausência/presença do pai poeta". Obra original e documentada, torna-se, desde logo, indispensável ao perfeito conhecimento da vida, da personalidade e da arte do grande simbolista.

POESIA DE INTELIGÊNCIA

Antonio Roberval Miketen – *O Inconsciente do Signo*
Thesaurus, Brasília, 1982

O Inconsciente do Signo, recém-editado pela Thesaurus, revela um poeta de valor: Antonio Roberval Miketen. Inscrevem-se na capa duas composições palíndromas, isto é, em versos que fazem sentido também quando lidos da direita para a esquerda: uma delas, latina, clássica; a outra, em vernáculo, do poeta brasileiro. As duas composições guardam estreito paralelismo: têm o mesmo número de linhas, com igual quantidade de sílabas, e não faz diferença lê-las do começo para o fim ou vice-versa. Com esses palíndromos da capa e o trocadilho explicativo do subtítulo — "Textos *in* versos" — estão antecipados procedimentos poéticos do livro. Nele, é claro, não encontrará o leitor sempre e exclusivamente palíndromos; mas encontrará toda uma família de jogos literais, com alusões e equívocos de difícil percepção às vezes, requerendo leitura atenta. Capa e subtítulo são, pois, espécies de aviso ao navegante equipado, que se não vá distraído por esse mar de escolhos; não para evitar o naufrágio, de que não teria consciência, mas para não perder nenhum deles...

O prefácio de Omar Brasil e as anônimas orelhas dão notícia desses jogos. Um dos mais óbvios — e, por isso, menos felizes — é a alusão ao extravagante pintor surrealista, num verso de "O Poeta Trabalha": "Neste gesto *salvador, dali* me liberta a razão." Em "O Espírito de Cruz e Sousa", é este evocado pela aliteração em *v*, empregada magistralmente em famosa estrofe do poema "Violões que Choram...", do grande poeta simbolista; por alguns vocábulos, algumas imagens; pela alusão à doença que lhe minava o peito; pela antonomásia de Cisne Negro. Os procedimentos mais sutis reclamam leitura visual.

Poder-se-ia pensar, pelo dito, que estamos falando de uma poesia adstrita ao trocadilho, ao mero jogo verbal. Felizmente, tal não ocorre. Os truques do Poeta são funcionais, e no máximo caberia, aqui ou ali, assinalar-lhe algum excesso (em "O Corvo", por exemplo) ou o mover-se em já trilhados sulcos (como em "A Gaivota": "As penas do olhar / se dissolvem / em céu, / em sol, / em sal."). Mesmo isso, porém, é exceção no seu livro. Destaque-se-lhe, ao contrário, a linguagem seca, ágil, flexível, inventiva; a inteligência, a sutileza; a cultura; o gosto.

Pode-se, talvez, filiar a um surrealismo que eu chamaria de corrigido o que há de mais característico em *O Inconsciente do Signo*. Surrealismo, porque o Autor parece aproveitar aproximações espontâneas, inconscientes; mas corrigido, porque ele com certeza as refina, exacerba, e organiza...

Em Antonio Roberval Miketen, o contínuo pensamento-emoção, que se tem pretendido resumir o fenômeno poético, apresenta pronunciado desequilíbrio, favorecendo o primeiro elemento. Aí vejo o maior risco enfrentado por sua poesia: o de tornar-se progressivamente árida por falta de irrigação sanguínea, de coração, de emoção; por excesso de intelectualismo. Mas o Poeta contorna elegantemente as bordas do abismo.

Miketen prefere o verso livre. Seu verso metrificado, a meu sentir, abusa do hiato. Esta pequena observação, contudo, longe está de pretender depreciar-lhe as composições medidas. Tanto assim que seleciono, para amostra de sua poesia, o sonetinho tetrassilábico "Noite":

*Um vento ondula
folhas imensas
no mais profundo
do meu silêncio.*

*Uma onda inunda
meu consciente
que se afunda
na água intensa.*

*Memórias brilham
de uma estrela
jamais descrita.*

*Brama, cá dentro,
o eterno grito
da terra em trevas.*

ESTES CONTOS

Antonio Roberval Miketen – *O Sacrifício de Arlete*
Thesaurus, Brasília, 1983

Ao abrir este livro, o leitor estará penetrando num universo ficcional rigorosamente construído, tanto em termos do que-dizer quanto em termos do como-dizer. A essa construção presidem, solidariamente, realismo e imaginação, riqueza estilística e força comunicativa.

Já no conto de abertura, "A Gravação de Ana", ver-se-á colhido pelo clima de *suspense*, habilmente sustentado pelo Autor, cujo senso dramático anima todas as páginas do volume. Onipresente, por igual, é o sentido do poético (sem queda, todavia, numa fácil prosa pseudopoética, sentimental e enxundiosa). No caso particular desta narrativa, o poético intensifica, sobretudo, as imagens do cisne e do passarinho, metáforas de libertação ("Mesmo que a porta estivesse aberta, a única porta seria a janela" — diz a protagonista-narradora, a certa altura de seu depoimento) e de purificação (a purificação que será, novamente, uma sensível nota no conto que encerra e intitula o conjunto).

"O Rosto" submergi-lo-á num jogo de tensão nunca desfeita entre vida presente e memória, consciência e inconsciente. Plano exterior (em tela de cinema, um filme épico, destacadas as cenas do herói ante o pelotão de fuzilamento; e a mulher, na cadeira ao lado, como a dar testemunho de um mundo extratela) e plano interior (a mente de um homem marcado pela experiência da rebeldia e da repressão) contrastados, alternados, fundidos, em estilo magnífico.

Em "Pensão Familiar", sensualismo, lirismo, ironia (desde o título) matizam o episódio de Eleonora, a moça grávida, e Néelson, o acadêmico de Medicina. Excelente realização, já pelo sutil desvendar-lhes da psique, já pelo equilíbrio ideal da trama com a linguagem.

Completam o elenco dois contos curtos: "O Documento" (vingança de um pequeno funcionário, leitor de Sartre, contra o chefe apenas alfabetizado) e "O Rapto" (plano interior, com final abrupto), além de "O Sacrifício de Arlete".

Somada a tudo, em todos eles, a marca de Antonio Roberval Miketen, crítico, ensaísta e poeta de primeira água: o manejo amoroso da palavra, a sensualidade, a volúpia com que explora as possibilidades lúdico-expressivas do idioma, concretizando-as em peças de primoroso labor.

UM ROMANCE DE FANTASMAGORIA E BELEZA

Antonio Roberval Miketen – *A Saliva do Verde*
Thesaurus, Brasília, 1991

Quem ler os trabalhos anteriores de Antonio Roberval Miketen, sejam os seus cinco livros de poesia, sejam os contos de *O Sacrifício de Arlete*, os ensaios de *Enigma e Realidade* ou *Travessia de Grande Sertão: Veredas*, encontrará uma inteligência inquieta, uma cultura de vigorosas raízes, um talento polimorfo; mas não colherá elementos que o habilitem

a adivinhar a idêntica autoria do romance *A Saliva do Verde*. A única e mínima pista, posto que óbvia, estará, se não erro, em *Relatório do Verde*, cujo poema epônimo, no fragmento III, já encerra a expressão "saliva do verde".

O livro é uma obra-prima de aventura e *suspense*, em fantasmagórica ambiência amazônica, de lirismo e invenção lingüística, vazado num idioma construído de arcaísmos, regionalismos, vocábulos técnicos, onomatopéias. Vemos, aqui, um Miketen espantosamente vedrsado em ornitologia, ictiologia, entomologia, sabedor de cipós e serpentes, de igarapés e igapós, da fauna e da flora amazônicas; oficiante do casamento perfeito do descritivo com a narrativa, que não sabe o leitor se goza estuarialmente, em seu formidável fluxo fluvial, ou se em manhosas paradas e retornos, no sensual embaraço de suas lianas e de seus aguapés... Um livro de radiosa linhagem rosiana, pelo místico, pelo lingüístico, pelo imaginístico, pelo poder da ficção pondo na boca do narrador, com ares de verossimilhança, rusticidade e erudição. É, sim, "uma proeza limítrofe da magia verbal" e um mergulho "no palpável da essencialidade humana", como diz o prefácio de Oswaldino Marques, não por acaso um dos primeiros e mais altos decifradores da obra de Guimarães Rosa; ou, na visão de Santiago Naud, exposta nas abas, uma obra que "ilumina ... os trânsitos cruciais que atravessamos", composta "em compasso de fuga, espiral maviosa do nosso idioma recriado", na qual "uma transmutação da selva em catedral figura-se a descida aos infernos, que instrui a própria consciência, para o movimento ascendente das núpcias entre o que é íntimo e exterior". Um livro, enfim, de fantasmática porém viva beleza, em cujo visgo nos prendemos para sempre.

OS CAMINHOS TEMÁTICOS DE NOSSA POESIA NEOCLÁSSICA

Heitor Martins – *Neoclassicismo*
Academia Brasiliense de Letras, 1982

Fundada há cerca de quinze anos por pequeno grupo de escritores, que optaram pela designação progressiva, que não imediata, de titulares para as demais cadeiras, a Academia Brasiliense de Letras aproxima-se da completação de seus quadros peada pela doença crônica de nossas entidades culturais (de nosso país, ainda): a falta de recursos financeiros. Por isso mesmo, apenas em 1982 pôde iniciar seu programa editorial, com o apoio do Ministério da Educação e Cultura. Afortunadamente, começou bem esse programa, com o duplo lançamento da revista acadêmica, sob o competente comando do Poeta Domingos Carvalho da Silva, e de uma antologia da poesia neoclássica brasileira, organizada pelo Professor Heitor Martins.

A antologia, com o título *Neoclassicismo* e o subtítulo explicativo *Uma Visão Temática*, refoge o padrão habitual das obras do gênero. Seu autor, "estudioso experimentado da poesia dos séculos XVII e XVIII, livre docente da Universidade Federal de Minas Gerais desde 1962, professor titular de língua portuguesa e das correspondentes literaturas na Universidade de Indiana, antigo professor de outras Universidades norte-americanas, entre as quais a de Stanford (S. Francisco) e a de Austin (Texas), e atual professor titular de literatura brasileira na Universidade de Brasília", preferiu ao critério cronológico o rastreamento dos caminhos temáticos trilhados pela nossa poesia no final do Setecentos; deste modo, oferece ao leitor, conforme assinala o prefácio de Domingos Carvalho da Silva, uma antologia que, mais do que as convencionais, revela "o crepitar de todas as formas de pensamento, e de sentimento, que empolgavam o mundo brasileiro na época por ela compreendida".

De uma antologia não se pode, sem contra-senso, esperar o esgotamento, mas a exemplificação, a seleção, o detalhe, conforme o caso. A antologia há de coroar e, pelo menos, refletir um estudo, determinado enfoque do período antologado. Assim, para a perfeita compreensão de um período literário, é desejável a contribuição de antologias diversas, que lhe exibam diferentes ângulos. O ideal é que antologias de vários tipos se completem, e que de cada tipo existam

várias, para que não nos impressione um único modo de ver. A de que nos ocupamos não tem por escopo o estético, decepcionar-se-ia o leitor que procurasse nela o florilégio; quer-se, isto sim, um panorama ideológico, e como tal há de ser lida.

Os vinte e um poetas representados (dezenove homens e duas mulheres) —frisa, na breve "Introdução", Heitor Martins— integraram na sua cultura valores nacionais, dos meramente paisagísticos até os lingüísticos, sendo-lhes em razão disso creditável "a formação da base da tradição literária brasileira". Trata-se —sublinha, adiante— do "primeiro momento da literatura brasileira em que, no mesmo tempo cronológico, podemos encontrar autores que comungam das mesmas idéias em quase toda a extensão do território nacional: de Santos a Belém do Pará, de Recife ao interior de Goiás". Esses destaques, e a reconhecida proficiência do antologista, são suficientes para se aquilatar a importância da presente obra.

Organizam-se os poemas em quatorze grupos subordinados a títulos gerais: "A Festa Inquieta", "Ideologias em Choque", "O Pensamento Libertino", "Estes Homens de Vários Acidentes", "A Nobreza pelo Trabalho", "A Consciência Histórica", "A Paisagem Nacional", "Coisas do Brasil", "Últimas Galas do Rococó", "A Musa Didática", "Cordialidade Literária", "A Doçura da Sátira", "A Voz Pessoal" e "Noite, Noite Sombria". Em apêndice, os textos ingleses de dois poemas traduzidos (por José Bonifácio de Andrada e Silva), notas de autores antologados, súmulas biobibliográficas e indicação das fontes textuais.

Na frente do volume, ao alto, os dizeres "Antologia da Poesia Brasileira" parecem prometer uma coleção abrangente de todos os períodos. Que venham os outros volumes, e que tenham todos a alta qualidade deste.

CRÔNICAS DA PERDIDA E ETERNA INFÂNCIA

Luiz Berto – *A Prisão de São Benedito e Outras Histórias*
Edição do Autor, Brasília, 1982

Do escritor brasileiro Luiz Berto, saiu o livro *A Prisão de São Benedito e Outras Histórias*, título a que se propõe, explicativamente: "Acontecidos de Palmares, interior de Pernambuco; cidade grande, porém decente". São relatos que têm, às vezes, estrutura aproximadamente contística; outras vezes, meras anedotas ou simples retratos. Se fosse preciso classificar essas narrativas, diria que se trata de crônicas memorialísticas, individualizadas, autônomas, porém ligadas pela identidade de clima, de local, de personagens. Quisesse o Autor, poderia partir delas para um livro de memórias ordenadas ou, quem sabe, um romance picaresco. A última narrativa, "A Feira", informa-nos ele tê-la extraído do romance *A Guerrilha de Palmares*.

Crônica das mais interessantes é a que se intitula "As Ruas e os Seus Nomes", da qual vamos tirar um exemplo do jeito de contar de Luiz Berto:

O bispo da cidade construiu uma casa no alto da ladeira do Matadouro, deixando o conforto do palácio no centro da cidade. Dos fundos desta casa, despenca um enorme vale, de linda vista e ladeiras íngremes, que foi sendo rapidamente povoado com as taperas que os menos afortunados construíam. O local cresceu, se encheu de gente, foi calçado pela Prefeitura e recebeu o nome mais apropriado, em conseqüência de sua localização: Buraco do Bispo. Nada mais correto para um bairro que se localiza nos fundos da Casa Episcopal.

Outra página impressionante é "O Caixão da Caridade". Refere-se a um caixão que "ia em cima de uma carroça especialmente construída para aquele fim: retangular, sem grades laterais e com apenas duas rodas no meio", destinado pela prefeitura a transportar do hospital à cova, onde eram despejados, os corpos dos indigentes. Os meninos compraziam-se em puxar a carroça fúnebre, pela armação de canos de ferro que a circundava; e faziam-no com "muito barulho e galhofa, ziguezagueando com a carroça, tirando fino no meio-fio, tentando atropelar os cachorros que cruzavam a rua e investindo contra as pessoas que estavam nas calçadas"; afinal de contas, alegrando com seu "excesso de vida a morte de quem em vida tanto sofrera" e dando um descanso às "mãos calosas dos varredores de rua" a quem incumbia a tarefa.

Destacaria, ainda, "Os Nomes das Pessoas", "O Viúvo", "Bicho Bom e Feiúra", "Veludo do Pife", "Amaro" e a curiosa história de uma viagem a pé para Brasília, nos tempos heróicos da nova Capital

Simpatia e calor humano perpassam o livro, e também poesia, como nestes fragmentos da peça introdutória, "Nós, os Meninos dos Palmares":

.... nós, guardiães do vento e vigias do barulho das águas, tínhamos consciência de que éramos criaturas e coisas do rio, como as piabas e os acarís, os jundiás e as traíras, os pitus e os aruás, as balsas que desciam na correnteza e os bambus plantados nas margens do Pirangi. Éramos criaturas e animais daquela ribeira, como as cobras, os preás, as cabras, os caçotes, os calangos, os tejus, os caga-sebos e os bois do engenho que pastavam perto da linha do trem. Gozávamos o mesmo calor do sol que batia nas roupas coloridas das lavadeiras do lajedo.

Podemos até ser infelizes hoje. Mas somos repositório de uma felicidade inextinguível. Guardiães do vento, vigias do barulho das águas, apontadores de estrelas, gáveas ao vento, imagens do cão, arteiros.

Nós, os meninos dos Palmares.

Estão aí, a meu ver, as melhores qualidades da prosa de Luiz Berto, que nos recria, da perda/eterna infância, um mundo de pobreza mas também de pureza — atributos dos quais o "progresso" vai conservando o primeiro e, com a onipresente e onímoda poluição, matando o segundo.

EPIFANIA E ASCENSÃO

Luiz Berto – *A Serenata*
Mercado Aberto, Porto Alegre, 1986

Depois do êxito d'*O Romance da Besta Fubana*,¹ obra de pura extroversão, desabusada e contagiante sátira sociopolítica, em que a alegria solar da vida e o gosto da invenção ficcional dominam largamente o grotesco das sombras, este novo livro de Luiz Berto, *A Serenata*, pode, ao primeiro contacto, frustrar a expectativa do leitor desprevenido. Mas, para quem acompanha o Autor desde a estréia com *A Prisão de São Benedito e Outras Histórias*,² e através destas lhe viu na face as luzes da infância e da poesia, não chega a constituir inteira novidade o tom menor da presente novela.

"Simples e aparentemente desconexos", no exato resumo da primeira aba, são os ingredientes da narrativa: uma roda de bar e uma roda de serenata, a que se integra a primeira; uma estrela retardatária e a

intuição de um grande acontecimento. Breve, construída em torno de uma base ficcional mínima, desta não se pode antecipar mais do que o dito, se não se quiser prejudicar a fruição da leitura, que há de processar-se em passos lentos e concêntricos.

Sobre essa pouca matéria, a tensão é mantida como que por mágica. Na verdade, tão impregnada de musicalidade e magia, tão íntima do poético é esta prosa —sem que se lhe corrompa o caráter narrativo— que para comentá-la quase se nos impõe a linguagem da música e da poesia.

O texto se desenvolve como um concerto barroco em que mal se percebe, se tanto, alguma variação temática, em que as notas parecem repetir-se ao infinito e, não obstante, sentimos a cada compasso o frescor de um novo alento. É como um poema que se fosse compondo e recompondo sobre si mesmo, camada sobre camada, rosa a completar-se pétala por pétala, sendo cada pétala única em seu róseo olor, se bem que ladeada de gêmeas, na configuração do todo harmônico afinal revelado, desde sempre, contudo, pressentido; como um sopro melódico a subir e alargar-se em espiral suave, até o completo e glorioso espraiamento final.

Poder-se-ia, talvez, à crítica mais exigente, joeirar o texto de um que outro cacoete. Nem mais do que isto faltaria para o cinzelamento definitivo desta pequena obra-prima.

Penso que, literariamente, apesar do sucesso mais pronto e mais amplo d'*O Romance da Besta Fubana*, com *A Serenata* atinge Luiz Berto, por enquanto, o ponto mais alto de sua escalada.

1. Itatiaia, Belo Horizonte, 1984.

2. Ed. do A., Brasília, 1982.

SOBRE O NOVO LIVRO DE UM MESTRE DO SONETO

Waldemar Lopes – *Sonetos de Portugal*
Clube de Poesia e Crítica, Brasília, 1984

Manuel Bandeira, em sua *Antologia de Poetas Brasileiros Bissexto Contemporâneos* (Rio de Janeiro, 2.^a ed., 1965), apresentando alguns dos *Sonetos do Tempo Perdido*, de Waldemar Lopes, pedia fossem "publicados na íntegra, pois representam poesia da melhor escrita no Brasil". Felizmente para as letras brasileiras, o apelo foi atendido, e o Poeta, que "até os vinte e dois anos" fora "contumaz na poesia", desvencilhou-se da provisória condição de bissexto publicando ditos sonetos (Rio, 1970), quarenta e um anos após a estréia (*Legenda*, Recife, 1929). Daí por diante —recuperada a contumácia— foram-se sucedendo os livros: *Inventário do Tempo e Os Pássaros da Noite*, em 1974; *Sonetos da Despedida*, dois anos depois; *Sonetos do Natal*, em 1977; *Elegia para Joaquim Cardoso*, no ano seguinte; *O Jogo Inocente*, em 1979; *Memória do Tempo*, em 1981.

A poesia de Waldemar Lopes impõe-se e encanta-nos pela sóbria, rigorosa linguagem, não infensa contudo à invenção vocabular — "carne de lua / transluminosamente azuluzindo"— e perpassada de um frêmito constante —"aura da aurora"— que vem do abismo-infância e se projeta no "imprevisto itinerário" do abismo-amanhã. São seus temas (colhidos à *vol d'oiseau* sobre as superiores realizações de *Sonetos do Tempo Perdido* e *Os Pássaros da Noite*, que o situam entre os grandes sonetos da língua): o tempo, onipresente ("tudo é memória: o só vivido / ou o apenas sonhado"), "a flor da infância", a "noite metafísica" projetando "uma sombra na sombra de outra sombra", a vida, "o rude esforço sem sentido" ("viver não acrescenta: diminui"), o amor, cujo "êxtase pungente antes nos lembra a morte do que a vida", mas sobretudo o efêmero-eterno da beleza —"a poesia da tarde, fugitiva, / mas eterna no instante em que foi bela"— e o sonho, "as coisas mais sonhadas que vividas",

*pois se foi dito o quanto a carne é triste,
arde em perfume o espírito da rosa
e é mais belo o que só no sonho existe.*

Clássica na forma, com sugestões simbolistas e uma força de pensamento que a aproxima de um Antero e de um Leoni, mostra-nos essa poesia um suave pessimismo e convida-nos a descobrir "a transitória / dádiva do mistério: ínfimo instante = / sopro de eternidade no ar perplexo".

Com os *Sonetos de Portugal*, que ora nos oferece, não pretende o Poeta mais altos vãos. Diz ele mesmo, em nota prévia, que, "do ponto de vista formal, sua linguagem é demasiado espontânea, sem maiores preocupações de ordem técnica". Não aceitemos, todavia, essas e outras restrições que faz ao novo livro o próprio autor. A circunstancialidade que presidiu à elaboração dos seus trinta e oito sonetos, "registros de uma romaria sentimental à altura dos setenta anos", é amplamente transcendida pela pureza do sentimento e da linguagem, pela técnica que se resolve em simplicidade, pela autenticidade, enfim. Retratam eles paisagens de Portugal (e não se apaga de nossos olhos a imagem do "Minho, cão azul deitado", nem se esquecem essas "asas de um moinho ao pé da encosta, / as doiradas pirâmides de feno, / os mansos bois com flores nas cabeças"); cantam a gloriosa epopéia nascida da "essência de ideal na alma do Infante", o "homem que fez maior o sonho do Homem"; homenageiam os autores queridos —"Eça, Nobre, Camões, Régio, Pessoa, / e o doce Antero, que era poeta e santo", e Cesário Verde, e Guerra Junqueiro, e Camilo, e Ferreira de Castro—; exaltam a língua portuguesa, a "fala heróica de Camões"; e, além e acima de tudo isso, sublinham o mais profundo, o mais belo destino da gente portuguesa, que

*é doar a semente do humanismo
aos desafios do devir do mundo.*

NO RIGOR DA LINGUAGEM A FORÇA DA PAIXÃO

Marly de Oliveira – *A Força da Paixão & A Incerteza das Coisas*
Thesaurus, Brasília, 1984

Há cerca de três anos, anunciando uma palestra de Marly de Oliveira sobre Carlos Drummond de Andrade, e após ter repetido a de todos sabida verdade de que é ela "uma das vozes mais nítidas da lírica brasileira contemporânea", disse eu estas palavras:

Sua poesia é clássica pela sobriedade e clareza da linguagem, pela contida emoção, pela extraordinária intensidade e elevação de ambas. Poesia de forte e constante pensamento, mas poesia em que, declaradamente, procura fundir —e em que afortunadamente se fundem— o pensar e o sentir. Racionalidade e afetividade procurando-se, unindo-se, como o queria Pessoa, com vistas à integralidade do ser.

A tensão dessa bipolaridade que aspira ao um, desse "pensar sentido" (Antônio Houaiss), barrocamemente (mais em espírito do que em forma) resolvido nos livros nucleares —*A Vida Natural, O Sangue na Veia, Contato*—, anuncia-se já neste "Epigrama" da obra de estréia:

*Bom é ser árvore, vento.
Sua grandeza inconsciente.
E não pensar, não temer.
Ser apenas. Altamente.*

Em *A Vida Natural* insistirá a Poetisa:

II

*Só me limita
a consciência
de ser quem sou,
de me saber
e me pensar
junto e diversa
de tudo isso
que apenas vive
na sua glória,
na sua grandeza
inconsciente
e harmoniosa.*

VI

*As coisas se renovam,
a natureza vive
num contínuo mudar-se cada dia,
numa renovação que nem espanta,
uma alcançável, nítida alegria,
que é também ignorância.*

Mas em *O Sangue na Veia* o pensamento "tem sobre o sentir uma vantagem: / a de poder pensá-lo e prolongá-lo" (XIII).

Responde longinquamente àquele "Epigrama" de *Cerco da Primavera* o recente *A Força da Paixão*: "A dor de ser consiste em não saber" (verso inicial, p. 29); "o sumo, o vinho, a embriaguez, / o engano, eu os recuso" (p. 73). Mas a resposta nunca é definitiva:

*Que fazer se não sei o que há de ser
de mim, de meu império fracassado,
da razão que levava ao certo e firme
destino do que sempre se esquivou
à cegueira da força ou da paixão?* (p. 51);

e, se a função do poema é conhecer (p. 63), na segunda parte do livro, *A Incerteza das Coisas*, se nos mostra que esse conhecimento há de transcender o âmbito do intelecto:

*Minha alegria: ver planta,
criança crescendo
sem consonância
com qualquer aprovação;
seguindo o curso implacável
das estações.
Não me tentes
com promessas, viagens,
fortuna. Vê:
eu não sou livre, me ocupa
inteira esta contemplação* (p. 95).

Dentro, ainda, de uma tradição peninsular, hispânica, a Poetisa *consigo se desavém*: "... disto / de mim a mim, / como de um lado do rio a sua oposta margem" (p. 35), e se pergunta: "Quem me retém ainda / tão flama em fria pérola? / Ah, quem me impede, quem me paralisa? / Que outro lado de mim retém o que ignoro?" (p. 44), para o mergulho "mais fundo, em busca da outra margem", na "iniciação pela linguagem" a que se refere o estudo de Antonio Roberval Miketen, "A Paixão segundo Marly", incluído no volume.

Mais que os anteriores, este novo livro de Marly de Oliveira está referto de citações e alusões, num "diálogo intertextual com os excelsos gênios afins" dentre os quais Oswaldino Marques nomeia, no

prefácio, Guido Guinicelli, Guido Cavalcanti, Dante, Petrarca, Camões, Shakespeare, Rosalía de Castro, Ungaretti, Montale, Borges, Pessoa, Drummond, Cecília, Murilo Mendes, João Cabral. (Peço vênia para nomear Machado de Assis e Cruz e Sousa, que visitam as páginas 44 e 62, respectivamente.)

Estamos —concluo— diante de uma poesia comovida, mas repleta de "forte e constante pensamento". Não nos leve isto a crer que a Autora —copio novamente o ilustre prefaciador— "se mostre inatenta à linha demarcatória dos domínios da filosofia e da arte". Aquela, frisa Oswaldino Marques, "é a sonda atirada às matrizes do ser"; já "a poesia pode visar a isso *também*, mas antes se demora voluptuariamente na rutilância de seu próprio instrumento — a linguagem; remira-se, dir-se-ia enamorada, no espelho da Forma". E a forma, em Marly de Oliveira, nasce do encantatório poder que transfunde no rigor da linguagem a força da paixão.

SABOR DE SIMPLICIDADE

Ana Helena Fagundes de Lima – *Colibri*
Coleção Lima Barreto, Senado Federal, 1984

Os versos de Ana Helena têm o sabor das coisas simples. Sabem à vida. Ela faz do coloquial um instrumento de imediata comunicação poética; de uma linguagem clara, direta, nua, avessa a toda retórica, o veículo de suas saudades, de suas vivências amorosas, de seu predominantemente afetivo relacionar-se com o mundo. Até mesmo as suas aparentes reminiscências de leitura de antigos poetas (um Afonso Celso, em "Dodói", um Castro Alves, em "Daqui — do Nosso Cárcere") e suas explosões de consciência política ("Cansaço") moldam-se nessa feminina afetividade que lhe caracteriza o fazer poético. E eis ferida a tônica deste *Colibri*.

DA ESTRUTURA DO POETA

Omar Brasil – *A Brevilonga Jornada de Sélen Rumo ao Poente*
Thesaurus, Brasília, 1985

Desde o Romantismo, cujas mais vigorosas vertentes souberam valorizar o indivíduo sem esquecer a coletividade, captando na mirada abrangente àquele, dentro da humanidade de que é parte, tem-se tornado comum o ocupar-se a poesia com temas sociais, de um lado, e, de outro, com a realidade interior do homem. Hoje, estendida a temática e aprofundado o enfoque, incluem-se entre as mais nobres preocupações do poeta o destino de nossas sociedades, a finalidade do homem, a prospecção abissal do eu; e, correlatamente, a meditação sobre a linguagem, a fatura do poema e a essência da poesia.

omar brasil (em minúsculas, como ele prefere), poeta situado em seu tempo, dá-nos, nesta madura estréia, uma poesia vincada de pensamento, estremecida de inquietações, lavados um e outras na água lustral —eterna— do lirismo amoroso.

Dentre as peças componentes de seu calidoscópio, algumas têm a cor do efêmero da vida —a vida! grito mágico a animar o universo—, a exemplo do poema inicial, que nos evoca Mário Quintana, poeta aliás tão diferente dele.

O contraste efêmero-eterno dos ciclos vitais é-nos matizado na magnífica realização de "A uma Paineira".

O filosófico se nos apresenta, com outras tonalidades, em "De Ter e de Ser", "Descaminhos", "O Inseto", "Auto-Retrato (no Espelho)", "Constituição", "Alienação" e "Paisagem Interior", onde o Poeta, habitualmente tão racional, louva a intuição como instrumento melhor de apreensão da realidade.

O mergulho em si mesmo, que o leva à identificação com o outro, poematiza-se em peregrinos versos ("Ser"):

*não é em mim que eu sou:
é no outro que me incorporo
e vivo e ganho substância;
em mim apenas estou.*

O social é tecla muito solicitada: "Rosa-dos-Ventos", "Transcendência", "Vitória", "Lição da Bomba", "Canção de Inverno", "Juízo Final".

Exemplos de metapoesia colhemos em "Rosa-dos-Ventos", em "Da Construção do Poema".

Quanto à lírica amorosa, é a responsável, talvez, pelo maior número de poemas nesta *brevilonga jornada*. Mas, embora o Autor afirme, encerrando "Rosa-dos-Ventos":

... eu, anagrama de mim,
só sei o amor

— acho improvável encontrar-se, aqui, o lirismo puro-sentimento; ao contrário, delinea o caráter deste poeta o lirismo que pensa, fato que o vincula, creio eu, à família poética de um certo Fernando Pessoa, de Drummond, de João Cabral.

A linguagem de **omar brasil** é correta, concisa, densa, elegante; às vezes muito trabalhada, como em "Fé de Ofício" (que lembra Cassiano Ricardo na decomposição e recomposição vocabular — *palavra, pá, lavra*, até a bela suma final:

*assim me achei e me faço
e vou sendo, no adiante
por opção, fé de ofício
de lavra, de pá, de dor
palavrador),*

mas não afeita ao rebuscamento. Na verdade, a língua não só ser, para o Poeta, campo e instrumento de exercícios virtuosísticos, senão —em geral— o suporte mínimo necessário à corporização da poesia. Uma substantiva poesia.

Coerente com tal sobriedade de linguagem, anda nu de artifícios —ressalvados uns poucos na linha do Concretismo e movimentos posteriores— o libérrimo verso de **omar brasil**. Mesmo numa canção como "Maria do Meu Amor", em que a redondilha é o parâmetro, mas não o metrônomo, evita a simetria absoluta.

Outras exceções a esse comportamento lingüístico (*lato sensu*): a apossíclise em "Fé de Ofício", o jogo paragráfico (corpo/copo) em "Instante Vazio", a rima significativa ("os ritos me conformam / e me deformam / e sou a forma / da norma") em "Auto-Retrato" (no Espelho)", as aliterações em "Rosa-dos-Ventos", "Saudade", "As Quatro Éguas em Fá Sustenido Maior", e no extraordinário "Mãe-d'Água". Afinal, poesia é arte de trabalhar a palavra...

Temperamento antes clássico do que romântico, nele predomina o intelecto sobre as sensações. A emoção, muito contida, compõe com a estrutura verbal uma trama de elegância e delicadeza.

Ocorrências de humor ("Alienação"), ironia, sarcasmo ("Lição da Bomba", "Ano Novo"), erotismo ("Gênesis", "Quisera...").

Sublinho, afinal, que ao virar desta página vai-se ver o leitor face a face com um poeta dos mais sóbrios, porém jamais frio, desses de palavra esotérica porque não nascida do calor da vida ("Da Construção do Poema"). Ao contrário —e é ele mesmo quem no-lo diz em "Constituição"—

*é da estrutura do poeta
ser este amálgama de dores e amores,
de fomes e poesia, sensibilidade viva
à procura do grito primordial e transcendente.*

DO RISCO À PALAVRA

Hugo Mund Júnior – *Ícones da Terra*
Thesaurus, Brasília, 1985

Se o leitor, ao abrir este volume, tem presentes na lembrança os *Gráficos* publicados pelo mesmo autor em 1968 (de certo modo prolongados ou desdobrados por *Palavras que não São Palavras* e *Germens* — todos privilegiando o olhar), surpreender-se-á talvez de encontrar aqui um Hugo Mund Júnior doando-se não mais em linhas e cores, mas em palavras.

Por mais diferentes, porém, que possam parecer os dois livros, houve, de um para o outro, tão-só uma substituição de materiais: reconhecemos, neste microuniverso construído de som e representação, o poeta propriamente plástico da primeira manifestação de Hugo Mund Júnior. E não se decepcionará quem procurar no segundo uma projeção ou um coroamento daquele. Pois esta é uma poesia do visível; ou, quando tal não possamos afirmar sem excesso, uma poesia que tudo quer trazer —até o mistério— para o campo do visível; de qualquer modo, poesia reveladora de um temperamento eminentemente visual.

Essa visualidade comporta pelo menos três níveis. O da *visão sensível* —do olho que vê o contorno estrófico, o desenho das palavras centradas na página, constelando-se em torno de um eixo ideal— é o primeiro e mais notório. Da *visão racional* é o seguinte, em que o olho mental capta as imagens verbais. Finalmente, chegamos ao plano da *visão contemplativa* (intuitiva), em que vemos —ou julgamos ver, vislumbramos— para além dessas imagens.

Tudo isso considerado, patenteia-se a felicidade da extensão do título *Ícones da Terra*, do grupo inicial de poemas, ao conjunto do livro.

Considere-se, ainda, que *ícone*, além de significar *imagem*, dá idéia de *santo*, de *sagrado*. O sagrado unge toda esta poesia, simples e leve pelos elementos e pela concepção, grave e solene pela reverência com que se deixa embeber no universo perceptível, sonhando-lhe o Artífice — a "obra" e o "mestre" a que se refere um dos poemas.

Não devemos permitir que a sobre-resplandecência do visual obombre as qualidades fônicas destes versos, mais evidentes na múltipla aliteração de "verde vale" ou no jogo vocabular de "corpo", de "revérbero

dourado"; nem nos deixemos cegar para a profundidade e a sutileza de sua inspiração e do pensamento que subjaz neles, qual em "lassa e sutil vergôntea" ou em "algas e sargaços".

Antes, esqueçamos, esqueça o leitor o pretensioso deste prólogo inútil e entregue-se, desarmado, à magia una e envolvente, como ar ou água, destes *ícones* poéticos, de que dou por emblema a esplêndida "ave" — que, uma vez observada no seu vôo, não mais fugirá da retina atônita, mas para sempre revoará sobre nós, e em nós, com a leveza e com a gravidade a que há pouco aludíamos.

A gravidade e a leveza de uma nuvem pejada de seu fruto.

A POESIA ESPAGÍRICA DE MUND

Hugo Mund Júnior – *Poesia Reunida*
Academia Catarinense de Letras, Florianópolis, 1997

Hugo Mund Júnior, já então conhecido e reconhecido como artista plástico, fez sua estréia em livro no ano de 1968. A obra, saudada por Walmir Ayala, intitulava-se *Gráficos*, e a edição foi do Instituto Central de Artes da Universidade de Brasília. Seguiram-se-lhe *Palavras que não São Palavras* (Ebrasa, 1969) e *Germens* (ed. do Autor, Brasília, 1977). Tanto esses livros como *Palavra e Cor* (que, concluído em 1968, só viria a ser publicado em 1988) contêm a poesia visual de Mund. Compõe-se o primeiro de poemas gráficos, absolutamente sem palavras. O segundo, em que "a palavra ... é assessorada pela imagem gráfica", chegou a ser considerado, por isso mesmo, "um retrocesso" na escalada mundiana (José Nêumane Pinto). Em *Germens*, comparece ainda a palavra, mas a primazia continua sendo do plástico, acentua Joaquim Branco.

A passagem do poema visual para o poema verbal deu-se com *Ícones da Terra*, publicado pela Thesaurus em 1985. Coube-me a alegria de fazer a apresentação do livro, em que julguei assinalável "uma poesia do visível; ou, quando tal não possamos afirmar sem excesso" — acrescentava—, "uma poesia que tudo quer trazer —até o mistério— para o campo do visível". Por outro lado, chamava a atenção para as "qualidades fônicas" desses versos, bem como "para a profundidade e a sutileza de sua inspiração e do pensamento que subjaz neles". O que, todavia, mais desejaria lembrar dessa apresentação está neste breve parágrafo: "O sagrado unge toda esta poesia, simples e leve pelos elementos e pela concepção, grave e solene pela reverência com que se

deixa embeber no universo perceptível, sonhando-lhe o Artífice — a 'obra' e o 'mestre' a que se refere um dos poemas."

A *Ícones da Terra* sucederam diversos trabalhos em que se consolidou (não diria em qualidade, pois esse livro continua entre os de minha preferência, mas em volume) a linha verbal de Mund. Recentemente, o Poeta organizou essa vertente de sua produção livresca sob o título *Poesia Reunida*, na seguinte ordem: *Grifos e Emblemas, Véspera do Coração, As Vozes do Juramento, Cósmica Província, Aromas e Olhares, Ícones da Terra, Espelho Ardente, Flauta de Espuma e Exercício em Branco*. Da significação da poesia de Hugo Mund Júnior falam, melhor do que eu, além dos mencionados, Lauro Junkes (autor da introdução e do posfácio dessa reunião), José Santiago Naud, Tetê Catalão, Nataniel Dantas, Almeida Fischer, Celso Araújo, Fausto Cunha, Fábio Lucas, Alcides Buss, Paschoal Motta e diversos outros escritores e jornalistas (todos citados, com abundantes transcrições, no posfácio de Junkes). Uma nota pessoal me permito, entretanto, para encerrar este registro com umas poucas passagens dentre as que, nesta releitura, avultaram a meus olhos. Eis, pois, alguns versos ou sintagmas que me parecem emblemáticos dessa poesia crescentemente hermética, dessa poesia que, através da cintilação de som e imagem, procura verter no leitor sua vocação insistentemente alquímica: "silêncio frio e prata de crepúsculo" (p. 54) — "Um único verso sustenta / o equilíbrio do pássaro, / celebra a queda da folha / ao chão, brilha no coração / ilícito. Um único verso / sangra o papel em branco." (95) — "vagamos / no regaço das águas e dos ventos, / astrolábios no encaço das alturas" (110) — "Pudesse a força mágica do canto / transpor o abismo da surdez humana!" (127) — "Amor não ousa errado." (203) — "Há mais sonho que corpo na matéria" (243) — "ave / vaga nave / de nuvem / navega / leve lua / lanterna / de neve" (276) — "em todo verso há um sopro / de loucura" (316) — "quem recrimina / a rosa por ser efêmera?" — "no vazio absoluto / nasce o ato puro / liberando a alma" (325) — "quando pão e palha / eliminam / fome e cansaço / o mais é acréscimo" (332). Da face propriamente espagírica da poesia de Mund é sugestivo — e com ele concluo — o dístico "Testamento" (55):

*Filho meu, eleva na luz rebelde
o suicídio alegre de todas as sombras.*

RÉQUIEM PARA UMA RÁDIO EDUCADORA

Aluísio P. Valle – *Memorial de uma Rádio Educadora*
CEUB/Thesaurus, Brasília, 1985

Quando subiu à direção da Rádio MEC de Brasília, o escritor Aluísio P. Valle —contista de *Uiquende no Pacífico* (1971) e *Os Segredos de Cenira* (1979) e ensaísta de *Temas de Comunicação Social* (1979)— comprometeu-se a dar, ou devolver, ao órgão características locais, candangas. Uma das providências que imediatamente tomou, para tanto, foi a criação do programa *Crônica do Dia*, de cuja redação se incumbiriam escritores brasilienses. O programa foi ao ar de 15 de abril de 1982 a 29 de abril de 1983; de segunda a sábado, nesse período de um ano, mais de trinta escritores e jornalistas radicados nesta cidade produziram trabalhos que os locutores Ilme Lopes Assumpção e João Marques Alves leram aos microfones daquela então prestigiosa radiodifusora — prestigiosa, apesar da aparelhagem obsoleta, pelo nível da programação. Eram crônicas livres, sem sequer a obrigatoriedade de versar assunto local; mas o programa assumiu, desde logo, cidadania brasiliense, e contribuiu para vincar os traços distintivos da emissora, até a época bastante acima das muitas outras que, em matéria de música, se esgotam na difusão de estereótipos de mau gosto e desnacionalizantes que, em matéria de letra, ficam mesmo no nível zero.

Memorial de uma Rádio Educadora, cuja recente edição é fruto de convênio entre o CEUB e a Thesaurus, reúne as crônicas escritas pelo próprio Aluísio para aquele programa. A lamentável mudança de orientação da emissora leva José Hélder de Souza, no prefácio, a considerar o livro "um verdadeiro réquiem para a Rádio Educadora de Brasília, transformada em mera *repetidora* de programas elaborados no Rio de Janeiro, por escritores e radialistas do Rio, com fatos e atos de cultura do Rio, e para o Rio, tudo inteiramente alheio à vida cultural de Brasília".

Saudamos o surgimento do volume e, nele, a memória de um gesto infelizmente frustrado.

O POETA NO RUMO DA UTOPIA

Antonio Carlos Osorio – *Arsenal da Vigília*
Thesaurus, Brasília, 1986

O escritor Antonio Carlos Osorio volta a apresentar-se aos leitores, na linguagem dos versos, com *Arsenal da Vigília*, volume graficamente bem realizado e plasticamente enriquecido por ilustrações de Leda Watson — convencionalmente impressas algumas, em negro, e apostas a cola as coloridas, entre as últimas a da capa. Esta terceira coleção de poemas confirma o meritório poeta de *Rebanho de Ventos*¹ e de *O Desafio do Branco*,² e confirma também os claros e os escuros de sua cosmovisão, vislumbrados desde a estréia.

Com efeito, já em *Rebanho de Ventos* identificamos o elenco temático e as características fundamentais dos outros dois livros, de modo que a tríade constituída pela sua obra poética até aqui publicada nos revela um perfil coerente. Assim, encontramos ao longo de toda essa obra uma predominância de poemas voltados para a condição humana, com o seu cortejo de questões crono-escatológicas, poemas que compõem ora uma ética, ora uma mística, e poemas-orações, ou poemas-confissões: mergulhos no abismo coletivo da espécie e mergulhos no próprio e singular abismo. Constantes presenças, também, a da lírica amorosa e a do *cercle de famille*. Finalmente, em menor número, os metapoemas e as composições curtas entre o haicai e o epigrama, sem falar nalgumas peças em francês ou espanhol.

A vertente mística flui mais notória, ao menos nesse primeiro livro, através do verso medido, na forma fixa do soneto; versos inçados de acidentes como hiatos, sinéreses violentas, sínopes; sonetos sem a preocupação da rima rica ou da chave de ouro: durezas de uma poesia despojada, em que a substância do dizer se impõe, avassaladora, atalhando quaisquer veleidades artesanais, a modo de quem diz verdades rudes, que não podem ou não querem esperar pelas voluptuosas demoras do acariciamento formal. É o Poeta mesmo quem afirma, ali (no soneto da p. 57), longe do ludismo e do intelectualismo que exhibirá em composições outras, buscar "um despojamento que desnude as raízes do ser". Qualquer que seja, entretanto, o tom e o tema, vejo Antonio Carlos Osorio mais à vontade, mais bem posto no verso livre. Nesse vaso, e daquela vertente, fundiram-se peças como "Vinde, Senhor" e "Que em Nosso Favor Falem"

(pp. 77 e 87 de *Rebanho de Ventos*); em verso livre, ainda, poemas exemplares como "Seremos Companheiros" (p. 59), "O Reino da Perfeita Liberdade" e "Filho A-Nato" (*O Desafio do Branco*, páginas não numeradas).

Neste *Arsenal da Vigília*, embora no geral mantenha coerência temática e de postura humana e artesanal com as publicações precedentes, acho duas novidades: pela primeira vez, creio, ousa o Poeta, desesperado, insurgir-se em ironia e sarcasmo contra a divindade ("Perguntas", p. 21); e nunca antes como em "Late America" (p. 64) —não com a mesma força e veemência— calçou ele a nota política e social. Independentemente de tema e atitude, porém, arrola, dentre os poemas aí reunidos, os que mais intensamente reafirmam, para mim, a força e a qualidade deste poeta: "Matinas", "Elegia XXII", "Nasceu um Menino", "Fantasias do Azul" (soneto — variações sobre tema de Carlos Pena Filho), "Bicos-de-Pena no Nordeste", "Duração", "Mulher Substantivo" (outro soneto), "Serventia", "Visitas", "Elegia XIX", alguns dos "Epigramas", "Geografia Elegíaca", "Talvez Versos Zen", "Posições" e, sobre todos, "Segunda Ode à Noite".

É já um acervo poemático respeitável o contido nestes três volumes, e confio em que Antonio Carlos Osorio o dilate, horizontal e verticalmente. Diz ele, nos quartetos de "Velejamento", de *O Desafio do Branco*:

*Em velame de sonho solto aos ventos
aspirações de sôfrega esperança
em nada importa falte ao sopro alento
em nada importam tempos de bonança.*

*Prossegue o sonho o seu velejamento
por frágeis os velames, e as tardanças
das rotas indecisas, e os lamentos
do dúbio coração em esquivações.*

Neste momento em que saudamos o aparecimento de *Arsenal da Vigília* e recordamos os livros anteriores do Poeta —um dos mais densos e significativos de sua geração—, quero augurar-lhe, na esteira do soneto: Prossiga o sonho o seu velejamento, rumo à *ilha da utopia*, que vão construindo os versos dos vates e os anseios dos homens de boa vontade.

1. Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1979.
2. Massao Ohno-Roswitha Kempf, s/d.

PANORAMA DO HAICAI NO BRASIL

R. Saito, H. M. Goga e F. Handa – *100 Haicaístas Brasileiros*
Massao Ohno, São Paulo, 1990

Dizia eu, há anos, a propósito dos haicais de Monsenhor Primo Vieira, que as outras formas poéticas são vasos em que tudo encontra lugar e às vezes não entra a Poesia, embora possam salvar-se, ainda assim, pela perícia do poeta; mas não desse modo com o haicai: mal comportando, em sua estrutura mínima, algum recurso de retórica, nele cabe apenas a Poesia, em estado de pureza, não os seus artificiosos sucedâneos.

No haicai, a Poesia não se transforma em jogos intelectuais, nem mesmo se pode apoiar em tais jogos, tão caros à cultura do Ocidente. Daí a sua dificuldade: tem de resolver-se numa facilidade aparente. Sua brevidade e necessária simplicidade fazem dele um veículo impossível para a erudição, mas nele pode instalar-se confortavelmente a sabedoria.

"O máximo no mínimo" — poderíamos dele dizer, numa tentativa de microdefinição também aplicável à nossa trova. Mas isso não diz tudo.

A poesia do haicai é a captação do instante em seu núcleo de eternidade.

Ao folhear, agora, esta antologia de *100 Haicaístas Brasileiros*, organizada por Roberto Saito, H. Masuda Goga e Francisco Handa, reencontro-me com Primo Vieira, de cujos haicais afirmava eu "serem simples e belos, como se lhes pede, e com aquela característica, essencial, de sugerir o panorama com uns poucos traços do detalhe". E ocorrem-me novamente aquelas observações acerca desse "tipo de poema japonês (*hokku*) de FORMA FIXA, formado de 17 SÍLABAS distribuídas em três VERSOS (5 – 7 – 5) sem RIMA, como toda a poesia nipônica", de acordo com a lição de Geir Campos (um dos antologados) em seu precioso *Pequeno Dicionário de Arte Poética*. (Além disso, na origem, o haicai devia "sugerir uma das estações do ano"; hoje, contudo, entre nós, nem sempre é praticado com o rigoroso recorte ideológico e formal com que o imortalizou Matsuo Bashô.)

Figuram na antologia —que está longe de pretender-se exaustiva— alguns dos pioneiros da introdução do haicai no Brasil, como Afrânio Peixoto, Guilherme de Almeida, Jorge Fonseca Jr., Oldegar Vieira, Waldomiro Siqueira Jr.; poetas outros que prestigiaram esse tipo de composição publicando livros exclusivamente de haicais, a exemplo de Abel Pereira, Lyad de Almeida, Olga Savary, Pedro Xisto; nomes bem conhecidos, como Eno Teodoro Wanke, Helena Kolody, Leonardo

Henke, Luís Aranha, Yeda Prates Bernis, ao lado de outros mais novos ou menos divulgados.

Respondem por alguns dos melhores momentos da coletânea Afrânio Peixoto, Antonio Carlos Osorio, Cláudio Feldman, Cyro Armando Catta Preta, Dora Ferreira da Silva, Guilherme de Almeida, Jacy Pacheco, Lêdo Ivo, Luís Antônio Pimentel, Luiz Bacellar, Maria Thereza Cavalheiro, Martinho Bruning, Masako Akeho, Paulo Leminski, Roberto Evangelista. Admiradores do grande romancista surpreender-se-ão ao topar com dois bons haicais de Érico Veríssimo.

O POETA TRABALHA

Antonio Carlos Osorio – *Quase Hai-Kais*
Cultura Contemporânea, Porto Alegre, 1992
– *O Silêncio, e Suas Raízes*
Utopia, Brasília, 1992

Mais uma vez nos toma a atenção a poesia de Antonio Carlos Osorio, que dá a publicidade dois novos livros no gênero. Um deles é *Quase Hai-Kais*, de bonita feição gráfica, na capa um detalhe de quadro de Kenji Fukuda. O outro é *O Silêncio, e Suas Raízes*, também uma bela realização gráfica, valorizada por capa sobre óleo de D. J. Oliveira, quarta de capa com óleo de Nazareno Confaloni e ilustrações de Brigitte Lagerblad de Oliveira (KAJ).

Nos haicais, ou quase-haicais, impressiona a perícia com que, na minúscula estrutura, aprisiona o Autor a situação, a idéia, a imagem nuclear em forma capaz de liberar, em contacto com o espírito do leitor, a energia poderosa e singular que chamamos poesia. São muitas as composições dignas de antologia, mas não sei se alguma sobrelevará esta "Viagem", que já conhecíamos da coletânea *100 Haicaístas Brasileiros*, organizada por Saito, Goga e Handa e editada por Massao Ohno em 1990:

*Pássaro a voar
Na manhã recém-nascida
Rumo à canção.*

Em *O Silêncio, e Suas Raízes*, reúne Antonio Carlos Osorio uma seleção de seus três primeiros livros de poesia (*Rebanho de Ventos*, *O Desafio do Branco* e *Arsenal da Vigília*), acrescida de novas composições do mesmo alto nível de feitura.

Há alguns anos, em artigo sobre essa poesia, assinali "uma predominância de poemas voltados para a condição humana, com o seu cortejo de questões crono-escatológicas, poemas que compõem ora uma

ética, ora uma mística, e poemas-orações, ou poemas-confissões: mergulhos no abismo coletivo da espécie e mergulhos no próprio e singular abismo", a que se seguiam a lírica amorosa, os poemas dedicados ao círculo familiar, os metapoemas. Hoje, lendo e relendo esses versos, demoro-me novamente em "A Utopia": comungo, comungaremos unânimes com o Poeta, em cujo coração, como no de todos nós, "dói agora a utopia que se adia"; dor que se assemelha à de ver "a marca / da vida cortada / em pleno êxtase" ("Conto Vermelho e Preto").

São dois poemas desencantados; não o é, com certeza, o Autor, que retoma a esperança e se põe a reconstruir —não direi a ilha— o continente ideal, o mundo ideal, de modo que o vejo ainda qual o via naquele artigo, suscitado pelo aparecimento de seu terceiro volume de versos, ou seja, como "O Poeta no Rumo da Utopia". O Poeta deixa claro, então como agora, que quer construir sua alegria "nesta aguda consciência chaga e úlcera / de estar ligado em transfusão constante / às veias abertas de todos os homens" ("Projeto de Construção"). O Poeta está a postos, trabalhando sua privilegiada matéria-prima —O Canto—, e com o seu exemplo nos convoca a todos para essa gigantesca tarefa de construção do Homem.

PROSA COM LIRISMO

Antonio Carlos Osorio – *Bestiário Lírico*
Uniprom, Porto Alegre, 1997

Dos dez livros até agora publicados por Antonio Carlos Osorio sobressaem os cinco de poesia; mas a preeminência do poeta não anula o prosador, cujas qualidades de observação e inventividade, servidas por amplo domínio da língua e extraordinária extensão de leitura, são, ao contrário, sutilizadas pelo severo exercício do verso. Demais disso, a sensibilidade do poeta comanda também a pena do prosador, o que se patenteia de logo em seu mais recente trabalho, *Bestiário Lírico*. Prosa de poeta, e dos bons, ninguém melhor que um poeta do porte de Armino Trevisan para o comentário da contracapa, sucinto e agudo, como convém:

Antonio Carlos Osorio consegue criar um estilo, cheio de graça, onde o coloquial e o familiar se transfiguram à luz de toques de erudição e filosofia. O *Bestiário* é uma obra-prima de poesia e observação, de doçura e lucidez. Uma pequena obra-prima de ternura!

Breves histórias de animais, oscilam mesmo essas páginas, consoante o incisivo comentário de Trevisan, "entre a crônica e o poema, entre o memorialismo e a meditação franciscana".

Dentre os bichos que freqüentam essas historinhas líricas, e nelas "aprontam" com a cumplicidade e a simpatia do cronista, avultam os gatos, pelo número e pela importância dos papéis. Como Baudelaire, poeta de sua predileção (que, aliás, dá o nome a um de seus felinos e suscita o de outro, a gata Jeanne Duval...), Osorio tem ostensiva preferência por esses animaizinhos elegantes, discretos (exceto no amor), misteriosos, senhores de esfíngico orgulho, conforme os retrata ele mesmo.

O poeta, insista-se, está presente em todas as peças; logo o reconhecemos, por exemplo, na bela imagem do cavalo que "galopa conduzindo o vento"; anuncia-se, de resto, desde o título; e é sem dúvida responsável pela excelente *réussite* dessas prosas.

UMA NOVELA BEM TEMPERADA

J. M. Leitão – *O Hóspede do Tempo*
Mercado Aberto, Porto Alegre, 1987

Terceiro livro de J. M. Leitão —os primeiros foram *A Estranha Estória de Beбето Areião* (contos, 1983) e *Memórias de Morto* (romance, 1984), ambos editados pela Thesaurus, de Brasília—, *O Hóspede do Tempo*, número 32 da Série Novelas da Mercado Aberto, confirma o valor do ficcionista.

O narrador é Cláudio —nome falso de um ativista de esquerda, filho de um militar de direita—, e a história se desenvolve ao longo da primeira década da ditadura instalada no País em 1964. Forçado o jovem a pedir o auxílio dos pais, estes o despacham do Rio aos cuidados de amigos residentes em Fortaleza, os Costalargas —Luís e Ágata—, com quem passaria três anos, antes de se meter a bordo de um barco lagosteiro e, via Caiena, dar com os costados em Paris. Durante esse tempo vivido com *tio* Luís —que se mostrava invariavelmente agressivo em relação ao pai de Cláudio ("Tinha saído Tereco de apelido e retornou exigindo o máximo respeito ao título de capitão, Ca-pi-tão Astério, fazia questão absoluta.")— jogavam (gamão) e conversavam diariamente, e o jovem, sem mais que fazer, registrava à noite, numa espécie de diário, as confidências que aos poucos ia soltando o protetor.

Isso que acabamos de resumir, mais umas breves palavras acerca dos perigos de que escaparam, levados para a Europa, esses papéis, que, costurados de memória e precariamente, formariam a narrativa que Cláudio apresenta, são a matéria do primeiro capítulo, intitulado "O Relato de Cláudio" e inteiramente vazado nas primeiras quinze páginas. O resto do livro, objeto de um segundo e último capítulo, denominado "O Hóspede do Tempo — a História de Luís Costalarga — (como me Foi Contada)", constitui a narrativa propriamente dita.

A história enraíza-se em Barra do Palma, cidade (imaginária) do norte do Maranhão, na qual têm sede outras ficções do Autor. Personagens que primeiro conhecemos evocadas nas *Memórias de Morto* freqüentam também as páginas deste livro.

Desenrola-se a trama em torno da tragédia de Saulo, tio de uma adolescente —"a menina", que o narrador evita nomear—, casado com Dona Alice e amigo de Luís Costalarga, nesse tempo ainda solteiro. A

propósito deste, a mãe de Cláudio —o ex-guerrilheiro que renarra a narração do *tio* Luís— deixara escapar, conversando com o marido sobre a entrega do filho a seus cuidados, a alcunha "Luís da Licinha", o que...

Mas não antecipemos dúvidas, vaivéns, temperos dessa sinuosa e bem contada história. Vejamos, isto sim, uma amostra do estilo do Autor:

Um rio, passando e mudando, tem sua própria vida, como a das pessoas. O mar permanece o mesmo. Tanto faz se ficar olhando um dia, um mês, um ano ou a vida inteira e ele não mostra diferença. As águas são sempre as de ontem, do mês passado, do começo do mundo e num constante marear, pra-lá e pra-cá. A margem é uma só, sem o lado de lá. Repetem-se as areias, os coqueiros espigados e o vento fino passando apressado. Tudo muito diferente do *meu* rio. Ele corre, se torce, se retorce e se espraia nas enchentes. Ele busca uma morada maior para as águas eternamente renovadas, vindas das nascentes, ou se estreita e se recolhe nas secas. Sua cor, como as águas, nunca é a mesma; é barrenta, esverdeada ou azulada. Pode mostrar um rosto triste ou alegre dependendo do tempo. Muito parecido com a gente. O mar é um bonito de beleza diferente.

O trecho, a bem da verdade, é atípico. Um momento de poesia do *tio* Luís, um homem "rude", como o qualifica o pai de Cláudio; um homem desbocado.

Filho guerrilheiro comunista, pai militar, torturador, corrupto; safadezas, crimes, adultérios de uma cidade do interior, numa época em que a televisão ainda não havia empolgado o País; uma linguagem coloquial e livre, a serviço de um real talento narrativo; tais os ingredientes deste livro picante e saboroso — adjetivos, estes, aplicáveis à generalidade da obra literária de J. M. Leitão.

PERTO DA PLENITUDE

Márcio Catunda – *Purificações*
Cátedra, Rio de Janeiro, 1987

Eis um jovem poeta cuja lírica prefere voltar-se para a natureza, a integração com o universo, a comunhão cósmica, em ânsia de ascensão espiritual, mas não se dedigna de confessar o cansaço da ferocidade humana, da injustiça, da opressão e da miséria, cujo fim profetiza. Prega um "socialismo espiritual", em "Revolução", que ecoa nos "Hinos pela Igualdade"; mas a verdadeira purificação que almeja é a que se faz pela contemplação até a irmanação e a integração com as coisas e os seres — pela vida serena, cujo sereno fluir é o caminho ("Satyagraha")—, daí estarem entre seus melhores poemas os momentos ou instantâneos contemplativos, a exemplo de "Manhã". Oscila —passando pelo equador do lirismo amoroso— entre pólos que lapidarmente representam os dois micropoemas abaixo transcritos:

JORNAL

*No fim do ano internacional da paz
num só dia (24 de dezembro)
morreram 41 mil e 500 combatentes no canal al Arab.*

AUTODEFINIÇÃO

*Eu sou aquele que ama o vento
e adora as estrelas.
Eu sou o que canta e se liberta do mundo.*

Pratica o autor de *Purificações* um verso livre que, se é muito bom em "Noturno da Beira-Mar", às vezes se aproxima perigosamente da prosa, e um verso medido menos maduro, de menor rigor artesanal. É um poeta cheio de vitalidade, e de elevada estirpe filosófico-metafísica, restando-lhe apenas acabar de apurar seu instrumento para atingir a plenitude poética.

UMA *POIESIS* DA REINVENÇÃO E ETERNIZAÇÃO DA INFÂNCIA

Wilson Pereira – *Menino sem Fim*
Thesaurus, Brasília, 1988

Wilson Pereira estreou com *Escavações no Tempo*,¹ prestigiado por apresentação de Bueno de Rivera. Nesse primeiro livro, transcende, conforme o ilustre poeta, "o círculo de suas abstrações, para se integrar na temática do mundo" como "cidadão universal, homem de seu tempo e bem afinado com a poesia do agora". Salienta o apresentador o caráter anti-retórico dessa poesia social, sem prejuízo de vigorosa inventividade nos planos vocabular e imaginístico; o verso curto, direto, incisivo, raramente tangido por mão lírica — quase toda a força do jovem poeta estaria na que explora "a temática participante".²

Com efeito, é o poeta, para o Wilson dessa fase, apenas uma

... casca part
ida,

ao passo que o poema seria

— um pássaro
na manhã de todos.³

E o Poeta se queixa:

Uma época de estrondos
estanca meu canto.⁴

Escavações no Tempo é de 1974. Ao fim de tão longo silêncio editorial, volta Wilson Pereira àquela mesma temática, na terceira parte — "Lavrária" — de *Menino sem Fim*. Já não é esta, porém, a nota predominante. Na quarta e última parte — "Navegações" —, destaca-se, dentre poemas de tom lírico ou metafísico, a nota da perquisição do eu, prenunciada numa das repartições da obra de estréia, "Escavações em Mim Mesmo", especialmente, penso, no poema "Reflexões em Mi(m) Menor".⁵ Na segunda — "O Verbo" —, metapoética, estão as homenagens literárias: a Bueno de Rivera, Murilo Mendes, João Cabral, Ferreira Gullar, Cassiano Ricardo, Autran Dourado, García Lorca ("Telepoema" — densa poesia voando, leve, em cinco versos curtíssimos) e Fernando Pessoa ("Poema Pessoalizado"); a Thiago de Mello, exceção ditada pelo tema, nomeia em versos de "Lavrária" ("Hora Clara"). Mas o traço que melhor caracteriza este novo livro — e este novo poeta — é o que lhe

inspira o título, enuncia-se no poema "Apresentação" e se corporifica na primeira parte, "O Menino em Mim": redescobrimto da infância pela invenção poética, busca da felicidade pela eternização do menino.

Não se detém o Poeta a ilustrar, desentendidamente, o *topos* romântico, radicado no Novo Testamento ("Deixai vir a mim os pequeninos"): "la poésie c'est l'enfance retrouvée".⁶ Aqui, à dramática perda se opõe não um mero exercício da memória, não uma infância meramente lembrada, mas a infância reconstruída, reelaborada, a recriação do universo infantil. Perdido o Reino, o Poeta o reinventa e erige em poesia, para si mesmo e para quem possa e *ouse* acompanhá-lo na travessia, em sua frágil e invencível nau de palavra.

A dolorosa perda do mágico mundo infantil está magnificamente pincelada em "O Estranho":

Oh! com que espanto
vi crescer do espelho
o homem
que invadiu
meu espaço encantado.

E a confirmação do que digo linhas acima, creio encontrá-la, melhor que alhures, nestes trechos de poemas:

O que eu trouxe
da infância comigo
está em mim
quase vencido.

.....
.... pouco me sei;
o que são é mais
o que de mim inventei.

(De "O Pequeno Protegido".)

A criança
.....
é o homem
sabendo em si
a criança
e o homem

brincando em si
consigo.

(De "Brinquedo".)

Menino,
sai do homem
e brinca um pouco,

enquanto é tempo.

(De "Enquanto É Tempo".)

O menino em mim
ainda cresce

e me leva embora.

(De "O Menino".)

Ao tema da recuperação da infância corresponde uma simplicidade formal que é corolário daquelas qualidades assinaladas no estreante de 1974 por Bueno de Rivera; por outro lado, a prática da fissão vocabular é usança poética wilson-pereiriana que se conjuga com felicidade à vocação lúdica da alma infantil.

É de destacar-se, nesta linha, o "Poemeto". De assinalar, também, o ludismo solipsista de "Infância" (um dos melhores momentos de Wilson), assim como o ludismo onomatopaico de "O Sino".

O que há, nesse rastreamento do menino perdido, de saudade do envolvimento (carinho e proteção) materno se reflete no final de "O Pequeno Protegido":

Na verdade o menino
não cresceu comigo:

minha mãe o tem em si,
pequeno e protegido.

E essa busca, além das conotações que habitualmente se lhe associam, é também uma tentativa de ludibriar a morte. Haja vista o poema "Meus Mortos", para demonstrar a preocupação do Poeta com o fluxo inestancável do tempo:

Im(p)unes ao tempo
meus mortos regressam.

..... fantasmas

..... se dissolvem
ao menor sopro da vida.

É tentativa, aquela, não de todo malsucedida — a reconquista poética da própria infância o recoloca (veja-se "Poeminha") em estado propício ao ingresso no mundo dos filhos, uma possível eternidade.

Quero registrar, por último, que a metódica luta por essa reconquista não implica incompreensão ou revolta relativamente à decadência e à morte física (leia-se, a propósito, o poema "Sinhá"); ruína e perda cujo transcender é belissimamente sugerido em "Cavalo Morto".

Se *Escavações no Tempo* já mostrava, segundo Bueno de Rivera, um poeta singularmente promissor, um poeta que "passou no vestibular" e alcançou mesmo a plenitude nalguns poemas definitivos,⁷ nestas páginas encontrará o leitor um poeta maduro, completo, capaz de obras-primas como "O Outro em Mim", para citar poema ainda não designado; poeta que, *como um menino, apascenta um rio sem margens*.⁸

1. Belo Horizonte, RHJ — Representações e Distribuições, 1974.
2. "Algumas Palavras sobre o Poeta Wilson", pp. 5 e 6 de *Escavações no Tempo*, ed. cit.
3. De "O Poeta e seu Canto", ob. cit., p. 52.
4. De "Necessidade do Canto", ob. cit., p. 53.
5. Ob. cit., p. 54.
6. Charles Baudelaire: "... le génie n'est que l'*enfance retrouvée* à volonté", in: "Le Peintre de la Vie Moderne", III — "L'Artiste, Homme du Monde, des Foules et l'Enfant", *Œuvres Complètes*, Paris, Gallimard, 1969; p. 1159.
7. Cit., p. 6.
8. V. "Travessia", final.

CRUEZA E LIRISMO

Alvina Gameiro – *Contos dos Sertões do Piauí*
Academia Piauiense de Letras, Teresina, 1988

Alvina Gameiro é poetisa (*Orfeão de Sonhos, Chico Vaqueiro do Meu Piauí* — romance versificado), romancista (*A Vela e o Temporal, O Vale das Açucenas, Curral de Serras*), contista (*15 Contos que o Destino Escreveu*) e autora de histórias para a televisão (*O Contador de Histórias* e, em colaboração, *Dois na Berlinda*). Participa nas obras coletivas *O Livro da Ajebianá* (da Associação de Jornalistas e Escritoras do Brasil), *Antologia dos Sonetos Piauienses* (organizada por Félix Aires), *Planalto em Poesia e Contos Correntes* (organizadas por Napoleão Valadares).

Ocupam relevante lugar nesse conjunto os *Contos dos Sertões do Piauí*. Cada um deles é precedido, à guisa de epígrafe, por versos de cantigas folclóricas — como esta "Cantiga de Lavadeira":

Garça branca está pescando
garça branca,
nos baixios da coroa
garça branca,
meu amor lavando roupa
garça branca,
na beirada da lagoa
garça branca.

Essas epígrafes estão em sintonia com a humanidade e a paisagem dos sertões que constituem o cenário dos contos e que Alvina Gameiro demonstra conhecer em sua intimidade.

Infensa a experimentalismos estruturais, está a ficcionista longe de ser uma escritora "primitiva". Sua intuição de narradora é servida por um tranqüilo domínio do idioma, que ela maneja com estilo, incorporando na exata medida, sem os caricaturar, os falares da região. Conduz a narrativa com a segurança e naturalidade de quem amadureceu no ofício. Sabe deparar ao leitor, com franqueza e lirismo, o explodir da sexualidade (na primeira história, intitulada "A Distorção"); explorar com desenvoltura os casos de tragédia e de horror em que são ainda pródigos os interiores mais isolados deste país imenso e desigual; dar tratamento literário a fatos resumíveis numa notícia de poucas linhas, como a história de "Donana Pé Quente"; pintar, enfim, convincentes retratos dos costumes e da psicologia do sertanejo.

NOS MEANDROS DA MEMÓRIA E DO SONHO

Arino Peres – *Contos & Pontos*
Itatiaia/INL, Belo Horizonte, 1988

Não fosse o risco do esquematismo, diríamos que a organização em livro dos *Contos & Pontos* de Arino Peres (pseudônimo literário de Evaristo Manoel Pereira) obedece a uma escala ascendente, ressaltando, ao mesmo tempo, que é neles sempre elevado o nível literário.

A primeira peça, "Tia Dão", é um relato linear, tipo crônica, e tem por objeto o mistério da loucura. Segue-se-lhe "O Ministro", que se move em terreno especial das fraquezas humanas — de corrupção funcional e de sexo. "Damião", conto mais elaborado, focaliza a luta de um negro de baixa extração social, que ascende à burguesia, formando-se em medicina, contra as próprias raízes, sobretudo étnicas; seu sucumbir ao próprio sangue, uma entrega a si mesmo — uma volta à infância. O alucinatório, o onírico, presentes nele, serão a tônica de "O Marciano", cuja construção — com os ingredientes: memória / antecipação da morte / lirismo — é acentuadamente poética. Vem depois "Contemplação da Rosa", longo e hermético monólogo valorizado pelo halo poético da rememoração da infância/adolescência. "A Caravela" é uma história de solidão (a dois) e frustração, obliquamente (bem) contada. "As Asas de Ícaro": um *ghost writer* que se apropria do livro encomendado... Em "O Gelo", mudança mais brusca de temática: o comportamento de uma turma ante o professor culpado de tortura sob o regime autoritário. Já em "O Mestre", temos novamente um monólogo, desta vez a crítica e autocrítica, meditação de uma inteligência voltada para o transcendente. "Temas e Voltas" exhibe as especulações, em cinco pequenos grupos de pessoas ligadas ao morto, acerca do motivo de seu suposto suicídio. Um estudo de psicologia, esses diálogos, a que não falta um clima de conto policial. A seguinte, "Mãezinha", é uma das narrativas mais comovedoras do livro; obra-prima de urdidura, pela contenção, pelas insinuações, pelo fecho, esta história em que o amor de uma mulher pelo filho adotivo, excepcional, se desenrola em gradações humaníssimas e pungentes. "João" é outro conto cumeeiro, em que a aura misteriosa da Morte, súbito encarada, é a nota dominante. Finalmente, "O Gato", história armada sobre os preparativos de um suicídio, de humor subentendido, quase machadiano.

Resumindo, vemos neste volume, como presenças mais marcantes: a loucura, os meandros da memória, a alucinação, o sonho, a morte. A linguagem cuidada, bastante ao conteúdo narrativo, sem faltas e sem excessos; o senso de equilíbrio indispensável à arquitetura do conto; a humanidade profunda, sem pieguismos — eis algumas das qualidades que fazem deste um excelente livro, merecedor do Prêmio Literário Nacional, do INL, em 1987.

DANÇA DAS PALAVRAS

Viriato Gaspar – *A Lâmina do Grito*
Secma/Sioje, São Luís, 1988

Com uma grande bagagem de poemas inéditos, alguns prêmios (de poesia e de conto), participação em várias antologias e dois livros em circulação (*Manhã Portátil* e *Onipresença*), Viriato Gaspar já não é um desconhecido nos meios literários ao dar a público os trinta e cinco sonetos de *A Lâmina do Grito*. Seu livro de estréia, de 1984, revelava um poeta da linhagem de Bandeira Tribuzi e de José Chagas, maranhenses como ele, e, como ele, oficiantes de uma poesia francamente verbal, francamente versífrica, músico-imaginística: uma poesia que requer flama e conhecimento de mister, e que, ao desabrigo dos veículos reputados maiores, continua resistindo às sereias (tartamudas!) pós-vanguardistas da não-significação, do não-sentir — do não-ser. Em *Manhã Portátil* o Poeta surge feito, praticando com desenvoltura tanto o decassílabo quanto metros menores; não desprezando o verso livre, o emprego de recursos gráficos, a invenção lingüística (por exemplo: "amor-te"); enfim, no essencial —em tese e em práxis—, respondendo à pergunta "o que botar no poema / e o que dele retirar?", que se coloca em "Poemar", com esta profissão de fé:

*ser funcionário da vida
e escriturário do homem,

cirurgião do concreto,
intérprete do universo;
deixar sangrar o alfabeto
na carne viva do verso,

passar a limpo o momento,
plantando fundo uma lavra
de fogo, de fúria e vento
no duro chão da palavra.*

Em *A Lâmina do Grito* reencontramos essas qualidades, a que devemos acrescentar um certo jeito surrealista de convocar vocábulos por repercussão vocabular, numa espécie de palavra-puxa-palavra que ajuda o Poeta em sua bem sucedida tarefa de coreografar a dança encantatória das palavras. (A reparar em sua obra, apenas —e ainda em homenagem ao talento do Autor—, a autocondescendência de uma que outra frouxidão

rítmica ou, no extremo oposto, um pequeno abuso de exibicionismo virtuosístico.)

O Poeta é pródigo em versos e imagens de impacto: "a tarde emaranhou-se em meus cabelos", "um verso, esse universo em carne viva", "anêmona do espanto"... Selecionar, para ilustração, um destes sonetos não é fácil: hesito entre o terceiro, o décimo (que é o de minha preferência), o décimo quinto, o vigésimo quinto, o trigésimo, o último. Opto afinal pelo de número 3, exatamente porque mais ilustrativo de sua maneira:

*aqui, nesta argamassa de neurônios
de músculos e nervos, pele e ossos,
eu e a minha manada de demônios
estamos sós no ranço dos remorsos.*

*estamos sós no cio solitário
do pus da nossa paz, fechada em fossos,
no pó das postas do que sobra em sócios
para o repasto oposto do inventário.*

*aqui, neste congresso de torturas,
sentamos, face a face, na impostura
de impar e ser o avesso do que somos.*

*enfartados de espantos e de espasmos,
eu e a minha alcatéia de fantasmas
choramos sós à sombra dos escombros.*

Esperamos não tarde a publicação de seu quarto livro de poemas, *Sáfara Safra*, bem como dos contos: verso e prosa que antecipamos de excelente qualidade.

DE CADA UM SEGUNDO SUA FORÇA

Viriato Gaspar – *Sáfara Safra*
Sioge, São Luís, 1994

De quem pouco pode, louve-se o menos parco. De quem pode muito, exija-se mais.

A poesia de Viriato Gaspar é minha velha conhecida. E antiga admiração. Gostaria de repetir algumas coisas que disse dela (e dele):

Seu livro de estréia, de 1984, revelava um poeta da linhagem de Bandeira Tribuzi e de José Chagas, maranhenses como ele, e, como ele, oficiantes de uma poesia francamente verbal, francamente versífica, músico-imaginística: uma poesia que requer flama e conhecimento de

mister, e que, ao desabrigo dos veículos reputados maiores, continua resistindo às sereias (tartamudas!) pós-vanguardistas da não-significação, do não-sentir — do não-ser. Em *Manhã Portátil* o Poeta surge feito, praticando com desenvoltura tanto o decassílabo quanto metros menores; não desprezando o verso livre, o emprego de recursos gráficos, a invenção lingüística (por exemplo: "amor-te"); enfim, no essencial —em tese e em práxis—, respondendo à pergunta "o que botar no poema / e o que dele retirar?".

Nesses termos, cujo teor reafirmo, traçava um perfil incisivo do Poeta. E acrescentava, a propósito de seu terceiro livro:

Em *A Lâmina do Grito* reencontramos essas qualidades, a que devemos acrescentar um certo jeito surrealista de convocar palavras por repercussão vocabular, uma espécie de palavra-puxa-palavra que ajuda o Poeta em sua bem-sucedida tarefa de coreografar a dança encantatória das palavras.

Em seu mais recente trabalho, *Sáfara Safra*, repete o Poeta, quase sempre, o rigoroso desempenho revelado naqueles livros. Desse rigor discrepam, a bem dizer, alguns eventuais ameaços de render-se à facilidade do canto (que, deixe-se dito, em Viriato é sempre um *bel canto*) nalgumas breves composições em que foi vitoriosa a tentação do bonito, do mero jogo vocabular, métrico e rimático, fogos do arsenal tranqüilamente dominado pelo grande talento do Autor. Menos feliz, penso, é ele quando —tão à vontade entre a parafernália do verso medido, e tão justamente pródigo em homenagens a poetas os mais diversos— endereça, com "O Bom Menino", generalizada verrina aos de 45 e faz menos canônica menção a Olavo Bilac — dois lugares-comuns em desarmonia com sua incomum vocação poética.

Lançadas tais microscópicas observações, dever de ofício, vamos ao que realmente importa no livro. De sua leitura ressalta, e quero enfatizá-lo, que, em feliz contradição ao título, é fecunda a paisagem de *Sáfara Safra*, rica em vales bem cultivados e em sobranceiros picos. Aí se encontram, até, às vezes, em mais alto grau, o vigor e o refinamento que patenteavam já os livros anteriores. Arrolo, sem pretensão de os exaurir, alguns de seus melhores momentos: "O Poema", "O Rastelo", "O Banquete", "A Logopéia", "Fremilúnio" (em cuja terceira e última estrofe o jogo verbal, com ser virtuosístico, é funcional e produz esplêndido efeito), "O Carrapato", "O Legado", "A Falta", "Hacéldama" (excepcional poema, cuja dedicatória me honra e desvanece), "Haiku", "A Gangorra", "O Velho", " Infância". Transcrevo um dos de (aparentemente) mais simples fatura:

O LEGADO

(A Gabriel)

*aquele poema
que não consegui,
mas a duras penas
carreguei em mim.*

*aquela pequena
coisa indefinida,
que não foi poema
nem encheu a vida.*

*o sol escondido
que não se acendeu.
este não ter sido
que em mim sou eu.*

Viriato Gaspar, como vemos, é poeta dos que mais podem. Há muito nos acostumamos à largueza de seu vôo. Por isso é que exigimos dele não menos do que o excelente, prometido pelo extraordinário potencial. Afortunadamente, é o que tem realizado, na parte maior de sua já numerosa obra poética.

Sáfara Safra tem capa de Ribinha Aguiar e prefácio do poeta Wilson Pereira.

PRIMEIRO SENTIR A VIDA

Gustavo Bandeira de Mello – *O Santuário*
Thesaurus, Brasília, 1989

Em 1977, engenheiro, oficial do Exército, em plena maturidade, Gustavo Bandeira de Mello surpreendeu os amigos publicando um livro de poesia. No ano seguinte, confirmou a vocação com o lançamento de novos poemas. A partir daí, porém, passou a dedicar-se a outro gênero, dando à publicidade, de 1979 a 1989, sete volumes de crônicas. Aguarda-se agora a sua estréia no gênero narrativo maior, com o anunciado *O Romance de Otília*, em cuja qualidade estamos apostando, os que lemos nos originais os capítulos da primeira parte.

No trabalho que lhe dá o título, seu mais recente livro de crônicas antecipa uma página desse romance. A prefaciadora de *O Santuário*, Astréa Pedrosa, aponta com precisão um das características do prosador, ao assinalar que "seus personagens, com quem nos identificamos, somos todos nós, pessoas comuns, de vida rotineira e ideais limitados, mas que constituímos a grande massa e, conseqüentemente, a força da humanidade". Nisso lhe transparece o temperamento de homem sociável; nisso e nas palavras que escolheu para abertura do volume, extraídas de outra obra sua, nas quais enfatiza a noção do livro como fruto de um trabalho e de uma seiva sociais, em contraste com o extremado individualismo em que soem se aprisionar companheiros de ofício:

Um livro —diz— é uma obra de mutirão. Para fazê-lo é preciso primeiro sentir a vida. Só assim as palavras poderão ter o cheiro de terra molhada e a luz das noites de lua.

Mas um livro não é só palavras e idéias. É a tessitura do papel, a beleza dos tipos, a linguagem da capa. E nada disto é obra do autor.

Esse caráter, que implica uma simpatia por esta pobre fauna humana, qualidade primigênia do romancista —ainda dos que se têm por misantropos—, ressuma em toda a prosa de Gustavo Bandeira de Mello, e vinca notoriamente as páginas de *O Santuário*.

CONTOS ONÍRICOS E POÉTICOS

João Emílio Falcão – *O Andarilho*
Centro Gráfico do Senado Federal, 1989

São diversos no tom e na intensidade os contos de *O Andarilho*, de João Emílio Falcão; mas têm por traço comum a marca do escritor nato. O volume é fisicamente belo em função do papel e do tipo escolhidos, da diagramação de Sérgio Luiz e das oníricas ilustrações de Jonas Souza Ferreira Neto, elementos todos em harmonia com a qualidade literária das narrativas.

O conjunto desses contos revela "o domínio da linguagem simples e conduzida com pureza", na expressão de A. Tito Filho; em cada um deles imprime o Autor "a força da terra, o calor do clima, a cultura de sua gente", na frase-resumo de José Aparecido de Oliveira; e tanto a leitura isolada de cada uma dessas páginas quanto a impressão final, fechado o volume, nos confirma o conceito de Florian Madruga, segundo o qual é Falcão "o narrador do sentimento humano e da beleza da vida".

Paradoxal beleza, assinale-se, já que a realidade que subjaz — e avulta — em algumas dessas histórias é o desamparo, é o atraso, é a miséria de um Brasil infeliz, de uma humanidade tristíssima. É verdade que, ao contrário dos romances nordestinos que nos deu a geração de 30, "marcados pela preocupação com os aspectos sociais da região", os contos de *O Andarilho* "não têm engajamento"; mas nem fora preciso, pois, neles, a "tendência ou convite a reflexões brota da própria situação descrita" — cito novamente o prefácio de José Aparecido.

A qualidade maior de Falcão é, a meu ver, o tratamento poético, a pincelada onírica que dá uma aura de mistério à narrativa, sem descaracterizar o gênero (sem se configurar como sucedâneo à falta de interesse narrativo...), antes o transfigurando enriquecedoramente. O trabalho cujo título se estende ao livro apresenta essa qualidade em grau acentuado. Obra-prima, porém, que se projeta do maciço e, na sua altura ímpar, se isola dos outros píncaros, o belíssimo conto "A Novilha Azul" vem situar, em definitivo, o excelente escritor que é João Emílio Falcão no seu plano mais elevado.

ENTRE O SÓ E O SOLIDÁRIO

João Carlos Taveira – *Canto Só*
Regional, Brasília, 1989

Canto Só, de João Carlos Taveira, cobre, na verdade, o longo percurso entre o *só* e o *solidário*. Reparte os acentos principais pelos temas da poesia, do amor, e da vida como perda (da infância, dos seres queridos...), nesta vertente se inscrevendo, creio, os poemas políticos ou sociais, que por sua vez se dividem em pessimistas e solidaristas, conforme se detenham na verificação, na denúncia, ou caminhem para uma proposta de reconstrução. A linguagem filia-se à linha dominante do Modernismo e dos movimentos posteriores, que é a da economia, senão do despojamento vocabular. O domínio do Poeta é o verso livre, sendo o verso medido excepcional.

Abre magnificamente a coleção "Poética n.º 3". Poucas e diretas palavras expõem um quadro vivencial. O ritmo, contido, alarga-se um pouco, de modo perfeitamente funcional, na última estrofe, em que o Poeta vence os "mistérios" e "proibições" da infância mediante o descobrimento e o controle do jorro vitorioso das palavras. Poema exemplar, imediatamente conquista o leitor, e compromete o Autor com um nível de realização que será inevitavelmente tomado como parâmetro pelo qual se hão de aferir as suas melhores criações. Segue-se outro metapoema, "Transparência", bom também, embora sem a força do primeiro. Outro excelente poema, "Frustração", oporá e aproximará ("na confluência / dos meus braços") o verso e a dor, numa síntese admirável das contradições do homem, com seu fardo alijável ("telúrico") e sua vocação para o alto, o "sonho (fluídico fardo)".

No bem-construído "Aceitação", o tema da frustração amorosa. Em "Intervalo", igualmente bom poema, a memória em relevo de um momento erótico. Em "Esquecimento", um comentário irônico sobre o (primeiro?) *verdadeiro* amor.

Outra face lírica nos volta "Viagem no Tempo", em que encontramos bem-lograda fusão dos temas do *ubi sunt* e do inefável da experiência pessoal, íntima.

Já "Modismo" transmite à maravilha o imediatismo e o descompromisso político de uma geração — a que viveu sua juventude em plena ditadura, neste país. Ou quer simplesmente glosar o princípio

filosófico-metafísico, de berço oriental, segundo o qual é sabedoria viver o momento ("Olhai os lírios dos campos"...)?) Um bom poema, num sentido ou no outro.

O que insinuo como temática da perda tem exemplo na "Canção do Cárcere", dedicada à memória de Graciliano Ramos: "Onde foi que deixei / minha lógica / minha lírica / e minha digital impressa?" Outro exemplo que escolho é o "Poema de Aniversário n.º 4", que se propõe "cantar a canção do tempo"; só que, neste caso, o negativismo do "silêncio que elaboramos a sós" é vencido pelo impulso fraternalista e solidário.

Traçam os poemas mencionados as grandes linhas deste volume breve, de que, todavia, merecem ainda especial citação os títulos "Os Cavalos", "O Órfão", "Ode quase uma Elegia", "Cidade Sitiada", "Poema Inútil", "Súbita Elegia para Elis", "Poema-Retrato de Teresa", "Canção da Praia", "Frustração n.º 2" e "Poema de Aniversário n.º 5" (em que sobressaem os dísticos finais das estrofes, máximas incisivas, criativas).

Boa poesia, em suma. Honra nossa estante lírica.

A POESIA DESTES POEMAS

João Carlos Taveira – *Aceitação do Branco*
Thesaurus/Asefe, Brasília, 1991

Que coisa é a poesia? Que se propõe o poema?

Não, não vamos tentar, aqui, mais uma definição, não vamos propor a nossa teoria — não é minha intenção engrossar esse caldo já bastante encorpado, no qual não se incorpora a poesia; que, todavia, sobe vive incólume aos tiros de seus teorizadores, poetas ou não poetas...

Mas não seria pecado mortal, espero, alinhar alguns dos elementos mais habitualmente apontados na sua constituição (se ela tem uma), para tentarmos ver de que modo João Carlos Taveira responde, em seu labor e em seu labor literários, a esse conceito vago, fugidivo, entretanto corrente, do fenômeno poético.

Há os que se contentam de reclamar para o poema a obediência, se não a um metro, necessariamente a uma linguagem rítmica, que seja também elevada. (Claro que não vamos considerar os seus antípodas, isto é, aqueles para os quais nenhum ritmo é válido que não o do fraseado cotidiano, corriqueiro, e nenhuma linguagem que não a dos plebeísmos vulgares, que assim procuram elevar de suas funções ruelas às altitudes

poéticas, ignorantes —ou bem o sabendo?— de que, ao contrário, rebaixam o poema ao patamar de todos os pés.) Para os que se satisfazem com aquele pouco, em que outros, menos demagogicamente, veriam o mínimo a partir do qual pudesse alguém legitimamente aspirar ao ofício de escrever, os versos deste poeta oferecem tranqüilo repasto; a não ser que os tonteie a modernidade imagética, ou os ceguem os revérberos das palavras em suas chispeantes relações:

*Teu corpo luziflorindo
não é flor e flor expande,
não é mar e um mar infindo
nasce onde corre o sangue.
Teu corpo floriluzindo
não é luz na luz exangue,
não é céu e um céu tão lindo
se abre todo sobre o mangue.*

("Resgate")

Outros imaginam que a poesia se distingue fundamentalmente da prosa com ser uma linguagem centrada sobretudo nas imagens, uma linguagem essencialmente —não apenas acidentalmente— metafórica ou simbólica, o que implicaria uma estrutura diversa da prosaica. Ora, já me referi à superioridade da imagética taveiriana, de que acho bom exemplo este corte do poema "Exilado":

*Vim dos caminhos
de Minas
para o mundo.*

.....

*Trago, nas mãos,
calos e fuligens,
e, no peito,
um mapa
inconcluso.*

Destarte, também por este critério se afirma o nosso poeta, que, de *O Prisioneiro* para *Na Concha das Palavras Azuis* e *Canto Só*, e até o presente livro, vem sustentando uma escalada sem recuos.

Melômanos, abeberados na vertente simbolista, sentir-se-iam tentados a fetichizar estes dois versos famosos do "Art Poétique" de Verlaine: "De la musique avant toute chose" e "De la musique encore et toujours!". Não sairão frustrados destas páginas, pois a poesia de João Carlos Taveira é, antes de tudo, canto. É folheá-las ao acaso e deixar-se embeber de sua sonoridade. (Que bela e sedutora canção, aliás, as duas estrofes de "Resgate", que há pouco antecipamos!)

Já que se trouxe à colação o mestre de *Jadis et Naguère*, diga-se outrossim, *en passant*, que ao poeta de *Aceitação do Branco* não se há

de perseguir brandindo este igualmente verlainiano preceito — "Prends l'éloquence et tords-lui son cou!"; seus versos são construídos com a contenção que se tem imposto, em geral, à lírica moderna.

Ainda de passagem, uma vez que temos tanto batido na tecla da modernidade poética, lembre-se que esta inclui no elenco de sua temática a especulação sobre a linguagem do poema, o que encontramos, difusa ou concentradamente, em todo este livro, desde o título e a estrutura até composições específicas, como "Nova Poética".

Mas, voltando à trilha central deste comentário, não deixemos de mencionar o grupo dos que vêem no poeta um oficiante do mistério — e na poesia, pois, esse ofício, até mesmo no sentido ritual—, seja o mistério cósmico, seja o mistério interior, seja (e podia ter deixado para incluir aqui o objeto do parágrafo anterior) o mistério da linguagem. Essa aura, que, pessoalmente, reputo uma das mais conspícuas insígnias da poesia, nimba estes versos. É visível, por exemplo, em "Contrição", cuja metade final trago à prelibação do leitor:

*A vida é pira errante,
que acesa apaga o fogo,
numa constante vaga,
de incompreendido jogo.*

*Oramos, sem saber,
a quem nos entregamos,
ou damos, simplesmente,
sentido ao nosso ser?*

Até aqui, tenho contado com a condescendência do leitor para um desmembramento analítico dos elementos constitutivos da poesia... Mas ambos sabemos que essa análise apenas tem cabida numa leitura didática; sabemos ambos que o poema não é formado de estratos que se superpõem, antes nasce como nascem os organismos, vale dizer, com os seus elementos imbricados, amalgamados e confundidos; e que sua fruição não se dá por etapas que se somem, senão holisticamente — ainda que possam os sentidos, a mente, deter-se em partes particularmente apetecíveis, para melhor saboreá-las. E me detenho —e os proponho como síntese, de algum modo que truncadamente exponho, ou tortamente insinuo, porque fluidamente o sinto, da poesia de Taveira— nestes fragmentos belíssimos de "Viagem":

*Embarco, embarco,
sem barco ou vela,
dentro do quarto
e na procela.*

.....

*E, assim, construo
roteiro e sorte,*

*nesta viagem
de encontro à morte.*

Uma poesia que não hesita em fitar nos olhos a morte, porque é plenamente repassada de vida.

CONSTRUÇÃO ÓRFICA

João Carlos Taveira – *A Flauta em Construção*
Thesaurus, Brasília, 1993

A poesia de João Carlos Taveira refina-se de livro a livro. A *Flauta em Construção*, organizado em movimentos de sonata, tira o máximo proveito de uma das características de sua inspiração: a musicalidade. Outro ponto iterativo de sua poesia, o poema metalingüístico, tem marcante presença nessas páginas. Veja-se como encerra o "3.º Movimento: Allegro finale" de "Sonata para Piano e Flauta":

*Em nervuras de silêncio
busco a luz que a mão desfia.
Ríspida flauta de vento,
invento a minha alegria.*

Taveira, que, além de bom poeta, é bom declamador, escreve e interpreta suas composições como um intuitivo que se assenhoreou da técnica: ele toca de ouvido, por música. O título já revela uma dúplici natureza de engenharia e orfismo. Tudo o quê, em eruditas palavras, está na excelente apresentação de Heitor Martins.

MEMORIAL DE DINAH

Dário M. de Castro Alves (org.) – *Dinah, Caríssima Dinah*
Horizonte, Brasília, 1989

Figura imponente, de postura quase hierática, Dinah Silveira de Queiroz podia dar, à primeira vista, uma impressão de distância e frieza aristocráticas que o contacto pessoal desmentiria. Serena, severa, de não muito rir e não muito falar, consoante a lembrança que tenho dela, era de trato ameno. Dignidade e afabilidade se combinavam na anfitriã que recebia os amigos escritores em sua casa da Península dos Ministros, denominada Vila A *Muralha* — título de um seu épico e brasileiríssimo romance histórico.

Este livro, *Dinah, Caríssima Dinah*, é, na feliz expressão com que encerra Almeida Fischer a sua apresentação, "de reconhecimento de seu mérito de escritora, e de saudade da criatura de exceção que ela sempre foi", num retrato "de corpo inteiro". Fischer assina também o ensaio de encerramento, intitulado "O Humano e o Literário em Dinah Silveira de Queiroz".

Dário Moreira de Castro Alves, segundo esposo de Dinah, organiza o volume e assina uma memória sobre a escritora. Nessas páginas, o autor de *Era Lisboa, e Chovia* enfatiza reiteradamente, no que o secundamos, o cuidado e a altitude estilística de Dinah:

Foi o romance o campo por excelência da criatividade artística dessa escritora brasileira. Nesse gênero alcançou, e plenamente realizou, o ideal de artista da palavra, cultivando um soberbo estilo na língua portuguesa, que soube reconhecidamente manejar com riqueza, profundidade, variedade, correção e limpidez. No sentido completo da palavra, DSQ foi uma grande escritora da língua portuguesa, estilista de escol, mantendo em toda a sua vida o compromisso de escrever bem. A língua portuguesa, sem dúvida, fica a dever a Dinah Silveira de Queiroz pelo empenho que pôs no seu cultivo cuidadoso, aprimorado e lapidado, sem concessões.

Os outros trabalhos examinam, a par de facetas da personalidade de Dinah, aspectos diversos de sua obra, traduzida para o inglês, o francês, o espanhol, o italiano, o norueguês, o japonês, o coreano, o urdu, o bengali, o birmanês: o fantástico, os temas históricos, as personagens femininas, a ficção religiosa, as crônicas. São —informa o editor Geraldo Vasconcelos— ensaios, conferências, estudos e depoimentos produzidos ou publicados em Portugal, nos Estados Unidos,

na França, no Japão, no Canadá. Assinam-nos os professores Maria Isabel Abreu (Georgetown University, Washington), Maria Teresa Leal de Martinez (Rice University, Houston, Texas), Frederick C. Hesse Garcia (Academia Militar de West Point), Claude Hulet (Universidade da Califórnia, Los Angeles), Almir C. Bruneti (Tulane University), Nova Orleans), Yvonne Grubenmann-de-Athayde (Universidade de Zurique), Fernando Cristóvão (Universidade de Lisboa), Maria Helena Dias e Luís Canales (Quioto, Japão); A.S. (revista *Colóquio/Letras*) e G.P. (revista *Nouvelles Études Luso-Brésiliennes*); os escritores e jornalistas portugueses Nuno Bermudes, Luiz Forjaz Trigueiros, Marques Gastão, Tabora de Vasconcelos, Teresa Bernardino, e os brasileiros Yvonne Magno Pantoja (que traduziu *A Muralha* para o inglês), Luiz Palmary, Rina Bonadies e Antonio Olinto. É responsável pelo texto das abas a professora de Teoria Literária Maria Izabel Brunacci.

De lembrar que em 1989 se comemoram o cinquentenário de lançamento da obra mais editada de Dinah, *Floradas na Serra*, e os quarenta anos de *Margarida La Rocque*.

DU TEMPS JADIS

Danilo Gomes – *Antigos Cafés do Rio de Janeiro*
Kosmos, Rio de Janeiro, 1989

Danilo Gomes é escritor laborioso — qualidade sem a qual o talento se perde nas fagulhas da inspiração. Tem-se destacado como autor de artigos literários e reportagens culturais. Cronista, exercita uma prosa valorizada pela imaginação e pelo senso poético (sendo, pois, previsível que incremente suas incursões, menos freqüentes e menos confessadas, na poesia propriamente dita); está, aliás a dever um livro no gênero — um livro de autoria individual, já que participa nas *Crônicas Mineiras* editadas pela Ática em 1984. Sua estréia em livro se deu com *Escritores Brasileiros ao Vivo* (dois volumes, datados de 1979 e 1980, pela Editora Comunicação, em convênio com o INL), obra em que reúne entrevistas com perto de setenta representantes da família literária nacional, entre os quais se incluem, por direito de conquista, alguns brasileiríssimos e grandes escritores nascidos em terras de além-mar. Seguiram-se *Uma Rua Chamada Ouvidor* (Fundação Rio, 1980) e *Água do Catete* (Cátedra/INL, 1984).

Em *Antigos Cafés do Rio de Janeiro*, Danilo Gomes dá seqüência à sua —esta, sim, plenamente confessada e conhecida— paixão "pelo estudo da História da Cidade do Rio de Janeiro":

E dando vazão a esse sentimento —diz ele, como início de conversa, em "Como uma Conversa num Velho Café"—, através de leituras, verifiquei a falta de um livro que contivesse, mesmo sucintamente, a crônica dos cafés da cidade que foi, de 1763 a 1960, a Capital do Brasil.

Começou assim a gestar-se o livro, que reproduz textos de vários autores acerca do assunto, e, sobre a rubiácea, até mesmo a letra, em português (adaptação de Guilherme Figueiredo e Luiz Paulo Sampaio), da *Cantata do Café*, de Johann Sebastian Bach. Depois disso, vêm as ricas informações a respeito dos cafés da maravilhosa ex-capital do Brasil, desde o Café Villariño até o Café Americano.

Obrigado, amigo Danilo. Graças a você, revejo-me jovem estudante de Direito, jogando a minha sinuca, tomando o meu chope e comendo o meu bife, entre amigos, no velho Lamas, então no Largo do Machado, num Rio que já se foi e que —*hélas!*— não volta mais.

ERUDIÇÃO E SENSIBILIDADE

Branca Borges Góes Bakaj – *Quatro Estudos Literários*
Brasília, 1989

A autora de *A Educação Cavaleiresca Medieval e Sua Projeção na Península Ibérica* (Brasília, 1974) ressurgiu agora em livro com quatro excelentes ensaios, focalizando as figuras de Mário de Andrade, Machado de Assis, Henriqueta Lisboa e Florbela Espanca.

Do grande polígrafo do Modernismo, estuda a rapsódia cômico-séria do "herói sem nenhum caráter", a partir das teorias aplicadas por Mikhail Bakhtin à obra de Dostoiévski e à de Rabelais. Aponta-nos um *Macunaíma* "situado dentro da melhor tradição da escola do riso", como "uma paródia carnavalesca, distanciada da paródia moderna negativa"; enfim, como "um digno representante de nosso modernismo radical, propenso ao dionisíaco, à carnavalização bem patente não só em Mário de Andrade como em Oswald de Andrade".

Do universo inesgotável de Machado, separa duas constelações, *Papéis Avulsos* e *Várias Histórias*, em cujos contos realiza "um levantamento de semas isotópicos". A ensaísta vai buscar, nessas páginas, o "não-dito mas perceptível, mesmo através daquilo que o código recalçou", sublinhando, entre as qualidades do genial ficcionista, as de grande observador da alma humana, em geral, e, particularmente, de intérprete atento dos mitos da sociedade patriarcal em que viveu.

O estudo seguinte é "Uma Leitura da Poesia de Henriqueta Lisboa". Discorre sobre temas e processos com que teceu a intemporalidade e a universalidade de sua arte a grande lírica mineira, notável também pelos ensaios sobre poesia.

Por último, "Eros e Tântos em Florbela Espanca", em que fazem contraponto a vida infeliz e os versos densos de expressão dessa Princesa que Deus fez nascer "entre plebeus / Numa torre de orgulho e de desdém" e que, apesar dos muitos amores, podia dizer de si mesma, como no soneto "Castelã da Tristeza", que viveu sozinha em seu castelo: a Dor.

A prosa de Branca Bakaj deixa perceber, sem ostentação, grande e bem aproveitada leitura, percorrendo-se com prazer. Uma "bem dosada erudição aliada a uma refinada sensibilidade", como o anota o prefácio de Danilo Gomes.

COM A PALPITAÇÃO DA VIDA

Emanuel Medeiros Vieira – *O Homem que não Amava Simpósios*
UFSC, Florianópolis, 1989

Nos contos de *O Homem que não Amava Simpósios* persiste uma característica de outras obras de Emanuel Medeiros Vieira, a nostalgia de um tempo em que a vida parecia ter sentido, a nostalgia da juventude. Nota marcante de muitas de suas páginas é, além disso, o contrapontear da realidade dos fatos com o sonho-acordado.

A primeira história é a de um homem chamado Jesus, que não conheceu os pais e morreu sem saber do próprio filho. Narrativa entremeada de citações do Evangelho, à guisa de epígrafes dos episódios, passados em diversos pontos do País, numa relação quase de mote e glosa, é a que mais se distancia do tom geral do volume. Não obstante, algumas das obsessões deste já estão presentes nela: as referências à figura materna, aqui ausência total, noutros contos acariciada lembrança; a solidão; o álcool; o sexo desesperado.

O meio em que se desenvolve a ficção de Emanuel Medeiros Vieira é, particularmente, o caldo burocrático de Brasília e, no enfoque mais amplo, a sociedade brasileira do pós-autoritarismo militar, no período seguinte ao das lutas heróicas, da clandestinidade. É a pós-ditadura, mas ainda não é a democracia. Parece-me que, para muitos dos que viveram os verdes anos sob a repressão, o clima da fase posterior, de longa e penosa transição, pode ser resumido nestas palavras: insatisfação, irrealização, tédio, solidão, desespero. Aquela, pelo menos, era-lhes algo contra quê se baterem; já o marasmo desta os entorpece, os devora, e contra isso não sabem o que fazer. Deste modo, a nostalgia a que me referi no início é, em última instância, a nostalgia da luta, a nostalgia do ideal.

Colhe-se aí o fio principal destas histórias. Nas palavras de Evandro Magalhães, apresentando o livro, "o tema é a alienação. E a saída, na falta de um Messias que conduza o Brasil às transformações necessárias, é apenas a fuga, seja pela divagação, seja pela morte simbólica".

Quanto aos aspectos estilísticos, sintetiza-os excelentemente — para a generalidade da obra de Emanuel — o posfácio de Lourenço Cazarré, também experimentado ficcionista.

Perito em pintar com poucas palavras toda uma vivência —diz ele—, pratica o autor um discurso tumultuado, desesperado, panfletário, anárquico mesmo, entrecortado de diálogos, digressões, descrições, fluindo "do passado ao presente e ao futuro, sem transições claras que ajudem o leitor".

Sente-se, enfim, a palpitação da vida nestas narrativas, que não podemos ler sem nos vermos intimamente envolvidos em seu tecido de familiar e dolorosa realidade.

A MISÉRIA E O MILAGRE DA VIDA

Emanuel Medeiros Vieira – *Metônia*
Thesaurus, Brasília, 1992

Esta é uma história bem típica da maneira de narrar de Emanuel Medeiros Vieira. Uma história original. Mas, naturalmente, afeiçoada ao jeito pessoal e ao estilo literário do Autor. O que, no caso presente, é plenamente desejável — e, aliás, inevitável.

Nesta novela, Emanuel retrabalha um filão que, em artigo sobre os contos de *O Homem que não Amava Simpósios*, apontei como um constante de vários de seus livros, "a nostalgia de um tempo em que a vida parecia ter sentido, a nostalgia da juventude". Desenvolve o comentário realçando ter por tela, essa ficção, "a sociedade brasileira do pós-autoritarismo militar, no período seguinte ao das lutas heróicas, da clandestinidade", acrescentando: "para muitos dos que viveram os verdes anos sob a repressão, o clima da fase posterior, de longa e penosa transição, pode ser resumido nestas palavras: insatisfação, irrealização, tédio, solidão, desespero". Arrematava corrigindo, de certo modo, a proposição inicial: tratar-se-ia, em última instância, da nostalgia da luta, da nostalgia do ideal...

Os acontecimentos passam-se numa cidade imaginária (espanhola? nordestina? — pergunta o narrador, e responde ele mesmo: sul-americana): seu nome, Metônia, intitula a novela. (E será por acaso que "Metônia" nos lembra "medo" —*metus*—, "medonho"?)

Não obstante a ilocabilidade que se lhe pretende atribuir, porém, Metônia tem um indisfarçável sotaque boliviano (para se chegar lá —por exemplo— toma-se um trem para Santa Cruz de la Sierra e, depois, "ainda dois ônibus ou trem, com sorte, uma carona num caminhão"); e o ponto de partida, assim como o de chegada, é —referência expressa— o Brasil.

O tempo? O período posterior à ditadura militar. Mas esta é onipresente, situando-se na raiz dos acontecimentos, coando-se nas reminiscências dos protagonistas.

O tema, como sugeri, pode-se dizer que é uma certa nostalgia daqueles tempos de luta, de guerrilha, de *guerra*, enfim — pois então havia um sentido evidente e superior para a vida. Ou —olhando o reverso da medalha— a oquidão, a platitude, a ausência de metas, na derrota de ambos os contendores, vítimas talvez de um ideal externamente esculpido...

Ainda noutras palavras, poderíamos dizer que o tema de *Metônia* é a relatividade das posições sociopolíticas, mesmo as mais viscerais: passada a ditadura, os dois protagonistas, que sempre se colocaram em campos radical e belicamente opostos (um ex-guerrilheiro e um ex-militante das forças conservadoras, ambos de cultura superior), como que se aproximam, como que se descobrem, anulados, habitantes de um mesmo plano, enquanto noutra plano a realidade, autônoma, se desenvolve. (Alguma semelhança com o que se passa no Leste Europeu não há de ser mera coincidência.)

Para ilustrar o que acaba de ser dito, pincemos palavras do narrador, Petrônio, ex-guerrilheiro, referentes ao Coronel Fortunato, "herói da direita":

... era uma coisa que tinha que ser feita, foi, e aí veio o reinado do pragmatismo, e aí?, algo cinzento, sem tesão, sem paixão, um tempo intrinsecamente medíocre ...

Palavras do narrador para o irmão, "um dos últimos revolucionários do mundo":

Aqui morrerás de tristeza, morrerás feito algo cinza, tão brutal esse cotidiano na sua banalidade cruel, tão mesquinho, inútil. Não há mais heróis, Lincoln. Só seres que só pensam em vantagens, só burocratas da vida. Ou num gesto de desespero tentarás quebrar o sistema por dentro, sozinho, e receberás uma bala qualquer, "indiferente", de um sargento ou de outra figura. Hoje qualquer gesto humano é inútil.

E o cansaço da luta, provavelmente a percepção da inanidade dessa luta, nas palavras do Coronel Fortunato:

Sei também, amigo ... que você está com um 38 no bolso do paletó, mas não vai atirar. *Chega de carnificina e morte.*

(Grifei.)

Arrependimento? Demissão?

Duas outras falas do Coronel sugerem oculto desejo de suicídio da parte de Lincoln, por ele abatido em duelo, e uma tendência suicida dele mesmo.

A primeira:

Será que ele não se adaptou a essa ausência de perseguição? ...
Será que desejou cometer um "suicídio indireto", me convidando para um duelo que, decerto, sabia não poder vencer?

A segunda:

Morreremos de velhice —ou de cirrose— numa cadeira de balanço, com bengalas nos ajudando. Melhor fazer como Hemingway quando descobriu que seu talento já não era o mesmo, que tinha dificuldades até para escrever um bilhete.

Ou esta terceira:

Petrônio, pode parecer até dor de consciência ou pieguice boba, mas eu queria que aparecesse um atirador melhor do que eu.

Com estas especulações e com estas citações-antecipações, quero apenas dar uma idéia da profundidade da novela de Emanuel Medeiros Vieira, sem nenhuma intenção de limitar-lhe as possibilidades de leitura, que reconheço plurais (uma delas, talvez, como roteiro cinematográfico) — para satisfação maior do leitor exigente.

Enfim, é mai do que tempo de pôr um ponto final nestes rabiscos, convidando o leitor a ver, por si mesmo, o que mais lhe deve importar, qualquer que seja a sua escolaridade e o seu grau de comprometimento com o fenômeno literário: que Emanuel Medeiros Vieira é um vero escritor, que não somente sabe colocar substância no que escreve, mas que, sobretudo, sabe contar uma história, infundindo-lhe o mistério, a perspectiva, as contradições, a miséria e o milagre da vida.

UMA BELA E FORTE FICÇÃO

Emanuel Medeiros Vieira
– *Meus Mortos Caminham Comigo nos Domingos de Verão*
Códice, Brasília, 1995

Seja no conto, seja na novela, Emanuel Medeiros Vieira é escritor de estilo ágil, nervoso, comunicativo, no que, aliás, é coerente com o ser humano que é, e com seu discurso cotidiano. É como se Emanuel —o homem e o escritor— tivesse pressa de se comunicar com seu leitor/interlocutor, tal a fluência com que lhe vêm à mente —e à pena— as idéias, as observações, as lembranças.

A matéria da ficção desse catarinense, hoje candango também, é, em boa parte, extraída do filão da memória: a infância, a dura juventude de uma geração que sentiu perto, quando não na própria carne, a ferocidade da ditadura, o tempo insofreável, o tempo perdido... A solidão é, por assim dizer, uma de suas personagens; o fracasso, uma de

suas cores. De um lado ele nos exhibe a frustração das vidas de jovens esmagados por uma repressão brutal; de outro, escoado o longo caudal da *Redentora*, a frustração também, mas pela falta de ideal. A *banalização da vida* é uma de suas constantes, expressa no convívio pessoal, implícita na literatura — que, assumindo o coloquial, assumindo a vida, com suas grandezas e mesquinhezas, se nos prende no visgo da fabulação, nos leva a meditar sobre a fragilidade da condição humana. Quanto a isso, vejo no ficcionista, a par de uma empatia em relação aos humildes, ao homem comum, uma preocupação entranhada não só com a face econômica e social da miséria, mas com o nível de consciência da humanidade.

São esses alguns dos ingredientes com que Emanuel Medeiros Vieira tece e tempera sua bela e forte ficção, que tem neste livro mais uma realização marcante.

UMA CELEBRAÇÃO DA VIDA

Emanuel Medeiros Vieira – *Olhos Azuis* (no prelo)

Este livro, além de ser um retrato vívido de Emanuel Medeiros Vieira, é uma porção de coisas, das quais uma que outra sou talvez capaz de antecipar, ainda que vagamente, ao leitor destas orelhas. Antes de mais nada (não nos iludam a críspação do texto e a complexidade das idéias que nele se jogam), é uma história de amor, sim. Dito isso, podemos acrescentar que o romance —trata-se de um romance?— é, em boa medida, a discussão da própria estrutura e a história da própria elaboração. O romance fazendo-se. Curiosamente, sobre ele pontifica Júlia, seu núcleo feminino, dirigindo-se ao personagem-narrador:

—“Nas tuas histórias, a rigor, não acontece nada, é mergulho mental, viagem interior.”

Não é só isso, mas é com certeza isso. É toda uma meditação sobre o cotidiano, o não-senso, a injustiça, a miséria, o absurdo de um mundo — o nosso mundo. O que, sem mais dizer, já nos põe em sintonia com tantos dos outros livros do Autor — *Meus Mortos Caminham Comigo nos Domingos de Verão*, *Metônia*, *O Homem que não Amava Símpios...*

Digamos mais. Que é a história de uma consciência. O repassar de uma vida, numa espécie de Juízo. O fluxo de uma consciência que se retrata. Autocrítica. Catarse. Pois é também tudo isso, e comporta mais. Por exemplo (meio de raspão, embora), a orfandade do escritor brasileiro em face de uma imprensa e de um parque editorial alienados.

O estilo se ajusta ao espírito da narrativa (não entremos na discussão sobre se se trata de uma): linguagem coloquial, “natural”, “espontânea”, apesar das abundantes citações e alusões cultas... e com os requintes das modernas técnicas de narrar, é claro. Esse estilo é Emanuel falando, disparando sua máquina verbal, as palavras atropelando-se — como se para não perder a oportunidade da vida. O mais intenso desse estilo é uma página eriçada de profundo erotismo, que deixo ao leitor encontrar (ou eleger).

Outra maneira de ver o livro é como uma crua meditação sobre a vida, seu sentido, seu não-sentido. (Será que já não o deixei dito? Se já, fique a reiteração, que, afinal, cai a propósito: também as perplexidades e obsessões do personagem-narrador traduzem-se em repetições — de palavras, de idéias, de citações, etc.)

Uma religiosidade latente permeia estas folhas. Às vezes patente, mas antes uma saudade da fé que fé atual. Estarei avançando demais? Se estou, culpe-se o narrador, que se questiona como questiona o próprio gênero literário em que navega.

Seja o que for o livro, “página memorialística, poesia tosca e áspera, contos encaixados” —atira o próprio narrador e, ato contínuo, recolhe as balas—, “é gesto humano de trabalho, aventura do espírito”. Sim, um livro que sua e sangra humanidade. Talvez uma oração —longa e sofrida— pela libertação do homem. Em todo caso, creio (veja-se a página final), uma celebração da vida. Com suas contradições, com seus altos e baixos, com suas glórias e mazelas. E com sua perseverante vontade de ascensão.

O SILOGISMO COMOVIDO OU O EXÍLIO DE DEUS

António Campos
– *Trajeto Verbal, O Porquê das Coisas, Canto do Emigrante*
Thesaurus, Brasília, 1985, 1987, [1989]

De António Campos, o primeiro título publicado pela Thesaurus é *Trajeto Verbal*. E é com esta edição de 1985 que, praticamente, se apresenta ao público, já que versão anterior, com maior número de poemas, teve circulação limitada. O Autor, nascido em Lisboa, escritor desde os oito, apenas aos quarenta e nove anos teve a revelação da poesia, na cidade do Rio de Janeiro. O poeta nasceu maduro — e não me refiro à idade cronológica, mas à perfeição de sua arte. Da bipolaridade desta, que é, de resto, a bipolaridade da poesia em geral, dá testemunho ele mesmo, em páginas iluminadas por uma acabada consciência literária. Do que há no poema de dádiva, de epifania, diz na quarta da capa deste *Trajeto*, ao relatar a visitação do mistério, "numa mágica noite duma época tormentosa":

Nessa noite, ele sentou-se à mesa de trabalho e vazou de si, pela primeira vez na vida, a linguagem fluida e emocional da poesia.

A noite iluminada. As línguas do Pentecostes. O homem possuído e o fluxo dos signos derramando-se da mão.

Por outro lado, do que deve ao intelecto a poesia —e estamos diante de uma poesia altamente intelectualizada— dizem as orelhas desse livro, que ele informa "organizado sobre quatro verbos (Ser, Estar, Pôr e Ir), que sintetizam os aspectos fundamentais do trajeto existencial de todos nós"; e ainda melhor e mais explicitamente o dirá a peça introdutória de *O Porquê das Coisas*, que parcialmente transcrevo:

*Como quem constrói, peça por peça, um silogismo,
romperei o silêncio e partirei no dorso
das palavras, à procura do porquê das coisas.
Por rumos vários, ...
chegarei às breves razões de mim
e às inexplicáveis desrazões do mundo.
E tendo assim montado em vão o silogismo,
voltarei das palavras inúteis ao silêncio.*

Não o diz essa composição, nem outra o dirá explicitamente, mas do conhecimento dos poemas, em seu conjunto, ver-se-á que o silogismo, as palavras, embora impotentes para a captura do rio poético, são a disciplina e o elemento catalisador, o ritual que permite o retorno plenilúcido *ao silêncio*, em que ele flui. Se não são as águas do rio, são pelo menos o trampolim do mergulho. Virão bem a propósito as palavras com que Walmir Ayala prestigia, em prefácio, este belo artefato:

Como poeta, digo inicialmente que me contaminou da mais alta poesia, marcando a música do lirismo transparente com a alvenaria da construção. Antes mesmo de mergulhar no sortilégio verbal que ele nos prepara, torna-se evidente a vontade explícita que o move, de construir um sistema de mentação, onde a poesia há de circular como um sangue ardente. E ele adota a estrutura do silogismo, pelo qual a seqüência de duas proposições, chamadas *premissas*, forja uma terceira que, com o cimento da lógica, resulta numa *conclusão*. Tudo isto soaria pesado e pretensioso, não fosse Antônio Campos um poeta de claras transcendências.

Creio que, ao falar em "transcendências", pretende o poeta de *Este Sorrir, a Morte*, antes de qualquer outra coisa, referir-se ao espírito, isto é, à poesia, que anima essas estruturas e ala o seu corpo mental. Mas há de ter querido incluir também, na expressão, as veredas de filosofia e de fé que têm por referência as epígrafes do livro anterior, tomadas ao *Bhagavad Gita*, ao *Tao Te King* e aos *Salmos*, e podem exemplificar-se em seu último poema, "Salas de Espera".

O Poeta é, pois, um homem sensível e um homem que pensa. Um homem que se pensa e se investiga. Um homem à procura de si mesmo e à procura de Deus — buscas que se implicam. As viagens no eu individual são freqüentes na obra de Campos; menos, as no coletivo, entretanto significativas, como o ilustra "O Abstrato Tecido", de *Trajeto Verbal*, — cujos quatro elementos, configuradores de nossa substância, têm, por chave, magnífica e esperançosa coda alusiva às estrelas

*em que talvez talvez
ao morrer nos tornemos.*

Não se conclua, do que foi dito, se compraza o Poeta numa tecla só. Para demonstrar-lhe a amplitude temática, fiquemos no primeiro livro e nalguns poemas: humor, ironia em "Migração Doméstica"; sátira social em "Discurso do Burocrata" e "Discurso do Político"; versos de amor extremamente originais, qual em "Ato Conjunto"; em "Atos Desconjuntos", o desamor que rege a existência do homem — pelo menos, digo eu, a do homem urbano, perdido de si mesmo numa competição sem sentido, ou substituidora do sentido real da vida.

A metáfora da viagem (mar, barco, naufrágio, garrafa mensageira...) é uma constante neste poeta transplantado. A tal respeito, é interessante comparar duas composições do livro inaugural aos versos de *Canto do Emigrante*.

No primeiro poema de *Trajeto Verbal*, o Poeta exhibe tranqüilamente a sua dúplice (des)identidade, impressa numa simples mudança de acento ("*Nome / Digo Antônio. Digo António.*"), e a sua múltipla nacionalidade, que tanto pode ser a do país em que nasceu quanto a da terra em que mora "e talvez venha a morrer", mas que é transcendentemente outra:

*tenho a cabeça no espaço
sonhando nuvens de incenso
num país que não existe
mas a que sei que pertença.*

Noutro poema, "Náufrago em Terra", assim —"realística", aventureira, descobridoramente— resolve a tensão entre o apelo da pátria de origem e a do outro lado do mar:

*Mas não volta o tempo sobre o tempo ausente.
Praia onde me esperam: não tornarei mais!
Não é aqui onde estou que o mar começa.
Aqui começa a terra. Sinto-lhe os sinais.
Fêmea deitada. Sólida carne à espera.
Viro as costas ao mar e afasto-me do cais.*

Já no *Canto do Emigrante*, sobe do fundo da alma o grito do exilado, na invocação patética ao Iniciado de Sagres:

*Basta de viver na memória e no vento!
Basta de tanto tempo feito de esperar!
Infante Dom Henrique, Infante! Arma de novo
as tuas naus. Há aqui, deste lado do mar,
um náufrago que faz parte do teu povo.
Vem-me buscar! Vem-me buscar! Vem-me buscar!*

Afinal, verificamos que é duplo o exílio do Poeta: não só o do cidadão arrancado às raízes pátrias, mas —e esta identificação colhemos todos do mergulho profundo em suas águas—, antes e acima, o do homem sobre a Terra, exilado de Deus.

Trajeto Verbal tem ilustrações de Rosa Paixão e Eduardo Teixeira; *O Porquê das Coisas*, de Rosa Paixão; muito bem cuidadas edições, ambas. *Canto do Emigrante* foi publicado em folheto como homenagem da Editora pela premiação do poema nos Jogos Florais da Casa de Alentejo de Toronto, Canadá, em 1989.

RECRIAÇÃO DOS DIAS

António Campos – *A Construção dos Dias*
Limiar, Oeiras, Portugal, 1993

De Portugal nos vêm os novos poemas de António Guedes de Campos, sob o título *A Construção dos Dias* e o subtítulo *Crônica de uma Guerra Privada*. Com eles ganhou o Autor, em 1992, o Prêmio Cesário Verde, outorgado pela Câmara Municipal da cidade portuguesa de Oeiras.

O escritor António Campos é luso, mas o poeta nasceu entre o Rio de Janeiro e Brasília, tendo aqui publicado *Trajecto Verbal*, *O Porquê das Coisas*, *Canto do Emigrante*, todos pela Thesaurus.

Dividido em três partes, "Ritual da Partida", "Ritual de Guerra" e "Ritual do Regresso", *A Construção dos Dias* é uma recriação da jornada do Poeta na linguagem dos versos, refinada e de alto nível, como é sempre o que sai da pena de António Campos.

Do último poema, "A Oração Final", cito a última estrofe:

Pai
amanhã serei outro
amanhã vou nascer.
É tempo ainda, é tempo
de voltar atrás
e começar de novo.
Dei-te a minha guerra
dá-me a tua paz.

O livro é enriquecido por desenho de Rosa Paixão.

CORREIO RETARDADO

Revendo papéis de alguns anos, encontro umas notas sobre livros de poesia, destinadas ao *Boletim da Associação Nacional de Escritores*. O *Boletim* foi desativado,¹ em face de dificuldades que, infelizmente, costumam integrar o cotidiano de nossas entidades literárias. As notas não foram completadas, o que faço agora,² reunindo-as sob o título tomado a Braga Montenegro.

YOLANDA JORDÃO – *Autologia*
Antares/INL, Rio, 1983

Reunindo poemas selecionados de oito livros, mais trinta inéditos na divisão inicial, que estende seu título ao volume, *Autologia* é obra em que a Autora "faz-se novamente 'si mesma', *autós*, para se desvelar e se velar, tal o fez ao criar o poema"; e, mais do que uma antologia, "é, na escolha, uma recriação livre e pessoal", segundo o bem lançado prefácio de Antonio Carlos Osorio.

À linguagem poética de Yolanda Jordão, à primeira vista desértica, proponho aplicar-se, numa espécie de hipálage, o dístico final de "Dest'Arte":

*E agora deixem-me, meus caros, depressa,
Depressa antes que me tome a emoção.*

Pois, atrás de ou sob essa linguagem pétrea, de pedra em que, no entanto, se insinua às vezes um esquivo limo, esconde-se uma sumarenta poesia. Uma poesia de pensamento, sem negar a beleza da flor ("Aqui e Sempre"); capaz de ironia, não de sarcasmo; buscadora da "idéia verbal, força vital / da semântica da vida / —a palavra sem palavra— / almejado delírio da unidade / na reconciliação das faces perdidas" ("A Busca").

Os poemas selecionados, cobrindo o período 1936–1983, revelam rara coerência estilística. E mostram que a poesia de Yolanda Jordão, como o bom vinho, melhora com o tempo, sem perda de suas qualidades características: o livro epônimo do volume, que é o mais recente, afigura-se-me o de maior densidade poética.

Contém a antologia alguns poemas em espanhol, em francês e em inglês. O verso é livre, com a quase só exceção do eneassilábico "Soneto de Praia ou Rima em Ar", dedicado "ao Poeta Português"

(Antônio Nobre). Boa amostra dessa poesia me parece "Lembrando Saint-John Perse", de que transcrevo o fragmento final:

*Outros, os errantes sobre o mar que cruzam horizontes,
os que acariciam idéias nascentes
à borda da frescura dos abismos
e que perpassam tempestades
sem nenhuma secura nos lábios
mas que sobre a língua degustam o sal,
afastando-se do velho mundo,
esses não serão nunca os exilados,
esses soprarão trombetas abrindo portas ao vento.*

LINA TÂMEGA DEL PELOSO – *Entretempo*
Record/INL, Rio, 1983

Poesia sem apelo à música. Linguagem descarnada. Mesmo os fatos do mundo das emoções e dos sentimentos são, nela, recriados com a pena da razão fria — como que num extremar da proposição famosa de Wordsworth.

Contudo, como pó de estrelas invisas, o rastro de prata do mistério visita essas páginas, e a poesia cintila, qual no segundo e último terceto de "Adolescência":

*À noite eu começava um verso.
A madrugada navegando na planície
nunca se apercebeu de mim.*

Oswaldino Marques, no prefácio, aponta nessa poesia, certamente, um "delírio com método". Dentre seus momentos de maior inventividade, destaco "Arremesso", a maior parte das "Cantigas"; dos "Desenhos Geométricos", "Círculo", o curioso "Triângulo", "Motivo"; mas, concluindo este exercício de subjetividade, elejo o luminoso "Prisma" a mais bela criação de Lina Del Peloso:

*Ai! eu de tanto pesar colhida
que no amor tolhida, sou lunar.

Ai alma! não morro se te vais
mas aos meus ais peço socorro.

Agora sou real e divina
mas fui menina para meu mal.

Onde coração para o amar?
Sonho-me no além-mar. E em vão.

Este o meu tormento: ver a ânsia
fugir na distância com o vento.*

*Surgem lá do oceano os navios
nos desvarios do meu engano
e retornam assim da viagem
nesta miragem que sou de mim.*

YONE RODRIGUES – *A Razão do Pássaro*
Melhoramentos, S. Paulo, 1984

É puro lirismo a mágica poção que nos oferta este livro, premiado na Bienal Nestlé de Literatura Brasileira de 1984. A canção de amor, a canção elegíaca, cuja qualidade poética me recorda, às vezes, a voz de uma Cecília Meireles, de uma Henriqueta Lisboa, são o que de melhor encontro na poesia de Yone Rodrigues. Sem artifícios, sem retórica, sem ritmos laboriosos; antes na linguagem simples, singela, que a canção requer. Como o prometia a bem escolhida epígrafe de Cassiano Ricardo:

Nunca perguntes ao pássaro
a razão de sua cantiga,
pois ele se tornará mudo
por não saber o que te diga.

É difícil decidir entre composições como "Momento", "Retrato", "Canção Triste", "A Cidade Marinha", "Canção", "Cavalo-Marinheiro", "Testamento". Para mim, contudo, nessa linha, poucos versos haverá comparáveis aos de "Pastoral", que seleciono para representar a poesia de Yone:

*Pastora, dá-me de beber.
São líqüidos teus olhos transparentes
que lágrima nenhuma desprenderam.*

*Pastora, dá-me de cantar.
A tua flauta, ontem vago bambu,
hoje é pássaro exato.*

*Pastora, dá-me de cismar.
Quem se assenta entre flocos de ovelhas
e com seu rebanho medita cada dia
bem pode falar de eternidade.*

Pastora, dá-me de viver.

JOSIRA SALLES – *Cantigas*
Thesaurus, Brasília, 1984

Com o selo da Thesaurus e prefácio de Oswaldino Marques, lançou Josira Salles Sampaio, em dezembro de 1984, uma série de poemas de amor subordinados ao título *Cantigas*.

Os versos, em apresentação manuscrita e acompanhados de ilustrações da Autora, compõem pequeno mas muito belo volume.

Boa amostra do seu lirismo (que às vezes fere a clave do *Cântico dos Cânticos*) nos dá a leitura deste fragmento inicial:

*Quando chegares
Terei jasmims em meus cabelos
e no abraço
repousará teu hálito em minha fronte
Pintarei meus olhos cor do céu
Quanto me fitares
Verei no teu olhar a eternidade.*

MARIA TEREZA – *Algum Horizonte*
Brasília, Itiquira, 1984

De Maria Tereza recebemos as primícias poéticas, sob o título *Algum Horizonte*. O livro apresenta titubeios, imputáveis à juventude da Poetisa; mas tem qualidades altamente positivas, a nos fazerem prever que, liberta da ganga ainda presente, uma áurea poesia nos há de oferecer a Autora. Os bons indícios estão em "Possibilidade", em que há lampejos ("Entre o meu sonho / e o teu / existe o mundo."), "Contradição", "Insistência", "Apocalipse" ("Acabou-se o amor, / antiga alegria!"), "Perdoa" ("O pecado no amor / é não encontrar a beleza"), "Minha Amiga", "Pescador", "Infância" ("o homem / poema mais puro, / a alimentar a vida"), "Solidão", "Momento", poemas avisadamente assinalados, quase todos, pelos apresentadores — Edison Jorge Badra e Clovis Sena.

Lapidar, entretanto, já liberto de toda impureza, é o poema inicial ("Olhar de Peixe"), síntese excelentemente (e poeticamente) formalizada da jornada do homem sobre a Terra:

*O peixe nada.
Seus olhos se confundem
com a água.
Seus olhos imitam
a presença do homem
na estrada.*

A quem pôde escrever tal poema auguramos, sim, um largo horizonte de poesia.

1. Sua publicação, interrompida em 1985, foi retomada em 1990. A partir de 1991, foi mudando de formato, aumentando e modernizando-se, ganhando regularidade.
2. Janeiro de 1990.

ROMANCE DAS FAZENDAS DO URUCUIA

Napoleão Valadares – *Urucuia*
Thesaurus, Brasília, 1990

Urucuia tornou-se um topônimo ilustre para a moderna ficção brasileira, a partir da obra de Guimarães Rosa. Na região banhada pelo rio desse nome, na qual se compreende a chapada de que é também epônimo, nos Municípios de Arinos e Buritis, desenvolve-se a trama da obra imortal do escritor mineiro, o *Grande Sertão: Veredas*. (Guia-nos, nessa geografia literária, o *Itinerário de Riobaldo Tatarana*, de Alan Viggiano.) Diante de um romance lançado em 1990 com esse título, é natural fique o leitor na temerosa expectativa de algum atrevido ou simplesmente ignorável pasticho do grande ficcionista. Logo às primeiras páginas, porém, esse temor se afasta. Napoleão Valadares, nascido em Arinos, ao batizar o seu livro, não o faz com esse ingênuo propósito; *Urucuia* denomina-o, primeiro, creio, em homenagem às terras de suas próprias origens, e decerto em razão de nelas terem palpitado as vidas tão bem pintadas e entrançadas nesse romance excelente, premiado em concurso de âmbito nacional. (Sua homenagem a Rosa consiste em obra anterior, de 1982, *Os Personagens de Grande Sertão: Veredas*, publicada com o selo de André Quicé – Editor.) Sem nenhuma descabida imitação, em linguagem tersa e límpido estilo, retrata-nos figuras e narra-nos fatos que —podemos senti-lo— estão enraizadamente ligados à sua história pessoal. Deve ser esta uma das razões por que nos deixamos levar, magnetizados, por entre eles, numa paisagem antes sugerida que diretamente descrita.

Em *Urucuia* a correção de linguagem não impede a transcrição da fala regional, sem exageros caricaturais; nem o estilo enxuto é obstáculo a invenções lingüísticas de vária sorte, como o vocábulo "velozoante" (p. 25) ou esta seqüência lúdica da p. 22: "Mão de mãe. Mão, mãe. Mamãe." São freqüentes as frases expressivas como esta, ao mesmo tempo agradecida e jocosa: "Trem bom é mãe" (p. 23). Outros exemplos:

"Gente grande pensa que menino é besta." (P. 90.)

"O pássaro bem-te-via lá fora." (P. 107.)

"E viu no cavalo a imagem do pai. Há animais e pessoas que se parecem. Pessoas que se parecem até com as coisas." (P. 114.)

Alguma imagem poética, de conotação telúrica ("A chuva lavava as lágrimas de suas barbas brancas" – p. 11), surge naturalmente no contexto desse romance de que é protagonista o povo das fazendas — Cachoeirinha, Água Limpa, Taquara, Remanso...

Urucuia (que tem sugestiva capa de Martius e lúcida apresentação de Esmerino Magalhães Júnior) revela um notável talento ficcional, patente também nos contos que tem avulsamente publicado o Autor.

UMA HISTÓRIA PARA GENTE GRANDE

Napoleão Valadares – *Remanso*
André Quicé, Brasília, 2000

Dá que pensar, de pronto, o título deste romance. *Remanso*...

Nada acontece? Acontece de tudo. Vidas miúdas, é verdade. Coisas miúdas. Miúdas? Coisas de vida e morte não têm tamanho. Vidas e mortes bem junto ao ventre da terra. Ao coração da terra. Vidas inteiras.

A narrativa, em tempo andante, não depressa, nem devagar demais, deixa ver, no geral e no detalhe, o ritmo da vida, o estilo do relacionamento humano em rincões dos gerais que o romancista conhece de cor — no sentido corrente e no subjacente.

Ocorre-me dizer que nada gratuita é a epígrafe-homenagem, a frase emblemática de Guimarães Rosa. Com certeza, "viver é muito perigoso", e o autor deste *Remanso* é mestre em colocar o leitor no meio dos múltiplos perigos do viver na ambiência limítrofe de seu recanto mineiro: um primitivismo de ainda ontem, convivendo com a manipulação de tecnologias de hoje.

Como já observávamos a propósito de *Urucuia*, seu primeiro e premiado romance, de tão louváveis qualidades, tem o escritor — não por modéstia, mas por afirmativa individualidade— o bom senso de não enveredar pelas enredadas trilhas lingüísticas em que o mago de *Corpo de Baile* se fez único. Napoleão Valadares narra com a absoluta segurança do cavaleiro que conhece o caminho, domina a andadura e sabe aonde vai. No seu ritmo tranqüilo, infenso a novidades *pour épater*, contenta-se de retratar a face eterna da vida — *nihil novum*, é certo, mas também é sabido que todo retrato, se bem feito, como o sabe fazer Napoleão, sempre mostra o seu quê de novo. Uma das mais belas páginas do romance — que não especifico para não furtar ao leitor a alegria do encontro— é mesmo uma versão mineira de crística parábola...

Boa de entrecho, também no que diz com a caracterização o é a narrativa. Uns poucos traços, uma breve fala, e um perfil psicológico salta vivo aos nossos olhos. Geraldo e seu mistério, Sinhô, o femeeiro, Tião, com suas frustrações... Mas nada de estereótipos. A vida é móvel, as personagens também o são. Para conhecê-las por inteiro é preciso ler todo o livro. Que dá gosto ler.

Em suma, dão-nos estas páginas, com poder de observação e força de arte, uma fatia de vida. Não de uma vida singular, mas de muitas vidas entrelaçadas, da vida de um pedaço das Minas Gerais, testemunha e agente, neste finzinho de século e de milênio, de um drama antigo e moderno, pois ali se vêem cara a cara duas eras, um passado e um presente a conviverem, de mistura, num agora de que quer nascer uma síntese, o novo — e que venha preservando os humanos valores de outrora, escorados no vigor do moderno.

Este *Remanso* é, sim, coisa pra se viver no livro e trabalhar na cabeça. Coisa de gente grande.

UM CRONISTA DE ALTA LINHAGEM

Romeu Barbosa Jobim – *Boa Tarde, Excelência!*
Centro Gráfico do Senado Federal, 1990

Numa das duas observações intituladas "Antes", o próprio Autor se pergunta: "crônicas ou contos?", deixando ao leitor a solução do problema, que afirma suscitado por amigos. Na ficha catalográfica, entretanto, está lançado "Crônica brasileira"; e no texto de "Afetação" (p. 91), em clara auto-referência, fala o escritor em "cronista". Crônicas sim, não tenho dúvida, e creio que o Autor também não; de todo modo, crônicas, no geral, escritas com a pena do ficcionista nato e, sempre, em linguagem pura e sóbrio estilo. Crônica, mesmo, só não será, talvez, a última peça, "História de Outros Tempos", apesar de seu óbvio endereço a um determinado período histórico, por sinal negro, cuja lembrança nos faz temer o que possa haver de verdade na asserção de que a História se repete... São, os textos de *Boa Tarde, Excelência!*, anedotas, isto é, relatos sucintos de fatos jocosos ou simplesmente interessantes (grato, Mestre Aurélio), contadas com a precisão, o minucioso conduzir ao desfecho incisivo, sem quê não teriam graça; neles, a última frase é decisiva — o condimento, o detalhe significativo, o coroamento formal, como uma chave de soneto (não fora o cronista igualmente poeta...).

Algumas dessas crônicas têm por núcleo, ou ponto de referência, algo que se poderia resumir em uma ou duas frases curtas. O restante são considerações que abrem caminho para o advento do fato central; não um nariz-de-cera, todavia, já que nelas está o fundamento literário da composição, aquilo que não apenas prepara, mas, em rigor, torna interessante e, mesmo, indispensável a enunciação do fato, o qual, em si e por si, nu e cru, no mais das vezes não justificaria a letra de fôrma. E ao dizê-lo fazemos a afirmação de sua literariedade, pois nesse *modus* reside o sinal primeiro de sua natureza de arte, o que de pronto nos leva a apartá-las da massa indiferenciada de suas congêneres destinadas tão-só a informar ou divertir.

Romeu Jobim é escritor meticuloso e profundamente humano. São-lhe fartos os dons da observação e da generosidade — que, porém, não lhe tolhe as farpas da ironia. Psicólogo, o que lhe interessa, muita vez, transcendendo o anedótico, é a natureza humana, os meandros e refolhos da alma. Linguagem muito bem cuidada, sem preciosismo;

humour; sutileza; o gosto de se dirigir ao leitor, tudo —estas qualidades e as anteriormente arroladas— a sugerir sua catalogação na restrita família machadiana.

Difícil, de um elenco de páginas antológicas, destacar alguma. Diria, no entanto, que entre as mais capazes de impressionar o leitor estão a inicial, "Crente", e "Deputado, "Coragem", "Caso da Jaca", "Mudança para Brasília", "Não, Doutor Getúlio!", "Mãe de Sinhô", "De Prontidão", "Carona", "É um Assalto!", "Em Defesa do Álcool", "Atentos, Magistrados!".

Dado o alto nível deste volume de estréia, fazemos votos por que outras obras de Romeu Jobim —as de ficção propriamente dita, as jurídicas e as poéticas— não tardem a vir também à luz.

DUPLA SÍNTESE POÉTICA

Romeu Jobim – *Em Tom Menor*
Trianas, Brasília, 1993

O haikai, forma poética mínima, traz de suas origens orientais uma natureza alusiva, a vocação das sutilezas e das meias-tintas. Na minuciosa ourivesaria de Romeu Jobim, torna-se o veículo ideal para o lirismo reflexivo que singulariza o Poeta.

A quadrinha, outra composição minúscula, amolda-se melhor a um lirismo não intelectualizado, antes voltado para o afetivo, o brejeiro ou o epigramático.

Numa e noutra forma, realiza Jobim, com segurança de mestre, nas páginas de *Em Tom Menor*, a síntese dessas naturezas poéticas.

FORÇA DE SEDUÇÃO

Romeu Jobim – *Amanhã Cedo É Primavera*
Trianas, Brasília, 2001

Romeu Jobim é escritor de estirpe machadiana, pela correção e elegância do texto, pela abordagem psicológica e pelos bem dosados toques de humor e ironia.

Ficcionista urbano, em ambas as acepções da palavra, contamos também, mercê de sua origem acreana, histórias de ambientação amazônica, de forte sabor selvático e fantástico.

A combinação dos dois tons, mais a perícia do narrador, a que não falta o dom e a vivência da poesia, dão a este livro, além de alta qualidade literária, uma grande força de sedução.

CRÔNICA IMPRESSIONISTA DE UMA GRANDE POESIA

Abgar Renault – *Obra Poética*
Record, Rio de Janeiro, 1990

Com a edição da *Obra Poética* de Abgar Renault, pode o amante de poesia, afinal, dar-se a alegria de desvendar o "mistério" desse poeta admirável e esquivo que apenas tardiamente, e em doses homeopáticas, começou a se apresentar publicamente, em livro. (Mantenho a expressão desgastada, que tem aqui dolorosa e involuntária conotação, sabido que na raiz dessas dosadas exposições de um longo e profícuo trabalho poético encontra-se uma comoção violenta, a perda de que nasceu *A Lápide sob a Lua*, editado em 1968, mesmo ano dos *Sonetos Antigos* — livros a que se seguiram *Sofotulafai*, em 1971, e *A Outr Face da Lua*, em 1983.)

Lendo (ou relendo) agora esses poemas reunidos, vejo confirmarem-se, em meu juízo, algumas obras-primas, a que outras se acrescentam; e vão-ocorrendo idéias, comentários, que lanço no papel ao deus-dará das impressões.

Com o instrumento de uma linguagem culta, às vezes arcaizante, de uma versificação altamente técnica, nos metros tradicionais, e sóbria, distante dos fogos de artifício, no verso livre, a poesia de Abgar Renault é sempre digna e elevada, o que não é pouco. Mas é preciso ajuntar que outra qualidade ela, quase invariavelmente, exhibe: a originalidade. E ficamos a perguntar-nos donde vem, que não, decerto, dos elementos formais, nem da filiação, da formação literária, pejada de tradição — da melhor tradição da nossa e de estranhas literaturas. À medida que mergulho nos poemas, na ordem proposta pelo Autor, vou meditando nessa questão, e já nas primeiras páginas a resposta se delineia ante meus olhos: a originalidade está na estrutura ideativa e imagética, assim como a qualidade mais estritamente literária é mercê — já o deixei entendido — de uma rica mas equilibrada organização vocabular, e de uma requintada e segura arte poética.

Em *A Princesa e o Pegureiro*, vão-nos embalando os alexandrinos, classicamente bimembres ou trímetros, do soneto de abertura, a excepcionalidade de outro, o decassilábico "Encantamento", a surpresa de um verso, o final de "Aurora e Noite":

*.... e sei também
que há sempre no teu vulto um ar de despedida.*

Paro mais demoradamente no claro ditirambo sob um ponto de interrogação, em "Penúltima Tristeza", e em "Luz/I", e passo à revisitação dos *Sonetos Antigos*, belo amálgama de precoce erudição (os versos foram escritos na mocidade do Poeta) e refinado talento. Dentre eles, todos dignos de moldura, realçam-se aos meus olhos os de n.^{os} VI, IX e XXIV.

É patente o contraste entre o barroco desses sonetos e o modernismo dos poemas em verso livre do título seguinte, *A Outra Face da Lua*. Gozo esse contraste, e vou banhar-me na "Canção Oculta", que me atinge com uma "onda de mar e céu, redonda", e sua

*Música silenciosamente
mergulhada, que o tempo leva.*

O Poeta se diz "esquerdo, antigo e triste", nos versos modernos da "Endecha do Funcionário no Palácio da Educação". Os dois últimos adjetivos, parece confirmá-los o poema seguinte, "Solidão", mais um soneto excepcional, cujo fecho é de grande beleza:

*Sobem névoas dos vales fatigados
e das árvores já enoitecidas
pendem silencios como folhas velhas.*

Quanto ao primeiro... será ele "esquerdo", sim, mas na medida em que era "*gauche*" o seu conterrâneo e contemporâneo que, na próxima página, é homenageado com o "Soneto ao Poeta Carlos Drummond de Andrade".

Outros destaques: "Entardecer" (soneto), o febreiro, mas irônico, "38° à Sombra" e "Mulher numa Fotografia" (ambos em versos livres).

"A Carta" fixa em minha mente algo que outros poemas me vinham sugerindo: o Poeta assume não raro um tom onírico ("Soneto Onírico"), aéreo, abstrato, supra-real, que sói mesclar-se de característico *humour*, de que são boa mostra estes versos:

*Foi um carta sem letra
a carta que recebi;
o seu começo era um vi,
acabava por um nada
e no meio só et cœtera;
não foi jamais começada,
como não foi acabada;
não a li: adivinhei-a,
.....
Quem foi que (não) a escreveu?*

Releio *A Lápide sob a Lua*, breve e comovedor, desde a revoltada epígrafe:

*Tombo, senhor, submisso mas inconformado na desesperança
e não te reconheço na cruel desnecessidade da tua lança.*

É objeto de releitura, também, o lúdico *Sofotulafai*.

Em *Cristal Refratário*, soam-me —ou afiguram-se-me...— inconvincentes os "Exercícios Concretistas", mas parece-me bela a "Tarde Feia" ("Ah como pesa mais o mundo / sem a presença escura do homem!"), sendo de assinalar um metapoema (coisa, se não me engano, excepcional neste autor): "O Poema Conduz o Poeta".

De *Íntimo Poço* elegeria, além do belíssimo poema "*Ignotus*", composto em versos "livres" que hesitam entre o alexandrino e o decassílabo, mais alguns sonetos que honram nossa literatura: "Soneto das Perguntas", "Letes", "Saudade" e "Construção". É livro cheio de cisternas e espelhos, apesar do quê, talvez, o *eu* não chega a ser o seu fulcro principal, o seu mais impressionante objeto. Poderia chamar-se *Tempo e Eternidade*, não fora o título antecipado por Jorge de Lima e Murilo Mendes, tão nítido é o rumor do instante a escoar através dos seus versos —rumo ao lago da morte...—, ao mesmo passo que tão verde, neles, o limo do eterno. (E, no escoar e no restar, a Divina Presença.)

Em *Thanatos*, os versos finais de "Na Tarde Duvidosa" —

*Sinto sobre mim baixar
a noite infinitamente.*

Que sonhos irei sonhar?

— sintetizam admiravelmente esses dois pólos (tempo e eternidade). Além deste poema, selecionaria também, deste livro, "Por Quem Dobram os Sinos" e "Antevéspera".

Chegando a "No Minuto Menor", o acúmulo de ocorrências, em minha memória, insinua-me um comportamento: nos poemas isométricos construídos com versos de seis a oito sílabas, é frequente haver *um* verso (raramente dois) fora do padrão. Ao registrá-lo, desconto as ocorrências de outro fenômeno facilmente observável, por igual, em Abgar Renault: o Poeta aprecia o truque de projetar a sílaba postônica de um verso no verso seguinte. Contudo, furtam-me segurança ao registro as muitas evidências de falhas de revisão no volume.

Finalmente, em *O Rio Escuro*, é ainda um soneto (sempre o soneto!) que destaco: "*Ad Te Clamamus...*". Mas é a fruição de outro poema de nome latino —"*Ignotus*"— que proponho ao leitor para fechar com ouro estes comentários:

*Eu não sei quem Tu és. Mas sei que Tu existes,
e sei que és Tu que acendes as estrelas lá no Alto,
e o lume, às vezes, da alegria na pobreza dos meus olhos tristes.*

*Eu não Te vejo, eu não Te falo, senão no silêncio secular
das noites insones e profundas, em que meu corpo se apaga,
e minha alma é uma chama inquieta a crepitar...*

*Eu Te quero e Te amo, pávido, esquivo e ansioso... E. pela vida
inteira,
se Te fujo — olhos sem luz para não ver-Te, ouvidos surdos
para não Te ouvir
sinto o Teu esplendor doer na minha tórpida cegueira,
e ouço o rumor augural dos remos do Teu barco, lento e lento
a ferir, com seu ritmo de Absoluto,
a água noturna do meu pensamento...*

UM NARRADOR

Nilto Maciel – *Itinerário* e *As Insolentes Patas do Cão*
Scortecci, São Paulo, 2.^a ed., 1990, e 1991

O premiado ficcionista Nilto Maciel reapresenta aos seus leitores, em 1990, sua obra de estréia: o livro *Itinerário*, lançado em 1974, em Fortaleza, em edição do Autor. Todos bem cuidados em fundo e forma —o que desde o início caracteriza a literatura de Nilto Maciel—, destaca-se dentre eles o conto de abertura, "Aqueles Homens Tristes".

Prosseguindo esse justamente louvado *Itinerário*, sempre fiel a uma reconhecida vocação de narrador, Nilto publica agora o oitavo livro (o quarto de contos): *As Insolentes Patas do Cão*.

Nele nos deparamos com narrativas que talvez pudéssemos qualificar como psicológicas, a exemplo da primeira, "Ícaro", muitas delas na pauta do fantástico ("O Vencedor", "A Última Festa de um Homem Só"), outras tocando a tecla da denúncia ("Eucaristia") ou da sátira ("Mundo Livre"). Em todos os casos, mesmo quando têm a aparência de fragmentos de vida, como "Joana D'Arc e os Amantes", essas histórias sempre muito curtas mostram um quê de *non-sens*, ou uma atmosfera de irrealidade, de sonho, de alucinação (nalgumas páginas parece coar-se o influxo de Borges). Um ou outro conto mereceria mais acurado acabamento, que "arredondasse" a fabulação, lhe desse mais coerência (citaria "Um Simples Boneco"); fôra de mais, entretanto, exigir que todos tivessem a completitude exemplar de um "Rosa dos Ventos".

POEMAS ESDRÚXULOS

Henriques do Cerro Azul – *Trânsito Onírico*
Thesaurus, Brasília, 1991

Henriques do Cerro Azul (nome literário de João Henrique Serra Azul) é conhecido como poeta e prosador por diversos títulos, entre eles *Sonetos e Poemas*, *A Poética de Alphonsus*, *A Poesia dos Astros*. Recentemente, publicou o volume de versos *Trânsito Onírico*, em que reúne trechos escolhidos de três livros: o que titula a reunião, *Trânsito Cósmico* e *Périplo ao Pretérito*. Neste volume, Cerro Azul realiza um *tour de force* que suponho inédito: com a só exceção de "A Poesia", que, em rigor, abrindo a coletânea, lhe é marginal, todos os poemas compõem-se de versos proparoxítonos (o único e mínimo abrandamento dessa auto-imposição cilicial é o considerar esdrúxulos os terminados em vocábulos com ditongo crescente e, por anaptixe, os em paroxítonos com encontro consonantal após a vogal tônica, como *repto*). É óbvio que a rima esdrúxula necessária significa um condicionamento de grau máximo, de modo que esse exercício de mestria a que se entrega Cerro Azul, se de um lado lhe salienta o virtuosismo versífero, de outro lhe coarcta o fluxo da expressão poética. Mas é grande o domínio lingüístico e o talento métrico do Autor, que, destarte, consegue produzir, sob tais limitações, estrofes tão bem realizadas quanto esta, da p. 88 (repare-se na linha fônica à Augusto dos Anjos, devida diretamente à ênfase nos vocábulos esdrúxulos, ou indiretamente, considerado que esses vocábulos são em boa parte fornecidos pelos glossários técnico-científicos):

*Lá nas montanhas os vulcões vesânicos
queimam e explodem!... Nas florestas tórridas,
acrescenta um incêndio as chamas hórridas
ao fogo dos fatais magmas vulcânicos!;*

ou esta, da p. 129:

*Tal nasce a planta de um pequeno grúmulo,
e cresce, e enfrenta o temporal mavórtico,
a alma é a semente que nasceu do túmulo,
— a morte é o doce e desejado pórtico.*

Que o Poeta consiga sempre o lume da Poesia com os seus brilhantes artefatos poemáticos.

NAS VOLTAS DE UMA ESPIRAL MÍSTICA E LÍRICA

Luiz Manzollilo – *Infinita Espiral*
Thesaurus, Brasília, 1991

Luiz Manzollilo é um escritor multímido. Estreou com um ensaio sobre a estrutura do futebol brasileiro, que incluía propostas de nova organização e novas regras. O segundo livro será um romance com uma filosofia socialista-cristã. Depois, outro ensaio, por ele mesmo qualificado como paradidático, também sobre o socialismo espiritualista, que talvez já não parecerá tão ingênuo nem tão utópico, agora que assistimos à derrocada do império soviético e passamos a sonhar mais atrevidamente com um mundo de paz, de fartura, de justiça e de liberdade. O passo seguinte será uma biografia com perfil astrológico de ninguém menos que Leonel Brizola. No suplemento literário *BsB Letras*, mais uma iniciativa cultural que Brasília credita a Almeida Fischer, vimos recentemente a ressurreição do folhetim, para a qual Manzollilo contribuiu com a novela espiritualista *A Viagem*. No mesmo ano, 1990, praticava o Poeta, juntamente com o editor Victor Alegria, a proeza de lançar em inglês, antes da versão original, o *thriller* intitulado, naquela língua, *Chinese Dagger*, e em português, *O Mistério do Punhal Chinês* (lançamento em Miami; ainda inédito entre nós). Entre seus livros a publicar figura *A Barca de Ceres* (conto e novela), laureado pela Academia Brasileira de Letras com o Prêmio Afonso Arinos, em 1991.

Este é seu primeiro livro de poesia. Mas no romance *A Hora do Poder* havia alguns versos, como os haverá no anunciado *A Travessia de Ovídio*; e em *O Brasil Socialista — como Será?* antecipou-se a publicação de alguns dos poemas sociais aqui reunidos.

Com pronunciado senso de autocrítica, é ele o primeiro a apontar em sua poesia os aspectos recorrentes: o espiritualismo, o lirismo, o enfoque social, e, no que tange à forma, a não-pontuação ao final dos versos (exceção para os sinais *significativos* — os pontos de exclamação e de interrogação, as reticências). E diz-nos mais, em carta, que, "tendo dividido o livro em 4 partes, em cada uma podem vir seqüências das produções dos 'vint'anos' como dos 60 (percalços de um poeta tardio em publicar-se), rimadas ou não, metrificadas ou não; de modo genérico (mas impreciso), o *lirismo* representa-se predominantemente na 1.^a fase (18/35

anos?)", surgindo "o *social* como fase intermediária (35/50), e o *espiritual* como a 3.^a fase (50... etc.)". Quanto à temática *vida-morte*, conclui, "talvez permeie as 3 fases".

Num levantamento sumário, verificamos que mais da metade dos poemas são metrificados. É talvez um pouco menor o número dos rimados, sendo que a rima às vezes se associa ao verso livre. A inicial dos versos é sempre maiúscula. Dos metros, predomina o decassílabo, só ou combinado com o hexassílabo, finalizando este a estrofe — quadra, quintilha ou sextilha. São vários os sonetos, dos quais um em dodecassílabos, e um sonetinho. São praticadas as redondilhas maior e menor, ocorrendo ainda octossílabos (combinados com o decassílabo, num soneto), tetrassílabos e eneassílabos. A presença destes, a par do tom de muitos dos poemas, sugere o clima do Romantismo; já o decassílabo combinado com heróicos quebrados, sem rima, nos traz à mente um certo neoclassicismo, tal sendo o caso de "Exortação", em verdade uma pequena ode genotífica. Bilac é nominalmente citado, em mais de uma ocasião, uma delas no soneto "Via Láctea na Tijuca", paráfrase de um dos mais populares momentos do mestre parnasiano. Outros poetas também o são, como Castro Alves, Varela, Gonçalves Dias, Machado, mais o romancista Alencar (há um soneto, "Ingênua", dedicado "aos mestres do Romantismo"), e ainda Cruz e Sousa, Chico Buarque, Bandeira, Drummond, Vinícius; alusões a Augusto dos Anjos, Alphonsus de Guimaraens, Silva Alvarenga...

A primeira parte do livro, "A Vida e a Morte, é talvez a mais rica. Pincemos-lhe alguns poemas, à guisa de exemplificação:

"Infinita Espiral" — Sextilhas decassilábicas, exceto pelos versos finais de estrofe, hexassílabos, e pela variação estrófico-métrica do segmento final. Espiritualismo reencarnacionista, com alusões a Augusto dos Anjos e, segundo me parece, a Pietro Ubaldi.

"Balada do Tempo" — Versos livres, estrofação irregular. Neologismos como "reabismos" e o aglutinante "eternangusto".

"O Tronco Morto" — Dodecassílabos irregulares: com e sem cesura medial, ocorrendo um alexandrino espanhol.

"Poeta Moderno" — Versos livres, talvez tendendo ao decassílabo. Estrofação livre. Rimas poucas, geralmente em fim de estrofe. Palavras estrangeiras, gíria. Alude, alternando nostalgia e ironia, à temática dos nossos poetas arcádicos, românticos, parnasianos, simbolistas, e a compara às possibilidades do poeta moderno, às voltas com um cotidiano dramático, alucinante. Um dos mais significativos trabalhos poéticos do Autor.

"O Teu Caminho" — Verdadeira prédica em sextilhas decassilábicas sem rima.

"Auto do Meu Prematuro Necrológio" — Um poema bem-humorado, em redondilha maior, com rimas ocasionais.

Na segunda parte, "Lírica", estão quase todos os sonetos do volume. O tom é romântico, especialmente nos poemas "Celestial" (sextilhas de decassílabos brancos), "Na Floresta" (quodras de decassílabos rimados), "Distância" (quodras de três decassílabos e um heróico quebrado, rimando o 2.º com 4.º verso), "A Luz do Teu Amor" (quodras decassilábicas, mesmo esquema rímico), "Teus Olhos Morenos" (ocorrência de hendecassílabos), "Amar-te Mais... não Pude" (quodras setissilábicas, mesmo esquema).

A terceira parte, "Notícias de um Eco", abriga os poemas sociais, "o verso necessário", ditado pela "consciência universal" ("Breve Notícia de um Eco").

A última parte, "Mística", reafirma uma profissão de fé espiritualista e uma mensagem otimista, que são apanágio do Autor.

Noto que, na despreziosa análise acima esboçada, me demorei mais nos aspectos formais que nos essenciais desta *Infinita Espiral*. Perdoe-me o leitor; é mais fácil esbarrar na forma, rodeá-la, glosá-la, do que penetrá-la, transcendê-la, e colher a essência. E o fundamental neste livro, o que lhe dá peso e significado, não são as suas qualidades formais; é, antes, o que a letra veicula, o que há de intrínseco nesta poesia, isto é, o seu visceral romantismo (palavra que embute as virtudes da generosidade, da solidariedade, da largueza de espírito), é o seu solidarismo romântico (de que é expressiva a epígrafe de Emânel, em *O Brasil Socialista*: "Enquanto houver um gemido na paisagem em que nos movimentamos, não será lícito cogitar da felicidade para nós mesmos."), é o seu *espiritualismo explícito*, é a sua mensagem de confiança no futuro deste país e, por extensão, deste planeta, no futuro do ser humano. Tudo isso, é claro, em homogêneo amálgama.

Essa luminosa filosofia, que circula como seiva em cada poema, floresce particularmente vívida nos belos versos de "Renovação da Vida", que de modo magnífico resume o périplo entre os pólos a que estamos sujeitos, *estes bichos da Terra tão pequenos*:

*O Deus da vida a vida nos concede
Como os sóis vivificam universos
Palpita e pulsa dores e virtudes
A vida em prosa e verso*

Lembra que Deus é o alfa e —subentende-se— o ômega:

*O espírito constrói, de vida em vida
A matéria infinita e renovada
De Deus promana a fonte cristalina
Da perene escalada*

Conforta-nos com a esperança de um "eterno progredir"; e (presente o romantismo até na ênclise...) esplendidamente encerra o livro —sem lhe apor um ponto final— afirmando-nos que o dom divino da vida

*Não exaure-se exangue na matéria
Mas vive além da cova*

DISCURSO E POESIA

Cassiano Nunes – *4 Discursos sobre a Cultura Brasileira e Jornada Lírica*
Thesaurus, Brasília, 1992

Cassiano Nunes é autor de notável e numerosa obra ensaística, em que chamam a atenção os muitos títulos dedicados a Monteiro Lobato (que dá nome à Cadeira n.º XXX, por ele ocupada na Academia Brasileira de Letras). Diversos dos ensaios que assina foram originalmente pronunciados como discursos — e Cassiano orador é um grande e cativante conversador, passando, sempre, soberanamente ileso pelas armadilhas do gênero. No descrito se enquadram os *4 Discursos sobre a Cultura Brasileira*, opúsculo por ele recentemente publicado, com o selo da Thesaurus.

Mas, além de ensaísta, Cassiano Nunes é teatrólogo e, sobretudo, poeta. E do poeta vem a lume, também pela Thesaurus, a segunda edição da antologia *Jornada Lírica*.

São simples —e complexos—, como a humanidade a que se vinculam, os temas do Poeta. O menino morto mas teimosamente ressuscitante no adulto. O anátema. A solidão. O amor, o desamor.

Seu curso entre os pólos de um planeta aparentemente restrito, mas fabulosamente ilimitado, é uma oscilação entre duas cadeias, as do mundo cá fora ("prisioneiro do incolor" — "Ciganos") e as de um universo interior ("prisioneiro do arco-íris" — "Canto do Prisioneiro"), se não me excedo na interpretação dessas metáforas antitéticas. Antítese que se resolve, talvez, na síntese do "Poema de Aniversário": o Poeta mora "numa canção / — área que se situa / entre o Sonho e a Solidão".

Os opostos grilhões a que se refere expressam-se em termos visuais; são muitos os seus poemas sobre quadros. Esse visualismo nos lembra, de repente, o de outro poeta santista, Vicente de Carvalho: "Ver é o supremo bem"...

Quem pôde escrever um poema doloroso como "Bicicleta", poemas impressionistas como "O Retardatário", "Canção do Amor Tranquilo", "Bonnard", "O Fantasma", "À Guisa de Adeus", "Sou de Santos", poemas perfeitos como "Blue n.º 2", "Washington Square", tem de ser, sim, conforme conclui o excelente estudo introdutório de Antonio Roberval Miketen, "um grande lírico dentro da poesia brasileira".

UM LIVRO MINEIRO

Rui Mourão – *Boca de Chafariz*
Villa Rica, Belo Horizonte, 2.^a ed., 1992

Romance de curiosa engenharia, *Boca de Chafariz*, de Rui Mourão, é, em verdade, uma crônica transtemporal de Ouro Preto, na qual, sob o pretexto dos grandes estragos infligidos pelos "poderes cósmicos" à veneranda Cidade dos Inconfidentes em 1979, dos trabalhos por sua recuperação e de seu tombamento, pela UNESCO, como monumento cultural da humanidade, é repassada a sua ilustre saga, lendária ou histórica, épica e lírica, de Filipe dos Santos ao Tiradentes, dos grandes poetas conjurados à figura dramática do Aleijadinho. E uma crônica amorosamente engendrada, muito bem urdida, conhecedor que é, o Autor, das várias fontes que a alimentam, calçado numa experiência de ficcionista, ensaísta, professor de literatura e diretor de órgãos culturais e históricos de Ouro Preto.

Personalidades importantes de nossos dias desfilam pelas páginas do livro, ao lado dos fantasmas de Antônio Dias de Oliveira, de Luís da Cunha Meneses (o Fanfarrão Minésio das *Cartas Chilenas*), de Joaquim José da Silva Xavier, de Antônio Francisco Lisboa. Falas atribuídas aos espíritos do herói e do artista mascaram estudos psicológicos de que se pode eventualmente discordar, mas inteligentes sempre, em especial a do primeiro, nas pp. 171-179; ou veiculam idéias filosóficas qual, na p. 79, a de serem "os conjurados, como de resto a humanidade inteira", não mais do que "pedras no grande tabuleiro cuja verdadeira significação" constitui "o segredo da eternidade" (fala também de Tiradentes). E a descrição dos tormentos do Aleijadinho, por ele mesmo, é uma bela e forte página (195-105).

Algumas falhas de revisão chegam a ser lamentáveis, mas os méritos intrínsecos de *Boca de Chafariz* largamente as compensam.

MEDICINA E POESIA

Valdir de Aquino Ximenes – *O Homem Submerso*
Edição do Autor, Brasília, 1992

Leio os poemas sob o belo título de *O Homem Submerso*. A maturidade dos versos transcende o que aparenta o Autor, em sua plenitude ainda jovem, mas casa-se à perfeição com a imagem que dele têm quantos lhe conhecem o cotidiano de profissional sério e dedicado da arte-ciência da Medicina. Essa dedicação e essa seriedade profissional, refletidas no fazer poético, me trazem à mente (não para comparações estéreis, mas por exemplos da cabal associabilidade, na mesma pessoa, de universos tidos vulgarmente como tão distantes) duas outras figuras de médicos-poetas: o imenso Jorge de Lima, de cuja gloriosa poesia deviam aproximar-se mais as novas gerações, e aqui mesmo, prata da casa, o nosso Julio Cezar.

Encontro nesses poemas um mundo de amor e desamor, o ganho, o perdido, a natureza, o homem, o cotidiano medíocre, opressivo, desumanizante, o individual, o social, o difícil convívio, a solidão (nessa tecla, "Limites da Solidão" e "Tentativa" são expressivos poemas), o metapoético (uma das melhores composições é "Gênese Poética")... Para não me estender em detalhes, menciono mais uns poucos dentre os que me parecem situar-se no pavimento superior do livro: "Geometria Sentimental" é dos meus preferidos; "O Âmago das Palavras" como que propõe uma poética do silêncio, retomada em "Perplexidade"; e o título final diz bem da "Viagem" que o Poeta empreende na vida/para a vida.

E é isso o que vibra, afinal, nessas páginas: a vida, seu sentido e seu sem-sentido; é dessa vida vária e complexa que se faz essa poesia — e não me furtarei a assinalar, aqui, um traço de união entre o Poeta e o Pediatra, esta sentinela do limiar da vida...

O BRANCO E O NEGRO

Dilermando Rocha – *Irmão Preto*
Scortecci, São Paulo, 1992

Com interessante prefácio de Artur da Távola, publica Dilermando Rocha *Irmão Preto*, reunião de poemas negros em que se exaltam, conforme enumera nas orelhas, os "geniais patricios: o Aleijadinho, Cruz e Sousa, mestre Ataíde, Chica da Silva, a preta Luzia, Mãe Preta, o Pintor Barros, o Mulato", mais "os norte-americanos Langston Hughes e Louis Armstrong, o venezuelano Eloy Blanco, o haitiano Roumain, o cubano Guillén, o angolano Agostinho Neto e o sul-africano Mandela", a par de "coisas e lugares" do Brasil e do mundo. Explica o Autor, apresentando-se, e nesse passo antecipando os dois *cantos negros* da pág. 18: "Não sou negro, mas meu canto é." Em seguida cita outros poetas, Bandeira, Mário de Andrade, Oswald, Guilherme de Almeida, Augusto Meyer, Raul Bopp (dentre os quais pelo menos um terá tido uma porção da negritude no sangue), que "homenagearam os irmãos de cor com significativos poemas", para contrastar: "Cruz e Sousa, entretanto, de maneira diametralmente oposta, produziu um simbolismo 'branco' (entre aspas por ser cheio de complexos) pois, embora filho de escravos, teve sorte de possuir um sinhô que lhe deu instrução, educação e cultura como se fosse um de seus filhos ou netos."

Concorde com Artur da Távola, que, fazendo-lhe embora o elogio, diverge do Poeta quando este atribui a Cruz e Sousa um conformismo que ele, apresentador, reputa inexistente, aproveito a deixa para dizer a propósito algumas palavras que de muito me estão na garganta.

A freqüência do branco, do luminoso, do translúcido no poeta de *Broquéis* tem sido equivocadamente atribuída a um desejo de "lavagem" da pele... Creio que esse equívoco, ou pelo menos a sua difusão, se deva ao prestígio de Roger Bastide, ao que há de etno-sócio-psicológico na sua interpretação do fenômeno Cruz e Sousa, ainda que acatando a ponderação de Alfredo Bosi:

À explicação um tanto simplista dos que viram nessa constante apenas o reverso da cor preta —assinala o autor de *História Concisa da Literatura Brasileira*— um intérprete mais profundo, o sociólogo francês Roger Bastide, preferiu outra, dinâmica, pela qual todas as barreiras existenciais da vida de Cruz e Sousa —e não só a cor— o levaram a um

esforço de superação e de cristalização, fazendo-o percorrer um caminho inverso ao de Mallarmé, poeta do anulamento e do vazio.¹

Esse equívoco tem feito com que participantes de movimentos negros em nosso país repudiem ou menoscabem o Poeta, cuja obra é altíssima e rara expressão de beleza e de espiritualidade; ao contrário do próprio Bastide, que fez inteira justiça ao gênio do catarinense, integrando-o, juntamente com Mallarmé e Stefan George, numa "grande tríade harmoniosa", em que lhe dá "situação à parte", e definindo-lhe a poética em termos fulgurantes:

Destruição das formas (no plural) nas cerrações da noite, cristalização da Forma (no singular) ou solidificação do espiritual numa geometria do translúcido, tais são, afinal, os dois grandes processos, antitéticos e complementares ao mesmo tempo, que permitiram a Cruz e Sousa trazer aos homens a mensagem da sua experiência e apresentá-la em poesia de beleza única, pois que é acariciada pela asa da noite e, todavia, lampeja com todas as cintilações do diamante.²

O equívoco desses ativistas é o de quem não leu, ou leu mal, os poemas de Cruz e Sousa ou os estudos sobre sua vida e sua obra. Seja no nosso Cisne Negro, seja em outros autores, condenam o emprego de uma simbólica branca, antinegra, consistente, segundo eles e em resumo, numa valoração positiva dos tons claros e negativa dos escuros. Ora, a simbologia do branco e do negro tem origem cósmica, nasceu da observação do Cosmo visível, não tendo, nessa origem, relação nenhuma com particularidades étnicas!

Na lírica amorosa, entretanto, o poeta, qualquer que seja a sua raça, esquecerá esses valores cosmológicos genéricos, e, particularizando, dirá, dos cabelos louros, que são os raios do sol ou de alguma estrela distante; dos olhos azuis, que são o céu físico tanto quanto o espiritual; dos verdes, que neles gostaria de naufragar; e, com a mesma desenvoltura de navegador da Metáfora, dirá dos olhos negros que são o núcleo do mistério amoroso da noite; da pele escura, que tem o veludo aconchegante da treva; dos cabelos encaracolados, que se deixou enredar neles para sempre; e assim por diante, prevalecendo, em cada caso, as tonalidades do gosto ou da experiência pessoal do poeta.

Cuidado com a impulsividade descontrolada, diria àqueles patricios tão justamente indignados com a sonegação do que lhes é devido, com o irracionalismo dos que os segregam ou discriminam. Coração é essencial, mas há de guiá-lo a cabeça; esta, por sua vez, há de pautar-se pelo *quid* imponderável a que chamamos bom-senso. De outro modo, acabaríamos por nos radicalizar, no pior sentido da palavra, no que implica isolamento, impermeabilização, intolerância; e, ao invés de contribuir para o império da fraternidade, cimentaríamos o ódio, que tudo sufoca. Não se tente combater um irracionalismo com outro; não nos permitamos o papel de meros agentes físicos, não-pensantes, como sujeitos (passivos) de meras *reações iguais e contrárias*.

É claro (veja-se como é fácil topar com palavras *colóricas* cujo sentido não provém de conotações raciais, mas de fatos da fenomenologia universal...), é claro que estes comentários não têm vinculação direta com o livro de Dilermando Rocha, que lhes deu tão-só o estopim. Voltemos, após tão longa digressão, aos poemas de *Irmão Preto*, para dizer que não seria correto confrontá-los com os dos poetas invocados nas orelhas do volume, mas que há entre eles bons momentos, como a "Canção de Mariana", ou como este "Meu Compromisso", que transcrevo:

O compromisso do poeta:

Comprometido?

Sou

Sim

Comprometido

estou

com a vida.

CARREGANDO AS DORES DO MUNDO

Eugenio Santana – *Asas da Utopia*
Edição do Autor, Brasília, 1993

A poesia é a sublime loucura sem a qual não é o homem — dizia Pessoa— "mais que a besta sadia, / cadáver adiado que procria". Por isso, em prol da vida do espírito, buscamos incessantemente a poesia — e quase chego a dizer que nessa busca está a sua essência.

Cada um de nós vive envolto nas próprias circunstâncias; assim a poesia que buscamos, e mesmo a que às vezes pensamos ter encontrado, se marca de nossas circunstâncias.

Eugenio Santana se coloca entre os que procuram canalizar a sua busca através da forma poemática. A forma nele, entretanto, é fluida, tênue: um verso livre sem fixações rítmicas, despido de aparatos *formais*, discursivo no sentido em que o é a água, para livremente conduzir as preocupações que vincam a sua personalidade: a solidão, a fragmentação do eu, a angústia de uma juventude sem caminhos ("Panfleto de uma Geração"), a degradação do homem, o perigo atômico, numa palavra: o destino da humanidade.

O Poeta não se limita a lamentar a crise e o desespero do presente, mas faz prospecções de um futuro que se lhe insinua mais claro. Assim, em "Sentimento Agnóstico", ao falar desta atormentada era iniciada com a fissão do átomo, sugere, antiteticamente, estarmos vivendo as vésperas de uma "(r)evolução mental / (meta alquímica-cósmica)" que "provavelmente / transformará a pessoa humana".

A vida, firma ele em "Blue Bird", "continua a mesma: / fome, violência, prostituição, / inconformismo, miséria, greves, / AIDS, alcoolismo, arrogância, / prepotência e pose". Mas a tudo isso contrapõe a eterna busca da "Montanha Azul, / onde mora o Pássaro / da mesma cor".

Nesse sentido, "Quatro Olhos na Escuridão" é um dos mais sugestivos poemas do livro, com a magia d'"O provável Lírio / que perfuma / a margem da Noite" e dos "Pássaros Escuros / no escuro Ventre da Terra", talvez capazes de voar juntos rumo ao Nirvana.

Embora veja "triste o Caminho de quem Ama" (note-se o emprego das maiúsculas, absolutamente subjetivo), o amor é a meta

primeira e o sentido maior desta poesia. O amor humano e o cósmico, fundidos —"orgasmo e orvalho"— no poema inicial.

Coerente com tudo isso é a constante busca de espiritualidade, simbolizada nas asas "daquela Águia Azul e ligeira / que nunca fui..." ("Balada do Ontem, do Hoje e do Sempre"). São, de resto, insistentes as alusões espiritualistas ao longo do volume.

Permita-me o leitor duas palavras ainda, a propósito do título (belo título!), *Fragmentos da Utopia*.¹ Quer o entendamos como alusivo ao encontro e recolhimento de indícios que nos encaminham, com o Poeta, no enalço de uma idade de ouro, quer o interpretemos, qual o sugere o elegíaco poema "A Velha Casa", como significativo do estilhaçamento dos sonhos e ideais da juventude, o ponto de chegada será o mesmo: a realização da Utopia, que havemos de encontrar/construir, ainda que para tanto precisemos repartir com o poeta a cruz de seu destino crístico (o destino do homem?), magnificamente emblematizada nesta que é uma das mais belas passagens do livro:

*Ser Poeta é carregar
sobre os ombros
as dores do mundo.*

1. Modificado para *Asas da Utopia*.

DUAS VERTENTES, UMA POESIA

Sofía Vivo – *Profecía al Viento*
Jolan, Rio de Janeiro, 1993

Para falar sobre a poesia de Sofía Vivo não precisarei discorrer toda a extensão de seus versos; contentar-me-ei de separar dois poemas paradigmáticos, aqueles em que mais que nos outros demoraram meus olhos, numa instintiva eleição dos marcos polares de sua poética, eleição que, posteriormente, a leitura analítica haveria de confirmar. Refiro-me à peça de abertura, "La Palabra", e a um dos poemas mediais do volume, "Rehenes" (título do livro anterior da Autora).

"La Palabra" é uma composição em prosa ritmada e rimada, e, no entanto, sob essa máscara prosaica, vibra a nota de mais alta voltagem poética de *Profecía al Viento*. Seus versículos, pétalas de uma estrela vivíssima, ardem como volutas de fogo, que nos envolvem irresistivelmente. E, uma vez envolvidos, ardemos com elas, que nos comunicam sua natureza de chama, transformamo-nos nelas, e eis-nos também flama ao sabor dos ventos.

A Autora, bem o sabemos, cultiva as artes plásticas e cultiva a dança, tanto quanto a poesia. Não é por mera coincidência, pois, que "La Palabra", chama, se esculpe flor e se volatiliza em música e dança: "contorsión y danza, alabanza", dança ritual propiciatória da epifania poética.

E flama e flor e dança — é tudo uma só coisa, plúrima rosa cujas pétalas unifica o sopro da Poesia.

Conquanto em "La Palabra" se filtre toda uma arte poética, toda uma teoria do poema, a sua natureza de chama e flor e dança privilegia os aspectos espontâneos, intuitivos, da criação.

"Rehenes", composição em versos livres, afigura-se-me o reverso ou a contraface desse poema, o hemisfério esquerdo dessa poesia. Se bem que se apresente em forma versífica, não tem o ritmo, a musicalidade, a fluidez de "La Palabra". Não é que essas qualidades lhe sejam ausentes, não; só que não têm, nele, a mesma visibilidade, a mesma ostensiva força que nos encanta de pronto no outro poema.

Em "Rehenes" o que primeiro se toca é a concentração, a reflexão, o pensamento. É preciso romper-lhe a casca para fruir-lhe a

poesia. (O que não é nenhum trabalho de Hércules, a leitura, a inteligência e o encantamento são fases simultâneas, que a análise apenas provisoriamente distingue e separa.)

Assim, os dois poemas, de certo modo, se completam. São os dois lados da poesia de Sofia Vivo. Que representam, de resto, as faces complementares da Poesia.

Dois belos poemas. Duas vertentes poéticas em cujas águas navegará o leitor com o sobressalto dos descobrimentos.

MÚSICA E FEMINILIDADE

Aglaia Souza – *Murmúrio*
Thesaurus/Asefe, Brasília, 1993

Aglaia Souza, a musicista, a contista de *Vida Fêmea*, tem ambos esses aspectos de sua rica personalidade presentes na poetisa de *Murmúrio*. É este, com efeito, um título duplamente significativo: *Murmúrio* denota, semanticamente, uma poesia "em tom menor", e, conotativamente, mas ainda mercê de sua carga semântica, antecipa uma poesia profundamente ligada à música.

Que é uma poesia de caráter marcadamente musical, dizem-no, sobretudo, as cantantes redondilhas de "Balido em Forma de Balada", "Vagas", "Canção de Penélope", "Solo", "Temperando", "Moto Perpétuo", "Armadilha", "Mi Buenos Aires", "Despedida", "Xadrez", mas também a cadência diversa, as combinações rítmicas, o ritmo sincopado de outras composições.

Da própria musicalidade da redondilha nos acena a natureza feminina de sua dicção (não falando, por óbvia, da feminidade de temas e posturas, como —apenas exemplifico— no poema "Temperando"): uma feminilidade ritmicamente, tropicalmente visível no langue, no adocicado dos hiatos (os antiparnasianos hiatos...), freqüentes em seu verso.

Entre a composição inicial, "Prelúdio", e a última, "Ciranda", é notória a ocorrência de títulos, temas e vocábulos relacionados com a arte dionisíaca de Euterpe. Evoco alguns poemas: o mencionado "Prelúdio", que me lembra Debussy, talvez por ressonância, no fecho, do verso final do poema de Bandeira com o nome do compositor; "Temporal", sabiamente aliterado em *t*; "Angelus", também sabiamente tecido em *u*, vogal fechada, "escura"; "Cançoneta Chuvosa", que embute nos versos as sete notas musicais; "Ícaro", que é uma "ave canora"; "Balido em Forma de Balada", um dos mais belos, à maneira de poemas infantis; "Appassionata" — Beethoven; "Solo": "Assim eu gosto de homem: / grave e terno violoncelo"; "Verde": ainda a comunhão do feminino e do musical.

Feminilidade não quer dizer sempre suavidade. "Acalanto" se resolve com garra e vigor nos dois últimos versos, magnífico resumo da psicologia erótica masculina/feminina em confronto. "Canção de Penélope" é uma notável *cantiga fêmea*. "Fim de Festa" é frutal e

vinhateiramente simbólico... Em "Metamorfose" sobressai a conclusão: "A vida mói / o poema em mim." Fortes poemas são, outrossim, "Despertar", "Fermento", "Estigma" e "Despedida"; mais forte que todos, porém, é "Rogativa", poema que, por si, faria as honras do livro, e que deve ficar como *marca registrada* de Aglaia.

A FUGA-LIBERTAÇÃO DE TRINA QUIÑONES

Trina Quiñones – *Fugitiva*
Thesaurus, Brasília, 1993

Lendo as composições de *Fugitiva*, reporto-me, insensivelmente, à obra de estréia de Trina Quiñones, levado, percebo-o logo, pelo reconhecimento de inegáveis similitudes entre os textos. O título desse primeiro livro é *Mutação (ou de como a cativa escapou do espelho)*;¹ seu segundo poema é "Cativa", que se inicia com os seguintes versos: "Às vezes o Carma persegue o culpado / a vida semelha condenação sem pausa"; suas páginas estão cheias de espelhos, e ao final de "Elas" a Autora se diz carcereira de si mesma ("carcelera de mí misma").² A palavra *fugitiva* não se pronuncia ainda, mas prenuncia-se por meio de todo um cortejo semiológico —de semelhantes e contrários— que tem início no título mesmo.

O poema inicial de *Mutação* sugere uma fuga/libertação através do amor, que é o seu tema, e, por ele, de uma doação ao outro:

VIANDANTE

(ou quando Ele toca o piano)

*Eu vinha de cavalgar sóis desconhecidos
de coroar a frente do universo
e consolar-me nela
de perder-me no nada dos abismos
e recolher a poeira de meus ossos.*

*Viandante alucinada
recorri minha cidade
e assumi para sempre
que aquela havia sido
viagem sem regresso
e sem regresso levitou meu ser.*

"Episódio do Sétimo Espelho" apresenta, antes, a libertação pela Poesia, pela Beleza e, através dela, por uma autodoação ao mundo (transcrevo, na língua original, a última estrofe):

*Mira cómo toda
la lluvia diluviana
otrora en el espejo*

*te ha dejado
reluciente
pareces de oro
Eva
levántate Belleza y
fornícate al mundo.*

Já "A Ruptura" é uma quebra violenta da submissão feminina:

*Lembras-te daquela mulher
defasada, ambivalente
que beijava pedras
e se pendurava miçangas?*

*Esteve sete anos
presa num espelho
com um machete na mão
cortava aquela maleza
sem fim
o rosto hierático
a cabeleira enlouquecida
as mãos sujas e
o coração perdido.*

*Um dia se deu conta
de que não cabiam mais lágrimas
no espelho
e
tomada de súbito frenesi
abriu-se caminho a machetadas
porque não tinha vocação de sombra.*

Nesse jogo de espelhos têm um ar de exceção —por não se referirem a cativos nem a fugas— composições como o metapoema "Medito la Curiosa Trilogía...", que, por seu interesse, traduzo e transcrevo:

*Medito a curiosa trilogia
que implica ser poeta:
o bardo
açulado por seus demônios particulares
e por seus deuses privados
cria
o transcritor
conectado à chave secreta da gesta
escreve
e o declamador de seu próprio poema
é ainda mais alheio ao processo:
é um estranho.*

O poema final surge como uma metáfora do nascimento cósmico —diria talvez melhor *espiritual*— da fêmea insubmissa, liberta, transcendedora dos liames da origem:

A MULHER DOS MIL ROSTOS

*A mulher dos mil rostos
atravessa a água e
beija o cosmos
embala partículas de luz
e as reverte em estrelas
desfaz infinitos laços
e tece sonhos.*

*A mulher dos mil rostos
limpa o opróbrio do barro
e seu sol resplandece
ela emergiu
das entranhas da terra
silente e ignorado vulcão
aprende a coroar a resistência.*

Voltando aos versos de *Fugitiva*, podemos ver que o essencial da temática de *Mutação* está presente neles, embora as metáforas não se repitam. Em "Ali Está o Beco do Medo..." a fuga que é libertação equilibra-se na instável esperança de ascensão espiritual (instável devido à força centrípeta do medo); em "Desideratum", o amor parece ser o caminho; em "Naufrágio", como que se unem erotismo e poesia para a viagem mística; a transmutação alquímica no belo, no poético, vislumbra-se no poema que estende o título ao volume.

Em contradição —apenas aparente, apresso-me a dizer— com tudo isso penso que está na raiz desses poemas, os de *Mutação* como os de *Fugitiva*, o mergulho da Poetisa nos próprios abismos, a busca infatigável do autoconhecimento: "O que eu quero / é tomar a Verdade / entre as mãos"...

Não há, pois, neste livro pura e simples repetição do anterior, mas uma coerência com ele, que decerto traduz a coerência da Autora consigo mesma, com os seus íntimos vulcões e suas íntimas galáxias. *Mutação* é datado de Nairóbi, 12 de maio de 1992; *Fugitiva* abarca poemas escritos em Nairóbi, de 23-11-89 a 27-2-91, e em Brasília, de 11-11-92 a 4-7-93. Os dois conjuntos têm, assim, uma continuidade cronológica, ademais de temática, e essa constatação nos anima a enxergá-los como fragmentos contíguos de uma mesma fase existencial; fase de que talvez possa tomar-se como coroamento a serenidade enigmática de "Passagem", que encerra este volume. Fase vivencialmente intensa e, mercê do talento de Trina Quiñones, poeticamente profícua, conforme o atestam os versos que transcrevemos e os que nos esperam nas páginas seguintes.

O CRONISTA JACINTO GUERRA

Jacinto Guerra – *O Gato de Curitiba*
Thesaurus, Brasília, 1994

Para bem entender a abrangência da modalidade narrativa que chamamos crônica é inútil consultar dicionários antigos. Assim, o leitor, se é dos que têm necessidade de definições, pode ir diretamente ao nosso *Aurélio*, que o orientará bastante bem. Mas, caso não se enquadre entre os que procuram o exato contorno dos gêneros —exatidão que, aliás, nem sempre é encontrável—, não se preocupe, que nada tem a perder. Pode mergulhar, sem intermediações, na fluidez destas páginas de Jacinto Guerra, e fruí-las independentemente de considerações teóricas, que ao leitor em busca de pacificar a mente soem até desestimular.

Quanto aos que, por dever ou deformação de ofício, precisamos dessas bisbilhotices metidas a técnicas, valha-nos Mestre Aurélio. A primeira definição que ele nos oferece —"narração histórica, ou registro de fatos comuns, feitos por ordem cronológica"— se ajusta à crônica dos antigos, aos crônicos ou crônicas medievais. "Genealogia de família nobre" também não nos serve. Mais próximo de nós é o terceiro conceito: "Pequeno conto de enredo indeterminado." O que deve atender-nos, todavia, é o seguinte, que diz: "Texto jornalístico redigido de forma livre e pessoal, e que tem como temas fatos ou idéias da atualidade, de teor artístico, político, esportivo, etc., ou simplesmente relativos à vida cotidiana."

Desse gênero, ou subgênero, que floresceu com a expansão da moderna imprensa, temos tido cultores magníficos: grandes poetas, como Bandeira, Drummond e Paulo Mendes Campos; ficcionistas notáveis, como Rachel de Queiroz e Otto Lara Resende; e autores que apenas por esse filão se fizeram conhecidos e estimados do público, a exemplo de Henrique Pongetti e Joel Silveira.¹

Alguns de nossos melhores cronistas combinam os dois últimos conceitos, produzindo textos em que a feição jornalística, o aspecto de atualidade, não oculta uma contranatureza verdadeiramente contística, bastas vezes com enredo até firmemente delineado. Nem importa à caracterização como crônica seja o fato nuclear verídico ou fictício, o que reforça, para muitos, a geminidade das duas formas. É o caso de Fernando Sabino, também consagrado romancista, e do saudoso humorista Sérgio

Porto — o Stanislaw Ponte Preta. Outros preferem tangenciar o poético, senão atacá-lo de mergulho. Suas crônicas avizinham-se do poema em prosa, podendo confundir-se com ele. Nesta categoria se classifica o grande Rubem Braga, cronista-poeta por excelência, e o nosso Danilo Gomes.

A crônica de Jacinto Guerra não pende para nenhum desses extremos; parte sempre da realidade, e não da fantasia; não linda com o território do conto nem com o do poema; regular, caracteristicamente crônica, a ela se aplica, sem carecer de ajustes, a última definição, que tem por objeto a moderna crônica literária. Jacinto narra viagens que realmente fez, descreve paisagens por ele vistas e festejos folclóricos a que assistiu, fala de histórias, pessoas, autores e livros de verdade. Nestas observações não vai nenhum juízo de valor, é claro. O que atesta os méritos do cronista é a boa linguagem, a fluência narrativa, a simplicidade do estilo; qualidades que, entre outras, o leitor, afeiçoado ou não a teorias, encontrará por si mesmo nas páginas destas "histórias acontecidas pelo mundo afora".

1. Ressalve-se que ambos praticaram outras formas literárias.

O PARNASO REVISITADO

Danilo Lôbo *et alii* – *Introdução à Estética Parnasiana*
Thesaurus, Brasília, 1994

No momento em que se divulgam estatísticas consoante as quais o professor universitário brasileiro é dos que menos publicam artigos e livros, é grato poder registrar e louvar as boas exceções, como é o caso da *Introdução à Estética Parnasiana* que nos apresentam três mestres da Universidade de Brasília. Nas "Palavras Iniciais", o professor (e poeta) Danilo Lôbo, a quem coube a iniciativa e a direção da obra, diz de sua motivação: "o esquecimento, ou quase esquecimento, em que caíram os nossos poetas parnasianos"; e esclarece não se tratar de "uma história literária tradicional nem tampouco de uma antologia", mas, antes, de um "preâmbulo ao estudo do parnasianismo brasileiro".

Os 16 capítulos do livro, que tem apresentação de Maria de Jesus Evangelista, são divididos entre Lôbo, Josué de Sousa Mendes e Maria Elvira de Melo Oliveira. Os dois primeiros títulos são "A Arte pela Arte" e "Arte e Literatura"; dedicam-se os três seguintes às origens francesas do Parnasianismo e à Questão Coimbrã ("Bom Senso e Bom Gosto"), após o quê se expõem os antecedentes e os primórdios do movimento no Brasil: "A Guerra do Parnaso", "A Nova Geração", "A Idéia Nova", "A Poesia Científica" e "A Poesia Realista". Nos seis últimos é que se atinge, propriamente, o cerne do parnasianismo brasileiro, em todos dando-se preeminência —como fora de esperar— a Alberto de Oliveira, Raimundo Correia e Olavo Bilac, e ainda a Machado de Assis, Francisca Júlia e Goulart de Andrade.

Os capítulos, pequenos ensaios invariavelmente encabeçados por uma transcrição de textos, em prosa ou verso, importantes para a compreensão da estética enfocada, têm, a par da brevidade, a virtude de se lerem com facilidade e agrado. Uma das boas coisas que neles se colhem é a demonstração do relativismo das oposições que, não raro dogmaticamente, vemos estabelecer entre estilos de época (Classicismo x Barroco, Romantismo x Realismo ou Parnasianismo — neste caso sendo particularmente visível, em nossa literatura, antes talvez o parentesco do que as diferenças); e melhor ainda é que essa demonstração se faça pela palavra de um Alberto de Oliveira e de um Bilac.

Poder-se-ia apontar, nesta edição, pequenos senões, em geral problemas textuais, como falhas de revisão e erros de transcrição. De algumas afirmações poder-se-á discordar — isto é praticamente inevitável em obras do gênero. A todas as possíveis questões, porém, sobrelevam as razões de louvor, e com isto saudamos o trabalho dos três mestres brasilienses.

ATRAVÉS DO TEMPO

Heitor Humberto de Andrade – *Nas Grades do Tempo*
André Quicé, Brasília, 1994

Heitor Humberto de Andrade surgiu como poeta em 1962, na antologia *A Novíssima Poesia Brasileira*, organizada por Waldir Ayala. Dois anos depois, publicou *Corpos de Concreto*; em 1970, *Sigla Viva*; em 1978, *3 x 1 – a Matemática do Poema*. Ao fim de dezesseis anos de silêncio, volta, em 1994, com a mais madura poesia de *Nas Grades do Tempo*. Sinal dessa maturidade são, por exemplo, estes versos em que Heitor metapoetiza, com vigor e beleza:

*O poeta vive dentro de um caldeirão alquimista
germinando a linguagem dos deuses*

.....

*Os poetas cantam
a memória de Deus*

Este novo conjunto de poemas tem apresentação de Alan Viggiano e José Santiago Naud, com a chancela da editora brasiliense André Quicé.

UM POETA DE CATAGUASES

Ronaldo Cagiano – *Palavracesa*
Edição do Autor, Brasília, 1994

Em *Palavracesa* (título que lembra, a nosso ver desnecessariamente, o *Poemacese* de Terêza Tenório), Ronaldo Cagiano faz uma poesia de feição em geral discursiva, que não oculta a presença de Drummond, várias vezes mencionado no livro. O melhor dessa vertente é o terço final do poema "Sete", em que a linearidade ganha função justamente pela sacudidela que lhe dão os dois últimos versos:

*Não tenho explicações. Às vezes chovo;
às vezes sou sol e míngua.*

Outro bom momento é o breve "Poema ao Itabirano", alusivo a uma das mais conhecidas composições drummondianas:

*Lutaste com a palavra,
eis tua luta mais sã.*

*No entanto,
estás mais vivo
a cada manhã.*

Publicando em Brasília, em 1994, Cagiano homenageia sua cidade natal com um selo editorial "Cataguases".

PROTESTO E LIRISMO

Ronaldo Cagiano – *Canção Dentro da Noite*
Thesaurus, Brasília, 1999

Contrariando a sugestão lírica do título —que se estende ao volume—, "Canção Dentro da Noite" não é um poema de suavidades líricas. É, sim, um grito de protesto contra a marginalização, a miserabilização de "homens que se adiam". Não é uma canção de amor. Ao contrário, esta

.... canção dentro da noite
na antemanhã dos desaforos
é a dos cães vagando famintos
e urrando em solidária prece com os humanos

Mas, noutro sentido da palavra, é uma canção de amor, sim: do amor frustrado, revoltado, impotente, por uma humanidade *que se adia*, condenada, mercê da absurda distribuição da riqueza em nossa sociedade, a uma luta inglória, não pela preservação e refinamento de sua superior condição humana, mas uma luta desigual contra a Ordem que a constringe à miséria, luta pela mera sobrevivência física, luta sem grandeza por força da qual milhares de irmãos mal se elevam do patamar do instinto, quando não vegetam, simplesmente, na subvida que o Poeta denuncia.

Noutras composições, todavia, Ronaldo Cagiano interroga a vida em tom mais profundo (ou mais alto...) e canta em versos propriamente líricos a mulher e o amor sem adjetivação. E é nessas, talvez, em que pese a generosidade da poesia de protesto, que melhor se realiza.

O trânsito entre a poesia lírica e a poesia social é, sem dúvida, lição aprendida de Carlos Drummond de Andrade, um dos mestres maiores das últimas gerações. Cagiano, em seu livro anterior, *Palavracesa*, cita e nomeia o mestre, e o homenageia com uma breve mas incisiva composição, o "Poema ao Itabirano", alusivo ao justamente famoso "O Lutador". Também os poemas de *Canção Dentro da Noite* estão repassados do espírito drummondiano. Mas Ronaldo Cagiano, grande leitor de poesia, não se limita ao culto de um poeta. Nestas páginas encontram-se homenagens a vários outros de nossos maiores — Augusto dos Anjos, Manuel Bandeira, Mário de Andrade, Augusto Frederico Schmidt, Mário Quintana, Fernando Pessoa, não se esquecendo o Ascânio Lopes que floresceu e morreu prematuramente em sua *verde* Cataguases, e sem falar de prosadores como Clarice Lispector e Guimarães Rosa. Além disso, por meio de epígrafes, dedicatórias e menções, rende tributo de simpatia à obra de diversos poetas contemporâneos.

Esta é, resumindo, uma poesia que se pretende e se faz *literária*, uma poesia em que ombreiam em boa convivência poemas sociais da qualidade da peça-título, poemas de autoperquirição da excelência de "Reinventando-me" e de "Mosaico", poemas da gravidade de "Plenilúnio" e da leveza lírico-amorosa de "Beijo", "Ditirambos" e "Poeminha pra Ela".

Em cada um deles, como no conjunto, revela-se Ronaldo Cagiano um poeta autêntico, com uma linguagem bem-cuidada, voltada para todas as faces da vida.

UMA POESIA REQUINTADA

Ciro José Tavares – *Baladas e Moinhos*
Cidade Gráfica e Editora, Brasília, 1996

Já conhecia, do poeta Ciro José Tavares, dois livros de boa fortuna: *Além da Rosa-dos-Ventos* (Fundarpe, Recife, 1990), ganhador do Prêmio Ladjane Bandeira, do *Diário de Pernambuco*, em 1988; e *As Elipses de Phoenix* (Comunicarte, Recife, 1991), considerado *hors concours* no Prêmio Jorge Fernandes, da UBE do Rio de Janeiro, em 1990. Um e outro me causaram a mesma excelente impressão deixada pelo Autor em pessoa, mercê de sua palavra inteligente e equilibrada.

Duas qualidades presentes nesses livros me chamaram particularmente a atenção: a linguagem cuidada, virtude que nos arriscamos a perder, massacrada pela tendência plebeísta de escritores que se pretendem assim mais próximos do povo, desculpa esfarrapada de uma incultura que se expande, devida a fatores econômicos, sociais, políticos, e infelizmente estimulada pelos poderosos meios de comunicação de massa; e uma erudição bem utilizada, que se transubstancia no próprio contexto poético.

Deste modo, foi com a alegria de um reencontro feliz que li os originais de *Baladas e Moinhos*. Neles reconheço a boa poesia de Ciro José Tavares, uma poesia culta, requintada, referta de alusões a temas bíblicos e da mitologia grega, bem como de citações inglesas, alemãs, francesas, hispânicas, latinas, helênicas — da literatura ocidental, enfim. Uma poesia em que —falando em termos poundianos— fanopéia e logopéia se avantajam sensivelmente à melopéia; uma poesia metalingüística ou metapoética, na medida em que não se pode transitar por ela ignorando as alusões e citações que envolvem obras e personagens da poesia universal, fato que implica, a meu ver —ainda que, em geral, indiretamente—, uma reflexão sobre a natureza do poético.

Tais características, aliadas a uma sintaxe muita vez reduzida, podem tornar difícil a leitura de *Baladas e Moinhos*; mas transpor essa dificuldade é deparar o prêmio de uma dimensão em que o Poeta (e, com ele, o leitor), no lusco-fusco dos pincéis de sangue e dos cheiros de antigamente, se faz acrobata do universo, ave boêmia, irmã da cotovia, num enegrecido céu austral que explode de estrelas e rasga enlouquecidos olhos na beleza.

UMA PROSA DE FEMININA POESIA

Zita de Andrade Lima – *Pássaros Embriagados*
Thesaurus, Brasília, 1997

Pássaros Embriagados é um belo título, carregado de sugestão poética. O livro de Zita de Andrade Lima é de prosa narrativa, mas a sugestão não se perde: os contos e crônicas que o compõem chegam, muitas vezes, ao limite do poético, *stricto sensu*. Não, decerto, do que se obtém de sofisticadas manipulações verbais, mas de um poético essencial, mais próximo do coração que da mente.

A narrativa de Zita é veiculada por uma linguagem correta e límpida, porém simples, destituída de atavios, de tortuosidades barroquizantes, de apóstrofes romantizantes. Tampouco se vale de marmóreos parnasianismos ou dos nebulizadores simbolistas. É clara e direta. E singela.

O que lhe sublinha, a essa prosa, a qualidade poética é a simpatia por tudo quanto é humano, é a compaixão, é o sentir solidário, ainda quando repassado de humor.

Há uma poesia feminina, sim, nesses contos e crônicas. E o adjetivo, aqui, ponho-o carregado de suas conotações amorosas, maternas, que delineiam, a meu ver, uma das mais apreciáveis facetas do estilo de Zita.

QUASE-PANFLETO À GUIA DE APRESENTAÇÃO

Zita de Andrade Lima – *Era uma Vez um Rei Triste*
Inédito

A apresentação de um livro de histórias para a infância e a juventude, se fosse necessária, talvez devesse pautar-se pelo tom dessas histórias, necessariamente —isto sim— coloridas de imagens excitantes, de aventuras extraordinárias, de heroísmo e generosidade; enfim, do maravilhoso, que é a atmosfera em que melhor se desenvolve a alma

infantil. Não, não creio que à criança devam ser inculcados esses padrões que supostamente as conduziriam a uma vitoriosa *vida prática*: a objetividade, a economia, a frieza... Creio que à criança compete dar ao adulto os veios de imaginação, de fartura, de calor e de elevação emocionais, de interesse pelo outro, de solidariedade, para que possa ele desenvolver uma personalidade completa, harmoniosa e útil — não apenas a si mesmo, porém a si e à coletividade. Por seu turno, ao adulto compete prover a criança da cultura imaginativa e amorosa que lhe permita crescer como uma árvore capaz de sombra, de flores e de frutos. Assim se fecharia em plenitude o ciclo da vida.

A esse complexo de sementeira e sentido, de capacitação para construir e de construção de valores, de informação e formação, em que se vise à práxis utilitária mas, acima de tudo, àquela aura aparentemente sem aplicação prática, não suscetível de produzir lucro e, todavia, significativa do que há de melhor no ser humano, do que justifica a vida, a esse complexo chamo educação.

E educação é o nome de nossa carência maior. Não entendo que a injustiça, a corrupção e a violência que nos envolvem tenham origem no desemprego, na miséria, na necessidade. Entendo que, em verdade, aquilo gera isto. Infelizmente, o gerado passa a gerar o gerador, num círculo vicioso de que tememos não poder sair jamais.

Já pensaram que, sem corrupção, o Brasil seria um país bem menos desigual, e seus pobres bem menos pobres? Que, bem usados os recursos da ciência e da tecnologia, com uma organização econômico-social menos injusta, poder-se-ia otimizar a relação entre a produção e a distribuição de bens, e acabar com a fome no mundo? Parece impossível? Deixará de ser, na medida em que nos educarmos para tal fim.

Precisamos retomar o cultivo das artes como um ideal (não meramente meio de vida), o cultivo da poesia, da língua como meio de expressão, comunicação e criação, o cultivo de uma noção sadia (isto é, não arrogante nem xenófoba) da pátria, do civismo sem jacobinismo, de um sentimento de respeito pela Terra e pelo Universo, uma certa religiosidade, pois, mas isenta de dogmatismos e de fanatismo. É um trabalho de pais e mestres, de profissionais de toda ordem, das autoridades e de cada cidadão, de cada homem e de cada mulher. Um trabalho que implique, envolva e arregimente os meios de comunicação, sobretudo a chamada comunicação de massa, tão poderosos e tão inescrupulosamente manipulados.

Decerto por me faltar o talento específico, talento que não falta a Zita de Andrade Lima, digo estas verdades em prosa chã e direta, quase panfletária. Mas digo-as, aqui, pensando exatamente em chamar a atenção para o fato de que o artista, o poeta, o ficcionista são capazes de dizê-las de um modo mil vezes mais eficiente, porque de um dizer fazendo, em

imagens, em verso ou em prosa de leveza e densidade poética: um ensinar sendo.

Devolvamos à infância, como Zita se propõe fazer, um maravilhoso livre do esquematismo comercial e do apelo à discórdia, ao desrespeito, à violência em formas inumeráveis, à *filosofia* do salve-se-quem-puder, prodigalizados em filmes, desenhos animados, novelas e esquetes publicitários com que a televisão nos bombardeia dia e noite. Devolvamos-lhe esse maravilhoso, sim, mas depurado também das crueldades deseducativas de tantos dos contos infantis que herdamos de outras terras e de outros tempos.

Zita de Andrade Lima, nesta história exemplar, realiza como que uma síntese dos principais contos e cantos que aqueciam o adormecer das crianças, no tempo de sua infância —e da minha—, fossem nativos de nosso país, fossem adaptados de fontes exteriores. E reabre um caminho que nossos autores de literatura infantil e juvenil não devem desprezar.

Permitamos às nossas crianças desenvolver, nessa trilha irisada, a capacidade de amar.

MILAGRE DA POESIA

Amneres Pereira – *Rubi*
Francisco Alves, Rio de Janeiro, 1997

Um dos sinais negativos de nossa sociedade e de nosso tempo é o imediatismo grosseiramente materialista que vemos associado à obtusidade em face de valores não ligados ao dinheiro, ao conforto, ao prazer a todo custo, ao desrespeito pelo espiritual, pelo outro, à violência afinal. Não oferecemos aos nossos filhos, nem na escola, nem na comunicação de massa, nem no lar, uma educação que transcenda esse nível. Não educamos para o civismo, para a cidadania. Não procuramos fazer da educação uma alavanca para o crescimento espiritual. Não educamos para a arte. Assim, quando vejo alguém revelar pendores para esse plano superior —por exemplo, dando-se à fruição de poesia, querendo-se e afirmando-se poeta—, sinto que um milagre está a se realizar e que é preciso proteger essa flor que rebenta. Por isso me é grato assinalar o surgimento de um poeta, quaisquer que sejam as suas colorações estilísticas.

Saúdo, pois, jubilosamente este apaixonado *Rubi* de Amneres Pereira.

Sua poética se funda no verso curto e numa economia vocabular que prestigia a frase nominal, do que temos exemplo extremo na composição intitulada "Praia". À frequência da elipse verbal segue-se o gosto da enálage ou transposição. A união dessas qualidades e procedimentos assegura à poesia de Amneres uma face moderna. Não obstante, explora também, eventualmente, o soneto alexandrino e os versos hendecassílabo e eneassílabo (com as licenças métricas hoje corriqueiras). O que julgo, contudo, mais apreciável nela é a entrega, não a tecnicismos de superfície, mas ao que há de mais entranhadamente humano em cada um de nós, como o amor erótico (uma constante), à família (poema desse título, entre outros), à natureza ("Cachoeira"), o questionar-se filosófico-metafísico ("Razão"), o humor bem aproveitado ("Lei Maior") — em suma, o gravitar nessa órbita que me levou a qualificar tal poesia de apaixonada.

SUAVE-ONÍRICO LIRISMO

Kori Bolivia – *Despeinando Sueños*
Thesaurus, Brasília, 1997

Kori Bolivia editou, antes deste, três livros de poesia: *Un Grito Callado* (1981) e *Espuma de los Días* (1982) em sua cidade natal, La Paz; o terceiro, *Poemas en Cuatro Tiempos* (Thesaurus, 1994), em Brasília. Do segundo traduzi alguns poemas; e, revendo-os agora, nessas traduções, decido tomá-los como pontos de partida para uma apreciação, sumária como convém, da poesia dessa boliviana tão brasileira e tão brasiliense. Há duas razões bastantes para essa decisão: ao separá-los para os traduzir, agi, naturalmente, movido por um sentimento de afinidade, impliquei nesse ato uma seleção estética, assim colhendo a *minha* antologia daquela flutuante esteira; e, com satisfação o noto, prestam-se magnificamente esses versos ao propósito.

A primeira coisa que nos chama a atenção na poesia de Kori Bolivia é um lirismo difuso, um puro e suave lirismo, o lirismo onipresente nos livros que nos tem dado, em sua modalidade mais abrangente. É-lhe cabal expressão o poema "Contemplando o Silêncio":

*Sentada,
desfolhando sonhos
sentindo o aroma
que se deteve no cérebro.
Quantas folhas jazem
despojadas de esperança,
pisoteadas no cinza do tempo.
E estou sentada,
com a mente cansada
contemplando o silêncio.*

Manifestação já um tanto *especializada*, um aspecto particular dessas líricas águas —diria talvez melhor: desses líricos *ares*, tão notório é o carisma aéreo de seus versos— é o lirismo amoroso, que aqui se representa nas linhas do poema-título do livro segundo, "Espuma dos Dias":

*Só e triste,
fito o teu rosto
e teus lábios são silêncio,*

*solidão escura.
Sinto uma brisa prateada
que se aproxima
e estou só,
tua letra não acaricia minhas mãos
e meus sonhos se perdem sangrando
na espuma dos dias.*

Lirismo amoroso ainda, mas agora associado a símbolos cósmicos, enriquecido por conotações místicas, é o de "Em Meu Pensamento", composição um pouco mais extensa que o habitual na Autora:

*Além
onde a sombra
deixou cravada a tua lembrança,
está a noite derramando
um sonho sagrado,
um canto de luzes
dispersas pelo universo.
E escuto o palpitar
noturno do vento
oculto em meio à erva
de minhas mãos,
de meus beijos.
Além,
onde o mar
deixou seu salgado murmúrio,
estão teus olhos
acaricando a sede misteriosa
de meu corpo.
Além,
onde o amor é profundo,
estás...
e o mundo se contém vibrante
em meu pensamento.*

Dáí para a plena fusão cósmica há poucos passos. E um passo decidido se traduz em "Ser o Mundo", singularmente belo:

*Ser estrela coroada ao meio-dia,
ser vento
que singre violento
tua pele e teus lábios,
ser sino
cantando matutino
uma oração bendita.
Ser o mundo estranho de teus sonhos
e anoitecer em tuas mãos.*

*Ser esperança sem desmaios
e que minha tristeza
imóvel agonize
no meio do caminho.
Então, retornar com a alegria
de um copo de cristais
esparzidos na brisa.*

Finalmente, a nota mais grave, a nota mais triste, a nota social, infelizmente não singular nesta *Latinoamérica* sofrida e dorida, a nota de "Dói" — e registre-se, mesmo na dor, a suavidade da voz de Kori Bolivia:

*Dói meu povo faminto,
a criança de rosto descolorido.
Dói escutar o vento
solitário da pátria empobrecida.
Essa gargalhada misteriosa
filha da morte.*

Disse eu, há pouco, do brasileirismo e do candanguismo de Kori; é que essa poetisa dos Andes tem o dom, que julgo raro, de, sem perder os traços distintivos da origem, assimilar à perfeição os de outras terras irmãs e amigas, numa realização exemplar da fraternidade que tanto pregamos e ainda, infelizmente, tão pouco temos cumprido: Kori Bolivia, sem deixar de pertencer, visceralmente, à pátria que tem no nome, integrou-se, como poucos brasileiros, à civilização nascente deste Altiplano, a ponto de falar sem o mais mínimo sotaque a língua portuguesa centro-brasileira — e basta isso para dizer de sua integração vivencial.

Conseqüência do que acabo de afirmar, são vários, no presente livro, os poemas em português. Mas esses o leitor, como é óbvio, os conhecerá no folhear das páginas seguintes. Prefiro, pois, destacar três de seus poemas *castelhanos* em tradução minha.

Primeiro, o lirismo cromático e sonoro palpitante em "De Verdes Olhos Verdes":

*De verdes olhos verdes
foram meus sonhos.
O ouro morou em suas asas,
a prata em seus sonoros dedos.

De verdes olhos, quão verdes
os dias de sonho
de guitarras, charangos, frutas,
país de neve e vento.

De verdes olhos verdes
ausentes estão os donos.*

Depois, o lirismo pejado de um vago pensamento em "Serenidade":

*Serenidade invade esta noite
o olhar terno de um lago solitário.
Banha-se, brilha e rebrilha,
suave desliza
em jogo humano.*

*Serenidade, partes do fogo
que um dragão te lançou.
És jogo que jogo
e, aveludada,
esta noite cintila
sem estrelas.*

Por último, esta quadra tão sugestiva, da série "Suspiros", que, iniciada no livro de estréia, tornou-se uma constante lírica da Autora:

*Doce queixume de minhas mãos
solitária nuvem que vai pelo caminho
só um soluço de rouxinol ferido
na amplitude de um beijo.*

Se, dos versos acima transcritos, ressumam suavidade e lirismo, como qualidades primas de nossa poetisa, outra característica, ainda não declarada, colhemos deles: o clima onírico. Quanto a isso, porém, basta virar a página o leitor, e já o primeiro poema o introduzirá na magia, e no jogo de espelhos, de uma atmosfera de sonho.

TRADUZIR POESIA

José Jeronymo Rivera
– *Poesia Francesa: Pequena Antologia Bilíngüe*
Thesaurus, Brasília, 1998

Por que traduzir poesia?

A pergunta pode parecer provocativa, mas a provocação está longe de ser novidade. Não é de hoje haver quem afirme a falácia não só da tradução poética, mas da tradução em geral... Quanto a esta absurda generalização de uma suposta impossibilidade —em que breve nos deteremos—, é fácil refutá-la: sem tradução, como tomar conhecimento de quanto escrito em língua que não a nossa? Teríamos de ler, pelo menos, em inúmeras outras, e é excepcionalíssimo quem o faça em mais de uma... *hélas!* quem sequer o faça na própria! O argumento justifica também a tradução de poesia, mas este é um caso que deve ser tratado à parte. A cruel e tão bem-achada expressão italiana *traduttore, traditore* não se aplica tão-só aos que se atrevem a traduzir poemas, mas, decerto, a eles melhor do que a ninguém.

As dificuldades do tradutor são de vária ordem. Paulo Rónai, em *A Tradução Vivida*,¹ depois de ilustrar com a garimpagem de cincadas curiosas o problema da tradução dita “literal”, afirma que não se traduzem “palavras, mas sentenças”; e conclui: “o bom tradutor, depois de se inteirar do conteúdo de um enunciado, tenta esquecer as palavras em que ele está expresso, para depois procurar, na sua língua, as palavras exatas em que semelhante idéia seria naturalmente vazada”.

É algo diferente a tradução do poema, em que o som —e, pois, a palavra— costuma desempenhar papel relevantíssimo. Rónai retoma o assunto, sob esse prisma; como, porém, não é, a que estamos citando, obra especificamente destinada à tradução poética, deixamos com o leitor a curiosidade de conversá-la mais extensivamente.²

Vem, talvez, de Alexander Fraser Tytler o aserto de que o texto traduzido deve soar como escrito originalmente na língua-meta, ou língua de destino.³ Para tanto, porém, o tradutor será forçado a sacrificar algo: ou deixará perderem-se alguns aspectos formais ou —que remédio!— alguma coisa substancial. (Mas, em se tratando de poesia, como discernir entre forma e substância, ou conteúdo?)

Referindo-se a traduções poéticas para o húngaro, efetuadas por um grupo de compatriotas, diz Paulo Rónai:⁴

Na impossibilidade de reproduzir *todos* os valores do original, os intérpretes se conformavam com o sacrifício do sentido exato, tentando suscitar, pela maior fidelidade possível na transposição dos elementos musicais, impressão de conjunto análoga.

Posição rigorosamente antípoda haveriam de assumir os tradutores, caso lidassem com textos científicos ou de mera informação...

Permitam-me os leitores de José Jeronymo Rivera, a mim, aprendiz-tradutor do primeiro ano, uma autocitação, neste passo. Em tentativa de passar para o português a extraordinária beleza do “Hymne à la Beauté”, de Baudelaire, vi-me obrigado a um procedimento nada ortodoxo (não falemos em traição...), que assim procurei justificar, em nota: “A tradução da última estrofe, 1.º verso, é literalmente contrária ao original, sem prejuízo, porém, para o conjunto.” Liberem-me de apresentar o produto... Afinal, o tradutor, aqui, é Rivera, e não Anderson. A passagem é recordada apenas para sugerir a que extremos conflitos interiores pode sentir-se levado um pobre tradutor de poesia, aprendiz ou não. Mas o exemplo deve ser tomado *cum grano salis*. Cabe, a propósito, menear a cabeça e dizer, como nossos avós: “Nem tanto ao mar, nem tanto à terra...”

Voltando a Rónai: suscita o nosso húngaro-brasileiro o dilema de procurar a tradução exercer no leitor efeito semelhante ao que o original devia exercer sobre seus contemporâneos — ou o efeito que exerceria texto semelhante, mas atual, sobre os leitores de hoje.⁵ Penso que a resposta há de variar conforme se trate de teatro, por exemplo, ou de poesia. O teatro, por sua natureza cênica, exige inteligibilidade imediata. Geir Campos,⁶ citando o norte-americano Eugene Nida, exemplifica: uma tradução do *Hamlet* em versos “e com palavras da língua portuguesa do século XVI” será preferível para o estudioso “do teatro ou da linguagem ou dos costumes da Inglaterra seiscentista”; já a tradução em linguagem contemporânea convirá melhor à encenação.

Em *Teoría y Práctica de la Traducción*,⁷ Valentín García Yebra expõe o que seria a “regra de ouro” do tradutor: dizer tudo o que está dito no original, evitando dizer o que quer que dele não conste, e fazê-lo com o máximo de naturalidade e correção que permita a língua para a qual se traduz. Na prosa, muito bem. Mas — e na poesia?

Tornemos, ainda uma vez, a Paulo Rónai. A propósito de um poema de Petöfi, diz ele que “os tradutores teriam de transigir: cometeriam infidelidades de pormenor, porém manteriam ‘a verdade essencial: a de um belo poema que canta’”.⁸ O que sugere deva o tradutor, antes de mais nada, definir a “verdade essencial” do poema que traduz, a qual pode ser o ritmo, ou a imagem, ou o conceito...

Ora, na poesia, em que, o mais das vezes, importa antes o *clima* que a *informação*, a *sugestão* que o *conceito*, e em que a *música* e a *imagem* sobrepõem a *lógica*, é preciso não apenas traduzir (ou verter): é preciso, sobretudo, *recriar*; ou *transcriar*, como querem os irmãos Campos.⁹

Voltamos, feita essa longa digressão, à pergunta inicial, e lhe damos resposta que, a esta altura, parecerá óbvia:

—Por que se traduz poesia?

—Pela mesma razão por que se faz poesia.

Com efeito, há de ser poeta o tradutor de poemas, e para tanto há de dominar sua própria língua.¹⁰

Tudo isso bem o sabe José Jeronymo Rivera. E sabe, pois, que a alegada intraduzibilidade do poema não deve ser aceita como um absoluto. Não é fácil, mas é possível recriar o poema de modo que, na língua de destino, ele soe como original e suscite um conjunto de sensações-emoções-sentimentos-idéias que se assemelhe ao da matriz.

Rivera está, como poucos, aparelhado para essa tarefa. Na cidade mineira de Leopoldina, terminando ele o ginásio, começando eu o clássico, no abençoado ano de 1950, iniciamo-nos simultaneamente nos mistérios da poesia. (E, seja dito entre parênteses, fundamos uma amizade que já vai completando meio século.) Não persistiu ele no fazer poético, mas a estrutura do verso, então dominada, foi uma conquista para sempre. Aluno brilhante, inteligência rara, memória privilegiada, concluiu o curso de humanidades com excepcional proveito. Os de Engenharia, Economia e Administração, em que viria a se diplomar, pareceriam contradizer aquelas primícias poéticas. Mas não passa de superstição a idéia de que a aptidão para as ciências exatas e as ciências sociais coarctem a sensibilidade. (*Memento* Joaquim Cardozo, por exemplo.) Leitor compulsivo, melômano invulgar, amante das artes plásticas, construiu um cabedal com que poucos intelectuais e poucos artistas poderiam emparelhar. Assim, quando, há pouco mais de três anos, resolveu dedicar-se à tradução de poesia (do francês e do castelhano, para começar), já se iniciou como mestre. A prova está contida neste volume, em que vence desafios que vão desde os versos antigos de Guillaume de Machaut até as estrofes modernas, obscuras e cintilantes de *Le Cimetière Marin*, de Paul Valéry, bem como na tradução integral de *Les Villes Tentaculaires*, de Émile Verhaeren, que espero ver também, em breve, publicada. Passados pelo crivo de seu labor metódico, incansável, e apaixonado, os versos desses notáveis transfundem-se num português que se lhes faz congenial.

1. Editora Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 2.^a ed., 1981, p. 58.
2. V. *op. cit.*, pp. 129 e ss.
3. *Apud* John Milton (não confundir com o do *Paradise Lost...*), *O Poder da Tradução*, Ars Poetica, São Paulo, 1993, pp. 34-35.
4. *Op. cit.*, p. 152.
5. *Op. cit.*, pp. 114 e 116.
6. *O que É Tradução*, Editora Brasiliense, São Paulo, 1987, pp. 72-73.
7. Editorial Gredos, Madri, 1982; *apud* Geir Campos, *op. cit.*, p. 85.
8. *Op. cit.*, p. 154.
9. V. Haroldo de Campos, “Tradução, Ideologia e História”, *in*: *Remate de Males*, n.º 4 (número subordinado ao título *Território da Tradução*), Campinas, dezembro de 1984, pp. 239 e ss.
10. “No puede ser buen traductor quien no sea maestro en su propia lengua.” — Valentín García Yebra, *apud* Paulo Rónai, *Dicionário Universal Nova Fronteira de Citações* (verbetes “tradutor”), 3.^a ed., Rio de Janeiro, 1985.

BELAS NARRATIVAS EM BOA LINGUAGEM

Alcir Pimenta – *De Olhos no Céu*
Nórdica, Rio de Janeiro, 2001

Educador, jornalista e político, era natural que Alcir Pimenta acesse ao chamamento da literatura. Já o fazia, é certo, enquanto jornalista, pois, se é difícil delimitar as fronteiras entre jornalismo e literatura, elas praticamente se desfazem quando a forma de expressão é a crônica. No caso do jornalista Alcir Pimenta, a face literária acabou de se patentear com a reunião, em livro, de trabalhos publicados na imprensa.

No prefácio a *Quando os Anjos Vão à Guerra* (Nórdica, Rio de Janeiro, 1997), Arnaldo Niskier observa que ele se revela “um inspirado escritor, navegando entre o conto e a crônica com a mesma e agradável desenvoltura”.

Paulo Roberto Pereira vai mais longe no assinalar dos gêneros ali praticados, referindo (nas dobras do volume) “o cronista, o comentarista e analista político, o contista e crítico literário, o orador e o tribuno”.

Dois outros depoimentos, na mesma obra estampados, reiteram o referido entrelaçamento, na personalidade de Alcir Pimenta: o de Odir Ramos, que lhe privilegia a condição de jornalista, e o de Dilson de Alvarenga Menezes, que lhe exalta a “correção apuradíssima” com que fala e escreve.

A plena confissão literária, entretanto, virá com o livro seguinte, *A Primavera Trouxe a Flor* (Nórdica, 1999), em que um gênero literário reina único: a poesia.

Aqui, o crítico André Seffrin observa a proximidade “ao registro do cotidiano”, um “confessionalismo de índole romântica”, com a conseqüente propensão à lírica amorosa; e, nos poemas curtos, o gosto do humor e do inusitado, a aproximá-lo do aforismo.

O poeta Gerardo Mello Mourão, no prefácio a essa mesma *Primavera*, é outro que lhe ressalta a “linguagem primorosa”, lamentando ser hoje “uma raça em extinção” a “dos que escrevem em bom português”.

Valho-me dessas referências não apenas para exemplificar a boa fortuna crítica do Autor, mas também para bosquejar-lhe um perfil, antes de entrarmos na galeria destes contos.

Conheci Alcir Pimenta como deputado federal, militando eu na Assessoria Legislativa da Câmara. E no parlamentar, além da elegância e lhaneza que lhe caracterizam a figura humana, admirei de logo o cultor do vernáculo, professor que também já fui —modesto, mas devotado— desta belíssima língua, de infinitas inflexões, e aprendiz-praticante de sua injustamente malconhecida literatura.

Estou com os que julgam necessário preservar a pureza do idioma pátrio, sem cair nos excessos do purismo fanático; zelar pela correção e precisão da frase, sem gramatiquice. Sabemos que isso não se obtém por decreto, mas por uma educação que nos vem faltando.

Ao repetir a consabida verdade de que a boa linguagem não se alcança por decreto, não quero dizer que o poder público não possa ou não deva interferir na questão, em acréscimo aos deveres educacionais que lhe impõe o texto constitucional.

Vivemos o fenômeno, que não é só nosso, da invasão da língua nacional pelos jargões alienígenas do rádio, do cinema, da televisão e, sobretudo, da informática. Há um *informatiquês* que vamos sendo obrigados a engolir, quase sem possibilidade de reação. O usuário de novas tecnologias tem de aderir aos jargões importados com elas, até por falta de instrumento: na maioria dos casos, carece de conhecimentos lingüísticos que lhe permitissem a substituição dos termos estrangeiros.

Haveria uma solução simples, não coativa, mas educativa: poderiam os nossos Ministérios da Cultura e da Educação constituir comissão de peritos para organizar glossário ou glossários que traduzissem os termos técnicos, ou lhes dessem equivalentes, ou, em último caso, os aportuguesassem. Postos à disposição das escolas e do público, acompanhada a publicação e distribuição de campanhas bem dirigidas, teríamos um bom e concreto ponto de partida.

De nenhum modo, porém, prescindiríamos da lição dos bons escritores, como Alcir Pimenta.

Neste livro, ao contrário do que ocorre com *Quando os Anjos Vão à Guerra* —mercê, mesmo, de sua extração jornalística—, Alcir se fixa numa faixa do gênero narrativo, sendo contos bem caracterizados todas as peças que o compõem, à exceção, diria, da breve página intitulada “Anotações de um Excêntrico”, de gênero menos definido.

“De Olhos no Céu”, com justiça escolhido para titular o conjunto, é uma narrativa em que a vocação memorialística, a pureza da infância, o lirismo e o humor se conjugam para formar o clima em que por excelência se move o Autor.

O segundo trabalho, “A Obra-Prima”, é igualmente bem feito, bem escrito, como sempre, em se tratando de Alcir Pimenta, mas nele se abandonam provisoriamente esses parâmetros, que são a melhor marca do contista.

Em “A Vida de Anastácio Valentão”, que parece lançar âncora na realidade, logra-se uma história de qualidade talvez comparável à primeira.

Segue-se um moderno e lapidar exercício de humor negro, o miniconto “Um Homem Tranqüilo”.

Em contraste, vem o extenso “O Crime do Marinheiro John Heston”, em que o narrador põe à mostra a sua exuberância imaginativa, sempre assistida pela capacidade de prender a atenção do leitor do começo ao fim.

“Milagre na Corte”, dando seqüência ao contraponto entre histórias longas e histórias curtas, reconta uma das mais belas lendas da hagiografia ibérica.

As duas páginas seguintes, “Aconteceu no Rio de Janeiro” e “A Sós e à Luz de Velas”, retomam a prática da narrativa brevíssima e do humor pesado, ou negro.

Depois vem “Dupla Vingança”, história trágica, de lances rocambolescos, que antecede dois dos mais bem-sucedidos contos de Pimenta, dignos de ombrear com o conto-título, se é que não o superam.

Com efeito, “Miltolina” e “O Menino do Pato-Voador” repetem a feliz conjugação presente em “De Olhos no Céu”, com a vantagem, se não erro, de maior urdidura na trama.

Essas ligeiras anotações não se pretendem roteiro ou explicação para o leitor, que decerto o dispensa, como não o necessita o nosso autor, cuja fâcies não tende ao hermético. Sirvam, todavia, e tão-só, para mostrar a multiplicidade do talento narrativo de Alcir Pimenta, o que, em combinação com as suas apontadas qualidades estilísticas, define em traços resumidos o excelente escritor que ele é.

SOBRE UNS VERSOS LUMINOSOS

Tito Iglesias – *Túnicas para Afrodite*
Edição do Autor, Oeiras, Portugal, 2001

É um primoroso livro de poemas, este de Tito Iglesias: *Túnicas para Afrodite*. Já na primeira composição, o leitor se dá por afortunado ao deparar com esta imagem:

*Regresso
ao meu país de sinos e de chuvas*

Animado, continua a ler e a topar com singela e comunicativa poesia. Por exemplo, na aproximação das palavras *pétala* e *bétula*, "palavras delicadas", à nudez da amada (no poema "A Nudez Tua").

Realce há de dar, por igual, que ficarão insistentemente em seus ouvidos, às cantantes redondilhas de "Eu Giro em Torno de Ti..." e da engenhosa e bela "Invenção de um Rosto de Desdém Reflectido no Rio".

Finalmente —pois devo interromper a exemplificação, para não ser inutilmente extenso— menciono com louvor o curioso e paradoxal conceito de "O Pôr-do-Sol É Feminil", improvável tema, habilmente desenvolvido.

Breve é o livrinho —vai supercarregado de afeto o hipocorístico—, porém rico em poesia. Poesia que já nos acostumamos a encontrar nos versos de Tito Iglesias, esse espanhol da Galiza que é hoje português mas há de ser sempre, também, um pouco brasileiro.

DIAMANTES DA CHAPADA

Nadir Ganem – *Lençóis de Outras Eras*
Thesaurus, Brasília, 2001

A cidade de Lençóis, na Bahia, região das Lavras Diamantinas, foi importante e próspero centro de extração e comércio de diamantes e carbonados. É, naturalmente, pródiga em histórias com fulcro na garimpagem, e a riqueza decorrente dessa atividade produziu, em seu seio, interessante e belo capítulo de nossa civilização e de nossa cultura.

As crônicas que integram este livro contribuem para a recuperação de parte dessa história, mormente num de seus aspectos mais fugidios: o comportamento humano observado tanto no garimpo quanto nos estratos sociais da cidade, os quais, a julgar dos depoimentos aqui resgatados, não se separavam por lindes rígidos. Além de fatos pitorescos e de informações propriamente históricas, recolhem dados culturais variados, como versos, letras de música, hinos e festejos populares, guardados pela tradição.

O presente volume, de publicação póstuma, continua o lançado em vida do Autor, sob o mesmo título de *Lençóis de Outras Eras*. Obedece a edição aos originais em poder da família, que não chegaram a ser revistos e preparados para o prelo por Nadir Ganem. Debitem-se a esse fato alguns lapsos da pena, a par de pequenas contradições, que ele teria decerto lapidado.

Em linguagem direta, desataviada, correta, estas crônicas, além de importantes, como exposto, para o retrato humano da velha Lençóis, revelam-se de saborosa leitura.

O MUNDO SOB O MANTO DE VEGA

Luiz Paulo Pieri – *O Manto de Vega*
Efcaz, Brasília, 2002

A leitura desta narrativa suscitou-me, de imediato, duas questões:

—Por que o mito do fim do mundo não sai do imaginário coletivo? Ele pode ficar por algum tempo em estado de *animação suspensa*, mas reacende-se e se torna uma obsessão, particularmente, nos períodos de passagem de século. Vimo-lo *ao vivo* nos meses que antecederam a chegada do ano 2000, erroneamente entendida como o marco final do século... e de nossa humanidade: “A 2000 chegará, de 2000 não passará”... E continuamos vendo-o até o início de 2001.

—E por que um homem não formado na vivência do fenômeno literário, um pacato funcionário público, aparentemente ligado às letras tão-só pelo fato de atuar em área jornalística, resolve tardiamente dedicar-se à criação de uma obra romanesca, e no ramo da narrativa de antecipação?

À primeira pergunta sou tentado a responder que o homem tem noção de sua precariedade, de suas imperfeições, de seus pecados. E teme o castigo, que no fundo considera justo. Além disso, as violentas tensões a que tem assistido, em seu país e no mundo, acenavam-lhe —e acenam cada vez mais dramaticamente— com a imediata possibilidade da autodestruição da espécie humana.

Para responder à segunda, diria que há o fascínio da possibilidade de criar, o prestígio que aureola a condição de escritor, a abertura de um caminho de realização pessoal. Mas, no caso de Luiz Paulo Pieri —o Pierre, como o chamam afetivamente os colegas de repartição, entre os quais é extremamente benquisto—, vejo algo mais: a necessidade de expressar-se, expressando uma maneira de ver o mundo, com um olhar crítico sobre suas mazelas e uma compassiva esperança de que sejam superadas.

Não por outra razão, acredito, Luiz Paulo Pieri parte do temor do fim do mundo, que uma das mais diretas centúrias de Nostradamus teria previsto para 11 de agosto de 1999 (vemos, hoje, que o mundo começou realmente o processo de auto-aniquilamento em 11 de setembro

de 2001...), e urde uma fantástica narrativa, do tipo batizado como *ficção-científica*, em que o retrato de nossos males está presente.

Não penso que as narrativas de antecipação (emprego a denominação mais genérica) mereçam, indiscriminadamente, o rótulo de literatura de evasão. As *Utopias*, as *Cidades do Sol*, as *Xangrilás*, num extremo, devem ser consideradas literatura de crítica e proposição de metas. Na outra ponta, não se hão de considerar meramente catastróficos os *Admiráveis Mundos Novos*, os *1984s* e quejandos, mas literatura de advertência.

Desde o fatídico 11 de setembro de 2001, tornou-se patente, mais do que nunca, o erro de toda mirada maniqueísta sobre os mundos paralelos em que se divide o Planeta. Se se deseja ver claro, nem a arrogância e prepotência, de um lado, nem o cultivo do ódio, do outro. Afastada qualquer tentação de simplificar o problema, temos de equacioná-lo, a fim de podermos vê-lo em sua monstruosa complexidade.

Eis o dado mais evidente da fraqueza de nosso edifício social: o crescimento, o enriquecimento de uns ao lado da manutenção de um *status quo* de fome, de miséria, de atraso dos demais (a grande maioria). *Ao lado?* Em dolorosa medida, *sobre* essa base.

O terror é injustificável. Mas temos de atacá-lo em suas raízes, a fim de destruí-lo sem nos destruímos. *Chega um tempo em que a felicidade coletiva é condição da individual.* A tecnologia tornou possível a globalização. Que esta transcenda a feição atual de dominação econômica, financeira, política e cultural, e se transforme na planetarização dos benefícios da ciência e da técnica. De que modo? Só por meio da aceitação do *outro*, da cooperação entre os povos. Compreendam os ricos, os poderosos, que, daqui por diante, só a globalização da tolerância religiosa, da convivência multirracial, só o encarar a Terra como um grande lar e o conjunto dos homens como uma grande fraternidade nos permitirá sobreviver, colaborar em paz e crescer em harmonia. Que os imensos sofrimentos da humanidade sirvam, afinal, para entendermos que já não é possível viver sem conviver. Nenhum de nós é inteiramente bom nem inteiramente mau; assim sendo, nesse processo a responsabilidade é de todos; mas a responsabilidade maior é do mais forte.

É nesse quadro que situo o romance *O Manto de Vega*, de Luiz Paulo Pieri. Acima de quaisquer considerações acerca de sua literariedade coloco o pensamento generoso que o permeia, servido por uma imaginação extraordinária. Ele faz o que todos nós devemos fazer, em cada um de nossos atos: trazer o contributo individual, mínimo que seja, para a reconstrução, em níveis mais justos, de um mundo que se esfacela.

O POETA E A BOA SEREIA

Jaques Jesus – *O Livro sem Título*
Thesaurus, Brasília, 2002

Num momento como este, quando tanto verberamos o desastre em que vem afundando o nosso sistema educacional, quando os meios de comunicação mais privilegiados despencam no abismo da grosseria, quando o conseqüente empobrecimento do idioma usual atinge um nível alarmante, é grato ver que há jovens voltados para o norte da poesia. Nesse mar tormentoso que nos ameaça com vagas de insulto e de violência, não faltam sereias de perdição para seduzir a juventude inexperiente e cheia de justos anseios de auto-afirmação, de realização. Mas há moços, como Jaques Jesus, que preferem dar ouvidos à sereia menos estridente, mas infinitamente mais recompensadora, da poesia — que não cobra, como aquelas, o preço da integridade, ou da vida, por um prazer sem substância; boa sereia cujo canto, ao contrário, fortalece o espírito para as conquistas essenciais.

Qualquer que seja a corrente poética em que se insira, louvemos o jovem que faz essa opção. Porque quem crê na poesia acredita no espírito, acredita na luz que se oculta no homem, e sabe que ela quer brilhar em plenitude; e, assim, põe fé na luta de auto-redenção da humanidade. Mesmo quando precise fazer do poema um instrumento severo, não de júbilo, mas de profligação, num “grito sem fim”.

A poesia de Jaques Jesus é esse grito. Direto, áspero, mas às vezes com uma nota de singular humor. Como aqui: “Ninguém muda a cabeça de ninguém / Cortando cabeças.” Noutras ocasiões, sentencioso, como neste *versículo*: “Às vezes é melhor deixar o perigo perto, / À vista, do que mantê-lo à distância, / Maquinando às escondas contra nós.” Sempre autêntico, porém.

Dir-se-á que, para o pleno fulgor do meio-dia, falta ainda a esse grito a formatação e a contenção de uma pauta. Pode ser, é um grito jovem. Desde já, porém, se assinala por uma vigorosa substância, que resume a sua riqueza e o seu futuro. Desde já, importa nele, e muito, a força do ímpeto, a firmeza de direção. Que levem o Poeta ao mais alto e melhor de suas possibilidades!

QUATRO LIVROS NÃO PUBLICADOS

1. SYMIRA PALATINIK: POESIA QUE SE DESOCULTA

Symira Palatinik, descendente de imigrantes judeus russos, é baiana de Salvador, viveu toda a juventude no Rio de Janeiro e há vários anos reside em Brasília. Anoto estes dados relativos a sangue e paisagens porque eles talvez ajudem a compreender a sensibilidade que anima os poemas sobre que me debruço, poemas que falam das terras negras de um passado ancestral, de campo e mar, de uma alma ávida de essências ("Poema"), de amor e ternura ("Brincavas com minha filha"), da alternância de céu e inferno no contínuo carne-alma ("Cansaço"), da *pequena paz* desfrutada "nesta fazenda de cimento armado" ("Crepúsculo em Brasília") enquanto espera a Autora o reencontro com a bem-amada cidade de mar, de morros, de gente caminheira, cidade "violada, assaltada, estragada", "poema transformado em asfalto e cimento" ("Mudança"), do ramerrão dos dias arrastados por obrigações enquanto a alma aspira por outra dimensão ("Rebelião").

Apreciadora das artes em geral, mas particularmente de música e literatura (prática, além da poesia, a crônica, mas nunca publicou), é Bacharela e Licenciada em Letras Neolatinas pela Faculdade Nacional de Filosofia da antiga Universidade do Brasil, tendo ainda frequentado a Escola Superior de Preparação e de Aperfeiçoamento dos Professores de Francês no Exterior (Sorbonne) e feito um Curso de Especialização de Tradutores e Intérpretes (Inglês). Estes outros dados, registro-os para enfatizar os sólidos petrechos de nossa poetisa, superiormente perceptíveis na riqueza expressiva destes poemas, riqueza tamanha que espanta haja podido ocultar-se tanto tempo à luz da publicidade.

Textos não incluídos nesta coleta, mas também, creio, o que a inicia, sugerem uma formação neo-simbolista, o que não se afigura tão nítido nas peças mais recentes. Em todas, porém, avultam a justeza de expressão, a profundidade e intensidade de pensamento e emoção, que atestam um verdadeiro e moderno poeta.

Melhor do que o poderiam minhas palavras, digam agora sua bela e clara verdade os poemas de Symira Palatinik.

(1983)

2. ELMANO MARIA: VIDA, POESIA

De terras d'África —Moçambique— trouxe Elmano Maria, português de Arouca, para estes Brasis uma bagagem poética: de poesia vivida, de uns tantos poemas escritos. Bagagem logo acrescida, neste e naquele sentido, sob os céus de Brasília, qual o atestam as datas apostas a dois dos poemas que integram esta coletânea: "Outro Eu, Meu Companheiro" e "Pingos".

Trata-se de composições que se prestam a ilustrar uma afirmação que fazemos: a da unidade do Poeta dentro de uma certa variedade de procedimentos formais. Com efeito, Elmano transita da redondilha ao verso livre, deste ao caligrama, e pressente-se que mais variaria, mais extensa fosse a mostra; mas a todas as formas, desde a mais tradicional à mais ousada, preside um substrato vital, uma experiência de vida; pois —é ele mesmo quem o diz, num terceiro poema, "Necessidade da Poesia"—

Viver
.....
é, também,
de certo modo,
ser poeta.

Os versos de "Outro Eu, Meu Companheiro" inserem-se na linha de antiga e ilustre vertente da poesia portuguesa —e lembraríamos um Sá de Miranda, um Sá-Carneiro, um Fernando Pessoa— ao afirmarem que "Eu não sou só o que sou" e ao se referirem a "O outro eu que há em mim". E um e outro têm,

.... em comum, a dor
que transvasa do amor.

"Pingos" figura, graficamente, a moringa em que pinga apenas água, água purificada a que opõe o Poeta o sal da lágrima de sua mágoa...

Na peça de abertura, lê-se uma invectiva à forma, à *palavra pesada*, incapaz de ideal correspondência à *idéia leve* (recordando o soneto famoso de Bilac):

Ó palavras malditas,
que grilhão
impondes ao meu fogo pensamento!

Em "Paródia", lamenta o nosso autor:

A minha musa já está cansada
de ter escrito tanto
e não ter dito nada.

Mas nem por isto se entrega a exasperantes pesquisas formais, e nem por isto se inibe de soltar a voz, e dizer, e dar o seu recado, como nas generosas estrofes de "Sebastianismo", em que se canta a vocação

lusíada —de Portugal e das nações que ele fundou além-mares— de unir e irmanar os povos, as raças, as religiões do Planeta. E sentimo-nos irresistivelmente chamados a cantar com o Poeta a esperança em El-Rei D. Sebastião, a crença em que ele

há de vir, há de chegar
com o seu sonho fagueiro.

E acariciamos, com ele, a íntima certeza de que tão acalentado evento não se ocultará num recanto da Terra nem nas dobras da noite, de que tal maravilha

Não será numa manhã
coberta de nevoeiro.

Será em manhã radiosa
colorida e venturosa
brilhando no Mundo inteiro.

Posto isso, não prolonguemos inutilmente este exórdio. Acabaríamos, de transcrição em transcrição, reduplicando os poemas. Voltemos, isto sim, à composição inicial, para dizer com Elmano Maria estes versos admiráveis:

Poeta
não sou eu
por escrever uns versos.

Poeta sou
só porque sinto
e sonho.

E é prosseguir poesia adentro.

(1985)

3. DEODATO RIVERA: POESIA, MORTE E RESSURREIÇÃO

Nascemos muitas vezes. Há o nascimento biológico, o único certificado como tal pelos cartórios; mas há outros e outros, alguns mais intensos que o primeiro, já porque desses nos possamos lembrar, já por iniciarem-nos em vivências que, pertinentes à globalidade da vida, parecem maiores que esta, mais férvidas, mais densas, mais vibrantes. Na mineira cidade de Leopoldina tive o privilégio de nascer —juntamente com Deodato Rivera e mais uns poucos jovens inexpertos e ansiosos— para alguns aspectos novos e excitantes da vida. Para aqueles que se nos desvelam com a adolescência. E para a Poesia.

Preciso resistir ao impulso de falar de cada um dos amigos e companheiros de então. A lembrança deles encheria páginas calorosas de um livro de memórias; mas devo conter-me nos limites de uma

apresentação — a do poeta Deodato Rivera, que vi nascer, que nasceu comigo, e com quem comungo na irmandade da Poesia. E da Amizade.

Em Leopoldina, naquele ano remoto e santo de 1950, encontramos-nos, não só no sentido social, mas no sentido espiritual da palavra, um grupo de adolescentes que nos faríamos amigos fraternos, para além das circunstâncias de tempo e espaço. Desse grupo, os que haveria de aproximar, em breve, também a Poesia éramos eu, Deodato e seu irmão, José Jeronymo, Hércio Campomizzi e, logo, José Herberto Dias. Hércio —irmão de Campomizzi Filho, que se tornaria crítico literário— cursou o caminho da Odontologia e, em seguida, o da Medicina, deixando para trás a tentação do Poema. Morreu de repente, do coração. Está presente neste livro, num de seus poemas confessionais, memorialísticos, elegíacos, o "Chapeuzinho Vermelho" (de apelido que lhe botamos, nem sei bem já por quê); mas está presente sobretudo em nós, como o lembra Deodato numa carta em verso de 1976 (uma carta em verso, sim! que ainda então, no longo desterro, era capaz desse romantismo o Poeta, como era, em seus tempos ubaense-leopoldinenses, o próprio Hércio). Diz o missivista, referindo-se à perspectiva de volta à Pátria (para o que, entretanto, ainda teria de esperar uns quatro anos):

Para que dizer-te a dor de já saber
que o nosso Campomizzi não virá
ao certo bota-dentro já mais perto?
Assim nos quer o fado, mas vençamos
a dor com o sentimento da presença
do amigo amado em nós jamais mortal.

Mas avancei demais. Voltemos a Minas. Em 1953, já iniciados, todos nós, nos primeiros mistérios poéticos (e noutros, paralelos, mais gozosos, talvez, mas também, com certeza, infinitamente mais pungitivos), reunimos nossas penas no *Três de Junho*, "órgão dos alunos do Colégio Leopoldinense", obra de Jeronymo e Deodato, respectivamente diretor e secretário, prestigiada por Monsenhor Guilherme de Oliveira, que dirigia o Colégio. Os dois irmãos colaboraram profusamente em prosa e verso. Outro tanto se diga de Gustavo Monteiro de Castro Júnior, desaparecido, como Campomizzi, antes de madura a hora. Do grupo, compareceram ainda Hércio e Herberto, com uma prosa cada um, nos sete números, tirados todos naquele mesmo ano.

José Jeronymo Rivera —aluno excepcional, que passava com média final 10 em todas as matérias— exibiu uma grave e forte vocação poética, cedo e injustificavelmente abandonada. Transcrevo-lhe um soneto (que diria de filiação anterioriana) impresso no n.º 2, de 20 de maio:

MÃE

José Jeronymo Rivera

Quando, em meio à tristeza desta vida,
Eu me vejo sozinho e abandonado,
Sentindo o coração pulsar cansado,
— Mortas as ilusões, e a fé perdida;

Quando, ansioso, procuro no passado,
No ideal que sonhei — visão sentida,
Um consolo à minha alma dolorida
— Um pouco de carinho ao desgraçado,

Vejo um vulto celeste e silencioso
Chegar-se a mim, beijar-me a fronte exangue,
Banhando-me de luz e suavidade...

És tu, ó mãe querida, o anjo bondoso
Que me secas as lágrimas de sangue
A brotarem da fonte da saudade...

Deodato era também dos melhores alunos, embora sem a rigorosa *performance* do mano. Os primeiros versos que publicou no *Três de Junho* revelam o jovem já voltado para uma poesia pensamental, social. Do n.º 1, datado de 5 de maio:

RESSURREIÇÃO

(Paráfrase de Bécquer)

Na tosca sala jaz emudecida
A velha harpa, majestosa outrora,
Que hoje, no pó dos anos esquecida,
Relembra, triste, o seu passado e chora...

E nela quantas notas dormem, quantos
Suaves sons lhe morrem ressentidos
Da longa ausência de u'a mão que cantos
Lhe venha haurir de lábios ressequidos!

E quanto gênio, eu penso então, no fundo
Das almas dorme, por não ter no mundo
A mão que o tire do marasmo atroz;

A voz que o faça, Lázaro, da campa
Sair sorrindo, em lhe afastando a tampa,
Ressuscitado, ouvindo Aquela voz!...

Perdoem-me os amigos que eu lhes exhiba assim essas primícias.
Se defeitos tiverem, — são primícias. E suas qualidades são patentes.

No n.º 5, de 20 de agosto, estrearia a tendência social numa tentativa de verso livre, o "Poema Utópico", de que extraio a conclusão:

Se todos os homens fossem fortes de caráter,
se todos fossem sábios,
se todos fossem bons,
então não haveria guerra, revoluções, conflitos.
Então os exércitos seriam desnecessários,
e os homens, felizes.

Então, o Mundo teria ganho a paz.

O último número (e aqui me lembra o famoso soneto de Augusto dos Anjos, de que a terra leopoldinense abriga os ossos...), de 25 de outubro, trará um poema filosófico, já em forma sensivelmente evoluída:

POEMA DO HOMEM SIMPLES

Olhai-o bem: aquele é o homem simples...

Reparai como segue a passos leves
com a leveza de sua consciência...
Anotai o seu ar despreocupado,
como quem não se importa com o futuro,
como quem do passado não se lembra.

Ele vive somente do que apalpa
suas mãos,
do que vêem seus olhos,
percebem seus sentidos.

O presente que vive é sua vida;
o passado são luzes apagadas,
o futuro uma porta ainda fechada
que se lhe há de abrir...

Olhai-o bem: aquele é o homem simples...

Seus ideais de amor coloca-os perto,
onde possa alcançá-los, e, feliz,
sorri dos versos tristes do poeta
incompreendido;
não povoam suas noites pesadelos;
seu amor se assemelha às águas mansas
de um lago sossegado,
onde a lua, boêmia das alturas,
vem se mirar como donzela ao espelho;
seu amor, como as águas desse lago,
é quieto e silencioso, humilde e bom;
sua história é a mais simples das histórias,
sua vida, sem louros e sem glórias,
é a vida de muitos neste mundo...

Olhai-o bem: aquele é o homem simples...

As transcrições mostram a coerência da trajetória vital de Deodato Rivera: a seriedade no estudo; a diversificação das leituras; a preocupação ética, acima, a meu ver, da estética. No jovem, já o homem. Falta apenas, ao quadro, a nota lírica. Para completá-lo, nada melhor que este belo soneto:

Volto ao convívio de tuas cartas... Leio
linha por linha, devagar, buscando
achar de novo a sensação que veio
quando, uma a uma, vinham-me chegando.

São mil ternuras, frases carinhosas,
abraços, sonhos, confissões, desejos...
(Esse perfume bom de puras rosas
lembra o perfume dos teus puros beijos...)

E descobrindo vou, maravilhado,
que tem diverso significado
cada sinal, cada palavra, tudo:

aqui, no ponto, houve um suspiro mudo...
Houve um sorriso, ali, naquele traço...
Quer dizer beijo este "saudoso abraço"...

Pronto. Estão aí os traços fundamentais do retrato do Poeta. E do ser humano que é Deodato Rivera. O mais —insonegável, é certo— é desdobramento previsível, seqüência, conseqüência. A partida fôra dada.

Assim como nascemos e renascemos, também morremos vezes várias, no curso de nossa vida terrena. Já ambos no Rio de Janeiro, Deodato e eu retomamos as paralelas de nosso trajeto: trabalhamos juntos na mesma companhia de seguros, fizemos o mesmo concurso para a Câmara dos Deputados, passando em colocações contíguas. Em breve, porém, as paralelas de novo se afastariam, dessa vez de maneira mais radical, e por longuíssimos anos. Deodato revelava desde cedo insopitável vocação *sacerdotal*, isto é, a necessidade de entrega a uma causa; causa que fosse a um tempo filosófica e humanitária, que outro caminho não comportaria as dimensões de sua formação e de seu temperamento. (Nesse caminho, negligenciou a Poesia.) Passada a euforia do governo JK, da construção de Brasília, vieram os problemas, e veio 1964, inaugurando o anticlímax trevoso da *Redentora*. Nosso agitador foi demitido por abandono de cargo, não obstante o parecer da comissão administrativa, que viu justa razão para sua ausência. Perseguido, refugiou-se na embaixada da Iugoslávia, onde ainda pudemos visitá-lo eu, seu irmão e amigos. Começava a longa morte do exílio.

Em terras estrangeiras, contudo, pôde o homem retemperar-se. Conheceu novos climas, novos costumes, outras culturas; estudou, lecionou; reviveu, enfim. E, passada uma década de andanças, ocorreu a ressurreição do poeta. Para que ele próprio o relate, transcrevo parcialmente carta que me enviou de Les Ulis, França, datada de 4 de agosto de 1979:

Não lhes falei nada do livrão porque queria fazer surpresa. Agora que já sabem posso esticar-me um pouco. Juntei toda a obra poética desse "renascimento" de há cinco anos em dez livros bem marcados, e o resto que está em inglês talvez se organize num último livro cujo título já escolhi: *Songs of Love and Peace*. Dos dez nove são em português, e constituíram o livrão chamado *Diaspoerança*. O décimo, que consta de 12 poemas em espanhol, chama-se *Canto a Chile en Sangre*, do qual lhe estou enviando uma amostra tomada ao azar, não sendo o que mais aprecio. Condensa algo da experiência desse segundo exílio (o poema, não o livro todo que é produto da grande tragédia social e humana que nos foi dado assistir, infelizmente). Gosto demais desse décimo livro, apesar de mais panfletário e talvez mais ingênuo e otimista, apesar de tudo, que os outros. Mas como, segundo penso, foi ele — ou melhor, sua motivação, a náusea do banho de sangue fascista, o terror, a angústia por amigos, conhecidos, povo que admirávamos — que determinou o "renascimento" poético, a angustiada busca das raízes para reencontrar o desejo de vida e de amor quando a morte escandalosa e cruel de milhares de inocentes te fazem duvidar de tudo e até de ti mesmo, perdôo-lhe a natureza talvez menos poética e propositadamente didática de que imagino o bardo de Lajinha não gostar.

(Se tudo correr bem mandarei cópia breve, depende de encontrar uma máquina copiadora amiga, pois os fundos de difusão estão a zero.)

Já *Diaspoerança* é uma história complicada, assim uma espécie de vários poetas num só, apenas que com o mesmo nome para não imitar o nosso Pessoa. Na verdade há de tudo em temática, tonalidade, se me entende, e estilo. O que me animou a reunir tudo foi a opinião dos amigos a quem os poemas despreziosos agradavam, como vocês aí em Brasília e algumas aves de passo que estimulavam a publicação. Quando classifiquei tudo por data percebi que a ordem temática saía por si mesma, havia uma clara evolução ou processo de transformação (não necessariamente para melhor, no caso cada "fase" correspondeu a uma importante etapa numa espécie de *catarsis* e redescoberta interior para libertar os fantasmas reprimidos há 4 décadas quase, melhor, ao longo de, pois aos primários agregaram-se alguns secundários duros de roer...). E olha o livrão pronto sozinho! Não deu outro trabalho que fazer uma dedicatória, um poema que se chama "Para Alice", bolar o título-síntese e pronto.

Na linha seguinte, dir-se-ia "ligeiramente desconfiado de que o poeta morreu"... de novo! Mas isso já não me preocupou; já sabia, então, que a vida é feita de mortes e ressurreições; e o poeta nunca morre de todo.

E o livro aqui está, enfim; com aproximadamente a mesma estrutura e os mesmos poemas, mudado o título.

Voltaria o amigo a escrever-me em 12 de setembro. Preparava-se para o regresso, que se daria no ano seguinte. Da emoção dessas vésperas dizem uns tercetos e um soneto que me enviou nessa carta; transcrevo-os, pois não foram incluídos no livro. Primeiro os tercetos:

PASSAPORTAGEM

O poeta a que sai?
Em Paris buscar vai
Documento feliz.

O poeta o que tem?
Tem saudades, no trem,
De um longínquo país...

O poeta o que quer?
Quer gritar, chorar quer.
Mas coragem, quem diz?

O poeta o que faz?
Faz de conta que em paz
Vai de trem a Paris...

Agora o soneto (branco), em que sobressai a beleza do verso final:

BRASIL

Amava-te e deixei-te por amor,
E mais amor nasceu no longo exílio.
Maior fora essa funda provação,
Maior amor trouxera-te oferente.

O lábaro que ostentas estrelado
Nas asas da saudade me seguia

E em mim mesmo brilhava, não perdido,
Porque comigo erravas pelo mundo.

Venci contigo míticos fantasmas,
Dragões imaginários derrotei,
Saltei barreiras e evitei escolhos.

E em noites de amargura, se chorava,
Consolo me trazias, pois sentia
Teus rios a escorrerem-me dos olhos...

Deodato Rivera, o homem e o poeta, está, pois, entre nós. A entranhada vocação sacerdotal a que aludí, ele a dirige, hoje, à causa da criança — que se confunde, a bem dizer, com a causa nacional.

Deixo nestas linhas, repito, apenas esboçados os traços essenciais do poeta e do homem. Há de sem dúvida ampliá-los e aprofundá-los a leitura e fruição dos poemas.

(1994)

4. JOSÉ CARLOS PELIANO: AS MARCAS DO POETA

José Carlos Peliano já não é um poeta inédito (se bem que a maré baixa da industrialização e comercialização do livro de poemas, assim como o escasseamento de outros veículos literários, confira a quase toda a nossa poesia contemporânea um caráter de quase-ineditismo...), e a mais ligeira leitura de seus trabalhos basta para demonstrar, mercê de sua linguagem apurada e elegante, de seu senso de composição, que também não é um cantor incipiente; mas a simplicidade de que veste o seu fazer poético, a qualidade do seu lirismo, o notável poder de sua fantasia e de sua imaginação imprimem a seus versos um sabor de fonte, de juventude. Só mesmo o olhar do leitor experimentado será capaz de discernir sob as águas as tensões rítmicas e pensamentais (não incluo "existenciais", note-se, pois quanto a isso o Poeta, afastando-se do comum da condição humana, parece mesmo senhor de uma tranqüilidade profunda), tensões de cujo embate resulta o equilíbrio visível de suas composições.

Simplicidade, equilíbrio, tranqüilidade — eis a tríade com que nos deparamos desde a peça inaugural, "Modelagem", que dá o tom sustentado pelo Poeta na exploração de um de seus tópicos iterativos, o tema do tempo que passa, da vida que escapa:

entre o barco e o vento
meus caminhos levam minhas tardes douradas
e trazem meus cabelos brancos.

Raramente o *procedimento* literário chama a atenção, e quando isso acontece o resultado sói ser positivo, qual em certa espécie de

hipálage mais de uma vez empregada em *Marca d'Água* — cito de "Dose Dupla":

a bebida engole sentimentos dentro de mim.

Às vezes o vôo das imagens pode se afigurar hermético, ou chegar às raias do hermetismo, como em "Face Oculta". Não é esse o aspecto normal de seus versos; um não-explicar-tudo, entretanto, janelas só entreabertas, que sugere, sem "limpar" a composição de todo mistério, é outra de suas qualidades mais louváveis, de que julgamos paradigmático o poema "Primórdios", no patamar superior da produção de Peliano.

Se a tríade que mencionamos percorre toda a arte do Poeta, sua presença é, contudo, discreta (como *marcas-d'água...*): não determina que a voz lhe saia inflexível, nem que se dispa de gradações o seu ver-o-mundo. Assim, se, em "Agenda", aponta a plana banalidade do cotidiano —

a boca amarga de café
a barba mal feita

— no final de "Naturalmente" exhibe o cotidiano uma outra face, em que resplandece a beleza, a poesia:

displícitamente
desliza uma gaivota na tarde emoldurada de centelhas
como um pincel mágico
e o cheiro de café fresco
convida a vida à mesa.

E se, no primeiro desses poemas, explode o grito revoltado —

Queria mesmo um longo terremoto
para destruir as vitrines platinadas
enterrar de vez os comerciais que me pretendem idiota

— em "Necrológio" reponta uma nota de humor:

coloco minhas barbas de molho
suspiro bem fundo
e espero continuar por mais um bom tempo contando minhas estórias.

A tranqüilidade geral dessa poética também não impede que o jogo de palavras assuma eventualmente certa aspereza, como no soneto "Expectativa" (um dos poucos momentos em que o Autor pratica o verso medido). Aí, a repetição, o tautológico, a oposição, o aparente *non-sens* constroem um artefato de habilidade. Todavia, é retornando à sua característica leveza —à sua marca, diria— que o Poeta obtém o melhor rendimento; por exemplo, quando voa, sem descaídas, na pauta do "Minueto", página que encerra o livro num de seus níveis mais altos.

Registramos aqui apenas algumas das modalidades em que se oferece a poesia de José Carlos Peliano. Em todas, verá o leitor, se manifesta um vero poeta.

(1995)

CRÔNICAS

UM PROBLEMA DAS FONTES

As almas comunicam-se. E, se não são diretamente comunicantes, deve haver no espaço, ou fora dele, um depósito-mar para onde fluem os rios de nossa imaginação. Ou donde.

Há anos, não muito após minhas primeiras veleidades literárias, revia um poema quando um verso reclamou-me a atenção. Não era meu, e pude facilmente localizá-lo em Fagundes Varela. Depois dessa primeira decepção, e de outras, que adiante exemplificarei, tenho sempre imaginado serem plágio as melhores idéias, os melhores versos que produzo. A seqüência é esta: dias de composto o poema, o que porventura exista de nuclear, de substantivo nele, emerge na memória como reminiscência de leitura, restando por meu a mediocridade do resto. Freqüentemente procedo a pesquisas, das mais estimadas às menos prováveis fontes minhas, mas na maioria das vezes em vão.

O caso acima recordado, entretanto, não tem maior relação com o móvel destas notas. Mais significativo, pois transcende o plágio inconsciente, foi o que envolveu o conto "Os Siameses", escrito em 1957. Narrava as peripécias de dois irmão xifópagos e seus problemas, principalmente amorosos. Ora, em 1960, a revista *Senhor* publica "Ménage à Trois", de Tristan Bernard —que eu jamais lera—, e me surpreende a coincidência de situações, até de frases, entre os dois trabalhos. (As semelhanças eram tamanhas que só me lembra uma diferença fundamental: posso dizer com orgulho que meu conto era maior —mais extenso— que o de Bernard...) Cerca de dois anos mais tarde, leio "O Homem de Duas Cabeças", de Almeida Fischer, e verifico novos paralelismos — numa espécie de... *ménage à trois* literário.

Ainda mais significativo —já que, afinal, sempre alguém poderia argüir que eu tivesse lido e esquecido as duas peças— é o fato de eu ter bolado um conto com o mesmíssimo tema do posteriormente publicado por Zora Seljan no primeiro número da primeira *Ficção*, e cujo título não cito por me haverem surrupiado a revista. Focalizava de novo ângulo o nascimento de Cristo, e fiquei estupefato com a extensão e profundidade da coincidência. Felizmente, a literatura apenas ganhou com a antecipação de Zora.

Inúmeros outros exemplos poderia dar, mas isto não é um relatório. Permitam-me, contudo, só mais um fato.

Tinha eu guardados uns rabiscos para o conto "Nós e os Deuses", em que *nós* = robôs criados pelo Homem (= *deuses*). A leitura de *Eu, Robô*, de Isaac Asimov, afastou-me o susto do título: não era bem aquilo. Depois, porém, vim a saber do livro *Adão e Eva, Robôs*, de Eandro Binder. Claro que rasguei as minhas notas.

De outra feita —e vou esticando a conversa— imaginei uma novela, *O Perigo dos Homens Vermelhos*, ou *O País Amarelo*, preparei-lhe a estrutura, em dez capítulos titulados e esquematizados, e deixei os papéis de lado, "amadurecendo"... E é como estão ainda agora, quando leio sobre *A Cor dos Homens*, de Fernando Correia da Silva. Não sei até onde bebemos da mesma água, mas acho que a minha sede era pouca.

Diria que a natureza castiga os tímidos, os hesitantes, os preguiçosos. A inspiração está no ar, chamando. É aproveitar depressa, antes que outro aventureiro lance mão dela... Mas, inferno, vejo que nem mesmo estas linhas têm absoluta originalidade; pois não é que lembro agora de um conto (*science-fiction*, creio que de autor norte-americano) sobre o drama de um escritor cujas histórias lhe são "roubadas" telepaticamente...

HABITAÇÃO DA TERNURA

Tem muitos quartos a habitação da Ternura. Visitei-a, e trago para meus amigos este convite: visitem-na também. Da única maneira possível: com o coração macio. Não veríamos a dona da casa, se não lhe levássemos o sinete. Porque a Poesia tem disto: só está para nós quando está um pouco em nós. Ler poesia fora desse estado de graça é como visitar uma casa de onde acabaram de mudar-se; sem móveis, tapetes, objetos em que a vida se põe arrimo ou pretexto, — sem gente, e seu pulsar e seu tumulto, veríamos no máximo uma bela estrutura. Paredes nuas, cômodos baldios — andaimes do vácuo.

Felizes, entretanto, os que entram vazios nesta morada da Ternura e se deixam tocar de seu hálito sutil. Retornam acrescidos. Pouco importa que a luz coe raiada de melancolia e mágoas; importa sua essência solar.

Gaudêncio Carvalho construiu tal casa, e mora nela. Deu-lhe um nome — *Poemas da Íntima Habitação*. Portas e janelas estão permanentemente abertas. Ali, diz o Poeta procurar "repouso e ternura". E é ternura o que pinta, desde o umbral, com suas belas "tintas cor de ontem". E o repouso é função do equilíbrio entre a arquitetura e a natureza. Disso mesmo nos fala "O Sol":

Porque sinto o que sinto,
Porque vivo como vivo,
Traz para mim a sua docilidade.
É o seu costume.
Acerta o demais, para não me aborrecer.
Quando desperta, gosta de acordar-me.
Gosta de ouvir comigo os primeiros berros,
Quando, de fome, os bezerros deitam espuma pela boca.
Com as mãos da madrugada lava a casa toda.

Abraça-me e despede-se.
Porém, adivinha e demora um pouco mais.
Até me paga com moedas pelo chão do tabuado...
Os pés do dia andam por cima da água-furtada,
Das margaridas e dos canteiros,
Enquanto o instante corre
E o Sol me mostra o fim do dia.

A habitação é ampla, dizia. A paisagem também. Não é um apartamento de cidade, mas uma casa no campo. O campo faz parte da casa. E, num recanto lírico, parece que é de Khayyám o som que flui, sereno:

A música encontrei
Na garganta da serra.
Sobre as pedras cobertas de limo,
Sobre as barrocas cobertas de lodo,
A correnteza jorrava,
Despencava,
Corria,
Com a música que me pertencia.

Não somente a água canta. Basta erguer os olhos para ver voando o canto dos pássaros. Íntimo, porém, é o canto de pássaro do homem:

Ocasões pareço com os pássaros:
Alcanço a época de renovar as penas.
De crescer as penas;
De converter o matiz.
Torno outro canto.
Alteio o vôo,
O vôo de voar muito,
De voar pouco,
O vôo até de não voar...
Para ir buscar o longe que foge.

Continuemos. Perto de nós, *pausadamente caminha o boi, o boi que rodava o engenho. A sua mansidão envelheceu. E a cor redonda dos olhos espia o caminho.*

Mais na frente a água se enrodilha com o labirinto dos galhos:

Malhada de sombra,
A água clara que eu bebo.

Neste ponto, sentimos que a alma do Poeta, ao nosso lado, sustém a marcha e embebe-se em meditação. Paramos também, tentando adivinhar o que só ela vê:

Às vezes se parece comigo:
Gosta do abandono da serra,
Quando tarde se embebe no rochedo;
Da subida descansando na descida.
Gosta de distinguir bem alto
O barrete de nuvem na cabeça do monte.
E, vez por outra,
O reflexo do raio
Quebrado que fica na água parada da solidão.

E novamente o espírito de Khayyám murmura um som na tarde:

Perguntei às folhas que conversavam,
Aos cochichos dos passarinhos,
Quem ensinou aquilo que só sabiam dizer
Quando o poente batia nas árvores.

Tal é a *íntima habitação* de Gaudêncio Carvalho. Mora nela a Ternura. Um pouco dela, agora, vive também conosco.

AOS JOVENS POETAS DO CEUB

Que pomos em nossos poemas? Amor, falta de amor, emoção ou impassibilidade, revolta, resignação, esperança. Às vezes nos valem deles como testemunhos —talvez como instrumentos— de nossa procura de Deus, de nossa busca de nós mesmos. Outras vezes, propomos o poema como um jogo —gráfico, fônico, conceitual, misto—, jogo tanto mais solitário quanto mais o aproximamos do enigma.

Sejam quais forem, porém, os ingredientes do poema, não é por eles que chegaríamos a uma definição de poesia, senão pelo que fazemos com eles. Diríamos que a poesia é a arte de captar/criar e intensificar —o belo ou o feio, o estranho ou o cotidiano, o agudo ou o obtuso— num artefato verbal. Se é grande a força do poeta, um ou outro poema brilhará como uma estrela nova. Ainda as menos brilhantes, entretanto, ajudam a compor o firmamento poético.

Os versos dos jovens poetas reunidos no concurso promovido pelo CEUB exibem todos ou quase todos os ingredientes que enumeramos. Os autores revelam maior ou menor técnica, arte mais ou menos incipiente, no tratamento dessa matéria-prima. Suas estrelas não brilham uniformemente —o que não seria possível, nem desejável—, mas todas brilham, e eis o que importa. Somos gratos pela generosidade dessa luz.

O poema requer inteligência e sensibilidade, e o hábito da poesia as refina. Assim, mesmo que não pretendam ou não possam manter um convívio mais do que diletante com a poesia, não lhe percam nunca o hábito. Antes procurem cultivá-lo pela vida. Afinal, inteligência e sensibilidade não são coisas de jogar fora: a necessidade é sempre maior que a oferta. E valem muito mais, ambas, que o mero acúmulo de conhecimentos, pois não são elas que nos dão a justa medida de empregá-las?

Parabéns, pois, aos jovens poetas do CEUB. Desejo-lhes duradoura a iluminação da poesia.

HISTORINHA BÚLGARA

Era uma vez um búlgaro chamado Matvei Valev, que sonhava viajar. Nascido no início do século, em 1902, parece que seu sonho só teria começo de realização bem depois da Grande Guerra, ao atingir a maioridade — em 1923.

Não é incomum associarem-se, na mesma pessoa, o espírito aventureiro e a vocação literária, notadamente a sua configuração no gênero narrativo, mais insuflável pelo sopro da aventura; e assim se dava com o nosso bulgarozinho. Pobre, porém, vê-se forçado a interromper os estudos para ganhar a vida; e trabalha e trabalha; datilógrafo, operário, pescador, funcionário, estivador, marinheiro, lenhador. Em 1923 vai para a Alemanha, onde fica até 1930. O autodidata assiste a aulas de jornalismo. Em janeiro de 31 vem para a América do Sul e dá, afinal, com os costados no Brasil, onde trabalha no campo. Volta à Bulgária em outubro de 1934. Dez anos depois, morre nas montanhas albanesas, lutando como voluntário contra os nazistas.

Matvei Valev começou a publicar trabalhos de ficção em 1920; aos dezoito anos, portanto. Em 1937 sai o seu livro de contos *Poeira das Boiadas*, que já no título, bem se vê, se refere à passagem do autor por nossa terra. Seu lugar na literatura búlgara deve-se principalmente a esse livro "brasileiro".

Nos seus melhores contos, Matvei leva o leitor às fazendas do Brasil. Aproveita impressões e experiências pessoais. Fala de seres, de coisas e de vivências brasileiras, de vaqueiros e de conflitos sociais, de brancos e de negros, em histórias intituladas, por exemplo: "Dona Lígia", "Jandira", "O Caçador Manuel", "Arroz", "O Urubu", "Noite no Sertão", "A Mentira de José Veríssimo".

Quem nos traz a notícia desse búlgaro "brasileiro" é outro nativo da antiga Trácia, o poeta e tradutor Rumen Stoyanov, que, de sua estada entre nós, nos deixou as marcas de sua amizade, de um belo trabalho pela compreensão recíproca de nossas literaturas e de nossos povos, de uma excelente poesia original, em português — *Poemas no Brasil*, Civilização Brasileira/INL, 1981.

Poeira das Boiadas não é, todavia, senão o segundo livro búlgaro sobre o Brasil. Do primeiro nos ficou de dizer o mesmo Stoyanov, em artigo que nos prometeu — e que por este público instrumento lhe cobramos.

BRINDE

O sonho pode mais do que os sentidos. A canção estrangeira que nos extasiava em nossa adolescência, de nebuloso paraíso se transforma em desvendado continente, claro e dominado cotidiano, ao lhe compreendermos as palavras. O que vemos, o que tocamos, o que possuímos é finito, é findo. O que vislumbramos esconde, nas franjas do mistério, um infinito de universos eternos... O território entremostrado apenas, o que de uma entrevista realidade se nos tolhe ao olhar guloso: aí nascem as fontes esquivas que matariam nossa insaciável sede.

Que matariam — mas não matam! Pois é a sede o que faz da água fresca e do vinho o hidromel dos homens... e assim quiçá com o néctar dos deuses.

Esta verdade, que vou laboriosamente redescobrimo e reconstruindo com os instrumentos da razão, imemorialmente a afaga, colhida em sua rede de sedas e veludos e arminhos, a nunca superestimada argúcia feminina. É em obediência a essa lei, e por cultivado instinto, feito arma invisível a nos manter docemente subjugados, que a mulher nunca se entrega de todo: tem sempre um negaça, uma fosquinha, uma esquivança, que é o prolongamento do sim, sem o acabar. E aí das que o esquecem!

É esta a razão, também, de verem os sábios o olho-d'água da poesia antes no que o poema sugere, no que deixa imaginar, do que nas apóstrofes, nos silogismos ou nos mármores em que se disfarce. Porque nada que possamos inteiramente ver, ouvir, tocar pode chegar aos pés do idealizado.

Por isto sonhamos: para pairar acima do que somos. Diria: acima do que pode existir, já não o houvesse expressado, em altaneira linguagem, o soneto maravilhoso de Waldemar Lopes:¹

SONETO DOS SÍMBOLOS EFÊMEROS

Os símbolos efêmeros: memento
da vida breve: música secreta
— do tempo, a se esvaír na asa do vento,
— do sonho, a esmaecer a chama inquieta.

Cresça no céu de pedra o véu nevoento;
junto à nuvens se perca a doida seta
rumo ao não e ao talvez: o sentimento
atre-la-se a uma estrela, e essa incompleta

visão apaziguante é misteriosa
luz transcendência: rútila persiste,
seiva do ser, essência poderosa,

pois se foi dito o quanto a carne é triste,
arde em perfume o espírito da rosa
e é mais belo o que só no sonho existe.

Por isto bebemos: para sonhar. E se já não sabemos embriagar-
nos de música, de amores... ai de nós! caímos à cata de outros álcoois.

Enchamos nossa taça de poesia.

1. De *Os Pássaros da Noite*, in: *Memória do Tempo* — Padrão Livraria Ed., Rio de Janeiro, 1981; p. 78.

REENCONTRO COM PEDRO LUIZ MASI

Data dos primeiros anos de Brasília o meu conhecimento de Pedro Luiz Masi, mas começamos realmente a nos aproximar por ocasião do I Encontro Nacional de Escritores. Formamos, então, com mais meia dúzia de poetas e prosadores já radicados na nova Capital, um grupo que aproveitou o pretexto do Encontro para uns entardeceres de vadiagem literária, temperada pelo gênio alegre do autor de *Cantiga Boêmia*. Esses Encontros de Escritores, promovidos pela Fundação Cultural, tiveram — até que alguém teve a idéia de acabar com eles —, ao menos para os “exilados” (muitos, como eu, voluntariamente) no Planalto Central, uma significação mais do que de cultura, no sentido estrito da palavra: eram uma oportunidade anual de nos reunirmos, corrigindo assim, em parte, a dispersão da cidade nova, e de revermos, ou conhecermos, companheiros dos mais diversos pontos do País. Mas para o meu recente amigo não haveria um segundo Encontro: no decorrer daquele, em 23 de setembro de 1965, partia para o definitivo país que nos aguarda a todos.

Morreu antes de ver completado (oxalá nossos filhos o vejam) o sonho de Dom Bosco, ele que acreditava que Brasília —

.... operário dos milagres
da redenção de um povo —
existe
para um Brasil
menos triste.

Até então, só conhecia de sua pena os versos de “Amanhecer”, “Brasília”, “Poesia por um Minuto Apenas”, “Três Poemas Fluminenses” (“Vassouras”, “Saquarema”, “Angra dos Reis”), reproduzidos por Joanyr de Oliveira em *Poetas de Brasília*, publicação datada de 1962, da pioneira editora candanga Dom Bosco. Joanyr o incluiria também na *Antologia dos Poetas de Brasília*, editada nesta cidade pela Coordenada, nove anos mais tarde, com os seguintes poemas: “Mula-sem-Cabeça”, outra vez “Vassouras”, “Tiradentes” e “Filipe dos Santos”.

Só recentemente, pela gentileza de uma amiga comum, a poetisa Symira Palatinik, tive acesso aos livros publicados por esse paulista-fluminense. Seu exemplar do primeiro, o ainda imaturo *Delírio* (Rio de Janeiro, 1948), estava todo corrigido de próprio punho pelo autor, com vários poemas riscados. Sente-se, ao vê-lo, que o poeta tinha inteira consciência dessa imaturidade. Já o segundo, *Cantiga Boêmia* — em cadernos soltos, com capa de Santa Rosa e ilustrações de Sérgio de

Camargo, edição do Autor, de 1951—, revela grande progresso. É dele o citado “Amanhecer”, otimamente sintonizado com o título geral. Gosto de rever, nele, o espírito inconformista que lhe instilou o seu criador:

Como se fora a última noite
cambaleiar semi-ébrio
no deserto da madrugada.
Ver o lampião que boceja
cansado de luz inútil
enquanto o tempo lateja dolorido
preso em seus relógios...
Ser a despedida integral
do espírito do passado,
e no clarear,
quando o apito da fábrica substitui o galo
e sua boca recolhe o último boêmio,
ainda tentar alguma independência...

Segue-se *Fantasia*, poemeto (Cronos, Rio, 1953); na verdade, uma cena em prosa dialogal.

Sonetos e Carnavais, lançado quatro anos depois com o mesmo selo, veio demonstrar que a limitação do metro e a fôrma do soneto não eram compatíveis com o temperamento de Masi. Mesmo as composições em forma livre, nesse poemário, configuram um retrocesso em relação a *Cantiga Boêmia*.

Também de 1957 é a *Antologia da Serenata*, subintitulada *Um Século de Canções, Luar e Violão* (Simões, Rio), obra de amor de um seresteiro.

Fico grato a Symira Palatinik por este novo encontro com Pedro Luiz Masi, propiciado pelo empréstimo dos livros (deixou ele, ainda: *Sudão — Pequena História de um Nacionalismo*, separata da *Revista de História*, Rio, 1960; *Matias Aires*, n.º 62 da Coleção Nossos Clássicos, da Agir, em colaboração com Adriano da Gama Kury, Rio, 1962; e figura nas antologias *Contistas de Brasília*, organizada por Almeida Fischer para a Dom Bosco, 1965, e *Paisagem Fluminense*, de Jacy Pacheco, Niterói, 1969). O que mais me comoveu, porém, foi a apresentação a dois volumes inéditos do poeta: *Notas na Velha Província* e *Caderno das Minas Gerais*.

As *Notas* ganharam o segundo lugar em concurso patrocinado pelo periódico *Letras Fluminenses*, de Niterói, em 1954. Compuseram a comissão julgadora Darcy Damasceno, José Ferreira Landin e Stefan Baciú. Por este, contudo, o livro de Masi ficaria em primeiro. Extraio um trecho de sua declaração de voto:

Notas na Velha Província é um belo livro de versos, um livro como poucos apareceram ultimamente no panorama da poesia, tão sofisticada por alguns representantes de um lirismo que se torna cada dia mais vazio e sem conteúdo poético.

Notas na Velha Província não é de maneira alguma um livro provinciano. É um livro de poesia. Como a província é universal, considero que esta expressão da poesia nova do Brasil deve ser distinguida.

Reaprecio, em suas páginas, os versos de “Vassouras” e de “Saquarema”, destacando mais: “Maricá”, “Barra de São João”, “Campos”, “Mangaratiba”. Do *Caderno das Minas Gerais* impressiona-me um “Chafariz”,¹ de cujas águas frescas “talvez poetas / em noites boêmias / bebesses”, e em que

Hoje, carrancas,
feias, entupidas,
tentam chorar saudades.

Saudades... Caro poeta Masi, nós outros que aqui ficamos e vamos envelhecendo, ao contrário dessas antigas carrancas, agora é que principiamos a desatar as nossas...

1. Devido a serem dificilmente acessíveis os poemas, transcrevo os assinalados:

VASSOURAS

Pelas palmeiras da praça
caem águas no chafariz...
Velhas baronesas,
fantasmas ou lendas:
saudades dos cafezais.
Há também fantasmas de escravos,
hoje tão livres,
correndo pelas lendas.

MARICÁ

Folhagem agreste
separa o mar e a lagoa...
Santos
em altares coloniais
espiam da igreja tradicional.
E Maricá descansa nas margens de seu trenzinho.

SAQUAREMA

Terra de Nossa Senhora de Nazaré
— restinga salgada,
batida de vento.
As casas pequeninas
se espremem entre o mar e a lagoa,
entre a lagoa e o céu
e entre o céu e o mar.
A igreja, simples, lá no alto
é um trecho de céu azul
todo caiado de branco.

BARRA DE SÃO JOÃO

Cheio de Sol e de Mar,
um cemitério tão bonito;
parece uma ilha.
O mar suave, docemente cantando
versos bem simples,
para Casimiro de Abreu
dormir, descansar...

CAMPOS

E o velho Paraíba vem assistir
ao resumo de todas as usinas,
ao urbanismo de todos os campos.
Atirando ruas e pontes
desde o Saco à Lapa
cresce a cidade.
E o Paraíba que já viu tantas coisas
espia espantado
um bonde correndo suas margens.

MANGARATIBA

O trem fingiu de navio
e ancorou na estação.
O mar tão amigo,
juntinho da gente.
Tem uma lua pendurada em cada poste da rua,
e de noite cada poste acende seu luar.
E o mar amigo,
tão juntinho da gente.

CHAFARIZ

Chafariz de carrancas
do Largo do Dirceu.
Quantas vezes mitigaste a sede
dos negros de Chico-Rei
na penosa subida para a igreja
do Alto da Cruz?

Talvez poetas
em noites boêmias
bebessem tuas águas frescas.

Hoje, carrancas,
feias, entupidas,
tentam chorar saudades.

PALAVRAS A ALMEIDA FISCHER

Querido amigo, desculpe se isto parece um discurso. Você, que foi, entre nós, um dos sumos sacerdotes do templo da Palavra, sabe muito bem que nesta hora não poderia faltar uma palavra. E esta palavra eu a pronuncio, com ou sem procuração, pouco importa, em nome das idéias e das entidades literárias que você semeou: em nome da Associação Nacional de Escritores, a nossa ANE; em nome da Academia Brasileira de Letras; em nome da Academia de Letras do Brasil; em nome do CEUB – Centro de Ensino Unificado de Brasília, onde você lecionou; em nome da literatura brasileira, a que você dedicou a sua vida; em nome dos seus amigos e, portanto, em meu nome particular, que seu amigo tenho sido desde aquele memorável dia, cerca de trinta anos passados, em que nos encontramos nesta cidade de Dom Bosco e em que, apesar da diferença de idade —aparentemente maior naquela época, por ser eu, então, não mais que um menino de vinte e poucos anos—, nos ligamos definitivamente pelos laços de uma afinidade intelectual (em verdade, transintelectual, pois me parece certo que a inteligência, não afetivamente considerada, aproxima as mentes mas não tem o condão de fazer amigos).

Você foi, sem dúvida, um grande escritor, pelas realizações na novela e no romance, nem todas publicadas; pelo meritório esforço das seis séries editadas de *O Áspero Ofício*, em que você supriu quase sozinho a imensa lacuna que se formou em nosso país no campo da crítica literária; mas, sobretudo, a meu ver, no terreno do conto, limítrofe do poético — território este que você começou também a trilhar, no fim da vida, com o talento que punha em tudo a que se dedicava.

Mas, além do profícuo trabalho de escritor, você nos deu ainda uma intensa e variada atividade de agente, catalisador, incentivador literário, desde o tempo de secretário do *Letras e Artes*, no Rio de Janeiro. Jornalista, professor, criador de entidades voltadas para as letras, promotor de eventos literários, você foi também um pescador de talentos, aos quais deu sempre, infatigavelmente, lição e apoio.

Para mim, porém, para nós que aqui nos reunimos nesta hora definitiva, você foi muito mais do que isso: você foi um dos construtores e mantenedores de um dos fundamentos espirituais desta cidade-limiar, que você, como nós, amava, e em que você, como nós, acreditava. E, acima de tudo, você foi o amigo; o homem às vezes áspero, o líder brigão, em certos aspectos quase intratável, mas sempre, no fundo, o lutador

invariavelmente orientado para o bom combate, o homem bom, o amigo certo.

Por isto aqui estamos, querido Fischer, seus parentes, seus confrades, seus admiradores, seus amigos, para lhe trazer o nosso abraço de sempre e para lhe dizer:

—Até outro dia.

DE REPENTE SEM ALMEIDA FISCHER

De repente, às vésperas da primavera, Almeida Fischer suspende a pena que tão ilustre e copiosa colaboração prestou à literatura brasileira.

Paulista de Piracicaba, carioca por adoção, brasiliense convicto desde 1960, foi, além de escritor, jornalista literário, professor, promoto de eventos culturais, incentivador de jovens talentos, fundador de suplementos e de entidades voltadas para as letras, a exemplo da ANE – Associação Nacional de Escritores, e desta Casa, em que ocupava a Cadeira n.º II, de que é patrono Antônio de Alcântara Machado. Como ficcionista, foi notável a sua contribuição ao conto e ao romance, no primeiro subgênero tendo publicado obras valiosas como *Horizontes Noturnos* (sua estréia, em 1947), *O Homem de Duas Cabeças*, *A Ilha e Outros Contos*, *Nova Luz ao Longe*, *10 Contos Escolhidos*, *Memorial de Inverno*, e no segundo a história fantástica de *O Rosto Perdido*. Exerceu a função de crítico literário em inúmeros órgãos de prestígio da imprensa nacional, reunindo o fruto desse trabalho nas seis séries, nunca demais louvadas, de *O Áspero Ofício*. Suspensa a pena, dele restam, no entanto, alguns livros inéditos, que ainda hão de acrescer o nosso acervo ficcional.

Partia o Autor (em 17 de setembro), acabava-se de imprimir *De Repente a Primavera* (Brasília, 1991), que, sob Signo Editora, parentes e amigos lançaram em seu nome. Estruturalmente, a novela "revive dois gêneros clássicos da literatura: o diário e a correspondência", conforme adverte Julieta de Godoy Ladeira, apresentando o livro. O leitor se identificará com a procura do amor, com os sentimentos, com as paixões "transcritas com discreta emoção", em "estilo música de câmara" — palavras também da conhecida escritora. É a história de um amor que se rompe e de outro que se insinua e se instala, significativamente colocada sob a epígrafe camoniana de "Amor é fogo que arde sem se ver", e do embate entre um e outro. É, sobretudo, a história do novo amor, um amor outonal; se bem que na primeira página se afirme, quanto ao protagonista, que "o amor que o habita não o deixará nunca, mas irá aos poucos doendo menos, até deixar de doer". Apenas depois de virada a última página teremos inteira percepção do que levou Caio Porfírio Carneiro a afirmar que "*De Repente a Primavera* é uma obra-prima até de sutilezas", de "uma delicadeza que guarda um universo enovelado de emoções".

Em homenagem à memória do companheiro, diversos escritores publicaram artigos e poemas em órgãos como o *BsB Letras*

(página literária por ele fundada, e que lhe dedicou integralmente a edição de 22 de dezembro de 1991), o *Jornal do Brasil* e o *Linguagem Viva*, editado em sua terra natal por Adriano Nogueira e Rosani Abou Adal. Lembro os nomes de Aglaia Souza, Alan Viggiano, Branca Bakaj, Danilo Gomes, Hilda Mendonça, J. M. Leitão, João Carlos Taveira, José Geraldo, Julio Cezar, Marlene Andrade Martins, Napoleão Valadares, Patricia Bins, Paulo Amador, Wilson Pereira.

A Academia Brasiliense de Letras lamenta a incomparável perda, mas orgulha-se de ter inscrito em seu panteon o nome do ilustre escritor.

MEMÓRIA E VIDA

Agosto, desgosto? Nem sempre. Eu, por mim, tento vivê-lo a gosto... Quanto possível, é claro; pelo menos, de mente e alma abertos, livre de preconceitos descabidos (inclusive quanto a trocadilhos...). Mas a verdade é que esse passou trágico, fim de inverno ceifando-nos Miketen. Antonio Roberval Miketen. Professor universitário de nível incomum, estudioso sério, foi das maiores vocações literárias que conheci. Altamente aparelhado para a crítica e o ensaio, exerceu-os com categoria e elegância. No campo da criação poética e ficcional, era um talento em acelerada expansão. Sobre a qualidade dos seus versos, dos seus contos e do romance que nos deixou —esse belíssimo *A Saliva do Verde*, pois o promisso *Faena* ficou inconcluso— tenho tido a alegria de publicar alguns depoimentos. É um escritor excepcional que se fana antes de produzir tudo o que prometia. E é mais um amigo que se vai.

E vem setembro, e traz a primavera; e com ela as poéticas —se bem que, em Brasília, barulhentíssimas— cigarras. Traz-nos também à memória o derradeiro título de Almeida Fischer: *De Repente a Primavera*, novela cuja edição —caprichosamente, dir-se-ia— se ultima poucos dias antes de sua viagem maior. Colhido há dois anos, Fischer deixa um lugar múltiplo e impreenchível: na criação e na agitação literária, na crítica, por ele praticada quase solitariamente nos últimos anos, e, sobretudo, no círculo de seus fiéis amigos.

Setembro também se foi. Instala-se outubro. Com revérberos de um octogenário outubro vermelho, entre as confusas sinalizações de um mundo que se desmorona para, assim o esperamos, reconstruir-se novo, limpo e fraterno. Mas, como nem mesmo a modernidade, o ideal, o novo se fazem do nada, a construção dessa nova ordem não pode saltar os fundamentos da boa tradição, esse fio talvez esgarçado, talvez segmentado, contudo persistente, fio que, na história do homem, é o que lhe afirma o projeto e, pois, a humanidade. O tempo não se detém, muito menos volta, para desespero dos proustianos *à outrance*, para consolo dos infelizes. Mas o trabalho de alguns iluminados como que lhe recorta e imortaliza instantes concretizados em obras de arte (*lato sensu*), que passam a constituir-se em luzeiros do caminho dos séculos. Em outubro lembramos um dos lutadores que se destacam neste quadro sinérgico em que se entrelaçam as mãos vivos e mortos, esse homem-exército que pôde afirmar, num grande poema de apenas nove linhas: "Eu sou trezentos, sou trezentos-e-cincoenta" (mantenhamos a grafia singular do autor). Mário

de Andrade, que faria agora cem anos. Mário que foi muitos na ficção, no ensaio, na poesia, nas inesgotáveis cartas. Mário que foi um dos aríetes de 22. Mário sem cuja obra, sem cuja presença seríamos hoje inestimavelmente mais pobres. Mário que, sabendo-se tantos, teve a sabedoria de intuir-se uno:

*Eu sou trezentos, sou trezentos-e-cincoenta,
Mas um dia afinal eu toparei comigo...*

Outro de 22 nos é agora recordado, ou melhor, reapresentado, em publicação comemorativa da setuagenária aventura modernista: tenho diante dos olhos *A "Semana" Revolucionária* (Campinas: Pontes, 1992), recolta de conferências, artigos e crônicas do autor de *Juca Mulato*, relativos ao Modernismo e a algumas de suas figuras de proa, organizada, apresentada e anotada por Jácomo Mandato, diretor da Casa de Menotti Del Picchia, em Itapira. Páginas não reunidas antes em livro, ressentem-se de umas poucas imperfeições naturais nas matérias escritas para jornal (muitas, decerto, imputáveis à composição); detalhes que não empanam o valor do conjunto, primeiro que tudo como visão do movimento centrado na Semana de Arte Moderna de 1922 do ponto de vista de um dos seus principais detonadores. "Mário", elegia em prosa escrita na noite mesma da morte de Mário de Andrade, é uma peça comovente, das mais belas da coletânea. Mas têm todas grandes interesse, quer as de testemunho histórico, quer as de especulação literária, sejam as crônicas em memória de D. Olívia Guedes Penteado, Tarsila do Amaral, Victor Brecheret, Oswald de Andrade, Anifa Malfatti, Guilherme de Almeida, sejam as dedicadas a Villa-Lobos e Guiomar Novaes.

E outubro, por sua vez, vai já findando. Completou-se a transição do inverno, consolida-se a primavera. A vida prossegue, feita do momento presente, é certo, mas também tecida de memória. E de sonho.

POESIA DE ANTONIO ROBERVAL MIKETEN

Antonio Roberval Miketen (Itararé, SP, 13-3-1948 – Brasília, 13-8-1993) foi, já o tenho dito, uma das maiores vocações de escritor que conheci. Afortunadamente, uma vocação que chegou a se traduzir em belos frutos, apesar de precocemente interrompida sua carreira literária pela morte aos 45 anos. Nas três vertentes em que transvasou o seu talento —o ensaio, a ficção e a poesia— produziu obra de mérito. Começou pelo ensaio, com *Travessia de Grande Sertão: Veredas* (Thesaurus, 1982, 2.^a ed.), originalmente escrito como dissertação de mestrado para a Universidade de Brasília. Sobre esse trabalho manifestaram-se elogiosamente intelectuais como Augustinus Staub, Cassiano Nunes, Fernando Correia Dias, João Ferreira e Luiz Piva, todos, à época, professores da UnB. No gênero, em que tanto prometia Miketen, viria a crescer-se a sua bibliografia apenas dos treze (poucos, mas excelentes) ensaios críticos de *Enigma e Realidade* (Thesaurus, 1983).

Nesse ano, e pela mesma editora brasiliense, saía *O Sacrifício de Arlete*, contos que apresentei como “um universo ficcional rigorosamente construído, tanto em termos do que-dizer quanto em termos do como-dizer”; construção a que “presidem, solidariamente, realismo e imaginação, riqueza estilística e força comunicativa”, e em que se destaca “o manejo amoroso da palavra, a sensualidade, a volúpia com que explora as possibilidades lúdico-expressivas do idioma”. Seu segundo livro de ficção seria uma obra-prima, *A Saliva do Verde* (Thesaurus, 1991). “Um romance de fantasmagoria e beleza”, tive a oportunidade de dizer: “aventura e *suspense*, em fantasmagórica ambiência amazônica, de lirismo e invenção lingüística, ... num idioma construído de arcaísmos, regionalismos, vocábulos técnicos, onomatopéias”. E, nele, “um Miketen espantosamente versado em ornitologia, ictiologia, entomologia, sabedor de cipós e serpentes, de igarapés e igapós, da fauna e da flora amazônicas; oficiante do casamento perfeito do descritivo com a narrativa, que não sabe o leitor se goza estuarialmente, em seu formidável fluxo fluvial, ou se em manhosas paradas e retornos, no sensual embaraço de suas lianas e de seus aguapés”. Em suma, “um livro da radiosa linhagem rosiana, pelo místico, pelo lingüístico, pelo imaginístico, pelo poder da ficção pondo na boca do narrador, com ares de verossimilhança, rusticidade e erudição”. O romance foi entusiasticamente apresentado por Oswaldino Marques e Santiago Naud.

Bem se vê como escrever sobre Miketen é, para mim, um ato de reviver, tão de perto acompanhei, como leitor, amigo e —vai despreziosa a palavra— crítico, desde praticamente a primeira hora, o vir-a-lume de sua privilegiada cerebração.

Miketen abriu quase simultaneamente as suas três grandes frentes de trabalho. Ainda em 1982 (sempre pela Thesaurus), lançava *O Inconsciente do Signo*, iniciando a vereda mais frutuosa em número de volumes, pois que se lhe seguiram *Relatório do Verde* e *Perfil de Frente*, editados no Porto (1986 e 1987), e, de volta a Brasília, *Sílaba Única* (Thesaurus, 1989). Ainda em Portugal, organizou duas antologias, ambas de 1985: *Amarante Visitada por António Roberval Miketen, Eugénio d’Ors, José Saramago, Xosé Lois García e Olhos de Orfeu*, nesta fazendo-se acompanhar de Albano Martins, António Rebordão Navarro, Egito Gonçalves, Eugénio de Andrade, Fernando Echevarría, João Cabral de Melo Neto, José Augusto Seabra, José Viale Moutinho, Luís Veiga Leitão e Mário Cláudio. Acredito que, daquelas três vertentes, era esta a que mais amava, não obstante estar o seu mais valioso tento, salvo melhor juízo, em *A Saliva do Verde*.

Sobre sua poesia se manifestaram, além de alguns dos autores mencionados, entre muitos outros, Omar Brasil, Fernando Guimarães, Joseph Courtés, Óscar Lopes. Comentando *O Inconsciente do Signo*, chamei-a “poesia de inteligência”, sublinhando-lhe “a linguagem seca, ágil, flexível, inventiva”. Não é tudo (se bem não seja pouco). Mas deixo com o leitor, antes que lhe venha a compulsão de maldizer o longo preâmbulo, a fruição dos poemas selecionados.

POEMAS

De O Inconsciente do Signo

O POETA TRABALHA

Sobre tons surrealistas,
a madrugada deserta
desenterra suas desventuras:
no sono profundo, trabalha o poeta.

Meu relógio amolece e tomba no poço da noite.
Um velho leva a navalha
para a frente do espelho:
no fundo da escuridão,
se rompem as comportas de uma represa.
Enquanto as naus naufragam nas garrafas,
os bêbados fumam os vagalumes.

Tropeço na maciez de um gato morto
e por entre rosas rotas e rotas tortas
chuto uma lata vazia.

Neste gesto salvador, dali me liberta a razão.
No entanto, é muito tarde:
o anjo barbudo me diz: “transformar o mundo”.
Imóvel, um vento de moscas
desalinha capins nos meus cabelos:
janelas profundas de paredes alongadas
trocam olhares maliciosos e cúmplices,
me possuem as horas do sonho.

Um demônio de batina me arrasta
aos sorrisos do velório.
Quando um galo ensaia um solfejo,
as lavadeiras da madrugada
jogam bacias de lágrimas
nas vidraças dos meus ossos.

O defunto se afoga na pia batismal:
meus pés flutuantes,
descendo as escadas do sonho,
pisam o abismo
do derradeiro degrau não esperado,
e o meu coração esgotado
se liberta dos rumores
de todos os clamores tardios.

A NOITE

A noite,
enorme
aranha
negra,

tece
trêmula
teia
de estrelas.

Penumbras
de pêlos
tateiam

contornos
inertes
de medo.

NOITE

Um vento ondula
folhas imensas
no mais profundo
do meu silêncio.

Uma onda inunda
meu consciente
que se afunda
na água intensa.

Memórias brilham
de uma estrela
jamais descrita.

Brama, cá dentro,
o eterno grito
da terra em trevas.

De Relatório do Verde

LIÇÃO DA LUZ

IV

Nós abandonamos as coisas
porque crescemos para o sol.
Entre o que deixamos atrás,
sem piedade, sem remorso,
existe a inocência, o menino;
existe o passarinho triste,
que canta na nudez da luz
a elegia da consciência.

V

Que música, que música apaga-se ao longe,
regida pelas asas da ave no horizonte?

VI

Escreve somente o que é breve,
na breve luz de nossa vida,
que nunca aborrece as crianças
e não molha margens no olhar.
Assim queremos teus cadernos,
para mergulharmos nas algas,
naquelas raízes mais fundas
que acendem o verde do mar.

IX

No outono: o bruxuleio de polpas enxutas;
no vestígio do sangue, a luxúria da fruta.

X

No silêncio que se abre entre dobres de sinos,
há um passarinho morto, em lugar de um menino.

FOLHA DE ROSTO

I

Gole de água no escuro: a garganta na via
da fonte, o argaço, a gárgula das agonias.

II

OS SERTÕES

São Francisco, no além: só ferina, a navalha,
a secura da boca, na faca que fala.

V

Sempre que a poesia deseja os meus versos
eu descubro o poder de a verdade dizer.

PASSEIO COM ALTOLAGUIRRE

I

LIÇÃO ANDALUZA

A poesia só é possível
quando a luz a torna invisível.

De Perfil de Frente

MENDES E O TOUREIO REDONDO

Ceder seda por seda,
milímetro a milímetro,
o tecido de pétalas
às agulhas mais finas.

Tecer, tecer, tecer.
Tecer o touro em rosa,
sem ceder o terreno
exato ao matador.

Na lisura da seda,
num corte de vislumbre,
deslizar na muleta
a pureza do lume.

Reter na sorte o touro,
dar a veia nos dedos,
trazendo o couro ao corpo
sem o corte do medo.

Na finura da agulha,
mesmo que o sangue gele,
reter a rosa escura
na pétala da pele.

No toureio redondo,
verter-se em sangue e sal,
tecendo-se na rosa
de vermelho fatal.

Milímetro a milímetro,
ceder, ceder, ceder.
Ceder até ao limite
de sentir-se morrer.

De Sílabas Únicas

A SIMONE

Essas mãos que tens,
pequeninas mãos,
algas no silêncio,
lavadas de luz:
para que encontro,
diz-me, filha minha,
para que destino,
a fonte as conduz?

UM PRÊMIO PARA AS LETRAS

Revedo notícias de premiações literárias, que tenho juntado para registro no *Boletim da Associação Nacional de Escritores*, dou-me conta do número já bem grande de poetas e prosadores de Brasília agraciados em concursos de diversas partes do País.

"Ora, concursos!" — haverá quem lhes torça o nariz, agumentando que uma premiação não é, nem de longe, índice infalível de qualidade superior. Claro que não, com isso é forçoso convir, sem que se faça necessário apelar para casos famosos, como o de Fernando Pessoa; mas, por outro lado, quem nos garante a boa qualidade de um texto? Gerações, correntes literárias digladiam-se, desentende-se a crítica, e nem mesmo a seleção do tempo é absolutamente segura: autores sobem ou descem no carrossel da fama, ao sabor da "onda" do momento, mercê de equívocos ou de redescobrimentos, nem outra coisa se poderia esperar de nossa imperfeita condição. Para bem navegar nesse pego revoltado não pode o leitor entregar-se passivo aos papas do riscado —que, no caso, soem ser muitos e briguentos—, mas há de ir formando a própria cultura e o próprio gosto literário.

E, se assim é, por que não concursos? Os prêmios literários têm, sim, têm lá a sua função e a sua utilidade, acentuavelmente em sociedades, como a nossa neste finzinho de século, que, a braços com sérios problemas materiais, de sobrevivência física, acabam por descurar de questões do intelecto ou do espírito. Eles atuam como estímulo para escritores ainda não bafejados pela mídia (confesso que ainda me dá arrepios, mas —que fazer?— o estrupício da palavra já pegou mesmo), ou servem de galardão, de recompensa aos que se pode considerar já feitos. (E eis que me ocorre que, em matéria de premiações literárias, os erros mais graves não são talvez os comissivos, mas os de esquecimento. Seria, por exemplo, a nossa literatura —ou a nossa língua— indigna do variado universo do Nobel?)¹

Pode acontecer que o prêmio seja maior que o autor e, para o resto da vida, em vez de o exaltar, o estigmatize. Afortunadamente, será fato vasqueiro. O contrário é o que sucede com escritores do porte de um Oswaldino Marques, um Cassiano Nunes, um Afonso Felix de Sousa, cuja obra, de eminente presença, nem dá espaço à lembrança dos inúmeros prêmios que receberam.

Sabor de reconhecimento há de ter tido, para Fernando Mendes Vianna, o prêmio do INL dado aos versos neobarrocos de *O Silfo-Hipogrifo*, num momento em que o Poeta já ostentava em sua bagagem títulos como *A Chave e a Pedra* e *Proclamação do Barro*. E sabor de estímulo tiveram, decerto, para Hélio Póvoas Júnior, os lauréis levantados em Brasília e em São Paulo por seus dois primeiros livros. O mesmo se diga quanto a José Carlos Peliano, que recebeu da UBE–Rio, em 1992, duas menções honoras e, em 1993, o Prêmio Jorge de Lima, para três livros inéditos; e quanto a Aglaia Souza e Jacinto Guerra, assinalados em concursos de crônicas no Espírito Santo e em Belo Horizonte (Jacinto pelo livro *O Gato de Curitiba*, recentemente editado).

Joanyr de Oliveira era já bastante conhecido —e premiado— quando ganhou o Pablo Neruda, instituído pela Embaixada do Chile, em colaboração com a Academia Brasiliense de Letras. Na trilha de Almeida Fischer (antes da era de Brasília) e de Alan Viggiano, outros conhecidos escritores vêm fazendo uma tradição a presença brasiliense nos prêmios da Academia Brasileira de Letras: Antonio Carlos Osorio (duas vezes, em prosa e em verso), José Geraldo (com ensaio sobre Josué Montello), Márcio Cotrim (crônica), Luiz Manzollillo e Luiz Adolfo (novela). Autores mais de uma vez premiados são Lourenço Cazarré, romancista, e Stela Maris, por sua obra infanto-juvenil. Santiago Naud, que se tornaria avesso a concursos, veio para Brasília trazendo a sua láurea, como um dos poetas vencedores do instituído pela revista *Leitura*. Já o ficcionista José Maria Leitão foi buscar na revista mexicana *Plural* um de seus troféus literários.

Algumas vezes o escritor de nomeada em determinado gênero vale-se da impessoalidade dos concursos para testar sua força em outros. Têm-no feito com êxito os nossos Danilo Gomes, Emanuel Medeiros Vieira e Nilto Maciel, que, vitoriosos na crônica e no conto, vêm sendo ultimamente galardoados em certames poéticos.

Outros nomes de ganhadores que encontro nesses velhos recortes: Yone Rodrigues, Wilson Pereira, Clovis Sena, João Carlos Taveira, Ronaldo Cagiano, poetas; Ronaldo de Melo e Souza, ensaísta; Romeu Barbosa Jobim, criador de belos haicais; Napoleão Valadares, que teve a elegante prosa romanesca de *Urucuia* distinguida em concurso promovido pela Petrobrás; e Viriato Gaspar, poeta, há pouco tempo aquinhoado com um das mais cobiçadas recompensas que às vezes — poucas, que lástima! — oferecem os concursos literários: a garantia de publicação.

E é aí, nessa carência editorial, que pego a deixa para concluir esta prosa com uma sugestão à Secretaria de Cultura, de olho em exemplos como os do Maranhão, do Rio Grande do Sul e de Goiás, com o SIOGE, o IEL e a Bolsa de Publicações Hugo de Carvalho Ramos, respectivamente: a instituição de um programa de edição ou, talvez melhor, co-edição de obras criteriosamente selecionadas, com o que

estaria fazendo a sua parte para amenizar a orfandade em que a desativação do Instituto Nacional do Livro abandonou a categoria, principalmente os poetas, cultores de um gênero que a pouca imaginação e a inércia têm contribuído para se considerar praticamente inviável.

1. O texto é de 1994.

DE COMO NASCERAM OS *EXERCÍCIOS DE HOMEM*

Pedem-me que fale da gênese de um ou mais trabalhos meus que me mereçam estima especial. Tenho alguns livros de poesia publicados: *Altiplano e Outros Poemas*, *Marvário*, *Incomunicação*, *Exercícios de Homem*, *Cronoscópio*, *O Pássaro no Aquário*, *Sonetos na Corda de Sol*, além da antologia *O Cordeiro e a Nuvem*; e três ou quatro no prelo ou quase. Naturalmente, todos me são caros. De cada um separaria uns tantos poemas e talvez não soubesse, afinal, eleger um, ou dois, ou três, como os meus melhores. Por exemplo, do primeiro (que é de 1971), escolheria os de inspiração familiar e o poema-título, “Altiplano”, que, escrito em fevereiro de 1964 (na antevéspera da Rebordosa...), pretende resumir a saga de Brasília e projetar algo de seu papel na construção do futuro nacional. Diante dos demais livros ficaria em situação semelhante. Assim, vou preferir tomar um desses livros para dizer das circunstâncias de sua criação e de seu desenvolvimento.

De todos, o mais ambicioso, e o que me parece mais bem realizado, é *Exercícios de Homem*. Trata-se de um conjunto de composições passíveis de leitura autônoma, entretanto reunidas de modo intencional, feitas interdependentes, organicamente conectadas, entrelaçadas consoante um plano ordenador, de sorte que —pelo menos assim o concebi— funcionasse como um vasto painel da construção da humanidade, a partir do barro original, iluminado pela conquista do verbo, passando pelos percalços da guerra e da confusão babélica, com o conseqüente mergulho nas trevas, das quais, mercê de uma revolta construtiva contra essas amarras, prepara o homem o levantar do vôo na rota de uma evolução que o levará a alturas impresentíveis. (Veja-se que o adjetivo *ambicioso* não foi empregado com exagero...)

Esse é o plano do poema, tal como está publicado. Não surgiu, porém, da noite para o dia, pronto e acabado, na mente do poeta. Foi-se elaborando, em verdade, em torno de um indignado mas limitado protesto: cerca de vinte poemas-gritos (incluindo o *Auto das Trevas*), datados de 1964 e 1965 e motivados pelos desmandos da recém-instaurada ditadura. Esse núcleo foi-se inflando e, à medida que se expandia, escapando da órbita inicial, reclamando do poeta mais fôlego, mais energia e mais espaço. Assim, aos poucos, foi transcendendo o mero protesto (sem, todavia, o abandonar propriamente) e ganhando ares filosofantes, pretensiosíssimos.

Ainda em 1965, o poema —se assim o posso mesmo chamar— se estendia por sete cantos, cada um contendo dez composições. O conjunto já exibia o cariz atual, mas havia aleijões, deformidades, desequilíbrios estruturais que era preciso podar, limar, corrigir. Os cantos foram mantidos; as composições reduziram-se a quarenta e nove, mais uma inicial e outra final, fora, estas, dos subconjuntos, a que dera, aliás, desde o seu aparecimento, na segunda versão, títulos de deliberada extração bíblica. (Os poemas cortados não o foram, em geral, por os considerar ruins, mas porque sobrantes da estrutura; tanto que muitos deles figurariam no livro seguinte, *Cronoscópio*. Os outros, sob a rubrica *Versos Escritos com Raiva*, serão publicados na anunciada edição de meus poemas reunidos — *Fragmentos da Paixão*.)¹ Ficou, assim, um conjunto ternário: uma introdução (“Nós, o Homem”), de certo modo pré-histórica, cumulativamente peça descritiva e afirmação de um desígnio; um *corpus* histórico (“Do Barro”, “Do Verbo”, “De Caim”, “De Babel”, “Das Trevas”, “Das Rebeliões” e “Do Homem”); e uma peça final (“Evolução”), ao mesmo tempo fecho de abóbada e seta apontada e disparada para o futuro: retomada, em ponto superior da espiral, da afirmação de desígnio do início.

1. O texto é de 1999.

DE REPENTE DEZ PRIMAVERAS

Em 1960, ano em que vim para Brasília, também aqui chegava Almeida Fischer. Não demorou nos encontrarmos, mercê do interesse comum pela literatura, e fazermos amizade.

Fischer, com ser um bicho-de-letras, era homem altamente sociável, apesar de alguma ranzinzice para com certos escribas menos aquinhoados, principalmente para com os que julgasse mais bem apetrechados com a picareta do que com a pluma... Mas essa ranzinzice, que acredito fosse antes uma carapaça protetora criada por quem acostumado ao assédio de escritores maiores e nem tanto (lembre-se que era conhecido ficcionista e fora secretário do prestigioso *Letras e Artes*), não o impedia de formar grande e variado círculo em torno de si; pois outra de suas características, talvez mais acentuada, era o gosto de se ver cercado de amigos. Homem de temperamento forte, entretanto, era capaz de cultivar desafetos; mas nunca, por ojeriza pessoal, negaria o talento a qualquer que, a seus olhos, o tivesse.

Fischer, desde logo, se fez centro de intensa atividade intelectual, em diversos órgãos da imprensa brasiliense. Lembro-me da *Crítica*, do *DC-Brasília*, do *Diário do Brasil*, do *Diário de Brasília* (com seu suplemento *Enfoque*) e, mais tarde, do *BsB Brasil*, depois *BsB Diário* (suplemento *BsB Letras*), em que publicava notícias, comentários de livros, e, sobretudo, nos publicava a nós, autores candangos. A par disso, mantinha colaboração, como crítico, em órgãos do Rio de Janeiro (*Jornal de Letras*), de São Paulo (*O Estado de S. Paulo*, *Jornal de Piracicaba*), de Minas (*Suplemento Literário do Minas Gerais*), do Rio Grande do Sul (*Correio do Povo*), etc., colaboração que foi reunindo nas seis séries de *O Áspero Ofício*.

Seu poder de congregação levou-o a nuclear os grupos fundadores de entidades literárias como a ANE – Associação Nacional de Escritores, a Academia Brasiliense de Letras, a Academia de Letras do Brasil, todas importantes para a vida cultural da Cidade. A todas deu apaixonada dedicação, mas era a ANE a sua menina-dos-olhos.

Essa dedicação —às entidades que fundou, à literatura, aos amigos— Almeida Fischer manteve-a até o dia derradeiro. Que, infelizmente, chegou mais cedo do que se esperaria.

Funcionava a ANE em sede alugada na 415 Sul quando o escritor, fumante e bebente, foi surpreendido pelo coração, que ameaçou pifar. O jeito foi mesmo entrar em faca. (A propósito, uma anedota verídica, bem reveladora do gênio de nosso amigo: mal saído da mesa de operação, convenceu os médicos paulistas a permitir-lhe uma dosezinha de uísque... tomada —imagino— com aquele sorriso de bem-viver que lhe marcava a fisionomia.)

Não morreria disso, afinal. Logo estava de volta às lides, rodeado de seus amigos. Recebi-o com um sonetinho de boas-vindas:

CARDIOGRAMA PARA ALMEIDA FISCHER

Passado em 6 de outubro de 1976

*Tem razões o coração
que nem sempre a razão sabe.
Muitas vezes, de emoção,
ele em si mesmo não cabe.*

*E mais ditado nenhum
diga eu hoje, que receio
de tanto lugar-comum
o coração fique cheio.*

*Só mais uma coisa (por
não pôr-lhe a paciência à prova):
É bom, em pleno vigor,
novamente ao nosso lado
vê-lo — de alma sempre nova,
num coração renovado.*

Se disso não morreu, foi-se-lhe, porém, combalindo o corpo às agressões do fumo, que não largou, e da bebida, que pelo menos reduziu.

Quinze anos depois, em setembro de 1991, voltando para casa de uma das reuniões sociais da ANE, que então se faziam no extinto Macambira da 406 Sul (as vacas tinham emagrecido, não mais podia a Associação pagar o aluguel de uma sala), caiu e quebrou o fêmur. Cirurgia com implante de platina. Infecção hospitalar. Com a resistência minada, não resistiu.

Já lá se vão dez anos. Os ecos das lutas em que se meteu esse homem empreendedor vão ficando para trás. As entidades fundadas por ele florescem. A ANE já tem uma sede. A literatura em Brasília se consolida. E seus amigos, entre os quais me coloco desde aqueles primórdios brasilienses, o recordam com saudade, mas contentes de poder afirmar que sua sementeira deu bons frutos.

O QUE FALTA PARA A INTEGRAÇÃO CULTURAL

Pergunta-me o escritor e jornalista Ray Cunha, em nome de *Brasília Literária – Jornal do Livro e do Escritor* (que saúdo feliz de estar presente ao seu nascimento), o que mudou em minha vida com o recebimento do Prêmio Jabuti de Poesia, em 2001. Meu primeiro impulso é responder que absolutamente nada mudou, que continuo o mesmo, que não fiquei besta com a premiação, que —o melhor— continuo rodeado de amigos, e coisa e loisa. O que, em essência, é verdade. Mas dizê-lo assim, sem mais aquela, pode parecer arrogância, uma injustiça ou um gesto de menosprezo para com os promotores do prêmio, a comissão julgadora, os companheiros de concurso.

Com efeito, uma láurea não pode (ou não deve) ter o condão de mudar uma personalidade, e dificilmente acarretaria mudanças factuais capazes de transformar sensivelmente uma vida. Mas a verdade é que alguma diferença —para melhor!— seria de esperar. Um prêmio dessa importância —não pelo dinheiro, que seu valor monetário é simbólico, mas pela sua longa e boa tradição, pela escolha de nomes de reconhecido valor cultural para compor a banca, pela repercussão que tem nos meios literários— deve abrir portas editoriais ao ganhador, incrementar a venda de seus livros, chamar a atenção da crítica para a sua obra. E é o que ocorre, de um modo geral. No meu caso, talvez nem tanto, mas devido a razões particularíssimas.

É claro que fiquei feliz, honrado e lisonjeado com a atribuição do prêmio a meus *Fragmentos da Paixão: Poemas Reunidos*. Em termos de venda, não funcionou, nem poderia, por esta razão bem simples: meu livro, belamente preparado por Massao Ohno, de tradicional bom gosto no ramo, e com apoio do Fundo da Arte e da Cultura, da Secretaria de Cultura do DF, saiu em edição fora de comércio, exceto por algumas dezenas de exemplares vendidos em noite de autógrafos e outros, menos, colocados em livrarias de Brasília.

Não posso me queixar da crítica, que sempre tomou conhecimento de meus livros e tem sido quase invariavelmente generosa em sua apreciação. (Por isso, gostaria que estas observações não fossem entendidas como uma queixa pessoal.) Mas também não posso omitir que a frequência dos comentários críticos, e até das mais simples resenhas, tem diminuído muito, de uns dez anos para cá, em relação a obras

veiculadas por editoras menores. Por quê? A resposta estará, principalmente, na maciça mercantilização da grande imprensa dita cultural, mercantilização que é responsável pelo desinteresse da mídia relativamente aos escritores não abrigados sob as asas das grandes editoras, as editoras de peso *comercial* (adjetivo com que nem de longe pretendo diminuí-las). Entende-se que o equilíbrio financeiro (nesse equilíbrio incluo, sem dúvida, o justo rendimento) seja *sine qua non* para órgãos que, afinal, são departamentos de empresas, que têm de sobreviver e dar lucro. Difícil, porém, é entender que possam limitar-se ao interesse mercantil e continuar merecendo o adjetivo *culturais*. Por causa desse extremado —digamo-lo assim— *pragmatismo*, decerto, é que a crítica de jornal tende a desaparecer, substituída por resenhas, reportagens e entrevistas quase sempre superficiais.

As grandes editoras estão no Rio e em São Paulo. Há algumas de médio porte em Porto Alegre e em Belo Horizonte, creio que só. E, como a presença física é importante, escritores de alto nível, na *província*, vão ficando esquecidos. Há exemplos notórios em Brasília, no Ceará, no Maranhão e alhures. (Não citarei nomes.) E há as exceções, naturalmente.

O Rio de Janeiro e São Paulo parecem ter-se esquecido de que são centros nacionais. (Brasília ainda não tem a pujança empresarial com que se lhes equiparar. E nalguns setores paulistas e cariocas fortemente ligados à comunicação e à cultura há os que se entregam a uma difamação idiota de Brasília, como se os pecados políticos que aqui se cometem não proviessem de toda parte, não fossem, no seu conjunto, os *nossos* pecados, já que esta cidade é o fórum da representação nacional...) Não podem, sem prejuízo para o todo, as elites culturais desses dois centros comportar-se provincianamente. (*Província* é uma bela palavra, de igualmente belas conotações; mas, neste ponto, emprego seu derivado na pior de suas acepções, que implica bairrismo, tacanhice e por aí.) Receio vislumbrar indícios de uma degradingolada nesse sentido.

Reitero que não reclamo em causa própria, até porque, se não freqüento as grandes editoras, terei cá a minha culpa em cartório, enfurnado que vivo, sem cogitar de contactos *práticos*, cultivando um gênero, a poesia, que não é propriamente a menina-dos-olhos dos editores. Mas reclamar é preciso: não se pode ficar à espera de que um prêmio resolva essa questão, mesmo porque os prêmios soem ser individuais (e eu, com longa experiência de concursos literários, bem sei que o valor *editorial* deles é mais do que relativo); e quanto à poesia, gênero mais *difícil* do que, por exemplo, a prosa narrativa, sê-lo-á sempre e de modo crescente, enquanto a educação, entre nós, se perder numa inutilidade de informações que, se por um lado não *formam* (culturalmente falando), por outro também não profissionalizam...

Não cometerei o pecado da ingratidão. Há em Brasília, não vamos esquecer-lo, pessoas e entidades que batalham por prestigiar a cultura. Dentre estas, quero referir-me a uma, a que sou particularmente

ligado. A Thesaurus, de Victor Alegria, tem bancado edições de autores nossos (inclusive eu), e o exemplo mais recente é a série de *antologias pessoais* que tem posto na rua (já em número de cinco), do ano passado para cá. O problema não é só, nem é tanto, a falta de editores que, entre nós —quero dizer: na vasta *província editorial* que é o Brasil, fora do bloco Rio–São Paulo—, se interessem pela difusão de obras de valor cultural. O verdadeiro problema é a ausência de um mecanismo de distribuição que permita a esses pequenos editores sobreviver, sem serem esmagados pelos grandes, e a seus editados ver sua obra circular de maneira eficaz. Por que não se unem os *pequenos editores* para resolver o problema? Juntos, poderiam ser grandes.

Estão aí, meu caro Ray Cunha, em breves linhas, as minhas considerações em torno da sua provocação. Espero que tenham o efeito de estimular a bolação de alguma coisa de prático, a fim de melhorar-se o *status quo*, no interesse de mais efetiva integração cultural deste nosso rico e pouco desenvolvido Brasil.

NÓTULAS

DO MÉXICO

O poeta mexicano Eduardo Langagne, que esteve algum tempo em Brasília, em missão cultural, é autor dos livros *Donde Habita el Cangrejo* (Prêmio Casa de las Américas de 1980), *Para Leer sobre el Tambor* e *Navegar Es Preciso*. Em 1990, ganhou o Prêmio Nacional de Literatura Gilberto Owen, de seu país, com *...a la manera del viejo escarabajo*, editado agora pela Difocur. Langagne domina o verso livre e o medido, tanto pratica o soneto como o poema sem forma fixa; sabe tanger a corda lírica e a social; tem notáveis realizações no poema curto, a exemplo de "Imposibilidad":

*Y mientras en la plaza va mi hijo
persiguiendo palomas
yo persigo palabras que vuelan si me acerco.*

HISTÓRIAS SIMPLES

Em *Muito Perto de Nós* (Brasília: Ceclira, 1991), Gustavo Bandeira de Mello estampa crônicas inéditas ao lado de outras publicadas em alguns dos seus anteriores oito livros no gênero. A intenção do Autor, que parece destinar a coletânea "sobretudo a leitores adolescentes", foi "reunir histórias simples, onde os fatos que ocorrem são claramente expostos, sem complexas interpretações psicológicas". São crônicas que prendem a atenção como histórias de aventuras (algumas mereceriam classificação como contos); crônicas, outras, belas como poemas; crônicas, todas, repletas de humanidade. Essas qualidades, coadas por um estilo transparente, em linguagem cuidada e limpa, recomendam-nas, afinal, para leitores de qualquer idade.

DANILO E O VELHO BRAGA

Danilo Gomes é cronista de linguagem correta e elegante, simples e envolvente, em que forma e fundo se integram sob um halo poético. Assim, é natural que o aproximem de nosso maior cultor do gênero as "afinidades" a que se refere o Velho Braga mesmo, em carta a ele dirigida. Produto feliz dessas afinidades é o livro *Em Torno de Rubem Braga* (Brasília: Signo Editora, 1991; prefácio de Otto Lara Resende), com que o cronista de Mariana homenageia a memória do mestre de Cachoeiro de Itapemirim.

HOMENAGEM

Luiz Viana Filho, que na Academia Brasiliense de Letras ocupou a Cadeira n.º XXIX, cujo patrono é Hugo de Carvalho Ramos, foi autor de extensa obra de natureza jurídica, filológica, econômica, histórica, literária, administrativa e política. Como escritor, entretanto, notabilizou-se especialmente pelas biografias de homens ilustres, dentre as quais avultam as de Rui, Nabuco, Rio Branco, Machado, Alencar, Eça de Queirós. Em memória do grande político e literato, Edivaldo M. Boaventura organizou e deu a público o livro *Homenagem a Luiz Viana Filho* (Brasília, Centro Gráfico do Senado Federal, 1991), que inclui as derradeiras páginas do homenageado, sua bibliografia, atualizada por Renato Berbert de Castro, e artigos subscritos por nomes como Antônio Carlos Villaça, Austregésilo de Athayde, Carlos Castello Branco, Carlos Heitor Cony, James Amado, Jorge Amado, José Guilherme Merquior, Josué Montello, Tarcísio Holanda e Vamireh Chacon, entre outros.

PUNHADOS DE VIDA

O Senador Nelson Carneiro, além de político vitorioso, é escritor correto, sensível aos problemas do povo. Seu *Punhados de Vida*, de 1990, reúne escritos sobre mortos ilustres, a exemplo de J. J. Seabra — quase onipresente nessas páginas—, Octávio Mangabeira, Juscelino Kubitschek, Amando Fontes, Milton Campos, Carlos Maximiliano, Teotônio Vilela, Dinah Silveira de Queiroz, Luiz Viana Filho, para citar alguns. Já em *Tarde de Sol*, de 1991, enfeixa crônicas, todas excelentes, algumas bem-humoradas e saborosas como "Carneiros", "Agapito Conta...", "Ministro por um Dia", apresentadas pelo ex-presidente José Sarney e pelo jornalista João Emílio Falcão, integrantes, como ele, da Academia Brasiliense de Letras.

MEMORIAL

A obra crítica e ensaística do escritor mineiro A. Fonseca Pimentel, membro da Academia Brasiliense de Letras, tem obtido positiva repercussão no País e no exterior. Igual acolhida vem merecendo sua obra memorialística, da qual acaba de sair a terceira e última parte, sob o título *Reflexões (complementares ao) Memorial dos Setenta* (Brasília: Editora Gráfica Brasileira, 1992).

CONDIÇÃO HUMANA

Com obras em prosa e verso, aplaudidas por intelectuais de vária formação, Sólton Borges dos Reis tem-se revelado prolífico escritor, a par de advogado, jornalista, educador, deputado federal e constituinte. Como poeta, reaparece em letra de fôrma com *Carrossel do Tempo e Condição Humana* (São Paulo: União Paulista de Educação, 1992),

reedição conjunta de dois de seus livros mais divulgados. Sobrelevam-se, talvez, no volume os poemas curtos, em geral polimétricos, de tom religioso ou filosófico. Extraímos de "Condão" a estância final:

*Ah! se não fosse a distância
que seria da lua? apenas um deserto.
—O condão da distância adorna tudo...
A terra só não é azul vista de perto...*

PANLATINO

Lexicógrafo recordista (22 dicionários publicados), o diplomata William Agel de Mello é, também, o aplaudido romancista de *Epopéia dos Sertões* e *O Último Dia do Homem*, contista de *Geórgicas – Estórias da Terra* e *Metamorfozes*, tradutor de Lorca e Pablo Neruda, entre outros. Como ensaísta, publicou a original tese lingüística de *O Idioma Panlatino* e estudos histórico-políticos sobre a África negra contemporânea, vertente esta em que se enquadra *O Processo da Independência da Namíbia*, editado pela Thesaurus.

SEM TRAPÉZIO

Registro tardio: *o Salto sem Trapézio*, de Paulo José Cunha (Brasília, 1984). Ao lado de alguns passos que diríamos ainda pouco seguros, há poemas no livro que apontam para o norte da poesia, e outros já excelentemente realizados. Assinaríamos o destaque destes versos no prestigante prefácio do poeta H. Dobal:

*O vento em teu cabelo
um sonho
embaraçado em teu cabelo
bandeiras ondulantes
o beijo pendurado
em teu cabelo, a rosa
errante
uma canção
passeia em teu cabelo.*

NO PAÍS DE CUSCATLÁN

Em *Memórias de Cuscatlán* (Brasília: Roteiro Editorial, 1992), o ficcionista e ensaísta Valter Pedrosa estampa o drama de um engenheiro sanitário demitido por motivos ideológicos, já no período final da ditadura, e forçado a viver durante cinco anos num imaginário país da América Central — Cuscatlán. O livro compõe-se de cartas do exilado à esposa, ligadas por um fio narrativo, nas quais há "aspectos de crítica literária e observações políticas sobre a pátria distante e a pequena terra de adoção compulsória".

MAÇONARIA

De Marcelo Linhares, publica a Ed. Maçônica A Trolha (Londrina, 1991) uma *História da Maçonaria*. O Autor, que já dera a lume, em 1988, *A Maçonaria e a Questão Religiosa do Segundo Império*, atribui a este segundo livro o caráter de "apontamentos" cujo objeto são "os fatos mais marcantes registrados dentro da trajetória da Maçonaria, através de muitos séculos", consoante os editores. O trabalho é fruto de minuciosa pesquisa, e apresentado de maneira atraente, em particular no capítulo dedicado à "Maçonaria Primitiva". Para um provável relançamento, seriam de recomendar à editora cuidados de revisão.

GERAÇÃO SEM RUMO

Depois da poesia (*Meu É Muita Gente: Poemas Insepultos, Dos Mares o Menor: Poemas Infernais e Sombra mais Uns: Poemas Insólitos*), Oscar G. Caiado tenta o romance, com *Camisa de Onze Varas* (Brasília: Thesaurus, 1992). O personagem-narrador parece retratar a falta de rumos da geração que cresceu sob o regime ditatorial instituído em 1964. Arquiteto, pintor, artista e intelectual frustrado, viciado em "chocolate" (maconha), torna-se traficante, bandido, guerrilheiro, numa história contada em 24 capítulos meio descosidos, como a combinar com a situação mental do protagonista.

VERSOS E CONTOS

O poeta Olympiades Guimarães Corrêa vem oferecendo aos amigos exemplares de seu microlivro (edição manual, datada de 1992) *Três Poemetos para Você*, de que transcrevemos o último:

*Eu perguntei ao tempo:
Tempo... Oh! Tempo...
Onde está a alma
A alma do menino,
Que tu roubaste de mim?
Mas o tempo silencioso e frio
Nunca me respondeu...*

De Kléon Maryan recebemos *Rondônia em Terceira Dimensão*, versos, e *Entrepausa de Vidas*, contos (ambos editados pela Scortecci, em 1989 e 1991, respectivamente). Melhores os contos (apenas três), que transmitem o sentimento do dramático e do grotesco.

CONTINGÊNCIA E TRANSCENDÊNCIA

Poeta da contingência, a que, todavia, dialeticamente, a transcendência (implícita) não é de todo alheia; de linguagem sintaticamente clara, incisiva, mas ideacionalmente oblíqua, às vezes hermética; com uma visão crítica do mundo, e não dado a efusões líricas — eis alguns conceitos que nos acodem à medida que vamos lendo o último livro de Álvaro Pacheco. Sua obra, vinda a lume a partir de 1958, quando publicou *Os Instantes e os Gestos*, assume, não raramente, um tom incomum em nossas letras, mercê, talvez, do influxo da moderna poesia de língua inglesa. O novo livro, *A Geometria dos Ventos*, é editado pela Record (Rio de Janeiro, 1992), e contém estudo da Prof.^a Teresa Velho. Saudamos o retorno do Poeta, após uma pausa editorial de oito anos.

CAMPO MEMÓRIA

Em 1977, apresentando *Ofício do Medo*, de Fernando Braga, falávamos de uma poesia "quase-metrificada" e "arisca, de difícil entrega, porque seca e áspera", ressaltando que, no decorrer da leitura, íamos "descobrir-lhe o sumo de humanidade, e o encanto de uma linguagem às vezes surpreendente". Ao recente *Campo Memória*, um longo poema de amor à cidade de São Luís, composto sem preocupação métrica, mas com predominância dos versos de duas e de cinco sílabas, seria aplicável observação semelhante, atenuada a secura e aspereza. A edição é de Corrêa & Corrêa, datada de Brasília, 1991, na folha de rosto, 1989 na ficha catalográfica. Prefácio de Rossini Corrêa.

SAGRADA FAMÍLIA

Mais um registro tardio: *Sagrada Família* (Brasília, 1985), de Herculano Farias. Os dezoito contos que integram o volume (quatorze dos quais colocados entre os finalistas do concurso Nestlé do ano anterior) esmeram-se em mostrar o lado trágico da vida. Traição, velhice e morte, onipresente a sombra da morte, o assassinio cru, impiedoso, eis a matéria desses contos duros, fortes, de um autor obsedado "pelo descarnamento, pela secura, pela palavra essencial", conforme um dos apresentadores, Emanuel Medeiros Vieira, e "para quem literatura é vida, mergulho na condição humana, despojamento, espírito combativo", segundo o posfácio de Valdomiro Santana.

MAGIA VOCABULAR

Forte poesia, magia vocabular construída com todo o espectro da palavra —com todo o leque do mundo—, desde o tom mais rascante ao mais melífluo, é a de Afonso Henriques Neto, que reaparece com *Avenida Eros* (São Paulo: Massao Ohno Editor, 1992), de que recolho

este "Fragmento Grego": "o reino da palavra é insatisfatório como um inseto que só acreditasse em suas asas para voar. estética, túnica de música, farelo tombado da mesa de um deus como diamante para nós inescrutável. amor, cristal do sonho, sol invisível florindo teu breve corpo de luar."

BANDEIRIANA SIMPLICIDADE

Adão Ventura, cuja poesia, diz Duílio Gomes, é "um laboratório de pesquisas e um instrumento da paixão", publica, doze anos após o lançamento de *A Cor da Pele*, o seu quinto livro: *Texturaafro* (Belo Horizonte: Ed. Lê, 1992). Observamos que o título incorpora o modismo de empregar como comum-de-dois o adjetivo *afro*. Mas o que, afinal, interessa no livro é a poesia; e da excelência da poesia de Adão Ventura diz bem este poema, cuja descarnada simplicidade evoca a força de um Manuel Bandeira:

IDENTIDADE

*Sebastiana Ventura de Souza
Sebastiana de Minas Gerais
Sebastiana de Tal*

*Vem limpar o chão
vem lavar a roupa
vem enxugar a louça*

*Vem cantar cantiga
de ninar
para mim.*

POESIA DOS ASTROS

A Poesia dos Astros ou As Lendas do Céu (Brasília: Thesaurus, 1992), de Henriques do Cerro Azul, é uma coleção de sonetos que poderíamos chamar de astronômicos, pois neles (com exceção de uns poucos, reunidos no fim do volume) o Poeta metrifica e rima correlação entre os nomes das constelações e sua origem mitológica. O mais belo é, por sinal, um desses últimos, intitulado "Onipotente", que transcrevemos:

*Eis-me só, neste vácuo em que medito...
Nada aos pés... Nada acima... Extraordinário!
Nada existe! E eis-me forte e solitário,
como um deus solitário no Infinito!*

*Nem um som... Nem um uivo... Nem um grito...
Eu, só! único e só! Eu, Unitário!
Eu, perfeito! Eu, divino! Ubiquitário!
Onipotente! Criador! Bendito!*

*Eu, sempiterno Ser, donde promana
a Verdade, com a Mente enrijecida,
posso tudo criar neste momento...*

*E, para minha glória soberana,
crio tudo que quero... e dou-lhe Vida,
com a força do meu próprio Pensamento!*

SUPERFETAÇÃO ROMÂNTICA

Píncaros em Oiro é o título de um pequeno volume firmado por Crede Ibsen e publicado em 1992. O texto é em forma de diário, cuja prosa, de tom poético, é profundamente romântica, à semelhança dos escritores que menciona — seus "contemporâneos" Byron, Musset, Álvares de Azevedo... (O subtítulo —*Confissões de um Discípulo do Demônio*—, sem lastro que o justifique, é uma superfetação desse romantismo.) O Autor tem talento. Se é jovem como nos parece, há de transcender o romantismo *histórico* em que se exercita, e de produzir obras ponderáveis de acordo com os parâmetros atuais.

BOA ESTRÉIA POÉTICA

Em seu primeiro livro, *Poemas em Dor Maior* (Thesaurus/Asefe, 1992), Ana Maria Agra consegue, em geral, vigorosa expressão de vivências e sentimentos. Com linguagem singela e equilibrada, pratica um lirismo "de cabotagem", avesso ao grandiloquente e imune a seduções abissais, no qual achamos positivas surpresas. Exemplos: "Procuro uma metáfora / ... / onde possa esconder / de mim / o que sou"; "Hoje algo está definitivamente / quebrado em mim"; "milhões de passarinhos / ... batem asas em meu coração"; "A escuridão é só dentro de mim". Saudamos com interesse a boa estréia.

DA BULGÁRIA, VIA MÉXICO

Rumen Stoyanov, conselheiro da embaixada búlgara, volta a Brasília após ter aqui exercido, há mais de um lustro, as funções de adido cultural. Juntamente com a esposa, Nelly Nechkova, tem ele traduzido e divulgado em seu país a literatura brasileira (Graciliano Ramos, Carlos Drummond de Andrade, Guimarães Rosa, Jorge de Lima, entre muitos outros). Aqui, escreveu, diretamente em português, poemas de temática brasileira, brasiliense. Já ausente, a Civilização Brasileira, numa daquelas co-edições de saudosa memória com o INL, publica-lhe o livro *Poemas no Brasil*, que revela um poeta de altos méritos, telúrico, humaníssimo, senhor de um estilo e de uma singela nobreza de linguagem que lhe dão, de imediato, o direito de ingresso, com louvor, nas brasílicas letras. Parte do intervalo entre as duas estadas em nosso país passou Rumen no México, donde traz o opúsculo *Con los Pies en la Tierra* (Editorial

Factor, 1922), cujos poemas, à exceção dos dois primeiros, são extraídos daquele livro, e em castelhano confirmam a qualidade da versão original.

SENTIMENTO COMUM

Marlene Andrade Matins estréia com *O Sentimento Comum das Coisas* (Belo Horizonte: Editora O Lutador, 1992). Poemas de linguagem contida, incisiva, não raro herméticos. Exemplo de seu labor é "O Rosto Perdido", dedicado à memória e pontilhado de citações da obra de nosso ilustre ficcionista e crítico Almeida Fischer: "Antídotos! Para que na memória / a lembrança não funda / O Rosto Perdido. // Longa jornada / Áspero Ofício / galgados com / lúcida esperança. // De repente a primavera / renova intensamente / o amante constante; / a fantasia entorna / transborda e cobre. // Véu de emoções / que transporta. / O céu não é tão longe."

De segundo livro, *Sonhos de Vitrines* (O Lutador, 1993), destaca-se também um poema breve:

TULIPA GRENÁ

*Repousa a mão sonolenta sobre o sexo
Acende-o preguiçosamente
Verga na haste a tulipa grená.*

DICIONEDOTÁRIO

Alan Viggiano tem sido conhecido e reconhecido como romancista (*Amanhece; O Século do Sonho; O Estigma de Cam*, afinal publicado como *Lisábria de Jesus*), poeta (*Uma Canção das Estradas*), ensaísta (*Itinerário de Riobaldo Tatarana; Diadorim–Deodorina: Hermes versus Afrodite em Grande Sertão: Veredas; Estudos de Comunicação Moderna; Mitavaí Arandu, Herói de muito Caráter; Atualidade de Eduardo Prado; Uma Aventura Lingüística*). Mas não é a primeira vez que sai do sério... Já o fizera no *Manual do Lobo*. Reincide agora com o delicioso "dicionedotário" *Mil Piadas de Salão* (nem todas o serão...), chancelado por André Quicé Editor (Brasília, 1993).

BOIS AZUIS

Em *Pedras de Minas* (Brasília: Da Anta, 1993) Wilson Pereira faz sua estréia (auspiciosa) no soneto, com "Os Bois Azuis". Vale transcrevê-lo: "Pela etérea palhada dos meus sonhos / os bois azuis repastam brisa e luar / e suas leves ancas tecem danças / entre as finas e brancas sedas do ar. // Os longos chifres luzem nos relumbres / do orvalho que se move devagar / e dos úmidos olhos vagam-lumes / para o alto, para o além, o algum lugar. // A efêmera manada então descansa / e nas palhas da noite se desmama / a rarefeita sede de sonhar. / Aos poucos a

manhã azul se impõe / e encobre a aura, a luz, e espanta o sonho: / meus
bois azuis refluem no luar."

DOS ANJOS

Jorge Odilon dos Anjos, bacharel em Direito, funcionário público aposentado, esperou transpor os 70 anos para estreitar nas letras, e o fez com as crônicas de *Coisas do Cotidiano* (Thesaurus, 1991). Seriam de temer a prolixidade, os tropeços no jargão do ofício... Mas, antigo Redator da Câmara dos Deputados, sobrinho de Augusto e Aprígio dos Anjos, o Autor saúda a categoria e a estirpe com a exibição de um estilo direto e enxuto, se bem com os temperos do bom contador de casos. As crônicas são saborosíssimas. Agora, volta à carga com *Novos Acontecidos* (Thesaurus, 1993).

Na contracapa, diz Maria Bernardo Ramos Madeira, sobre as crônicas anteriores do Autor, que o livro "é interessantíssimo, engraçado, bem escrito, que surpreende e agrada. Que é leitura de primeira".

RUMOS DIVERGENTES

De Berecil Garay, *Antologia* (assim mesmo, com *r*: uma antologia orgiaca...), reunindo poemas de opúsculos anteriores ao inédito *Fogo-Fátuo* (Thesaurus, 1994). A inspiração é desigual, até porque os poemas exibem a marca da circunstância. No plano superior, realçam-se composições fortemente irônicas como "Poética" (elogiada por Almeida Fischer), líricas como "Ode `Chuva", foto-psico-sociais como "Conversa de Rua", humorísticas como "Oração dos Motoristas".

De Affonso Heliodoro, o livro memorialístico, em forma de crônicas, *Rua da Glória – Histórias de um Menino* (Thesaurus, 1993). Prefácio de João Carlos Taveira, abas de Sérvulo Coimbra Tavares. O Autor sabe desfiar suas lembranças (de Diamantina, Pirapora e Belo Horizonte) com simplicidade e encanto.

De Kori Bolívia, *Poemas en Cuatro Tiempos* (Thesaurus, 1994). Destacamos um de seus "Suspiros":

*Tan rápido cayó la flecha envenenada
tan rápida y tan dulce
que no sentí el dolor que me causaba.*

Afonso Ligório venceu, com *Tempo de Leônidas Mello*, que acaba de vir a lume, o concurso de monografias instituído, no Piauí, pela Academia de Letras, em convênio com a Assembléia Legislativa, visando à "edição de textos resultantes de pesquisas sobre temas de interesse do Poder Legislativo piauiense". Jornalista e narrador experimentado, Ligório escreveu, sobre esse político de seu Estado (governador,

interventor, deputado federal e senador), um trabalho bem fundamentado e de agradável leitura.

Num volume intitulado *Poemas* (Brasília: Gráfica e Ed. Auta de Souza, 1994), prestigiado por comovedora prosa elegíaca de Afonso Felix de Sousa, a poetisa Teresy Fleuri de Godoi reúne a obra póstuma de seu filho William de Godoi Falleiros, vítima de acidente automobilístico aos 23 anos de idade.

Passatempo (Alhambra, 1995) é a estréia poética de Wagner Teixeira. O livro, prefaciado por Josemar Dantas, mereceu belo comentário crítico de Luiz Adolfo Pinheiro. Bons poemas, em que ressumam vivências, notadamente dentre os escritos com liberdade métrica.

POESIA AGRESSIVA

Em *Criação de Lodo* (Brasília, 1993), de Salomão Sousa, destacam-se as composições curtíssimas "Vôo", "Compromisso" e "A Vida" — "um longo monólogo / logo / sem nenhuma conclusão". Mas há outros poemas de boa fatura, como "Luanda", ou iluminados por excelentes invenções, como os das pp. 17, 22, 28 e 31. Se restrição couber, será para os poemas "zangados", por causa de uma excessiva abstração ou de um particularismo não transcendido, e para a esdrúxula combinação verbo-pronominal que fecha as duas estrofes da p. 15, prejudicando os magníficos versos da primeira.

Em *Caderno de Desapontamentos*, Salomão mantém-se comprometido com uma poesia fortemente agressiva — a partir do selo editorial que inventou, Edições Falo, alusivo ao título de seu terceiro livro; da dedicatória, em que, a pretexto de fomentar as "uniões que favoreçam o fortalecimento da literatura", entrelaça nomes de poetas díspares; e da antefala, em que desanca o inerme leitor... Caracteriza-o, de resto, o discurso revoltado, em que a palavra, asperamente trabalhada, tem na alça de mira a miséria, a injustiça e o indiferentismo.

PARA COMPREENDER RAIMUNDO CORREIA

Eleita para a Academia Brasiliense de Letras, Margarida Patriota lê, como discurso de posse, esse interessante ensaio sobre seu patrono (Alhambra, s/d), seguido de breve antologia e transcrição de carta de Raimundo Correia ao político sul-rio-grandense Francisco de Assis Brasil. A Autora transporta-se no tempo e, após rápidas visões do menino e do acadêmico, detém-se em sarau em que o grande parnasiano, adulto e consagrado, declama "O Corvo", de Poe, na tradução de Machado. O artifício permite à escritora conversar com o poeta e com alguns de seus mais ilustres contemporâneos. O resultado é saborosamente original.

DUAS PERDAS ACADÊMICAS

No intervalo entre o n.º 13 e o presente número da *Revista da Academia Brasiliense de Letras* (1993-1995), perdeu esta entidade dois de seus mais ilustres membros, ambos notáveis, especialmente, na área da ficção: Cyro dos Anjos e João Emílio Falcão.

CYRO Versiani DOS ANJOS, membro também das Academias Mineira e Brasileira, foi um dos mais conspícuos integrantes da Academia Brasiliense de Letras, em que ocupou a Cadeira n.º 25, que tem por patrono Graça Aranha. Mineiro de Montes Claros, onde nasceu em 5 de outubro de 1906, formou-se em Direito em Belo Horizonte. Foi para o Rio de Janeiro em 1946. Na administração estadual e, depois, na federal exerceu postos de destaque. Convidado a reger a cadeira de Estudos Brasileiros no México (1952), lá escreveu seu terceiro romance e um ensaio que se tornaria famoso. Foi, também, professor pioneiro da Universidade de Brasília. Ensaísta de *A Criação Literária*, memorialista de *Explorações no Tempo* e *A Menina do Sobrado*, poeta de *Poemas Coronários*, foi, contudo, no romance que deixou o melhor de seu legado de escritor, com obra pouco numerosa mas de alta significação literária: *O Amanuense Belmiro* (1937), *Abdias* (1945) e *Montanha* (1946).

JOÃO EMÍLIO FALCÃO Costa Filho nasceu em Teresina, Piauí, em 11 de setembro de 1937. Residia em Brasília desde 1962. Jornalista de prol, com atuação na imprensa e na televisão, deu, ainda, o brilho de sua inteligência ao serviço público. Escritor, salientou-se como contista, com *Aleluia* (1977) e *O Andarilho* (1989), tendo também publicado os artigos políticos de *Balanço da Semana* (1982) e um volume de *Crônicas* (1988). De *O Andarilho* avulta, segundo a crítica, o conto "A Novilha Azul", já antes publicado, em 1983, no segundo número desta revista. Integrava os quadros da Academia de Letras do Piauí, da Academia de Letras do Brasil, da Associação Nacional de Escritores e do Instituto Histórico e Geográfico do Distrito Federal. Na Academia Brasiliense de Letras ocupava a Cadeira n.º 27, cujo patrono é Raul Pompéia.

ALGUNS LIVROS

Quanto Pesa a Alma de um Homem (Recife: Bagaço, 1994) reúne os contos mais recentes de Cyl Gallindo. São todos muito bons, mas o primeiro, "De como Descobri que não Existo", é verdadeiramente excepcional.

A poesia de Ézio Pires, saudada por Walmir Ayala, Josué Montello, José Condé, Oswaldino Marques, ganha novos matizes com a publicação de *Anjas* (Brasília: Da Anta Casa Editora, 1995). Sugestivas a capa e a ilustração de Eloiza Gurgel.

José Geraldo enriquece a bibliografia sobre o poeta de "Caminho da Glória" publicando *Cem Anos com Cruz e Sousa*

(Thesaurus/Asefe, 1994), conferência comemorativa da publicação de *Missal e Broquéis*. Também de José Geraldo é o opúsculo *Martí, Darío e Lugones*, n.º 9 dos Cadernos de Literatura daquela editora brasiliense (1995).

Escrito para o doutoramento em literatura brasileira pela New York University, *Joaquim Manuel de Macedo ou Os Dois Macedos* (Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 1994), de Tania Rebelo Costa Serra, é um monumental trabalho de crítica e interpretação, com exaustivo levantamento bibliográfico e de recepção crítica. É livro cujo único "defeito", diz Wilson Martins, "é ser definitivo e insubstituível", e em que assinala Cassiano Nunes a "linguagem atraente", a finura dos comentários e a amplitude da informação.

Duas obras que, por motivos diversos, já se pode considerar fundamentais para a história e a interpretação do *fenômeno* Brasília: *Utopia Brasileira*, de José Osvaldo de Meira Penna (Belo Horizonte: Itatiaia, 1988), e *História da Terra e do Homem no Planalto Central*, subtitulada *Eco-História do Distrito Federal: do Índigena ao Colonizador* (Brasília: Solo, 1994), de Paulo Bertran.

MAIS LIVROS

George de Cerqueira Leite Zarur, doutor em Antropologia, Assessor Legislativo da Câmara dos Deputados, reúne em *A Arena Científica* (Campinas: Autores Associados, 1994) estudos sobre a ciência e os cientistas brasileiros, nas áreas da Geofísica, da Zoologia e da Antropologia.

De Stela Maris Murta (socióloga, integrante da mesma Assessoria) e Brian Goodey (geógrafo e professor na Oxford Brookes University, Inglaterra), recebemos *Interpretação do Patrimônio para o Turismo Sustentado – um Guia*, belíssima edição do SEBRAE-MG (Belo Horizonte, 1995).

Do poeta e jornalista Edmílson Caminha, também assessor daquela casa legislativa, uma reunião de magníficas entrevistas com CDA, Nava, João Cabral, Mário Palmério, A. C. Villaça, Bernardo Élis, Moacyr Scliar, João Antônio, Assis Brasil, José Miguel Wisnick, Elias José, Marilene Felinto, Moreira Campos, Alfredo Machado e Jayme Leão: *Palavra de Escritor* (Thesaurus, 1995).

Da mesma brilhante equipe de assessores é Magno Antonio Correia de Mello. Seu *Burocracia, Modernidade e Reforma Administrativa* (Brasília Jurídica, 1996) é obra de extrema atualidade, editada num momento em que se conduz precipitadamente, autoritariamente, sem base doutrinária sólida, uma reforma que já vai aviltando o serviço público, na trilha de uma ideologia *minimista*, de raízes externas, sem compromisso com os nossos problemas reais.

A Associação dos Assessores Legislativos e de Orçamento e Fiscalização Financeira da Câmara dos Deputados lança os *Cadernos ASLEGIS*, que se pretendem quadrimestrais, com a declarada intenção de "contribuir para o debate que, ao longo da história, se tem mostrado a essência da democracia". Cada edição elegerá "um tema sobre o qual verse a maioria dos textos". No primeiro número colaboram Marco Fábio F. Mourão, Antônio Octávio Cintra, Márcio Nunes Rabat, Ana Luíza Backes, Amandino Teixeira Nunes Júnior, Marcelo Barroso Lacombe, José Maria G. de Almeida Jr., Bernardo E. Lins e Roberto Bocaccio Piscitelli.

De Paulo Castelo Branco lemos *Brasília 2030, a Reconstrução* (Thesaurus, 1994), no dizer de Abdias Silva o primeiro livro de conteúdo dramático que se escreve sobre a Cidade.

Elcias Lustosa, jornalista e professor de jornalismo, lança, pela Editora Universidade de Brasília, *O Texto da Notícia*, com prefácio de Carlos Chagas. Obra "voltada para os cursos de jornalismo", estruturada em capítulos curtos e escrita em linguagem simples, é leitura útil para quem quer que deseje iniciar-se nos meandros da notícia.

Cristiano Paixão Araujo Pinto e Marco Antônio Paixão lançaram, em junho, sua *Coletânea de Jurisprudência Trabalhista* (Porto Alegre: Síntese), obra de denso conteúdo, em que se privilegia a diversidade, com pelo menos duas posições distintas sobre cada tema, consonte a apresentação de José Luciano de Castilho Pereira, ministro do TST.

O Descordo Plurilíngüe de Raimbaut de Vaqueiras, de Ariel Castro (Rio de Janeiro, 1995), é valiosa contribuição para esclarecer a biografia do trovador provençal (sécs. XII-XIII) e dar sentido mais definido à sua obra. É edificante o registro de que, "por não haver, no Brasil, condições universitárias para a divulgação de obra filológica especializada", teve o Autor de se responsabilizar pelo processo completo de produção do livro, para o quê aprendeu editoração eletrônica.

FLORES DO TEMPO

Com esse livro, editado pela Tagore (Rio de Janeiro, 1995), retoma a autora de *Cantiga de Enamorada*, *Pastora da Noite*, *A Razão do Pássaro*, o fio de uma significativa obra poética, de publicação iniciada em 1953. A Poetisa é detentora de prêmios como o da Fundação Cultural do Distrito Federal (1970), o Nestlé (1984) e o Mário Quintana (1989). Mais importante que os prêmios, entretanto, é a sustentação, por Yone Rodrigues, de sua poesia no excelente nível em que se situam as obras mencionadas.

CADERNOS DE LITERATURA

Os Cadernos de Literatura, coleção da Thesaurus dirigida por Cassiano Nunes e João Carlos Taveira, atingiram o n.º 10, em 1995, com o duplo opúsculo de Fábio Lucas *Jorge de Lima e Ferreira Gullar: o Longe e o Perto*. No primeiro ensaio, o conhecido crítico mineiro privilegia um aspecto importante do fazer poético do autor de *Livro de Sonetos* e de *Invenção de Orfeu*, a sua imensa contribuição para o renovamento do soneto entre nós. No segundo, analisa o impacto de *A Luta Corporal*, a propósito da edição comemorativa (José Olympio, 1994) dos 40 anos do livro de Gullar, dedicando um apêndice "a um vô diacrônico por sobre a obra do poeta".

POETA E CRÍTICO

No opúsculo *Amando Fontes: a Linha da Vida, o Perfil da Obra* (Recife: Comunicarte, 1995), Waldemar Lopes, grande poeta, mestre do soneto, mostra o seu à-vontade também no território da prosa. A propósito do autor de *Os Corumbas*, e aplicando em seu enfoque essa postura antípoda à dos "tecnocratas da crítica", relembra com justeza o fino ensaísta José Augusto Guerra, que, "em sua pertinaz defesa da crítica impressionista", sobrepunha "o imponderável da expressão estética" às "rígidas leis das ciências exatas".

Em trabalho mais recente, *Bandeira: Estrela Permanente no Céu de Pasárgada* (Comunicarte, 1996), o raro sonetista de *Os Pássaros da Noite* exhibe as duas faces de seu talento literário. São dois excelentes ensaios — "Manuel Bandeira: Poesia sem Mistério" e "Presença de Teresópolis na Vida e na Obra de Manuel Bandeira" (ao fim deste se reproduz o soneto inédito "Luar de Maio", escrito nessa cidade fluminense, em 1906, pelo poeta de "Evocação do Recife"); e, fechando o volume, alguns poemas do ensaísta em louvor de Bandeira e de Teresópolis.

NAVEGADOR

Nilto Maciel é conhecido pela prosa de ficção, que lhe tem valido alguns prêmios. Promotor literário obstinado, organizou algumas coletâneas de contos e de poemas, figurando entre seus créditos a criação e sustentação da revista *Literatura*. Depois dos êxitos nessa seara, no conto (*Itinerário, Tempos de Mula Preta, Punhalzinho Cravado de Ódio, As Insolentes Patas do Cão*), na novela (*A Guerra da Donzela*) e no romance (*Estaca Zero, Os Guerreiros de Monte-Mor, O Cabra que Virou Bode, Os Varões de Palma*), decide-se a publicar poesia e nos dá *Navegador* (Brasília: Códice, 1996). Embora o vejamos mais em seu elemento quando escreve prosa, sua poesia tem qualidades de que a imaginação não é a menor. Seu veículo de eleição é o verso medido, o

temário é variado. A dor é, talvez, a presença mais constante (a palavra *dor* e seus cognatos, sinônimos e parentes, a dor e suas metáforas); mas o Poeta não se deixa naufragar no pessimismo, de que o resgata uma atitude lírico-irônica, aqui ilustrada —para encerrarmos a nota com um exemplo excepcional— pelo oxímoro do fim de "Testamento": "—a doce vida amarga que adorei".

POETAS DO CEARÁ

O ficcionista e crítico literário Assis Brasil não dorme sobre os louros. Após as antologias poéticas referentes ao Maranhão e ao Piauí, dá a público *Poesia Cearense no Século XX* (Rio de Janeiro: Imago, 1996). Bem feita como as anteriores, abriga desde os nomes históricos de Juvenal Galeno, Antônio Sales, Pe. Antônio Tomás, José Albano e Américo Facó até os contemporâneos Gerardo Mello Mourão, Artur Eduardo Benevides, José Alcides Pinto, Francisco Carvalho, Horácio Dídimo, Sânzio de Azevedo, Linhares Filho, Roberto Pontes, Pedro Lyra, Regime Limaverde, Oswald Barroso, Luciano Maia, Virgílio Maia, Batista de Lima, Diogo Fontenelle, Floriano Martins e tantos mais. Os "brasilienses" são o saudoso Antônio Girão Barroso, José Hélder de Souza, Márcio Catunda e Ieda Estergilda, que aqui residiu no início dos anos 70.

OS MOVIMENTOS

Embora mais conhecido como cultor do conto, em que tem conseguido realizações primorosas, Cyl Gallindo começou sua vida literária pela poesia. Há trinta anos publicava os primeiros versos, na imprensa recifense, e estreava-se em livro com a *Agenda Poética do Recife*, coletânea de poemas alheios prefaciada por Joaquim Cardozo e editada em Brasília pela Coordenada, antecessora da Thesaurus. Lançaria depois a poesia própria de *A Conservação do Grito-Gesto* (Recife, 1971). Comemorando os trinta anos de sua poesia e, ainda, da chamada Geração 65, de poetas pernambucanos, a Fundarpe acaba de imprimir uma seleção dos poemas de Gallindo intitulada *Os Movimentos*, em que, especialmente nos livros 2.º e 3.º, se vê que sua força verbal não se limita ao conto.

ARQUIVO MORTO

Brasília já tem a sua história, e histórias para contar. É o que demonstra Antonio Carlos Osorio contando os casos de seu *Arquivo Morto (Memórias de um Advogado)*, recentemente lançado, com o selo Utopia. São relatos de sua experiência com causas e clientes, literariamente bem tratados pelo fino prosador e poeta, dos quais ressuma pitoresca e dolorida humanidade. Abrem o livro informações acerca do escritor, bem como agudas observações acerca do gênero memorialístico

e do exercício da advocacia, e fecha-o belo poema intitulado "Oração do Advogado". Não é leitura *fechada*, endereçada ao círculo profissional do Autor, mas de interesse geral.

O MAR, AS NEBULOSAS, NUVENS E ANJOS

No Rumo das Nebulosas e Um Bicho Embaixo da Saia (Brasília: André Quicé, 1996), os dois novos livros de José Geraldo, reafirmam os pólos de sua poesia: o lírico e o burlesco. O Poeta, que se declara "um burlesco assumido", sabe pôr graça nos seus versos; na vertente lírica, é patente a sua filiação ao Simbolismo; numa e noutra, a forma em que melhor se expressa é o soneto, que reliza com brilho, sendo o seu metro de eleição o decassílabo.

Aglaia Souza classifica como "prosoema" o seu livro *Rondó ao Mar* (Brasília: Regional, 1996), destinado ao público infanto-juvenil. É, em verdade, uma narrativa lírica, em prosa rítmica, em que se reúnem a objetividade e a magia, conforme assinala, na apresentação, o poeta José Santiago Naud. Acompanham a beleza do texto as ilustrações de Josélia Costandrade.

Esta, por sua vez, assina livro bem diverso, *Os Anjos e a Tradição Hermética*, publicado também pela Editora Regional (em 1995) e apresentado por Stela Maris Rezende. Artista plástica, formada pela Escola Nacional de Belas Artes e agraciada com vários prêmios e condecorações, Josélia utilizou, para a capa e as ilustrações do volume, óleos sobre tela de sua autoria.

No dia 11 de junho, na Livraria Sette Letras, no Rio de Janeiro, a poetisa Angela de Campos lançou o seu primeiro livro, intitulado *Feixe de Lontras*.

Granito e Nuvem (Brasília, 1993) é o livro de estréia de Flávio Ramos. Com carta-apresentação de Fernando Mendes Vianna e dez telas de Luiz Costa sobre poemas que o integram, tem versos como estes — bandeirianos — de "Poente": "Vermelho é sangue, vermelho é chama / Vai desmaindo, quase a apagar / O sol se pondo é como o meu drama: / Ir me acabando sem me acabar."

O DIREITO À POESIA

Bem hajam os fados que reuniram um dia, em Lisboa, o jovem polonês Henryk Siewierski, já de marcha batida para o Brasil, e o velho professor luso Agostinho da Silva. Resultado desse encontro é o resgate de uma longa conversa que se estendeu "por quase todo o outono de 1985", conversa que resume boa parte do ideário do mestre. Agostinho, semeador de universidades (criou, na de Brasília, o Centro de Estudos Portugueses e, na de Salvador, o Centro de Estudos Afro-Orientais), mas sobretudo semeador de idéias e de um místico pensar que não ignorava a

fisicidade do homem, está vivo e presente nas páginas de *Vida Conversável*, organizadas e prefaciadas por Siewierski e editadas pela UnB em 1994.

Lamenta o organizador, e nós com ele, ter-se perdido metade dos manuscritos dessas conversas, numa editora lisboeta; contudo, a metade que se salvou é bastante para nos retrazer o pensamento medular do mestre na vívida informalidade (que não perde em rigor) de sua conversação. Desse pensamento quero recordar, para fecho desta nota, o que fecha o volume, isto é, a afirmação de nova e radical revolução para o mundo de hoje, uma revolução para levar a todos os homens um direito fundamental, que lhes tem sido negado: o direito à poesia.

AOS PÉS DE DEUS

Afonso Felix de Sousa, notável poeta e exímio sonetista, reafirma essas qualidades nos *Sonetos aos Pés de Deus & Outros Poemas* (Rio de Janeiro: Edições Galo Branco, 1996). Os sonetos, em número de vinte e nove, terminam invariavelmente com o dístico "por tudo o que me dás louvado sejas, / por tudo o que não dás sejas louvado". Acrescida essa limitação à imposta pela obrigação dos quatorze versos, com rimas iguais nos quartetos, como poderia o Poeta vencer a monotonia e produzir obra esteticamente válida? Afonso Felix o fez: os sonetos são belos, e sua leitura sucessiva, longe de cansar, abre e reabre a prazerosa expectativa do próximo.

Belos também são os outros poemas, sejam os de metros menores, sejam os de versos livres, sejam os sonetos-ingleses (modalidade em que o Poeta é mestre). Toca-nos particularmente a última composição, "Volta ao Lar em Brasília" (que Afonso, com Astrid Cabral, deixa mais uma vez, agora pelo Rio de Janeiro).

À GLÓRIA DO POETA

Cassiano Nunes tem tido sua numerosa obra ensaística, dramática e poética difundida por meio de edições que não fogem aos padrões físicos habituais. Todavia, não se acomoda à espera de reunir volume editorável, nem se rende aos problemas e incertezas editoriais; vai publicando os seus trabalhos, principalmente os ensaios, à medida que os faz, em opúsculos de que o mais recente é *Cruz e Sousa e o Mito do Poeta como Herói Moral* (Brasília: Roberval Editora, 1996). Neste ensaio, escrito com a argúcia e elegância que lhe são habituais, Cassiano vincula o Poeta antes ao titanismo romântico do que ao Simbolismo, aproxima-o antes a Hugo, Vigny, Baudelaire e Sôandrade do que a Verlaine e Mallarmé, acreditando que o que o faz ímpar entre nós "é a expressão, cabal, potente, magnífica, do mito do poeta ... como vítima redentora, como mártir anunciador do triunfo geral da sociedade.

ESCRITOR PROLÍFICO

O poeta, teatrólogo e ensaísta Cassiano Nunes é escritor prolífico. Mal vencida a primeira metade do ano, três novas obras suas vêm a público, datadas de 1997.

Como conferencista e ensaísta, tem o Prof. Cassiano uma qualidade fundamental: é sério sem ser cansativo. Seus estudos têm valor, têm peso, bem no-lo atesta a crítica responsável; a par disso, logra conduzi-los com técnica de ficcionista e jeito de bom conversador, que é (e dramaturgo, não se esqueça). Senhor de vasta e importante bibliografia, vem driblando certa obtusidade editorial com a fecunda prática de publicar seus escritos em opúsculos (por conta própria...), preciosos opúsculos como o que acaba de nos dar, sobre autor em que é especialista: *Monteiro Lobato e o Modernismo*. Para gáudio de seus leitores, muitos desses estudos foram enfeixados no volume —*Vinte Vezes Cassiano*— com que o homenageia a Fundação Casa do Penedo, em edição da Thesaurus.

O poeta reapresenta-se com *Poesia – I* (Rio de Janeiro: Galo Branco). Trata-se, em verdade, de nova roupagem —expungidos os títulos internos e quinze poemas— de sua *Jornada Lírica*, publicada pela Thesaurus, em 1992, em 2.^a edição. Cassiano é poeta moderno, claro e sensível, dono de "um terno e dolorido lirismo", como escreveu, apresentando a versão brasiliense, o saudoso Antonio Roberval Miketen.

UM BOM CRONISTA

Edmílson Caminha, que já nos dera um volume de entrevistas exemplares, lança em 1997, novamente pela Thesaurus, *Inventário de Crônicas*. Escritas para o livro, não para o jornal, por isso mesmo de extensão variada, estas crônicas confirmam o prosador correto e elegante, que se lê, invariavelmente, com proveito e prazer.

ESTANTE

Maranhense com prolongada passagem por estes cerrados, Agnor Lincoln da Costa reúne bem-escritos e impressionantes contos no volume *O Velório dos Gatos* (Brasília: Verano, 1997).

Um retrato de corpo inteiro de Cláudio Murilo Leal, eis *Módulos* (1959-1998), volume que enfeixa poemas de quatorze livros. No prólogo, fala o Autor na "dilacerante dicotomia em que vive o poeta moderno, entre a fala e o silêncio", entre as experiências de amor-ódio-cotidiano, de um lado, e, do outro, "asepsia e ascetismo", no "poema que se constrói hermeticamente fechado ao mundo exterior e respira o ar rarefeito das torres de marfim". Diria eu que, pela linguagem depurada, sóbria, Cláudio Murilo se aproxima daquele "silêncio" mallarmaico; mas

não refoge o mergulho no real, com isso nos dando uma poesia que, com ser de qualidade, sabe resolver a tensão entre os pólos da modernidade a que se refere. (Rio de Janeiro: Sette Letras, 1998.)

Clovis Sena fez um dos mais concorridos lançamentos literários de Brasília com *Fronteira Centro-Oeste* (Goiânia: Kelps), livro voltado para as condições econômicas e as possibilidades socioculturais da Região. É sempre digno de nota o texto do autor de *Flauta Rústica*.

Ensaísta, cronista, mestre em cerimonial, semiólogo, poeta, Augusto Estellita Lins é também contista de mão cheia. Prova-o o recentemente lançado *O Bode Literato* (Brasília: Editora SER), em que o Autor revela extensa cultura e domínio das técnicas do surrealismo e do realismo fantástico.

Em seu refúgio de Jabotão dos Guararapes, Edson Guedes de Moraes dedica o tempo de aposentado à editora que criou (Guararapes–EGM), planejando e realizando sozinho belíssimas edições artesanais de livros, folhetos, marcadores, cartões, com que obsequia amigos do meio literário. Um desses trabalhos é *Dobrados*, vol. 1, caixa com trinta folhetos de outros tantos poetas brasileiros, onze dos quais residentes em Brasília.

OS BOIS E OS MENINOS

O conto "Os Bois do Engenho e os Meninos da Bagaceira", integrante da coletânea *Modernos Contos Brasileiros*, organizada por Aníbal Albuquerque para a Editora Alba (Varginha, 1998, vol. 2), é perfeita amostra das qualidades ficcionais do autor, José Peixoto Júnior. Pequena história de meninos desocupados e bois de trabalho, é irreprochável no trato da psicologia infantil como no do comportamento dos animais; vê-se que deita raízes em nossa realidade rural; trabalhada, em linguagem pertinente, por uma vocação de narrador, ganha atributos tanto de verossimilhança como de literariedade. Boa página de ficção, com colorações telúricas e humanas apreciáveis, antecipa o interesse que despertarão, sem dúvida, os *Contos Rurais* prometidos por Peixoto.

UTOPIA BRASIL

De Ulisses de Azevedo Braga vem-nos um livro de título comprido e conteúdo generosamente ambicioso — *Carta Urgente: Da "Revolta Cidadã" à Utopia Brasil* (Imperatriz: Ética Editora, 1999). Do fascinante episódio de 1995 a que se refere o título, consistente numa desassombrosa rebelião civil, afinal bem-sucedida, contra os desmandos do governo daquela cidade maranhense, extrai ou constrói Ulisses as suas lições "para a transformação *urgente*, nessa alvorada auspiciosa do Terceiro Milênio, desta nossa democracia representativa sempre tão

insatisfatória, decepcionante e perigosa, em uma nova e vigorosa Democracia Participativa — uma Democracia Cidadã".

Algumas palavras eleitas poderiam, eventualmente, ser substituídas, algumas das estratégias propostas para a consecução desse desígnio poderiam, talvez, ser repensadas; mas o essencial de sua pregação é irreprochável, além de acessível a qualquer pessoa de boa vontade. Trata-se, em suma, de uma espécie de neo-socialismo humanista e espiritualista, qualidades que o Autor atribui à maioria da humanidade e, em particular, ao povo brasileiro. Vale a leitura!

ÍNDICES

ÍNDICE ONOMÁSTICO

A.S. –
ABEL, Carlos Alberto dos Santos –
ABREU, Casimiro de –
ABREU, Maria Isabel –
ADAL, Rosani Abou –
ADONIAS FILHO –
ADORNO, Theodor W. –
AFONSO, Otavio –
AFONSO, Ydê –
AGOSTINHO NETO –
AGRA, Ana Maria –
AGUIAR, Ribinha –
AIRES, J. Alencar C. –
AKEHO, Masako –
ALBANO, José –
ALBUQUERQUE, Aníbal –
ALCÂNTARA, Beatriz –
ALEGRIA, Victor –
ALEIJADINHO, O – Ver LISBOA, Antônio Francisco
ALENCAR, José de –
ALESSANDRO, Celina Lamounier d'–
ALEXANDRE, Ronaldo –
ALIGHIERI, Dante –
ALLEMANN, Beda –
ALMEIDA JR., José Maria G. de –
ALMEIDA, Guilherme de –
ALMEIDA, Lyad –
ALMEIDA, Manuel Antônio de –
ALVARENGA, Silva –
ALVES, Dário M. de Castro –
ALVES, Francisco –
ALVES, Geraldo Costa –
ALVES, Guilherme –
ALVES, João Marques –
ALVES, Mário Limeira –
ALVIM JÚNIOR, Fausto –
ALVIM, Francisco –
AMADO, James –
AMADO, Jorge –
AMADOR, Paulo –
AMÂNCIO, Jorge –
AMARAL, Tarsila do –
AMARGEDOM – Ver DOURADO, Francisco Gustavo de Castro
AMEERUDDIN, Syed –
AMERICANO, Vera –
AMORA, Antônio Soares –
ANDERSEN, Vili Santo –
ANDRADE, Antônio Carlos Ribeiro de –
ANDRADE, Carlos Drummond de –
ANDRADE, Euclides Marques –
ANDRADE, Eugénio de –
ANDRADE, Goulart de –
ANDRADE, Heitor Humberto de –
ANDRADE, Joaquim de Sousa – Ver SOUSÂNDRADE

ANDRADE, Maria Julieta Drummond de –
ANDRADE, Mário de –
ANDRADE, Mário Edson –
ANDRADE, Oswald de –
ANJOS, Aprígio dos –
ANJOS, Augusto dos –
ANJOS, Cyro dos –
ANJOS, Jorge Odilon dos –
ANTÔNIO, João –
ANTUNES, Xênia –
ARAGÃO, João Guilherme de –
ARANHA, Graça –
ARANHA, Luís –
ARAÚJO, Celso –
ARAÚJO, Martônio –
ARINOS, Afonso –
ARMSTRONG, Louis –
ARNEZ, Cristóbal Suárez –
ARROYO, Leonardo –
ARZE, Humberto Guzmán –
ASIMOV, Isaac –
ASSIS, Machado de –
ASSUMPÇÃO, Ilme Lopes –
ATAÍDE, Mestre –
ATHAYDE, Cesar –
ATHAYDE, Tristão de – Ver. LIMA, Alceu Amoroso
AUGUSTO, Eudoro –
AULER, Hugo –
ÁVILA, Ângelo D' –
AYALA, Walmir –
AYRES, Lula Cardoso –
AZEVEDO, Álvares de –
AZEVEDO, Sânzio de –
BACELAR, Luís – Ver BACELLAR, Luiz
BACELLAR, Luiz –
BACH, Joahn Sebastian –
BACIU, Stefan –
BACKES, Ana Luíza –
BADARÓ, Murilo –
BAGNO, Marcos –
BAHIA, Maria Cristina –
BAKAJ, Branca (Borges Góes) –
BAKAJ, Mário –
BAKHTIN, Mikhail –
BALEEIRO, Aliomar –
BALLON, Emma Alina –
BANDEIRA, Ladjane –
BANDEIRA, Manuel –
BARBOSA, Alaor –
BARBOSA, Cláudia –
BARBOSA, João Alexandre –
BARBOSA, Jodelmira, –
BARBOSA, Josemir –
BARBOSA, Maria da Glória Lima –
BARBOSA, Rui –
BARRETO, Ricardo F. –

BARROSO, Antônio Girão –
BARROSO, Oswald –
BASHÔ, Matsuo –
BASTIDE, Roger –
BASTOS, Cristina –
BASTOS, Geraldo Lemos –
BASTOS, Hermenegildo –
BATINGA, Fernando –
BAUDELAIRE, Charles –
BÉCQUER, Gustavo Adolfo –
BEETHOVEN, Ludwig van –
BEHR, Nicolas –
BELLO, Francisco R. [Ricardo] –
BELTRÃO, Luiz –
BENEVIDES, Artur Eduardo –
BENJAMIN, Walter –
BERMUDES, Nuno –
BERNARD, Tristan –
BERNARDES, Diana –
BERNARDINO, Teresa –
BERNARDO (Ramos Madeira), Maria –
BERNIS, Yeda Prates –
BERTO, Luiz –
BERTRAN, Paulo –
BIANCHO –
BILAC, Olavo –
BILHARINHO, Guido –
BINDER, Eandro –
BINS, Patricia –
BLAKE, William –
BLANCO, Eloy –
BOAVENTURA, Edivaldo M. –
BOLÍVAR, Simón –
BOLÍVIA, Kori –
BONADIES, Rita –
BOPP, Raul –
BOQUADY, Jesus Barros –
BORBA, José César –
BORGES, Jorge Luis –
BORNHEIM, Gerd –
BOSCO, São João – V. BOSCO, Dom
BOSI, Alfredo –
BOVIO –
BRAGA, Fernando –
BRAGA, Fernando –
BRAGA, Pedro –
BRAGA, Rubem –
BRAGA, Ulisses de Azevedo –
BRANCO, Camilo Castelo –
BRANCO, Carlos Castello –
BRANCO, Paulo Castelo
BRANDÃO, Arnaldo –
BRANDÃO, Iulo –
BRANDÃO, Paulo Roberto de A. –
BRANT, Vera –
BRASIL, Assis –

BRASIL, Francisco de Assis –
BRASIL, Geraldino –
BRASIL, Omar –
BRECHERET, Victor –
BRITO, Raimundo –
BRIZOLA, Leonel –
BRUNACCI, Maria Izabel –
BRUNETI, Almir C. –
BRUNING, Martinho –
BRUNO, Haroldo –
BUARQUE, Chico –
BUARQUE, Cristovam –
BURNETT, Lago –
BUSS, Alcides –
BYRON, Lord –
CABRAL, Anelise –
CABRAL, Astrid –
CADAXA, A. B. Mendes –
CAEIRO, Alberto – Ver PESSOA, Fernando
CAGIANO, Ronaldo –
CAIADO, Oscar G. –
CALDAS, Sílvio –
CAMARGO, Sérgio –
CAMILO –
CAMINHA, Edmilson –
CAMÕES, Luís Vaz de –
CAMPOMIZZI FILHO –
CAMPOMIZZI, Hélcio –
CAMPOS, Álvaro – Ver PESSOA, Fernando
CAMPOS, Angela de –
CAMPOS, António (Guedes de) –
CAMPOS, Augusto de –
CAMPOS, Geir –
CAMPOS, Haroldo de –
CAMPOS, Manuel Eduardo Pinheiro –
CAMPOS, Milton –
CAMPOS, Milton de Godoy –
CAMPOS, Moreira –
CAMPOS, Paulo Mendes –
CANALES, Luís –
CANDIDO, Antonio –
CANTANHEDE, Gracia –
CANTANHEDE, Plínio –
CARAVANA, Elza –
CARDOSO, Dirceu –
CARDOSO, Joaquim – Ver CARDOZO, Joaquim
CARDOZO, Joaquim –
CARNEIRO, André –
CARNEIRO, Caio Porfírio –
CARNEIRO, Nelson –
CAROLINA, Sônia –
CARRARA, Di –
CARVALHO, Esaú A. de –
CARVALHO, Francisco –
CARVALHO, Gaudêncio de –
CARVALHO, Maria Martins de –

CARVALHO, Nelson –
CARVALHO, Sérgio Waldeck de –
CARVALHO, Vicente de –
CARVALHO, Wladimir –
CASTRO JÚNIOR, Gustavo Monteiro de –
CASTRO, Altino Caixeta de –
CASTRO, Alves –
CASTRO, Ariel –
CASTRO, Emil de –
CASTRO, Ferreira de –
CASTRO, Luiz Paiva de –
CASTRO, Mauro –
CASTRO, Renato Berbert de –
CASTRO, Rosalía de –
CASTRO, Sílvio –
CATALÃO, Tetê –
CATENA, Elena –
CATTAPRETA, Cyro Armando –
CATTAPRETA, Itabajara –
CATUNDA, Márcio –
CAVALCANTE, Luiz –
CAVALCANTI, Guido –
CAVALCANTI, Holanda –
CAVALCANTI, Montenegro –
CAVALHEIRO, Maria Thereza –
CAZARRÉ, Lourenço –
CELAN, Paul –
CELSON, Afonso –
CERQUEIRA, Luiz Carlos de Oliveira –
CERRO AZUL, Henriques do –
CÉSAR NETO, Manoel –
CÉSAR, Guilhermino –
CÉZAR, Herondes –
CEZAR, Julio –
CHACON, Vamireh –
CHAGAS, Carlos –
CHAGAS, José –
CHAMMA, Foed Castro –
CHOPIN, Frédéric –
CINTRA, Antônio Octávio –
CLÁUDIO, Mário –
COELHO NETO, Henrique Maximiliano –
COELHO, Joaquim-Francisco –
COELHO, Nelly Novaes –
COELHO, Poli –
COELI, Maria –
COLÔNIA, Regina Célia –
CONCEIÇÃO, João Fernandes da –
CONDÉ, José –
CONY, Carlos Heitor –
CORALINA, Cora –
CORRÊA, Divina Maria –
CORRÊA, Olympiades Guimarães –
CORRÊA, Rossini –
CORREIA, Raimundo –
COSTA, (Francisco José) Lustosa da –

COSTA, Agnor Lincoln da –
COSTA, Benedita Pereira da –
COSTA, filho, Odilo –
COSTA, Hipólito José da –
COSTA, Jefferson Magno –
COSTA, João Batista Araújo –
COSTA, Lúcio –
COSTA, Luiz –
COSTA, Pâmela Carrasco –
COSTA, Renato Carrasco –
COSTA, Waldemar da –
COSTANDRADE, Josélia –
COTRIM, Eliane –
COTRIM, Márcio –
COURTÉS, Joseph –
COUTINHO, Afrânio –
COUTINHO, Nilce –
COUTO, Goiandira do –
CRESPO, Ángel –
CRISTÓVÃO, Fernando –
CRULS, Luís –
CUNHA, Fausto –
CUNHA, João –
CUNHA, Paulo José –
CUNHA, Ray –
CURVELLO, Aricy –
DACANAL, José Hildebrando –
DALÍ, Salvador –
DALTER, Eduardo –
DAMASCENO, Darcy –
DAMASCENO, Manoel José –
DAMIÃO, Carlos –
DANTAS, Audálio –
DANTAS, Jaime Hipólito –
DANTAS, Josemar –
DANTAS, Nataniel
DANTAS, Nataniel –
DANTAS, Orlando –
DARÍO, Rubén –
DEBUSSY, Claude –
DELAMARE, Noel –
DELGADO, Tarcísio –
DEMETZ, Peter –
DEVARAJ, Ramassamy –
DIAS, Chico –
DIAS, Fernando Correia –
DIAS, Gonçalves –
DIAS, José Herberto –
DIAS, Maria Helena –
DIAS, Milton –
DÍDIMO, Horácio –
DINIZ, Raymundo –
DINIZ, Vladimir –
DOBAL, H. [Hindemburgo] –
DOCA, Rui Gonçalves –
DONOSO, José –

D'ORS, Eugénio –
DOSTOIÉVSKI, Fiódor –
DOURADO, Autran –
DOURADO, Francisco Gustavo de Castro –
DRUMMOND, Margarida –
DUARTE, Dora –
DUARTE, Maria de Souza –
DUARTE, Paulo –
DUMONT, Sávia –
DURÁN, Luis Raúl –
DUVAL, Jeanne –
ECHEVARRÍA, Fernando –
EDSON, J. –
EGLER, Gerti –
ELIA, Sylvio –
ELIOT, T. S. –
ÉLIS, Bernardo –
EMÂNUEL –
ENGELS, Friedrich –
ESPANCA, Florbela –
ESTERGILDA, Ieda –
EVANGELISTA, Maria de Jesus –
EVANGELISTA, Roberto –
FACÓ (VENTURA), Aglaêda –
FACÓ, Américo –
FALCÃO, João Emílio –
FALLEIROS, William de Godoi –
FARACO, Sérgio –
FARIAS, Elson –
FARIAS, Herculano –
FASSY, Amaury –
FAUSTINO, Mário –
FELDMAN, Cláudio –
FELINTO, Marilene –
FÉLIX, Moacyr –
FERNANDES, Florestan –
FERNANDES, Izemar –
FERNANDES, Jorge –
FERNANDES, Ronaldo Costa –
FERRAZ, Antônio Máximo –
FERREIRA NETO, Jonas Souza –
FERREIRA, André –
FERREIRA, Climério –
FERREIRA, João –
FERREIRA, Ondina –
FIGUEIREDO, Carmen de –
FIGUEIREDO, Guilherme –
FIGUEIREDO, Ronald –
FISCHER, (Oswaldo) ALMEIDA –
FITTIPALDI, Regina –
FIÚZA, Lenine –
FLÔRES, Perpétua –
FONSECA JR., Jorge –
FONSECA, Edson Nery da –
FONSECA, Míter –
FONSECA, Rubem –

FONTELE, Maria Félix –
FONTENELLE, Diogo –
FONTES, Amando –
FORMIGA, Rejane –
FRANÇA, Carvalho –
FRANÇA, Neusa –
FRANCO, Adércio Simões –
FRANCO, Afonso Arinos de Melo –
FREITAS, Adrino Aragão de –
FREITAS, Mário Augusto Teixeira de –
FROTA NETO –
FUKUDA, Kenji –
G, Efraim –
GADAMER, Hans Georg –
GALENO, Juvenal –
GALLINDO, Cyl –
GALVÃO, Walter Belo –
GAMEIRO, Alvina –
GANEM, Nadir –
GARAUDE, Lupe Cotrim –
GARAY, Bereçil –
GARCIA, Frederick C. Hesse –
GARCIA, José Godoy –
GARCÍA, José Lois –
GASPAR, Viriato (Santos) –
GASTÃO, Marques –
GENEROSO, Geraldo Peres –
GEORGE, Stefan –
GERALDO, José –
GICOVATE, Moisés –
GODOI, Teresy Fleuri de –
GOGA, H. Masuda –
GOMES, Danilo –
GOMES, Duílio –
GOMES, Eugênio –
GOMES, José Edson –
GOMES, Paulo Emílio Salles –
GONÇALVES, Baltasar –
GONÇALVES, Egito –
GONÇALVES, José Donizete –
GOODEY, Brian –
G.P. –
GRAMACHO, Jair –
GRUBENMANN-DE-ATHAYDE, Yvonne –
GUELMAN, Izidoro Soler –
GUERRA, Jacinto –
GUERRA, José Augusto –
GUILLÉN, Nicolás –
GUIMARAENS FILHO, Alphonsus de –
GUIMARAENS, Alphonsus de –
GUIMARÃES, Branca Maria –
GUIMARÃES, Fernando –
GUIMARÃES, Fernando Bueno –
GUIMARÃES, Maria Dalva Junqueira –
GUIMARÃES, Nelcy Ferreira –
GUINICELLI, Guido –

GULLAR, Ferreira –
GURGEL, Eloiza –
GUSTAVO, Paulo – Ver VIANNA, Euclides Mendes
GUTEMBERG, Luiz –
HABERMAS, Jürgen –
HAICKEL, Joaquim –
HANDA, Francisco –
HELENA, Lúcia –
HELENO, Guido –
HELIODORO, Affonso –
HEMINGWAY, Ernest –
HENKE, Leonardo –
HENRIQUE, Infante Dom –
HENRIQUES NETO, Afonso –
HOHLFELDT, Antonio –
HOLANDA, Aurélio Buarque de –
HOLANDA, Tarcísio –
HÖLDERLIN, Friedrich –
HOLLANDA, Heloísa Buarque de –
HOLLANDA, Roberto Torres –
HOMEM, Homero –
HORTA, Anderson Braga –
HORTA, Anderson de Araújo –
HORTA, Goiano Braga –
HORTA, Maria Braga –
HORTAS, Maria de Lourdes –
HOUAISS, Antônio –
HUGHES, Langston –
HUGO, Victor –
HULET, Claude –
IBSEN, Crede –
IGLESIAS, Tito –
IGREJA, Francisco –
ISER, Wolfgang –
IVO, Lêdo –
JAMESON, Fredric –
JARDIM, Reynaldo –
JAUSS, Hans Robert –
JESUS, Jaques –
JIMÉNEZ, Juan Ramón –
JOÃO VI, Dom –
JOBIM, Adriana Silveira –
JOBIM, Romeu Barbosa –
JOBIM, Ruth de Souza Silveira –
JOBIM, Tom –
JOFFILY, G. I. –
JONASSAINT, Jean –
JORDÃO, Yolanda –
JORGE, J. G. de Araújo Jorge –
JOSÉ, Elias –
JOSEF, Bella –
JÚLIA, Francisca –
JUNKES, Lauro –
JUNQUEIRA, Ivan –
JUNQUEIRO, Guerra –
JUREMA, Aderbal –

KAFKA, Franz –
KALUME, Jorge –
KERN, Iara –
KHAYYÁM, Omar –
KNOPFLI, Rui –
KOLODY, Helena –
KOTHE, Flávio R. [René] –
KOTHE, Iúri –
KOTHE, Mercedes –
KOTHE, Mila –
KURY, Adriano da Gama –
LACERDA, Jorge –
LACOMBE, Marcelo Barroso –
LADEIRA, Julieta de Godoy –
LAGO, Ângela –
LAGOA, Ana –
LAMA –
LÄMMERT –
LANDIN, José Ferreira –
LANGAGNE, Eduardo –
LEAL, Cláudio Murilo –
LEAL, Maria Christina Diniz –
LEAL, Victor Nunes –
LEÃO, Jayme –
LEITÃO, J. [José] M. [Maria] –
LEITÃO, Luís Veiga –
LEMINSKI, Paulo –
LEONARDOS, Stella –
LEONI, Raul de –
LEVTCHEV, Liubomir –
LIGÓRIO, Afonso –
LIMA, Alceu Amoroso –
LIMA, Ana Helena Fagundes de –
LIMA, Batista de –
LIMA, Geraldo França de –
LIMA, Guimarães –
LIMA, Hermes –
LIMA, Jorge de –
LIMA, Manoel Cordeiro –
LIMA, Rita Teles de –
LIMA, Zita de Andrade –
LIMAVERDE, Regine –
LINHARES FILHO –
LINHARES, Marcelo –
LINHARES, Temístocles –
LINS, Augusto Estellita –
LINS, Bernardo E. Lins
LIRA, (José) Pereira –
LISBOA, António Francisco –
LISBOA, Henriqueta –
LISPECTOR, Clarice –
LLOSA, Julia Dorado –
LOBATO, Manuel –
LOBATO, Monteiro –
LÔBO, Danilo –
LOPES, Ascânio –

LOPES, Herculano –
LOPES, Moacir C. –
LOPES, Óscar –
LOPES, Waldemar (Freire) –
LORCA, García –
LOUZEIRO, José –
LUCAS, Fábio –
LUFT, Celso Pedro –
LUGONES, Leopoldo –
LUIZ, Admário –
LUIZ, Sérgio –
LUSTOSA, Elcias –
LUZ, Clemente –
LYRA, Pedro –
LYRA FILHO, Roberto –
MACEDO, Joaquim Manuel de –
MACEDO, Osvaldo –
MACHADINHO –
MACHADO, Alfredo –
MACHADO, Antônio de Alcântara –
MACHAUT, Guillaume de –
MACIEIRA, Anselmo –
MACIEL, Maria Esther –
MACIEL, Nilto –
MADEIRA, Maria Bernardo Ramos – Ver BERNARDO, Maria
MADELLON – Ver GUIMARÃES, Maria Dalva Junqueira
MADRUGA, Florian –
MAGALHÃES, Aldo Vinholes de –
MAGALHÃES, Evandro –
MAGALHÃES, Manoel Vilela de –
MAGALHÃES JR., Esmerino –
MAGNAVITA, Lília Portugal –
MAIA, Luciano –
MAIA, Mário –
MAIA, Virgílio –
MAIACÓVSQUI, Vladimir –
MALFATTI, Anita –
MALLARMÉ, Stéphane –
MALRAUX, André –
MAMEDE, Zila –
MAN, Paul de –
MANCASZ –
MANDATO, Jácomo –
MANDELA, Nelson –
MANGABEIRA, Octávio –
MANN, Heinrich –
MANSOUR, Abbas al –
MANZOLILLO, Luiz –
MARCHI, Carlos –
MARIA, Elmano –
MARIANO, Olegário –
MARINO, Alexandre –
MAROF, Tristán –
MARQUES, Ariel –
MARQUES, Oswaldino –
MARTÍ, José –

MARTINEZ, Artigas Milans –
MARTINEZ, Maria Teresa Leal de –
MARTINS, Albano –
MARTINS, Christiano –
MARTINS, Cláudio –
MARTINS, Floriano –
MARTINS, Heitor –
MARTINS, Hélcio –
MARTINS, Luiz –
MARTINS, Marlene Andrade –
MARTINS, Wilson –
MARTIUS –
MARX, Karl –
MARYAN, Kléon –
MASI, Pedro Luiz –
MATA, Jaime Choque –
MATOS, Edisio Gomes de –
MATTENKLOTT –
MATTOS, Cyro –
MAXIMILIANO, Carlos –
MEDAUAR, Jorge –
MEDEIROS, Seleneh –
MEIRA, Maurítônio –
MEIRELES, Cecília –
MELLO, Aureo –
MELLO, Gustavo Bandeira de –
MELLO, José Geraldo Pires de – Ver GERALDO, José
MELLO, Magno Antonio Correia de –
MELLO, Manuel Caetano Bandeira de –
MELLO, Thiago de –
MELLO, William Agel de –
MELO NETO, João Cabral de –
MELO, Cléa Rezende Neves de –
MELO JÚNIOR, Maurício –
MENDES, Josué de Sousa –
MENDES, Murilo –
MENDES, Oscar –
MENDONÇA, Hilda –
MENESES, Luís da Cunha –
MENEZES, Dilson de Alvarenga –
MENEZES, Raimundo de –
MERQUIOR, José Guilherme –
MESTAS, Jean-Paul –
MEYER, Augusto –
MIGUEL, Salim –
MIKETEN, Antonio Roberval —
MILLER, Henry –
MILLIET, Sérgio –
MILTON, John –
MINDLIN, José E. –
MIRANDA, Antonio –
MIRANDA, Sá de –
MIRANDA, Yvonne –
MOISÉS, Massaud –
MOLITERNO, Celso –
MONDIM, Guido –

MONTALE, Eugenio –
MONTEIRO, Alencar –
MONTELLO, Josué –
MONTENEGRO, Braga –
MORA, Octávio –
MORAES, Benjamin –
MORAES, Geraldo –
MORAES, Vinicius de –
MORAIS, Edson Guedes de –
MORAIS, Menezes y –
MORALES, José Jurado –
MOTA, Mauro –
MOTTA, Edson –
MOTTA, Oton –
MOTTA, Paschoal –
MOTTA FILHO, Cândido –
MOURÃO, Gerardo Mello –
MOURÃO, Marco Fábio F. –
MOURÃO, Rui –
MOUSINHO, Ronaldo Alves –
MOUTINHO, José Viale –
MOUTINHO, Rita –
MUÁ, Jan –
MUND JÚNIOR, Hugo –
MURILO, Cláudio – Ver LEAL, Cláudio Murilo
MURTA, Stela Maris –
MUSSET, Alfred de –
MUYLAERT, Sérgio –
NABUCO, Joaquim –
NAPOLEÃO, Hugo –
NASCIMENTO, Elisete Soares do –
NASCIMENTO, Esdras do –
NASSAU, Rolando – Ver HOLLANDA, Roberto Torres
NAUD, José Santiago –
NAUD, Leda Maria Cardoso –
NAVA, Pedro –
NAVAJAS, João Zicardi –
NAVARRO, António Rebordão –
NAZARETH, Luiz Fernando –
NEBRIJA, Antonio de –
NECHKOVA, Nelly –
NEDEL, Ruy –
NEJAR, Carlos –
NERUDA, Pablo –
NIDA, Eugene –
NIEMEYER, Oscar –
NISKIER, Arnaldo –
NOBRE, António –
NOGUEIRA, Adalácio –
NOGUEIRA, Adriano –
NOGUEIRA, Ijalmar –
NORONHA, Miguy –
NOVAES, Guiomar –
NOVAES, Israel Dias –
NUNES (Botica), Cassiano –
NUNES, Wilson S. –

NUNES JÚNIOR, Amandino Teixeira –
OHNO, Massao –
OLINTO, Antônio –
OLIVEIRA, Alberto de –
OLIVEIRA, Antônio Dias de –
OLIVEIRA (KAJ), Brigitte Lagerblad de –
OLIVEIRA, D. J. –
OLIVEIRA, Dercir Pedro de –
OLIVEIRA, Ester de –
OLIVEIRA, Idalina Soares de –
OLIVEIRA, J. Ribamar –
OLIVEIRA, Joacir Judson de –
OLIVEIRA, Joadir Carlos de –
OLIVEIRA, Joamir Jansen de –
OLIVEIRA, Joanyr de –
OLIVEIRA, João Viana de –
OLIVEIRA, José Aparecido de –
OLIVEIRA, José Ferreira de –
OLIVEIRA, José Jézer –
OLIVEIRA, Julieta de –
OLIVEIRA, Juscelino Kubitschek de –
OLIVEIRA, Maria Elvira de Melo –
OLIVEIRA, Mário Teles de –
OLIVEIRA, Marly de –
OLIVEIRA, Mônica de –
OLIVEIRA, Monsenhor Guilherme de –
OLIVEIRA, Solimar de –
OLIVEIRA, Valéria de –
OLIVEIRA, Veloso de –
OLIVEIRA JÚNIOR, Joanir de –
OMEGNA, Nelson –
ORICO, Osvaldo –
OSORIO, Antonio Carlos –
OTTONI, Marcos –
OWEN, Gilberto –
PACHECO, Álvaro –
PACHECO, Jacy –
PADILHA, Telmo –
PAIVA, Garcia de –
PAIVA, Stela Maris Rezende – Ver REZENDE, Stela Maris
PAIXÃO, Marco Antônio –
PAIXÃO, Rosa –
PALATINIK, Symira –
PALLOTTINI, Renata –
PALMARY, Luiz –
PALMÉRIO, Mário –
PANTOJA, Yvonne Magno –
PAOLIELLO, Domingos –
PARANHOS, Maria Madalena Prado –
PARREIRA, João Tomaz –
PASSARINHO, Jarbas –
PATRIOTA, Margarida –
PAULA, Ney Teles de –
PEDERNEIRAS, Mário –
PEDROSA de Amorim, Valter –
PEDROSA, Astréa –

PEDROSA, Vera –
PEIXOTO Júnior, José –
PEIXOTO, Afrânio –
PEIXOTO, Floriano –
PELIANO, José Carlos Pereira –
PELOSO, Lina Tâmega Del –
PENA FILHO, Carlos –
PENIDO, Samuel –
PENNA, J. O. [José Osvaldo] de Meira –
PENNAFORT, Onestaldo de –
PENTEADO, Olívia Guedes –
PEREIRA NETO, Olímpio –
PEREIRA, Abel –
PEREIRA, Amneres –
PEREIRA, Carlos Alberto Messeder –
PEREIRA, Evaristo Manoel – Ver PERES, Arino
PEREIRA, Hélio Soares –
PEREIRA, Joacil –
PEREIRA, José Luciano de –
PEREIRA, José Maria –
PEREIRA, Paulo Roberto –
PEREIRA, Terezinha –
PEREIRA, Wilson –
PERES, Arino –
PERSE, Saint-John –
PESSEK, Kurt –
PESSOA, Fernando –
PESSOA, José –
PETÖFI, Sandor –
PETRARCA, Francesco –
PICCHIA, Menotti Del –
PIERI, Luiz Paulo –
PIMENTA, Alcir –
PIMENTEL, A. Fonseca –
PIMENTEL, Altimar –
PIMENTEL, Cyro –
PIMENTEL, Luís Antônio –
PINHEIRO, Francisco de Moura –
PINHEIRO, Israel –
PINHEIRO, Luiz Adolfo –
PINTO, Cristiano Paixão Araujo –
PINTO, José Alcides –
PINTO, José Nêumane –
PINTO, José Roberto de Almeida –
PIRES, Ézio –
PISCITELLI, Roberto Bocaccio –
PIVA, Luiz –
POE, Edgar Allan –
POERNER, Artur José –
PÓLVORA, Hélio –
POMPÉIA, Raul –
PONGETTI, Henrique –
PONTE PRETA, Stanislaw –
PONTES, Hugo –
PONTES, Roberto –
PORTELLA, Eduardo –

PÔRTO, Chico –
PORTO, Sérgio – Ver PONTE PRETA, Stanislaw
PORTOCALVO, Joilson –
PÓVOAS JR., Hélio –
POWELL, Baden –
PRADO, Eduardo –
PRADO, Jorge Carrasco Nuñez del –
PRADO, Wil –
PROENÇA, Cavalcanti –
QUEIRÓS, Eça –
QUEIROZ, Dinah Silveira de –
QUEIROZ, Maria José de –
QUEIROZ, Rachel de –
QUENTAL, Antero –
QUINÔNES, Trina –
QUINTANA, Mário –
QUINTAS, Expedicto –
RABAT, Márcio Nunes –
RABELAIS, François –
RADÍTCHKOV, Yordan –
RAINHO, Cleonice –
RAMA –
RAMOS, Flávio –
RAMOS, Graciliano –
RAMOS, Hugo de Carvalho –
RAMOS, Jorge –
RAMOS, Maria –
RAMOS, Odir –
RAMOS, Péricles Eugênio da Silva –
RAO, Anand –
RAWET, Samuel –
REBOUÇAS, André –
REGINA, Elis –
RÉGIO, José –
REIS, Marcos Konder –
REIS, Sólton Borges dos –
RENAULT, Abgar –
RESENDE, José Severiano de –
RESENDE, Lourdes Souza –
RESENDE, Otto Lara –
RESSAN, Riase –
REZENDE, Maria Tereza –
REZENDE, Stela Maris –
REZENDE FILHO –
RIBEIRO, Darcy –
RIBEIRO, Ésio Macedo –
RIBEIRO, Luiz Felipe –
RIBEIRO, Paes –
RICARDO, Cassiano –
RICARDO, Lourdes Fonseca –
RICCI, Angelo –
RILKE, Rainer Maria –
RIO BRANCO, Barão do –
RÍOS, Manini –
RIVERA, Bueno de –
RIVERA, Deodato –

RIVERA, José Jeronymo –
RIVERA-RODAS, Oscar –
ROCHA, Alexandre –
ROCHA, Carlos Porfírio da –
ROCHA, Dilermando –
ROCHA, Levy –
RODOPOULOS, Stella Alexandra –
RODRIGUES, Abelardo –
RODRIGUES, Geraldo Pinto –
RODRIGUES, Yone –
ROFFÉ, Júlio César –
ROLLEMBERG, Francisco –
ROMERO, Sílvio –
RÓNAI, Cora –
RÓNAI, Paulo –
ROSA, Guimarães –
ROSEIRO, Flávio –
ROSSI, Newton –
ROUMAIN –
RUBIÃO, Murilo –
SÁ, (Antônio Joaquim) Franco de –
SÁ, Vicente –
SABINO, Fernando –
SÁ-CARNEIRO, Mário de –
SAITO, Roberto –
SALDANHA, Carlos –
SALES, Antônio –
SALES, Fernando –
SALES, Herberto –
SALGADO, Plínio –
SALGUERO, Jaime Martinez –
SALLES Sampaio, Josira –
SALLES, Fritz Teixeira de –
SAMBAÍBA, Ildefonso –
SAMPAIO, Luiz Paulo –
SAMPAIO, Mauro –
SANTA ROSA –
SANTANA, Eugenio –
SANTANA, Valdomiro –
SANT'ANNA, Affonso Romano de –
SANTOS, Diniz Félix dos –
SANTOS, Filipe dos –
SANTOS, Manoel Hygino dos –
SANTOS, Manuel Betanzos –
SARAMAGO, José –
SARNEY, José –
SARTRE, Jean-Paul –
SÁTYRO, Ernani –
SAVARY, Olga –
SAYÃO, Bernardo –
SAYÃO, Lea –
SCARTEZINI, Antonio Carlos –
SCARTEZINI FILHO, Francisco –
SCHETTINO, Romário –
SCHMIDT, Augusto Frederico –
SCHUBERT, Franz –

SCHUMANN, Robert –
SCLIAR, Moacyr –
SCOTTI, Marcos Humberto –
SEABRA, J. J. –
SEABRA, José Augusto –
SEBASTIÃO, Dom –
SEFFRIN, André –
SELJAN, Zora –
SENA, Clovis –
SENA, Jorge de –
SENA, Mécia de –
SERRA (Sobrinho), Joaquim (Maria) –
SERRA AZUL, João Henrique – Ver CERRO AZUL, Henriques do
SERRA, Tania Rebelo Costa –
SETTI, Arnaldo –
SETTI, Carlos –
SEVERO –
SHAKESPEARE, William –
SIEWIERSKI, Henryk –
SILVA, Abdias –
SILVA, Agostinho da –
SILVA, Alberto da Costa e –
SILVA, Alírio –
SILVA, Chica da –
SILVA, Corsíndio Monteiro da –
SILVA, Da Costa e –
SILVA, Domingos Carvalho da –
SILVA, Dora Ferreira da –
SILVA, Ernesto –
SILVA, Fernando Correia da –
SILVA, Jesilda Augusta da –
SILVA, João Pereira de Andrade e –
SILVA, José Bonifácio de Andrada e –
SILVA, José Marques da –
SILVA, José Paulo –
SILVA, Luiz Fernandes da –
SILVA, Luiz Roberto Nascimento –
SILVA, Nara N. [Nascimento] –
SILVA, Oldina Eustórgio da –
SILVA, Onã –
SILVEIRA, Ênio –
SILVEIRA, Helena –
SILVEIRA, Joel –
SILVEIRA, José Peixoto da –
SILVERMAN, Malcolm –
SIMAS, Gacy –
SIMÕES (dos Reis), (Antônio) –
SIMÕES, J. –
SIMÕES, João Gaspar –
SIMÕES, João Manuel –
SIQUEIRA JR., Waldomiro –
SOARES, Iaponan –
SOARES, José –
SOARES, Teixeira –
SOUSA, Afonso Felix de –
SOUSA, Cruz e –

SOUSA, J. Galante de –
SOUSA, João Rui de –
SOUSA, Pompeu –
SOUSA, Salomão –
SOUSA-CARMO, Luís Otávio –
SOUSÂNDRADE –
SOUSA NETO, Joaquim de –
SOUZA, Aglaia –
SOUZA, Carlos Fernando Mathias de –
SOUZA, José Hélder de –
SOUZA, Otacílio –
SOUZA, Ronaldo de Melo e –
STADEN, Hans –
STEINBACH, Anito José –
STELA MARIS – Ver REZENDE, Stela Maris
STELLA, Regina –
STOYANOV, Rumen –
STUDART, Dayse –
STURZEBECKER, Ênio Rudi –
SÜSKIND, Patrick –
SZONDI, Peter –
TAMANINI, L. Fernando –
TAPAJÓS, Sérgio –
TAVARES, Ciro José –
TAVARES, Sérvulo Coimbra –
TAVEIRA, Carla –
TAVEIRA, Carlos Eduardo –
TAVEIRA, Daniel –
TAVEIRA, Emília –
TAVEIRA, João Carlos –
TAVEIRA, Luciana –
TAVEIRA, Mariana –
TÁVOLA, Artur –
TECA –
TEIXEIRA, Eduardo –
TEIXEIRA, Gilvan –
TEIXEIRA, Murilo –
TEIXEIRA, Tadeu de Araújo –
TEIXEIRA, Wagner –
TELES, Gilberto Mendonça –
TELES, José Mendonça –
TELES, Mário – Ver OLIVEIRA, Mário Teles de
TELLES, Lygia Fagundes –
TEMÓTEO, Antônio –
TENÓRIO, Tereza –
TEODORO, Lourdes –
TEREZA, Maria – Ver REZENDE, Maria Tereza
TIRADENTES – Ver XAVIER, Joaquim José da Silva
TITA –
TITO –
TITO FILHO, A. –
TOLEDO, Caio Pompeu de –
TOMÁS, Padre Antônio –
TORRICO, Alcira Cardona –
TOVAR, Paulo –
TREVISAN, Armindo –

TREVISAN, Dalton –
TRIBUZI, Bandeira –
TRIGUEIROS, Luiz Forjaz –
TSERNOTOPULOS, Cristina –
TUBINO, Soares –
TUNHOLI, Nazareth –
TURIBA, Luiz –
TYTLER, Alexander Fraser –
UBALDI, Pietro –
UNGARETTI, Giuseppe –
VAL, Waldir Ribeiro do –
VALADARES, Napoleão –
VALÉRY, Paul –
VALEV, Matvei –
VALLE, Aluizio P. [Pereira] –
VAPTZÁROV, Nicola –
VARELA, Fagundes –
VARGAS, Manuel –
VARJÃO, Valdon –
VARNHAGEN, Francisco Adolfo de –
VASCONCELOS, Adirson –
VASCONCELOS, Alcebíades Pereira –
VASCONCELOS, Bernardo Pereira de –
VASCONCELOS, Geraldo –
VASCONCELOS, Taborda de –
VEGA, Julio de la –
VEIGA, José J. –
VELA, Rubén –
VELHO, Teresa –
VENTURA, Adão –
VERAS, Murilo Moreira –
VERDE, Cesário –
VERHAEREN, Émile –
VERÍSSIMO, Érico –
VERLAINE, Paul –
VERSIANI, Ivana –
VIANA FILHO, Luiz –
VIANNA, Euclides Mendes –
VIANNA, Fernando Mendes –
VIANNA, Godofredo –
VIANNA, Ivanir Geraldo –
VIDIGAL, Edson –
VIEIRA, Emanuel Medeiros –
VIEIRA, José Geraldo –
VIEIRA, Monsenhor Primo –
VIEIRA, Oldegar –
VIGGIANO, Alan –
VIGGIANO, Mário Hermes –
VIGNY, Alfred de –
VILELA, Teotônio –
VILLAÇA, Antônio Carlos –
VILLA-LOBOS, Heitor –
VILLON, François –
VITOR, E. D'Almeida –
VITÓRIA, Jair –
VIVO, Sofia –

WANKE, Eno Teodoro –
WATSON, Leda –
WEBER, Samuel –
WHITMAN, Walt –
WILDE, Maritza –
WILLER, Vivian –
WISNICK, José Miguel –
WORDSWORTH, William –
XAUSA, Leônidas –
XAVIER, Joaquim José da Silva –
XIMENES, Valdir de Aquino –
XISTO, Pedro –
YEBRA, Valentín García –
ZANOTO –
ZARUR, George de Cerqueira Leite –
ZAVALETA, Javier –
ZAVALETA, René –
ZIRALDO –

ÍNDICE GERAL

Preâmbulo

VISTA PANORÂMICA

Notícia de Poesia em Brasília

ENSAIOS E ORAÇÕES

Poesia-Libertação
Uma Vida em Poesia
Saudação a Alan Viggiano
Um Poeta em Tempo Integral
Elogio Acadêmico de Flávio René Kothe
A Madura Palavra de Joanyr de Oliveira
Boas-Vindas a Kori Bolivia
Legado Poético
Testemunho de Vida e Poesia

ARTIGOS E RESENHAS

O Romancero de Boquady
A Fome dos Rebanhos
Poesia de Liberdade – Poemas com Força de Vida
Uma Janela para a Poesia Búlgara
Cantares – Velas e Âncoras – Uma Antologia
– Mistério e Claridade da Poesia – Um Puro Poeta
O Exilado – A Densidade do Vão – As Orelhas de Lisábria
Ofício do Medo
De um Áspero Ofício e Suas Compensações – Rostos e Espelhos
– Um Amplo Mosaico Crítico da Literatura Brasileira Atual
– Três Lustros de Boa Crítica – Eros e a Solidão
Esoterismo e Poesia – Bom Gosto e Boa Poesia
Um Poeta que se Cumpre
Uma Estréia Madura
A Cidade e a Serra
Um Barroco Moderno – Tema e Variações
Dois Mestres-Poetas – Múltipla Escolha
Linhagem Poética – Vício de Bem Escrever – Noite Iluminada
Da Prosa ao Verso: Poesia
A Poesia Crística de Ivanir Geraldo Vianna
Sonetos de São Luís – Instinto e Técnica – Poesia Verdadeira
Perto da Terra e do Povo
A Canção de Todos – Dois Poetas Comunicativos – A Poesia Fluente
e Suave de José Geraldo – Entre o Burlesco e o Lírico
– Fecundo Magistério
Recado Poético – Dois Alphonsus
Poesia de Inteligência – Estes Contos – Um Romance de Fantasmagoria
e Beleza
Os Caminhos Temáticos de Nossa Poesia Neoclássica

Crônicas da Perdida e Eterna Infância – Epifania e Ascensão
 Sobre o Novo Livro de um Mestre do Soneto
 No Rigor da Linguagem a Força da Paixão
 Sabor de Simplicidade
 Da Estrutura do Poeta
 Do Risco à Palavra – A Poesia Espagírica de Mund
 Réquiem para uma Rádio Educadora
 O Poeta no Rumo da Utopia – Panorama do Haicai no Brasil – O Poeta
 Trabalha – Prosa com Lirismo
 Uma Novela Bem Temperada
 Perto da Plenitude
 Uma *Poiesis* da Reinvenção e Eternização da Infância
 Cruza e Lirismo
 Nos Meandros da Memória e do Sonho
 Dança das Palavras – De Cada Um Segundo Sua Força
 Primeiro Sentir a Vida
 Contos Oníricos e Poéticos
 Entre o Só e o Solidário – A Poesia Destes Poemas – Construção Órfica
 Memorial de Dinah
 Du Temps Jadis
 Erudição e Sensibilidade
 Com a Palpitação da Vida – A Miséria e o Milagre da Vida – Uma Bela e
 Forte Ficção – Uma Celebração da Vida
 O Silogismo Comovido ou O Exílio de Deus – Recriação dos Dias
 Correio Retardado: Yolanda Jordão – Lina Tâmega Del Peloso – Yone
 Rodrigues – Josira Salles – Maria Tereza
 Romance das Fazendas do Urucuia – Uma História para Gente Grande
 Um Cronista de Alta Linhagem – Dupla Síntese Poética – Força de Sedução
 Crônica Impressionista de uma Grande Poesia
 Um Narrador
 Poemas Esdrúxulos
 Nas Voltas de uma Espiral Mística e Lírica
 Discurso e Poesia
 Um Livro Mineiro
 Medicina e Poesia
 O Branco e o Negro
 Carregando as Dores do Mundo
 Duas Vertentes, uma Poesia
 Música e Feminilidade
 A Fuga-Libertação de Trina Quiñones
 O Cronista Jacinto Guerra
 O Parnaso Revisitado
 Através do Tempo
 Um Poeta de Cataguases – Protesto e Lirismo
 Uma Poesia Requentada
 Uma Prosa de Feminina Poesia – Quase-Panfleto à Guisa de Apresentação
 Milagre da Poesia
 Suave-Onírico Lirismo
 Traduzir Poesia
 Belas Narrativas em Boa Linguagem
 Sobre uns Versos Luminosos
 Diamantes da Chapada
 O Mundo sob o Manto de Vega
 O Poeta e a Boa Sereia
 Quatro Livros não Publicados: Symira Palatinik – Elmano Maria
 – Deodato Rivera – José Carlos Peliano

CRÔNICAS

Um Problema das Fontes
Habitação da Ternura
Aos Jovens Poetas do CEUB
Historinha Búlgara
Brinde
Reencontro com Pedro Luiz Masi
Palavras a Almeida Fischer
De Repente sem Almeida Fischer
Memória e Vida
Poesia de Antonio Roberval Miketen
Um Prêmio para as Letras
De como Nasceram os *Exercícios de Homem*
De Repente Dez Primaveras
O que Falta para a Integração Cultural

NÓTULAS

Do México – Histórias Simples – Danilo e o Velho Braga – Homenagem – Punhados de Vida – Memorial – Condição Humana – Panlatino – Sem Trapézio – No País de Cuscatlán – Maçonaria – Geração sem Rumor – Versos e Contos – Contingência e Transcendência – Campo Memória – Sagrada Família – Magia Vocabular – Bandeiriana Simplicidade – Poesia dos Astros – Superfetação Romântica – Boa Estréia Poética – Da Bulgária, Via México – Sentimento Comum – Dicionotário – Bois Azuis – Dos Anjos – Rumos Divergentes – Poesia Agressiva – Para Compreender Raimundo Correia – Duas Perdas Acadêmicas – Alguns Livros – Mais Livros – Flores do Tempo – Cadernos de Literatura – Poeta e Crítico – Navegador – Poetas do Ceará – Os Movimentos – Arquivo Morto – O Mar, as Nebulosas, Nuvens e Anjos – O Direito à Poesia – Aos Pés de Deus – À Glória do Poeta – Escritor Prolífico – Um Bom Cronista – Estante – Os Bois e os Meninos – Utopia Brasil

ÍNDICES

Índice Onomástico
Índice Geral